

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

VIVIANA CRISTINA PARIZOTTO REZENDE

**O TRABALHO DOCENTE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

CAMPO GRANDE – MS

2015

VIVIANA CRISTINA PARIZOTTO REZENDE

**O TRABALHO DOCENTE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Zaira de Andrade Lopes, Dr.^a

CAMPO GRANDE – MS

2015

ESPAÇO RESERVADO PARA FICHA CATALOGRÁFICA

VIVIANA CRISTINA PARIZOTTO REZENDE

**O TRABALHO DOCENTE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Campo Grande.

Campo Grande – MS, _____ de novembro de 2015.

Prof.^a e orientadora Zaira de Andrade Lopes, Dr.^a
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof.^a Sônia da Cunha Urt, Dr.^a
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, Dr.^a
Universidade de Brasília

Prof.^a Maria de Fátima Evangelista Mendonça Lima, Dr.^a
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Ao meu querido esposo, Rafael, que além de me fazer feliz, ajudou-me durante toda a trajetória, dedicando seu amor, apoio e incentivo, em todos os momentos.

Aos meus amáveis pais, Vital Parizotto e Lilian Parizotto, que me proporcionaram-me além de extenso carinho e amor, os conhecimentos da integridade, da perseverança e de procurar sempre em Deus a força maior para o meu desenvolvimento como ser humano.

Por essa razão, gostaria de dedicar e reconhecer à vocês, minha imensa gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Não é a felicidade que nos faz sentir gratidão; mas a gratidão é o que nos traz a felicidade. David Steindl – Rast.

Gostaria de expressar minha gratidão e reconhecimento, por aqueles que acompanharam meus dias, durante a realização do mestrado e que de alguma forma contribuíram para que eu concluísse esta etapa da minha vida.

Agradeço ao Senhor Deus, meu Pai, meu Amigo Fiel, que esteve ao meu lado todos os dias, me fortalecendo e me capacitando para a realização do mestrado.

Agradeço aos meus pais, Vital e Lilian, amores da minha vida. A presença deles me fazem olhar o que há de melhor em mim. Àqueles que todos os dias me amam com amor incondicional.

Agradeço ao meu amado esposo, meu amigo de todos os momentos, Rafael. Obrigada por acreditar nos meus sonhos, pelo apoio e dedicação que sempre teve por mim, pelas palavras de carinho e bondade, te amo hoje e a cada dia mais.

Agradeço aos meus irmãos Bruno e David, ao meu tio Paulo e minha cunhada Janaína. A paz e confiança que vocês dedicaram a mim, me fortaleceram na minha caminhada.

Agradeço à minha família, obrigada pelo apoio, vocês são os alicerces da minha caminhada acadêmica, profissional e pessoal.

Agradeço àquela que me acolheu de modo humanizado, que além de uma excelente professora foi minha orientadora e amiga, professora Dr^a Zaira de Andrade Lopes, guerreira com sua ternura e sábia em sua generosidade. Muito obrigada pela aprendizagem, por me ensinar com sua experiência acadêmica e de vida.

Agradeço às professoras Dr^a Sônia da Cunha Urt, Dr^a Maria de Fátima E. Lima e Dr^a Teresa Cristina S. Pereira, mais que avaliadoras, agradeço a disponibilidade em compartilharem seus saberes e questionamentos, aceitando o convite para participarem da comissão examinadora. Seus apontamentos auxiliaram no aprimoramento dos meus

conhecimentos e deste trabalho.

Agradeço à professora Dr^a Sônia da Cunha Urt, que admiro pelo acolhimento, minha gratidão pela receptividade no grupo de estudos, pelos gestos de apoio e pelos ensinamentos que enriqueceram-me como profissional e pesquisadora, meu sincero reconhecimento.

Agradeço à querida professora e amiga Norma, além de excelente profissional uma pessoa humana, cuja sensibilidade é admirável. Muito obrigada pelas palavras de incentivo, pelo apoio com materiais, pela atenção dedicada, pela solidariedade e pelo carinho.

Agradeço aos colegas do Geppe – Grupo de Estudos em Psicologia e Educação, pela receptividade, apoio e pelas trocas de conhecimento.

Agradeço à amiga Talita, pelo apoio e, por demonstrar afeto a quem necessita, e inclusive a mim, expressei a você minha admiração. Agradeço também ao Robson pela parceria e às queridas amigas Mônica Dantas e Zélia Barkargi pelo apoio e gentilezas compartilhadas.

Agradeço à querida Taís Krugmann, sua amizade e sensibilidade fazem de você uma pessoa muito especial, obrigada pelo seu olhar de generosidade e por compartilhar comigo anseios e expectativas durante o mestrado.

Agradeço à querida Clarice Pereira, pela amizade, carinho e incentivo em todos os momentos, que me trouxeram segurança e compreensão sempre que precisei.

Agradeço à amiga Cida Borges, pela atenção e companheirismo oferecidos a mim.

Agradeço à Fundect – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço aos professores e professoras do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFMS, dedico minha gratidão, pelo conhecimento adquirido em cada disciplina.

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

[...] Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as asas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.
[...] Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção[...]
[...] Olhou em torno: a gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.
[...] E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia “sim”
Começou a dizer “não”
[...] Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras seguiram
Muitas outras seguirão
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.
[...] E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
[...] E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção
(Vinícius de Moraes, 1956)

RESUMO

Considerando a importância da compreensão do fenômeno da violência em uma perspectiva mais ampla e suas relações com a escola, esta pesquisa teve como objetivo geral, analisar as representações sociais dos docentes acerca da violência e assim compreender como estes significados que são partilhados norteiam suas práticas cotidianas no contexto da escola. Buscou-se como fundamentação teórica o suporte da teoria Histórico-Cultural para a compreensão da constituição do sujeito e como o conhecimento é apropriado nas relações sociais. Também recorreu-se à Teoria das Representações Sociais para a análise dos elementos que medeiam a interação comunicativa e por sua função elementar de orientação de condutas que regem as práticas sociais. As perspectivas teóricas adotadas permitem tecer considerações sobre pesquisas que têm como foco a dimensão psicológica do ser humano e como os conhecimentos que são produzidos e partilhados sobre a violência na escola orientam as práticas educacionais. Metodologicamente, trata-se de uma investigação de caráter explicativo de análise qualitativa por se pretender identificar e analisar as representações sociais que os docentes possuem sobre a violência no contexto escolar. Os participantes da pesquisa são professores e professoras do ensino básico e pertencentes a três escolas da rede pública de ensino, situadas no município de Campo Grande-MS, vítimas ou não de violência escolar. Como instrumento de coleta dos dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. O instrumento buscou identificar as concepções e conhecimentos dos sujeitos em relação a violência presente no cotidiano da escola. As entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas por meio da metodologia de análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin. Nos relatos verbais dos entrevistados, foram identificados os temas de maior relevância, bem como as categorias que permitiram a análise das representações sociais sobre a violência na escola. Evidenciou-se que, apesar dos docentes se mostrarem conscientes do processo de precariedade das relações de trabalho, bem como das diversas formas de manifestações da violência, ainda prevalecem as medidas individuais de enfrentamento, enquanto as estratégias coletivas que considerem uma perspectiva histórica e social são pouco enfatizadas. Estas questões necessitam que o/a educador/a seja capaz de lidar com as demandas da realidade contemporânea de forma crítica, bem como da necessidade de políticas públicas e educacionais que contemplem a realidade do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Violência na Escola. Docentes. Representações Sociais. Teoria Histórico-Cultural.

ABSTRACT

Considering the importance of understanding the phenomenon of violence in a broader perspective and its relationship with the school, this study aimed to analyze the social representations of teachers about violence and the implications of these in their educational practices, considering the senses and assigned meanings. It sought as theoretical foundations the support of the Historical-Cultural theory for understanding the constitution of the subject and how knowledge is appropriate in social relations. Also appealed to the Social Representation Theory to analyze the elements that mediate communicative interaction and its elementary function of guidance conduits governing social practices. The theoretical perspectives adopted allow some considerations on research that has focused on the psychological dimension of the human being and how knowledge is produced and shared on violence reverberate in subjectivity of teachers and their practices at school. Methodologically, it is an explanatory character of research qualitative analysis if you want to identify and analyze the social representations that teachers have on violence in the school context. Survey participants are teachers of primary and belonging to three schools in the public school system, located in the municipality of Campo Grande-MS, victims or not of school violence. As data collection instrument Semi-structured interviews were used. The instrument aimed at identifying the views and knowledge of the subjects regarding violence present in the school routine. The interviews were transcribed and then analyzed using content analysis methodology proposed by Laurence Bardin. In the verbal reports of respondents, the most relevant issues were identified, and the categories that allowed an initial analysis of the social representations on school violence. It was evidenced that despite the teachers show themselves aware of the process of precariousness of labor relations, as well as the various forms of manifestations of violence, still prevail the individual measures of coping, while the collective strategies to consider a historical and social perspective are little emphasized. These issues require the teacher to be able to cope with the demands of contemporary reality critically , as well as the need for public and educational policies that address the reality of everyday school life.

Keywords: School Violence. Teachers. Social representations. Historical-Cultural Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eixo temático: Trabalho.....	122
Figura 2 - Eixo temático: Violência	138
Figura 3 - Eixo temático: Relações Sociais na escola	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participantes da pesquisa.....	88
Quadro 2 - Categoria: Precarização do trabalho.....	101
Quadro 3 - Categoria: Valorização do trabalho docente	103
Quadro 4 - Categoria: Relações de gênero	106
Quadro 5 - Categoria: Docência	107
Quadro 6 - Categoria: Saúde e trabalho.....	108
Quadro 7 - Categoria: Manifestações da violência na escola.....	109
Quadro 8 - Categoria: Violência – um problema para a saúde docente	112
Quadro 9 - Categoria: Prevenção e enfrentamento da violência na escola pelos/as professores/as.....	114
Quadro 10 - Categoria: Relação entre professores/as.....	116
Quadro 11 - Categoria: Relações entre professores/as e alunos/as	117
Quadro 12 - Categoria: Relação entre professores/as e direção	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorização das pesquisas a partir dos temas abordados.....	50
Tabela 2 - Temas mais frequentes relacionados ao trabalho	98
Tabela 3 - Temas mais frequentes relacionados à violência	99
Tabela 4 - Temas mais frequentes relacionados às Relações sociais na escola	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	Sindicato Campo-grandense dos Profissionais da Educação Pública
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
FUNDECT	Fundação de Desenvolvimento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
OIT	Organização Internacional do Trabalho
RS	Representações Sociais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria da Representação Social
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A VIOLÊNCIA E OS SEUS MÚLTIPLOS ASPECTOS REPRESENTACIONAIS	22
1.1 VIOLÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O FENÔMENO	22
1.2 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A VIOLÊNCIA	31
1.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL ELABORADA PELOS DOCENTES.....	38
1.4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ASPECTOS TEÓRICOS E A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	40
1.5 AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	49
1.5.1 Representações de professores/as sobre a violência na escola.....	51
1.5.1.1 A nova significação da violência adotada pelos docentes.....	52
1.5.1.2 A violência escolar caracterizada como um fenômeno externo – família, alunos, escola etc.....	53
1.5.1.3 A formação continuada e as formas de enfrentamento da violência escolar pelos professores/as.....	54
2 A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO/A PROFESSOR/A	56
2.1 A SUBJETIVIDADE E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	57
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS SENTIDOS E SIGNIFICADOS NOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS E NO DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE HUMANA	61
2.3 A SUBJETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO DOCENTE.....	69
3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO INVESTIGATIVO.....	73
3.1 A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	75
3.1.1 Princípios metodológicos para a investigação dos fenômenos psicológicos na Teoria Histórico-Cultural.....	77
3.2 A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	79

3.3	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	84
3.3.1	Objetivo geral	84
3.3.2	Objetivos específicos.....	85
3.4	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	85
3.4.1	O Lócus de pesquisa	85
3.4.2	Os participantes da pesquisa	87
3.4.3	Instrumento de coleta e forma de aplicação	93
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS VOZES DOS	
	SUJEITOS.....	96
4.1	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	96
4.1.1	Frequência de temas.....	98
4.1.1.1	Eixo temático Trabalho	98
4.1.1.2	Eixo temático violência	99
4.1.1.3	Eixo temático Relações sociais na escola.....	100
4.1.2	Marcas discursivas	101
4.1.2.1	Categoria: Precarização/condições de trabalho	101
4.1.2.2	Categoria: Valorização profissional	103
4.1.2.3	Categoria: Relações de gênero	105
4.1.2.4	Categoria: Docência	106
4.1.2.5	Categoria: Saúde e trabalho.....	108
4.1.2.6	Categoria: Manifestações da violência na escola	109
4.1.2.7	Categoria: Violência - um problema para a saúde docente	112
4.1.2.8	Categoria: A prevenção e o enfrentamento dos/as professores/as diante da violência	114
4.1.2.9	Categoria: Relações entre professores/as	116
4.1.2.10	Categoria: Relações entre professores/as e alunos/as.....	116
4.1.2.11	Categoria: Relações entre professores/as e diretores/as	118
4.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	120
4.2.1	Eixo temático: Trabalho	121
4.2.1.1	Categoria: Precarização/Condições do trabalho	122
4.2.1.2	Categoria: Valorização profissional	126
4.2.1.3	Categoria: relações de gênero.....	129
4.2.1.4	Categoria: Docência	132
4.2.1.5	Categoria: Saúde e Trabalho	134

4.2.2	Eixo temático: Violência	137
4.2.2.1	Categoria: manifestações da violência na escola	138
4.2.2.2	Categoria violência: um problema para a saúde docente	143
4.2.2.3	Categoria: A prevenção e o enfrentamento dos/as professores diante da violência	146
4.2.3	Eixo temático: Relações sociais na escola.....	150
4.2.3.1	Categoria: Relação entre professores/as.....	151
4.2.3.2	Categoria: Relação entre professores/as e alunos/as	153
4.2.3.3	Categoria: Relações entre professores/as e direção.....	156
	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA	159
	REFERÊNCIAS	165
	APÊNDICE A - Entrevistas com Professores/as	177
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi-estruturada	351
	APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido	353
	ANEXO A - Parecer consubstanciado do CEP.....	355
	ANEXO B - Ofícios de autorização das instituições.....	357
	ANEXO C - Termo de anuência das instituições.....	359

INTRODUÇÃO

O poema **O operário em construção**, escrito por Vinícius de Moraes em 1956, descreve o trabalho como base da vida humana. A atividade desenvolvida pelo operário percorre caminhos que por um momento lhe era desconhecido, ou seja, o que ele fazia não fazia parte de um processo consciente, e em consequência disso, o seu trabalho tornou-se alienado e lhe foi negada sua atuação como construtor e constituinte da sua realidade. Contrariando esta condição, o operário entra em um processo de conscientização individual e resiste à exploração e as condições de violência através da palavra “não”, que revela a negação das condições impostas no exercício da profissão.

Na sociedade capitalista o professor é um trabalhador como outro qualquer, no entanto, o produto do seu trabalho não se materializa num dado objeto físico, ou seja, não se trata de um objeto sobre o qual ele plasma sua subjetividade, mas de outro ser humano. O produto do trabalho educativo se revela na promoção da humanização dos homens, na consolidação de condições facilitadoras para que os indivíduos se apropriem do conhecimento historicamente sistematizado pelo gênero humano. Portanto, encontra-se na dependência do desenvolvimento genérico de seu autor, e consequentemente em íntima relação com seu processo de personalização (MARTINS, 2001).

Este poema, comprometido com o cotidiano, retrata a importância do significado e sentido do trabalho para o trabalhador, em especial o professor, que tem sua atividade marcada muitas vezes pelas relações de dominação e situações de violência, negando-lhe o desenvolvimento de novas capacidades e o espaço para novas criações, conforme as necessidades do contexto no qual estão inseridos.

Esta ausência de sentido, também reduz o valor conferido ao trabalho, tido como algo exterior ao trabalhador, como um simples meio de existência. Entretanto, quando o docente se torna consciente do seu processo histórico e social, ativo, produtor de sentido e significados acerca de suas vivências pessoais e sociais, ele é constituinte e ao mesmo tempo se constitui em uma nova dimensão, tendo a percepção da própria importância na sociedade que constrói e compreendendo o significado do exercício de sua profissão ao estabelecer relações qualitativamente diferenciadas da realidade, contribuindo para a construção do saber.

O propósito dessa pesquisa inicia-se na minha admiração pessoal pela profissão docente. Na minha trajetória escolar, o respeito e a apreciação que tinha pelos meus professores/as criavam em mim a representação do docente como aquele responsável pelo conhecimento e que poderia contribuir de maneira efetiva para a transformação da sociedade.

Na área acadêmica, tive a oportunidade de participar de dois projetos de iniciação científica relacionados com a temática da educação, mais especificamente da violência na escola. Neste momento, pude identificar os efeitos prejudiciais e a complexidade da violência para os que participam da vida escolar e, principalmente, para aqueles que fazem da escola seu ambiente de trabalho, em particular, os docentes, que exercem uma função mediadora entre o corpo discente e a instituição de ensino. Seus pensamentos e representações sobre suas vivências na escola poderão influenciar suas atitudes e ações no exercício da profissão.

Posteriormente, ao iniciar o mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, as disciplinas realizadas, os diálogos com os professores, as orientações feitas pela Prof.^a Dr.^a Zaira de Andrade Lopes e a participação no grupo de pesquisa possibilitaram-me ampliar meus conhecimentos relacionados a esta temática e considerar a complexidade do ser humano, nas diversas perspectivas teóricas e metodológicas aprendidas neste período.

Uma vez que, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nos encontramos vinculados à Linha de Pesquisa Psicologia e Processos Educativos e considerando que esta linha se fundamenta na realização de estudos e pesquisas na interface Psicologia e Educação, pode-se afirmar que nossas revisões da literatura científica nos indicam um espaço significativo a ser aprofundado em relação ao tema da violência escolar. Alguns questionamentos fizeram parte deste processo e nortearam a presente pesquisa: O que é violência para o docente? Qual a sua concepção sobre a violência na escola? Quais as formas de enfrentamento que ele utiliza?

Considerando o aumento das incidências de comportamentos violentos presentes nas instituições de ensino, este estudo mostra-se pertinente pois, apesar da aparente melhora na garantia de direitos e da qualidade na educação, a democratização não é revelada quando refere-se às necessidades que são cerceadas, daqueles que participam da vida escolar contempladas nas políticas educacionais.

Entre as pesquisas brasileiras, a pesquisa Nacional sobre Violência, Aids e Drogas nas Escolas, publicado em 2002 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), considerada um dos estudos mais abrangentes sobre a temática, utilizou-se de uma concepção ampla de violência, incorporando não só a ideia de práticas agressivas, mas também as dimensões socioculturais e simbólicas do fenômeno. Segundo essa perspectiva, a violência que ocorre na escola sempre resulta da interseção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem sócio espacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões).

Os dados desta pesquisa também revelaram que os docentes são apontados como objeto de desgosto por uma parcela dos estudantes. Estes relataram que dentre os motivos está o fato de os docentes estigmatizá-los de alguma forma ou se sentem discriminados por não receberem um tratamento diferenciado e privilegiado quando comparados a outros alunos.

Ao analisar os resultados de diferentes pesquisas educacionais que abordavam as representações dos alunos sobre professores, Gilly (1980) revela que uma considerável valorização tem sido dada aos aspectos afetivos e relacionais do comportamento dos professores, como o calor afetivo, disponibilidade, atitude positiva e respeito.

No lócus da pesquisa, especificamente, na cidade de Campo Grande/MS, de acordo com um estudo realizado em 2009 pelo Sindicato Campo-grandense dos Profissionais da Educação Pública (ACP), mais de 50% dos profissionais da educação pública já foram agredidos moralmente em seu local de trabalho. O estudo também revelou que 10 em cada 13 profissionais não estão satisfeitos com a atividade que exercem, sendo que mais da metade dos entrevistados não descartam a possibilidade de mudar de profissão.

Este contexto de conflito, entre outros, prejudicam o relacionamento interpessoal entre alunos e professores, o que pode resultar no desencanto do docente com o seu ofício, bem como na sua insatisfação em relação às suas condições de trabalho.

Kodato (2004) ressalta que existe um processo de criminalização de episódios de indisciplina, que são consequentes da cultura do medo e do sentimento cotidiano de ameaça à integridade física ou moral. Em decorrência deste processo, surge a impotência do papel de ensinar e educar, que cria condições para ampliar a percepção do espaço escolar como lugar de embates diretos e simbólicos, portanto, a representação da violência como fenômeno externo à dinâmica da escola poderá isentar o professor de seu papel preventivo e mediador.

O ambiente escolar tem se caracterizado pelo silêncio e pela ausência de diálogo entre alunos e o professor, de modo que o afeto, a aceitação do outro na sua singularidade e o diálogo, não têm sido considerados importantes para escola (GONZÁLEZ-REY, 1995).

Neste sentido, os estudos concernentes ao processo educativo e aos fenômenos que ocorrem no espaço escolar adquirem considerável relevância, visto que, os estudos tradicionais, sustentados por uma perspectiva experimental de pesquisa, ora davam ênfase às investigações das características psicológicas dos alunos, ora aos aspectos que se referiam a formação e a prática profissional dos educadores, ora nos métodos de ensino e de avaliação da aprendizagem. A escola tradicionalmente privilegiou outras questões, principalmente, a de transmissão de conhecimento de modo que “a diversidade e complexidade da realidade escolar e de seus sujeitos não é levada em consideração” (CUNHA, 2000, p. 58).

Entretanto, as recentes pesquisas educacionais têm buscado compreender a escola enquanto uma realidade complexa (dialética), que contempla a articulação entre os processos intersubjetivos – entre sujeitos – com a estrutura da formação social (PATTO, 1993).

Acredita-se, portanto, que conhecer os processos cognitivos elaborados pelos docentes, possibilita compreender sua posição em relação à violência, pois vão delinear seu modo de agir, sua comunicação e suas atitudes diante desta realidade.

Sem dúvida, o elo primário entre discentes e a instituição escolar é o seu próprio corpo docente. Assim, buscaremos contribuir para o mapeamento e disponibilização, aos educadores, órgãos públicos do sistema de ensino e à comunidade científica de modo geral, dados atualizados e consistentes sobre esta temática.

Consideramos pesquisas dessa natureza de especial relevância para a avaliação das práticas pedagógicas e para a formação de professores, uma vez que auxiliará em intervenções que possibilitem às escolas, possíveis descobertas no exercício da socialização e na resolução de conflitos, além de ampliar o entendimento a respeito da atuação de professores diante do fenômeno que traz implicações importantes sobre as relações de ensino e aprendizagem e entre os participantes da vida escolar.

Buscou-se, como fundamentação teórica, o suporte da Teoria Histórico-Cultural para a compreensão da constituição social e histórica do sujeito, bem como a Teoria das Representações Sociais que revelam como o sujeito constrói conhecimento e como este afeta o seu comportamento. Recorreu-se a estes suportes teóricos, pois eles permitem esclarecer melhor o objeto investigado, ou seja, entender como a representação social da violência orientam as práticas no cotidiano escolar, permitindo maior clareza na organização dos dados.

Autores como Hanna Arendt, Julio Jacobo Waiselfisz, Michel Wieviorka, entre outros/as, contribuíram para compreensão geral da violência, sua dinâmica e função na sociedade. Para entender como a violência se manifesta nos ambientes escolares recorreu-se as autoras: Miriam Abramovay, Maria Cecília Minayo, Marília Sposito, entre outros/as.

Este trabalho é dividido em quatro capítulos. Nesta seção introdutória, buscou-se apresentar o tema de pesquisa, descrevendo o problema investigado, os objetivos da pesquisa, as razões que motivaram a sua realização, bem como, a apresentação sucinta das partes que compõem este trabalho.

No primeiro capítulo apresenta-se os conhecimentos relativos a violência sob diferentes perspectivas considerando que não há uma teoria geral que não seja capaz de contribuir com um enfoque específico para a análise deste fenômeno e posteriormente, será abordado sobre a violência no contexto educacional, elencando as principais consequências para os integrantes

da vida escolar. A seguir, será apresentado o aporte teórico das Representações Sociais, apresentando alguns aspectos relevantes na compreensão de como as representações e seus processos simbólicos determinam práticas no ambiente escolar.

No segundo capítulo, considerando a importância de compreender o ser humano dentro de uma perspectiva mais ampla, serão abordados os principais conceitos da Psicologia Histórico-Cultural para compreensão sobre a constituição da subjetividade do docente, bem como discutiremos sobre a importância do trabalho, como a atividade vital do homem, ou seja, o que caracteriza uma espécie para além de sua organização biológica, é a atividade que ela executa para produzir e reproduzir sua vida, no caso dos indivíduos esta atividade é o trabalho pelo qual ele se relaciona com a natureza e com os outros homens, criando as condições necessárias de produção e reprodução da humanidade.

O terceiro capítulo se propõe a apresentar os pressupostos teóricos-metodológicos e o percurso da pesquisa. Ao adentrar na perspectiva de compreensão da realidade oferecida pela Teoria das Representações Sociais, buscaremos interpretar e conceituar a realidade cotidiana.

Na perspectiva de que o pensamento é socialmente construído, os sujeitos participantes da pesquisa elaboram seus pensamentos conforme as formas e normas da cultura e se constrói com as trocas realizadas no cotidiano. Para organizar os processos que envolveram a pesquisa buscaremos caracterizar os participantes, apresentar os instrumentos de coleta de dados e os recursos materiais utilizados e posteriormente, expor os resultados e as análises obtidas neste processo.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar as representações sociais dos docentes acerca da violência e assim compreender como estes significados que são partilhados norteiam suas práticas cotidianas no contexto da escola. Consideramos o espaço escolar um lugar formador de sentidos e conceitos sobre a realidade social constituído nas relações que se estabelecem entre alunos, docentes e demais funcionários.

Estas relações dão forma ao sentido da atividade, constituindo a subjetividade do docente na configuração da escola contemporânea, refletida diretamente na sua metodologia de ensino, no acolhimento aos discentes, na postura em sala de aula, nos modos de enfrentamento das situações de tensão e conflitos comumente vivenciados.

Portanto, os critérios escolhidos para a escolha da população a ser investigada estiveram vinculados à necessidade de compreender o fenômeno da violência em uma perspectiva mais ampla e suas relações com a escola, considerando variáveis tais como a localização da instituição (região central ou nos bairros) e a forma sob a qual ela está organizada (municipal,

estadual ou federal), podendo ou não, estas variáveis ter alguma influência para as múltiplas concepções a respeito da violência escolar pelos professores e professoras.

Neste sentido, o estudo das representações sociais permite identificar os elementos fundamentais que delineiam os sentidos atribuídos à violência pelo fato de diferentes pessoas em diferentes contextos e tempos, produzirem diferentes visões, símbolos e narrativas sobre o que é real para entender como diferentes representações se relacionam entre si e quais suas consequências no mundo social.

Quanto aos procedimentos adotados para a realização da pesquisa, inicialmente, foram feitos contatos com os diretores/as no intuito de apresentar o projeto de pesquisa e fazer os agendamentos das entrevistas com os professores. Em seguida obteve-se o documento contendo as autorizações para a realização da pesquisa nas três instituições de ensino. Os sujeitos da pesquisa foram convidados aleatoriamente a participarem do estudo, declarando sua voluntária participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Participaram da pesquisa 09 docentes, sendo 04 mulheres e 05 homens.

Para a coleta de informações foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, que permite ao entrevistado falar livremente sobre suas concepções em relação ao assunto abordado. Contudo, buscando direcionar as temáticas de acordo com os propósitos da pesquisa. Também foram respeitadas, a forma coloquial das falas dos participantes durante as transcrições. As entrevistas transcritas encontram-se no apêndice A deste trabalho.

No quarto capítulo, serão abordadas as análises e discussão dos resultados da pesquisa. Nesta seção apresentaremos os procedimentos utilizados na organização das informações coletadas e sua posterior análise. Nos resultados da pesquisa constam as falas dos sujeitos e as análises. Utilizou-se o método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, que constitui-se em um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos.

A pesquisa desenvolvida foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o parecer encontra-se no anexo A deste trabalho.

Em seguida apresentamos as considerações resultantes da pesquisa desenvolvida no ano de 2015 com professores e professoras de três escolas públicas de Campo Grande, pontuando aspectos que consideramos importante ressaltar.

1 A VIOLÊNCIA E OS SEUS MÚLTIPLOS ASPECTOS REPRESENTACIONAIS

“[...]Em vão sofrera o operário
 Sua primeira agressão
 Muitas outras seguiram
 Muitas outras seguirão
 Porém, por imprescindível
 Ao edifício em construção
 Seu trabalho prosseguia
 E todo o seu sofrimento
 Misturava-se ao cimento
 Da construção que crescia.”
 (Vinícius de Moraes, 1956)

Apresentar um conceito de violência requer um certo cuidado, considerando-se que se trata de um fenômeno dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por modificações à medida que as sociedades se transformam. A objetivação da violência como fato, varia de acordo com o contexto de onde se fala sobre ela, visto que a produção de sentidos ocorre numa conjuntura atravessada pelo momento histórico e cultural e, por meio dessa construção torna-se possível lidar com situações e fenômenos do mundo social.

1.1 VIOLÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O FENÔMENO

A violência tem sido considerada uma das temáticas mais enigmáticas e complexas para as ciências humanas e sociais. Considera-se não mais o fenômeno no que ele representa de mais concreto, de mais objetivo, mas as percepções que sobre ele circulam, nas representações que o descrevem. Ao termo violência são atribuídos diferentes sentidos que são construídos de acordo com as representações construídas pelos grupos sociais.

Uma forma de inserir a problematização de um tema tão complexo como o da violência é buscar na etimologia seus significados. Michaud (2001), ao abordar a origem do termo em latim, revela que o verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos referem-se a vis, que significa força, potência, valor, a força vital. No dicionário Aurélio, de Língua Portuguesa, o termo violência é definido como o ato de violentar; constrangimento físico ou moral; uso da força; coação.

Por ser um fenômeno social e que se manifesta ao longo da história da humanidade, a violência se apresenta sob diferentes aspectos e graus que se transformam conforme a sociedade

em questão. Associada em geral às diversas formas de agressão física, a violência pode também assumir outras configurações: simbólica, moral, institucional, psicológica, entre outras.

Há violência, quando numa situação de interação, um dos vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p. 10-11).

Caracterizar a violência implica em compreender que o seu significado se modifica conforme o contexto social e histórico em que está inserido. As formas como se manifestam, os limites, as causas e o grau de visibilidade são dinâmicos e estão em constante transformação.

Assim, conforme Wieviorka (1997, p. 5-41), a violência transforma-se historicamente não só como fenômeno concreto, mas também em seu significado sociopolítico e nas representações que são construídas a partir dela, pois uma ação que poderia nos parecer atualmente como intoleravelmente violenta não seria vista do mesmo modo em outra época.

A problemática da violência pode ser abordada em níveis diferentes e sob diversas perspectivas. Os diferentes níveis estão relacionados as formas como a violência se manifesta em nossa sociedade e em nosso momento histórico, abrangendo uma dimensão que se apresenta da violência política explícita, como é o caso das guerras e do terrorismo, até as formas de menor visibilidade da violência, porém não menos significativas e destrutivas, da violência sistêmica e simbólica.

Apesar de não se caracterizar como um fenômeno essencialmente novo, a violência surge com maior visibilidade nos últimos tempos, especialmente pela imprensa. Os jornais (escritos e televisionados) trazem a repercussão sobre casos violentos criando a sensação de que a violência está presente em todos os lugares e é algo intrínseco a vida cotidiana, dada a insuficiência e ineficácia das medidas tomadas pelo Estado e dos frágeis dispositivos de segurança pública.

Ora, a televisão faz, a cada dia, a apologia do dinheiro e da violência: os assassinatos são apresentados como heróis dos tempos modernos. Há um monopólio dos produtores e uma ausência de controle dos consumidores, submetidos a uma enxurrada de imagens sangrentas. O império da mídia banaliza a violência (CHESMAIS, 1999, p. 59).

Essa crescente visibilidade da violência, aumenta a sensação de perigo iminente e a obsessão maníaca por segurança permeiam o cotidiano, sobretudo o das grandes metrópoles (BAUMAN, 2009). A violência aparece na realidade social como ameaça constante e cada vez

mais os indivíduos recorrem a mecanismos de segurança tais como: policiamento, aumento dos muros nas residências, instalação de dispositivos eletrônicos de segurança, entre outros, para sentirem-se mais protegidos.

Segundo Wieviorka (1997, p. 9), a temática da violência não é considerada o alvo dos debates filosóficos atuais. E quando deixa de ser pensada, passa a ser temida ocupando apenas o campo subjetivo. De acordo com o autor, a violência deixa de ser objeto de estudo ou por excesso de respeito às diferenças cultural e religiosa ou por sua banalização. Independente do motivo, a consequência é que a violência perde um estatuto objetivo, tratável teoricamente, dando ênfase ao seu caráter subjetivo, ligado ao sentimento de insegurança.

Assim, os indivíduos tornam-se reféns das sensações produzidas pela violência, não alcançando o campo da percepção que pretende uma decodificação das sensações necessária para a reflexão e análise no campo objetivo.

A violência é inerente ao sistema, que se manifesta nas mais silenciosas formas de coerção e que impõe relações de dominação e exploração, apesar disso, o que ela é e como lidar com ela, ou seja, conceituar teoricamente a violência é uma questão complexa. Como definir a violência? É possível delinear seus diferentes tipos? Partindo do pressuposto de que a violência se manifesta na cultura e, portanto, nas relações entre os homens, ela se refere a um desvio da conduta humana ou é inerente a sua condição? Diante destas questões a violência pode ser objeto de uma multiplicidade de interpretações.

Para Abramovay (2005) é preciso um certo cuidado ao apresentar o conceito de violência, isso porque o fenômeno é dinâmico e mutável. Suas representações, dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. Seus múltiplos significados estão condicionados ao momento histórico, a localidade, ao contexto cultural, dentre outros fatores que confere um caráter complexo e dinâmico próprio dos fenômenos sociais.

É possível identificar uma ação ou situação violenta, porém conceituar violência é muito complexo é difícil, visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferem de acordo com a cultura, momento e condições nas quais elas ocorrem.

A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e

de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto (ROCHA, 1996, p. 10).

As várias concepções de violência devem ser hierarquizadas de acordo com o seu custo social. Para o autor, o conceito de violência se concentra na violência física – inclusive a violência sexual – que pode resultar em prejuízos irreparáveis à vida dos indivíduos, exigindo assim, reparação da sociedade mediante a intervenção do Estado. Entretanto, o autor não atribui ao conceito os prejuízos causados ao patrimônio, resultantes de atos de delinquência e vandalismo; também exclui a violência simbólica, ou moral, considerada de forte conteúdo subjetivo, remetendo a ideia de autoridade, uma vez que estas situações não caracterizam violação da integridade física. Assim sustenta-se que somente a violência física tem por base uma definição etimologicamente correta segundo o autor, que caracteriza efetivamente a agressão contra as pessoas (CHESNAIS, 1981 apud ABRAMOVAY, 2002, p. 68).

Pino (2007) afirma que a dificuldade em estabelecer os contornos semânticos da violência ou mais especificamente das ações ditas violentas, encontra-se na dimensão psicológica, devido as consequências emocionais produzidas no imaginário dos indivíduos. Outra dimensão, a filosófica, diz respeito a dificuldade de estabelecer um princípio racional que explique os atos violentos.

Existe também uma característica mais sutil e de difícil compreensão da violência que se inscreve em um campo onde nem sempre é possível reconhecê-la de fato, pois oculta os mecanismos que levam a aceitação do domínio do outro nas relações de poder e que alcança toda a estrutura social:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento, demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (ODALIA, 2004, p. 22-23).

Para Sposito (2001) a violência é todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força. De acordo com esta definição, nega-se a possibilidade da relação social estabelecida pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito. Contudo, a própria conceituação do que venha ser violência abrange diversos níveis de significação, pois

os limites entre o reconhecimento ou não do ato como violento são definidos pelos atores em contextos e condições históricas e culturais diversas.

Assim, a violência produz sentidos e representações que constituem os processos subjetivos construídos pelos indivíduos e se modificam de acordo com a sociedade que pertence e com sua história. O ser humano, enquanto unidade dialética, sintetiza em seus componentes psíquicos e emocionais às representações que elabora do mundo, das relações estabelecidas e de si mesmo, enquanto ser corpóreo e sujeito social (MINAYO; SOUZA, 1998).

Minayo (1994) afirma que é praticamente unânime, na contemporaneidade, a ideia de que a violência não faz parte da natureza humana e que a mesma não tem raízes biológicas, mas que se caracteriza por um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial que se origina e se desenvolve na vida em sociedade.

Ao estudar a violência contemporânea por uma perspectiva sociológica, Wieviorka (1997) defende um novo paradigma da violência compreendida como uma intersecção de fatores de ordem social, política, cultural e subjetiva. Este fenômeno, de acordo com o autor, é atravessado pela crise da pós-modernidade, seu individualismo exacerbado e as possibilidades de consumo infinitas. Quando refere-se ao consumo, existe um processo de exclusão social que atinge as populações com condições economicamente precárias e que favorece a violência:

Ela traz então a marca de uma subjetividade negada, arrebentada, esmagada, infeliz, frustrada, o que é expresso pelo ator que não pode existir enquanto tal, ela é a voz do sujeito não reconhecido, rejeitado e prisioneiro da massa desenhada pela exclusão social e pela discriminação racial (WIEVIORKA, 1997, p. 37).

Para o autor supracitado, quando a violência existe os indivíduos deixam de encontrar formas de relação e de ação compatíveis com a organização e desenvolvimento de sua subjetividade e com sua inserção nos diferentes sistemas de relações em que se constitui.

Diante da preocupação da violência pelos mais diversos setores da sociedade, ressaltamos a importante contribuição do panorama da evolução da violência, elaborado por Waiselfisz (2014) em parceria com a Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

O trabalho desenvolvido pelo professor Julio Jacobo Waiselfisz, intitulado **Os Jovens do Brasil (2014)**, traz importante diagnóstico da violência dirigida contra os jovens no período compreendido entre 1980 e 2012. Essa última versão inova ao inserir na base de dados do Mapa da Violência os indivíduos com idade entre 25 e 29 anos, adequando o estudo ao novo conceito de juventude estabelecido a partir da aprovação do Estatuto da Juventude, em agosto de 2013.

Foram analisadas quatro modalidades de mortalidade violenta que parecem caracterizar a sociedade atual, especialmente nos grandes centros urbanos. A questão da violência e as políticas que visam a segurança pública tem sido uma das principais preocupações não só no Brasil, mas também nas Américas e no mundo todo, como o evidenciam diversas pesquisas de opinião pública.

Apesar das diferenças apresentadas entre as modalidades, há um ponto de convergência a todas elas: o crescimento das mortes de jovens por homicídio, acidente de trânsito e suicídio ao longo do período analisado.

De acordo com o estudo, as taxas de homicídio na população jovem passam de 19,6 em 1980 para 57,6 em 2012 por 100 mil jovens, o que representa um aumento de 194,2% e no restante da população, que denominamos não jovem, no mesmo período, passam de 8,5 para 18,5 por 100 mil: crescimento de 118,9%.

Estes índices indicam uma progressiva participação dos homicídios juvenis no total de homicídios do país, as taxas juvenis, em 2012, mais que triplicam quando comparado ao restante da população. Assim fica evidente que os homicídios entre jovens explicam uma parcela significativa do crescimento da violência neste período.

Considerando exclusivamente as capitais, em Campo Grande, lócus do nosso estudo houve uma redução no número de homicídios¹ de 23,8 % (de 239 em 2002 para 182 em 2012). Em 2012, no ordenamento das capitais por taxa de homicídio (em 100 mil) na população total, a cidade ocupava a 26º posição em relação as demais capitais do Brasil (WAISELFISZ, 2014).

Houve um aumento na incidência de óbitos por acidentes de transportes nas capitais, o estudo revela que em Campo Grande/MS considerando a população jovem, a taxa elevou-se de 8,3% no número de óbitos (de 72 em 2002 para 78 em 2002). Em relação às taxas de óbitos (em 100 mil habitantes) por acidentes de trânsito no Brasil em 2012, quando comparada a outras unidades federativas, Campo Grande ocupa o 8º lugar, entre as capitais.

Em relação a taxa de suicídio em Campo Grande, considerando a população total houve um aumento de 24,3% no número de suicídios (169 em 2002 para 210 em 2012). Considerando a população jovem² na faixa etária de 15 a 29 anos, o aumento foi de 9,3% (75 em 2002 e 82

¹ Apesar da diminuição nas taxas de homicídios em Campo Grande/MS, o estudo aponta que nenhuma capital, em 2012, está abaixo do nível epidêmico, ou seja, as taxas taxa ainda são graves segundo os cânones internacionais.

² Considerando a aprovação em agosto de 2013 da Lei nº 12.852, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens e em seu art. 1º, § 1º estabelece que são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos de idade.

em 2012). No ordenamento das capitais em relação ao crescimento da taxa de suicídio entre os anos de 2002 a 2012, Campo Grande ocupou a 21ª posição.

O mapa da violência também revela a preocupante relação entre os homicídios e questões raciais. Entre os anos 2002 e 2012, a tendência nos homicídios considerando a raça/cor das vítimas foi unívoca: queda dos homicídios brancos – diminuem 24,8% – e aumento dos homicídios negros: crescem 38,7%. Considerando-se as respectivas populações, as taxas brancas reduzem para 24,4% enquanto as negras aumentam 7,8%. Com isso o índice de vitimização negra total passa de 73,0 % em 2002 (morrem proporcionalmente 73% mais negros que brancos) e atinge a taxa de 146,5% em 2012, o que representa um aumento de 100,7% na vitimização negra total.

Para Waiselfisz (2014) há três fatores que contribuem para a compreensão dessa problemática. Com a crescente privatização do aparelho de segurança, bem como de outros serviços básicos, como a saúde, a educação e, mais recentemente, a previdência social, o Estado passou a oferecer um mínimo ou quase nenhum acesso aos serviços e benefícios sociais considerados básicos e essenciais para a população.

Para o autor os setores que dispõem de condições econômicas superiores, podem usufruir de serviços de melhor qualidade (escolas, planos de saúde, planos previdenciários, etc.) e assim também ocorre com a segurança. Uma pesquisa domiciliar realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011 revela as diferenças no acesso a serviço privados de melhor qualidade. Na pesquisa as famílias negras apresentavam uma renda média de R\$ 1.978,30 e as brancas, de R\$ 3.465,30, o que representa, 75,2% a mais. Com isso a possibilidade de brancos disponibilizarem de dupla segurança torna-se maior em comparação aqueles que vivem na periferia, geralmente negros, que precisam se conformar com o mínimo de segurança oferecida pelo Estado.

Outro fator que dificulta o acesso da população aos serviços públicos como a segurança, a saúde, a educação é que estas esferas fazem parte dos interesses político eleitorais e da disputa partidária. As ações e a amplitude da segurança pública não atendem a população de forma igualitária, nas diversas áreas geográficas e os espaços são priorizados de acordo com a sua viabilidade política, sua repercussão na opinião pública e, principalmente, na mídia que se direciona de acordo com o status social das vítimas. Portanto, às áreas mais favorecidas, de população predominantemente branca, podem usufruir os benefícios de uma dupla segurança, a pública e a privada, enquanto nas áreas periféricas, que se compõe principalmente por uma população negra, nenhuma das duas (WASELFISZ, 2014).

Por último, um terceiro fator que contribui para o agravamento do problema é a banalização ou a “naturalização” e aceitação da violência pela sociedade, por meio de mecanismos que tratam a violência como até mesmo necessária para determinadas pessoas e para algumas instituições que teriam a obrigação e responsabilidade de proteger a sociedade da violência. Por exemplo, a família que utiliza a violência como função “disciplinadora”, o adolescente que mora na periferia que é visto como o marginal, a escola que culpabiliza a família e o próprio aluno pelo fracasso escolar, entre outras formas de violência.

Para Wieviorka (1997), há várias situações em que a violência é uma reação à brutalidade do Estado. Mas que a tendência dominante se define por meio de experiências, em que a violência surge ou se desenvolve em meio às carências do Estado.

A violência contemporânea revela um novo paradigma, que, do ponto de vista teórico, deve ser analisada considerando a relação entre campo do conflito e o da crise, e ir além, levando em conta o sujeito frustrado, as condutas e os desvios que são capazes de levar ao caos. Em relação ao sujeito que não foi atendido em suas necessidades básicas condicionado por um Estado opressor, pela desigualdade e empobrecimento Da Matta (1982, p. 33) afirma que:

Não é fácil ser tratado como um desconhecido e como um cidadão na nossa sociedade. Pois é neste terreno de anonimato e cidadania universal e plena – quando não somos ninguém – que corremos os maiores riscos de sermos maltratados e até mesmo violentados sem complacência (DA MATTA, 1982, p. 33).

A violência, nesta perspectiva, tem como autor um sujeito não reconhecido que ao estabelecer suas relações no mundo, trata as pessoas como objetos e não como seu semelhante. Quando o outro é coisificado e negado na sua subjetividade, não é possível reconhecê-lo e assim a violência pode ser facilmente praticada. No Brasil, vivemos uma violência da crise, das pessoas e dos grupos que se percebem como negados ou não reconhecidos.

Ao tratar o outro como objeto e não como semelhante, o sujeito autor da violência não é reconhecido e também não reconhece o outro, além de não ter sido investido de poder. Nesse caso, nos termos de Arendt (2009, p. 108), “[...] sabemos, ou deveríamos saber, que cada diminuição no poder é um convite à violência”. O poder em Arendt (2004, p. 27) se estabelece quando existe a possibilidade de utilizar os recursos do reconhecimento e do diálogo, ou seja, o poder “[...] corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo”.

Em contrapartida, temos a violência utilizada como instrumento de dominação que pretende retirar do sujeito sua condição humana. A autora defende que podem existir dois tipos

de instrumentalização da violência, uma que se caracteriza por ser teleologicamente orientada, que se vincula ao fim, tendo como objetivo a libertação do Estado opressor e um bem humano, como é o caso das lutas sindicais, dos movimentos políticos e das diversas instituições que fazem parte de diferentes culturas e que, de alguma forma exigem de maneira violenta a adaptação do sujeito em suas diretrizes e outra violência que reflete o exercício da dominação e que se caracteriza por sua ação e reação.

No primeiro caso, conforme Arendt (2009), a violência não pode ser considerada legítima, mas justificada. A violência é utilizada como uma forma de oposição política com o fim definido. Ao mencionar a política, a autora faz referência não somente a uma política governamental, mas também a pólis, constituída por uma comunidade organizada de homens e, portanto, da cultura.

Por sua vez, a violência surge como forma de dominação quando não existe o reconhecimento do outro e ainda na impossibilidade de compreender a si mesmo. Neste sentido segundo Wieviorka (1997), as fontes da violência contemporânea têm aspectos subjetivos e objetivos que são mantidas na dissociação, na fragmentação, que caracterizam a sociedade que vivemos:

A violência deve ser analisada antes de tudo como uma representação, como a subjetividade de grupos, ou mesmo de uma sociedade inteira, incapazes de se compreender e de compreender o que as cerca, se são tangíveis; se é possível estabelecer empiricamente que há um déficit de atores e de mediações através de sistemas de relações, a violência constitui certamente uma forte realidade objetiva. A sociologia deve então distinguir os problemas, mostrando como a violência contemporânea se renova, tanto em suas percepções subjetivas quanto em suas realidades históricas (WIEVIORKA, 1997, p. 25).

Assim, a violência transforma-se historicamente, não somente como um fenômeno social concreto, mas também em seu significado sociopolítico e nas representações que se constroem acerca dela, pois uma ação que hoje consideramos violenta poderia não ter tido esta compreensão em outras épocas.

Como podemos verificar a problemática da violência pode ser abordada em diversos níveis e em diferentes perspectivas. Ao mencionar um assunto tão complexo e dinâmico, é preciso considerar que a violência não pode reduzir seus múltiplos aspectos representacionais e significativos em uma única concepção.

1.2 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A VIOLÊNCIA

A violência em escolas tem sido uma problemática discutida nas investigações científicas produzidas no Brasil (ABRAMOVAY, 2005; ABRAMOVAY; RUA, 2002; CODO, 1999) e discussões na mídia (GÓIS, 2008; PEREIRA, 2008; TAKAHASHI, 2008).

Ocorreram grandes mudanças nas diversas dimensões desse fenômeno, desde os primeiros estudos realizados sobre o assunto, na década de 1950, os problemas decorrentes tornaram-se ainda mais graves. Algumas das transformações que ocorreram tiveram influência na rotina das escolas como o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogo, a disseminação do uso de drogas e a expansão do fenômeno das gangues. As escolas e suas imediações também deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e passaram a refletir no espaço escolar a violência cotidiana do espaço urbano. Com isso, as escolas deixaram de representar um local seguro, além de enfraquecer seus vínculos com a comunidade.

No período que antecede os anos 80, pouco se produziu a respeito do tema e muitas reivindicações de professores/as sobre a violência não eram consideradas ou se apresentava na literatura sociológica como “fantasia de insegurança” pois pouca importância era dada a esta problemática. Contudo, a partir daquela década houve uma crescente divulgação na mídia sobre o assunto, inserindo a violência como um fenômeno social e alertando para a ausência de políticas públicas e ações do Estado (MONTROYA, 2002).

Apesar de se considerar a violência nas escolas um fenômeno novo, que se apresenta com maior evidência nos anos 80 e 90, os episódios de violência sempre fizeram parte do cotidiano escolar. As mudanças que ocorreram consistem no modo de análise do fenômeno, quando comparado aos primeiros estudos. No início a violência nas escolas surge envolvendo apenas questões de disciplina. Posteriormente, ela passou a ser tratada como manifestação de delinquência juvenil e comportamentos antissociais.

Na sociedade contemporânea a violência é analisada de maneira mais ampla, por representar um fenômeno complexo que envolve as questões da estrutura social como a globalização e a exclusão social, os quais não podem ser submetidos a uma análise restrita somente às questões do comportamento juvenil ou às violências das relações sociais entre eles (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Charlot (2002) afirma que a violência assume novas dimensões e maior frequência. Novas formas de violências desvelaram-se, como os homicídios, estupros e agressões com armas dentro da escola, e os ataques e os insultos entre alunos e professores tornaram-se frequentes.

Segundo Sposito (2001) psicólogos, sociólogos, e demais especialistas têm se dedicado, especialmente para pesquisas que envolvam alunos contra alunos e de alunos contra a propriedade. Os estudos abordam situações locais e regionais, considerando atos de violência, na década de 80, as depredações e pichações do patrimônio e na década de 90, as brigas entre alunos, inclusive entre gangues.

Em meados dos anos 80, foi realizada uma pesquisa por Guimarães (1984, 1991) que contribuiu com algumas importantes informações sobre comportamentos anti-sociais, contrariando hipóteses dominantes em todo período. O trabalho de campo evidenciou que esse fenômeno ocorria tanto em escolas permissivas – aquelas que permitem maior expressão dos alunos, quanto em escolas altamente rígidas em relação ao aspecto disciplinar. Já no segundo estudo a autora verificou que o aumento do policiamento refletia na diminuição dos índices de depredação escolar, sendo perceptível, contudo, o aumento das agressões físicas e verbais entre alunos.

A violência e os comportamentos anti-sociais na escola passam a receber maior atenção nas relações entre grupos de alunos, na década de 90, indicando possivelmente ser um novo tipo de sociabilidade entre pares jovens ou de jovens com o mundo adulto, ampliando e tornando mais complexa a própria investigação e análise do fenômeno em relação a sociabilidade e aos comportamentos incivilizados e de indisciplina na escola. As notícias e os estudos apresentam a ocorrência destas manifestações em várias regiões do país, alçando cidades de médio porte, incluindo capitais e outros centros (SPOSITO, 1994, 2001; PINTO, 1992).

Nos anos de 1990, o único levantamento nacional sobre o tema violência escolar, realizado por Codo (1999), revelou que não havia correlação entre nível de desenvolvimento socioeconômico de determinados Estados e os índices de depredação e comportamentos anti-sociais. A pesquisa também constatou uma relação direta entre o tamanho das escolas, medido pelo número de alunos, e a ocorrência de roubo ou vandalismo. Os estabelecimentos de maior tamanho eram os mais suscetíveis a essas práticas, acentuando-se naqueles localizados nas capitais ou grandes metrópoles.

A partir de 1997, a UNESCO no Brasil passou a desenvolver diversas pesquisas que tratassem dos temas de Juventude, Violência e Cidadania, buscando apresentar propostas de políticas públicas que contribuíssem para a solução dos problemas que afetam a juventude, destacando algumas questões como: exclusão social, mercado de trabalho, família, educação, participação social, protagonismo juvenil, entre outros.

Visando proporcionar uma melhor compreensão sobre a violência na escola a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), patrocinou um dos estudos mais completos sobre essa temática, coordenados por Abramovay (2002), que teve por objetivo a compreensão da violência em sua amplitude, que incorpora não somente o uso da força física ou intimidação, mas também compreende as dimensões sócio-culturais que envolvem este fenômeno.

Pela pluralidade de dimensões envolvidas, adotou-se neste trabalho o título “Violências nas escolas”, pois assim é possível pensar esta temática abrangendo suas múltiplas manifestações e em diferentes estabelecimentos de ensino que podem variar em intensidade, magnitude, permanência e gravidade.

Bernard Charlot (1997 apud ABRAMOVAY, 2002, p. 21) ao referir-se sobre a dificuldade de estabelecer uma definição da violência, explica que isso ocorre não somente por que esta remete aos “fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e ordenar”, mas também porque desestrutura “as representações sociais que têm valor fundador e que faz parte da cultura: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio de paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático)”.

Tratar violência nas escolas significa lidar com novas concepções acerca desta temática, pelos significados que assume, pois as construções feitas desta realidade irão delinear as práticas dos sujeitos e novas formas de organização social.

As percepções dos diferentes atores da comunidade escolar, segundo as pesquisas de Abramovay (2002) evidenciaram que a escola pode estar vinculada tanto como uma via efetiva de acesso ao exercício da cidadania como, ao contrário, um mecanismo de exclusão social. A comunidade escolar vê a escola como um local privilegiado de socialização, de formação de atitudes e opiniões e de desenvolvimento pessoal, buscando a promoção da cidadania e da capacidade crítica, que influencia na preparação de jovens para o mercado de trabalho.

Os resultados também indicaram uma posição contraditória sobre os significados que os alunos tem sobre o papel da escola. Por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como uma oportunidade que propicia a inserção no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos associam à escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação. Apesar disso, a maioria dos jovens sustenta uma percepção positiva sobre a escola, o estudo e o ensino para a sua formação.

Ainda assim, as representações sobre a escola como um local seguro, de integração social, de socialização foram se modificando e a escola passa a ser vista como cenário de ocorrências violentas. A instituição escolar vem enfrentando profundas transformações, com o

aumento das dificuldades cotidianas que resultam tanto de problemas de gestão e das próprias tensões internas que provém da desordem social e que se expressas mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego (ABRAMOVAY, 2002).

Assim, além dos problemas gerenciais e a precariedade de diversas ordens que atingem as práticas pedagógicas e a transmissão da aprendizagem, a escola passa por um período onde a educação e a possibilidade de um futuro seguro para a juventude são questionados pela sociedade.

Também existem casos em que a própria instituição escolar é responsável por promover situações de violência. Finley (2006) ressalta que determinadas políticas adotadas pela instituição, tais como normas, procedimentos e práticas podem ocasionar prejuízos naqueles que participam do ambiente escolar. Apesar de muitas vezes as políticas serem elaboradas com ações que visam beneficiar a instituição de ensino, nem sempre elas são efetivadas da melhor forma.

Para que as ações educacionais adquiram maior efetividade é preciso ampliar a responsabilidade pela violência que ocorre na escola para além do âmbito individual, estimulando pesquisadores, sociedade e os próprios membros da instituição de ensino a buscarem possibilidades de melhorias do sistema escolar, diminuindo os riscos de incorrer em atitudes reducionistas, que culpabiliza os indivíduos.

A relação entre a violência e a escola pode ser analisada sob diferentes dimensões. A violência que acontece na escola, aquela feita à escola, e a violência da escola (CHARLOT, 2002).

Quando nos referimos a violência, um aspecto a ser analisados diz respeito aqueles que estão envolvidos na violência escolar. Alunos e docentes são geralmente os que são mais lembrados quando se discute a violência na escola. Todavia, situações de violência na escola podem envolver qualquer indivíduo que trabalhe na instituição escolar ou que esteja envolvido no estabelecimento de ensino. Assim situações que causam danos ou prejuízos a integridade física, psicológica entre outras, podem ocorrer em qualquer relação interpessoal, principalmente quando há desigualdade de condições de poder entre os indivíduos envolvidos (WILLIAMS, 2003). Além das pessoas que participam do contexto escolar, podem ocorrer situações em que outros indivíduos que não estão relacionados à instituição, ingressem com o intuito de cometer atos violentos, como casos de assaltos, ameaças de traficantes, entre outros.

Charlot (2002, p. 434) trata desta situação em que a violência ocorre dentro da escola “sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar [...]” e em que “[...] a escola

é apenas o lugar de uma violência que poderia ter ocorrido em qualquer outro local” . Esta situação é reconhecida pelo autor como *violência na escola*, podendo também envolver indivíduos que não fazem parte desta instituição, entretanto, faz-se a observação que o termo por si só não é esclarecedor, sendo mais compreensível a explicação de que os envolvidos são outros não relacionados à instituição de ensino.

Quando os alunos buscam provocar danos diretamente à instituição e aqueles que a representam, podemos denominar conforme Charlot (2002) de violência da escola, sendo ela ligada à natureza e às atividades da instituição escolar. Como exemplo, ela se apresenta quando os alunos praticam vandalismo contra o estabelecimento de ensino, desrespeitam os/as professores/as, ou seja, quando os jovens exercem a violência diretamente contra a escola e aqueles que a representam. A violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola, pois caracteriza-se por ser uma violência institucional, simbólica, que atinge os jovens e está relacionada a maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de avaliação, agressões verbais ou físicas, assédios ou até mesmo qualquer ato considerado pelos alunos como injustos, excludentes ou racistas).

Em nossa sociedade há grupos que comumente são mais hostilizados pela violência e pela violência escolar, com termos ofensivos praticados contra a pessoa de etnia negra ou com condição socioeconômica inferior (ABRAMOVAY; RUA, 2002) e, ainda, a pessoas com outras opções sexuais (CASTRO; ABRAMOVAY, 2003). Assim, ao realizar uma análise das questões relativas à violência é importante considerar se o problema está relacionado com situações que expressem preconceito, discriminação social e étnica e desrespeito à diversidade sexual.

Quando nos referimos aos preconceitos e discriminações, instituições, como a escola, podem contribuir à sua reprodução, e assim diminuir as possibilidades de mobilidade educacional e social de crianças e jovens que fazem parte dos grupos mais afetados. A escola muitas vezes não está atenta à relevância do clima escolar e das relações sociais que buscam o desempenho escolar, que pode ser atingido por sutis formas de exclusão que muitas vezes não são assumidas ou conscientemente realizadas.

Estas formas de violência podem se apresentar como uma violência simbólica ou institucional, ao impor ao jovem um ensino, muitas vezes, distante de seus interesses e ao mesmo tempo não oferecendo oportunidades de inserção e estabilidade no mercado de trabalho, bem como do não reconhecimento do professor no exercício de sua profissão:

A falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no

mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT apud ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 69).

A escola ocupa uma posição de destaque como um *locus* de violência simbólica, onde o poder se instaura sutilmente nas normas e regras institucionais, exercido por uma ordem dominante. Bourdieu (2001, p. 101) ao tratar das formas de manifestações da violência simbólica neste contexto, ele se refere “como aquelas que agem por meio de sanções da instituição escolar [...]”.

O controle exercido por meio das notas, as punições arbitrárias, desvincular os alunos dos seus contextos sociais e possíveis problemas, tratá-los de forma desigual, recorrer a agressões verbais e outras formas de exposição que os inferiorizam quando não correspondem às expectativas de desempenho em sala de aula, são violências que podem ser vivenciadas pelos estudantes.

Da mesma forma, os/as professores/as também vivenciam a violência simbólica quando são agredidos em seu ambiente de trabalho e em sua identidade profissional, por diversas situações incluindo o desinteresse e indiferença dos alunos, que gera um ambiente de tensão cotidiana.

A importante pesquisa sobre os jovens escolarizados no Brasil, intitulada Violências nas escolas, realizada pela UNESCO e coordenada pelas autoras Abramovay e Rua (2002) buscou selecionar as percepções de alunos, seus pais, professores/as e outros membros da comunidade escolar com o objetivo de identificar e caracterizar as múltiplas formas de violência nas escolas, e assim alertas sobre as possibilidades e riscos de banalização da própria violência no ambiente escolar.

No estudo, um dos principais motivos da violência contra educadores encontra-se nas desavenças com alunos ocasionadas por notas, pelo grau de exigência, bem como pela indisciplina cometida em sala de aula.

Os/as professores/as relatam que as ameaças mais comuns são de retaliações físicas, principalmente após o horário escolar. Se tratando o mesmo estudo, os resultados também revelam que os/as professores/as não têm apreço pela maioria de seus alunos pelo desinteresse pelos estudos e além disso porque se sentem no ambiente de trabalho devido às ameaças que sofrem por parte dos alunos.

A escola é considerada um local de construção de saberes e de socialização. Os jovens recorrem ao espaço escolar com o intuito de desenvolver suas habilidades, ampliar suas relações

sociais e como uma possibilidade de realização de suas metas pessoais. Entretanto, a escola também se constitui como um lugar de produção e reprodução da violência nas suas diversas formas.

Nas pesquisas realizadas por Abramovay (2005) verifica-se que existe uma divergência entre o sistema escolar e as expectativas dos jovens e são vários os fatores que contribuem para a singularidade dos conflitos e das violências no cotidiano escolar.

Primeiramente existe uma distância entre as normas estabelecidas pela escola e que visam organizar o funcionamento e as experiências vividas pelos alunos. As regras são criadas de forma unilateral e sem a participação do aluno, inclusive em relação as formas de punição.

Um segundo aspecto de conflito diz respeito a ausência de diálogo entre os adultos, representados pelo corpo docente e outros membros do corpo técnico pedagógico, com os alunos. Segundo a autora, existe um desinteresse pelas condições sociais e culturais dos jovens, sendo comum a escola rotulá-los como sujeitos-problemas, ou seja, pessoas com atitudes alheias à instituição.

Por outro lado, constata-se o sofrimento psíquico, a rotina de pedidos de afastamentos, o adoecimento e as faltas frequentes gerados pelo desgaste na saúde mental do professor que não encontra suporte institucional que atenda aos problemas advindos da organização do trabalho. Assim, segundo Charlot (2002) a violência na escola é revelada não somente em relação aos alunos, mas, coloca-se também em questão a capacidade da instituição e de seus agentes suportarem e manejarem as situações conflituosas.

Imersos na cultura, cujas expectativas sobre a concepção de professor, geralmente, encontra-se vinculadas aos aspectos históricos e sociais cristalizados o docente precisa lidar com o conflito psicológico existente entre a imagem de professor idealizada por ele mesmo e pela sociedade e o contexto da realidade que se impõe na prática pedagógica e que, muitas vezes, em nada se relaciona ao ideal esperado. Essa situação conflitante faz com que o indivíduo experimente sentimentos de fracasso, incapacidade e desânimo que podem se transformar em elemento paralisador de sua atividade docente (AGUIAR, 2006).

Nas instituições escolares, as burocracias que se investem da cultura do poder sob a forma da impessoalidade, reproduzem e atualizam, nos atos e nas relações, as discriminações e os estereótipos que mantêm a violência contra o docente, retirando sua autonomia tornando o seu trabalho não-material, ou seja, reduzindo-o apenas a um prestador de serviço.

A dor de um profissional imerso em um conflito entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais,

entre a vitória e a frustração; é a síndrome de um trabalho que voltou a ser trabalho mas que ainda não deixou de ser mercadoria (CODO, 1999).

Esta dimensão, específica do trabalho não-material, aliada a outras condições e forma de organização do trabalho (baixos salários, condições precárias de trabalho, intensificação, estresse, medo de perder emprego, autoritarismo e outras) podem causar a síndrome da desistência, que envolve esgotamento emocional, desenvolvimento de atitudes negativas em relação ao trabalho, falta de envolvimento pessoal no trabalho e assim por diante (CODO, 1999).

Quando ocorre a desistência do trabalho docente, também se estabelece a ruptura dos vínculos necessários ao desempenho do trabalho, que pode ser decorrente da ausência parcial e/ou do enfraquecimento anterior dos vínculos específicos, para que o trabalho seja realizado satisfatoriamente.

De acordo com as pesquisas realizadas por Lapo e Bueno (2003), para que o trabalho cumpra o seu papel equilibrador e seja realizado de modo satisfatório ele precisa do estabelecimento de vínculos específicos com determinada classe de objetos: instituições, pessoas, instrumentos, organizações, ou seja, estes são entendidos como o conjunto de relações que o professor estabelece com a escola e com o trabalho docente aliados as características pessoais do professor, das formas de organização e funcionamento da escola, do grupo e do contexto social em que ambos (docente e escola) estão inseridos.

Entretanto, quando a forma de organização do trabalho docente e a qualidade das relações estabelecidas dentro do grupo (incluindo o desempenho do trabalho realizado em sala de aula) não correspondem aos valores e às expectativas do professor, surge a dificuldade deste profissional de estabelecer ou manter a totalidade de vínculos necessários ao desempenho de suas atividades (LAPO; BUENO, 2003).

A prática da violência na escola, aumenta a possibilidade do rompimento destes vínculos que motivam o profissional docente no exercício da sua profissão. Desta forma, a fragilidade dos vínculos e as expectativas não satisfeitas sobre a atividade escolar, provocam frustrações e desencantos que levam à rejeição da instituição e/ou da profissão.

1.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL ELABORADA PELOS DOCENTES

“O operário foi tomado
De uma súbita emoção [...]
[...] Olhou em torno: a gamela
Banco, enxerga, caldeirão

Vidro, parede, janela
 Casa, cidade, nação!
 Tudo, tudo o que existia
 Era ele quem os fazia
 Ele, um humilde operário
 Um operário que sabia
 Exercer a profissão.”
 (Vinícius de Moraes, 1956)

Os elementos da vida usual estão presentes em várias passagens deste trecho da poesia e estão elencados em forma crescente e de dentro pra fora, reiterando a ideia de construção. Ainda nesse sentido, é válido apontar para a comparação sutil que pode ser feita entre o trabalho do operário e o trabalho do/a professor/a. Ambos são capazes de construir novos mundos, ou seja, são capazes de construir novas representações acerca da realidade que os cercam.

Diante dos desafios apresentados à educação, algumas discussões têm evidenciado a questão da prática docente nos processos de transformação da sociedade. Como explica Alves-Mazzoti (2008) os estudos sobre percepções, atribuições e atitudes de professores/as e alunos, bem como de comportamentos diferenciados do professor em função de expectativas, relacionando-os ou não a efeitos no aluno, têm buscado uma melhor compreensão das questões que envolvem o ambiente escolar.

O processo de globalização demarcou profundas transformações na sociedade contemporânea, requerendo dos sujeitos maneiras de lidar com a crescente integração das economias nacionais. A nova lógica da produção capitalista exige novas qualificações do trabalhador que precisa atender aos avanços da tecnologia e ao novo tipo de produção, exigindo profissionais mais especializados. Em decorrência disso aumenta-se o desemprego e intensifica-se os processos de exclusão.

Deste contexto, fazem parte a crise da ética, o esvaziamento das funções tradicionais da família, a fragmentação dos laços de solidariedade, a incerteza quanto ao futuro e a violência presente no cotidiano (ALVES-MAZZOTI, 2007). Este processo interfere na vida social, e como consequência, ocorrem mudanças que afetam toda sociedade bem como as escolas e a prática docente.

A inovação da tecnologia e das comunicações inauguram novas formas de conhecer e de se relacionar, e apesar de proporcionar diferentes perspectivas e avanços à educação, também exige dos/as professores/as o domínio de novos recursos com os quais poucos deles estão familiarizados.

Na tentativa de enfrentar os diversos desafios impostos pela modernidade, o docente poderá vir a fragilizar-se, pelo desprestígio da profissão e pela crescente precarização de seu trabalho (ALVES-MAZZOTI, 2007).

Estas questões apontam, sobretudo, a necessidade de compreender como as percepções, atribuições, atitudes e expectativas se formam e como funcionam, os sistemas de significação que são utilizados para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. As perspectivas de mudança exigem que se compreendam os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa, e esta ocorre nas relações que se estabelecem socialmente.

Conhecer as representações sociais do docente como um conjunto organizado de opiniões, atitudes e conhecimentos elaborados a respeito de um objeto social que irão nortear seu comportamento e justificar suas práticas possibilita compreender as formas de lidar com as demandas da realidade contemporânea.

A representação social caracteriza-se por ser uma organização simbólica sobre a qual se desenvolvem diferentes práticas e relações sociais e que permitem a comunicação e o compartilhar de conhecimentos entre os indivíduos que constituem um grupo, instituição e comunidade, o que representa uma produção subjetiva.

Considerando suas relações com a comunicação, com os valores ou ideias partilhadas e principalmente, pela sua função de reger as condutas e as práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à compreensão dos mecanismos que interferem no processo educativo.

1.4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ASPECTOS TEÓRICOS E A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A Teoria da Representação Social (TRS) foi constituída de fases distintas, que inicialmente era caracterizada mais pelo seu caráter coletivo do que pelo seu conteúdo ou sua dinâmica. O sociólogo francês Émile Durkheim (1978) apresentou o conceito de **representações sociais**, utilizado no mesmo sentido de **representações coletivas**, que se caracterizava como produção social independente dos sujeitos individuais para se produzirem e reproduzirem, impondo-se de maneira determinada, coercitiva e genérica aos sujeitos individuais e revelando-se como formas sociais de expressão, reconhecimento e explicação do mundo. Elas são as formas como a coletividade entende e se organiza no mundo estão

intrinsecamente relacionadas à maneira de agir, de pensar e de sentir e de nomear os diferentes aspectos da realidade cotidiana

As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos (DURKHEIM, 1978, p. 79).

Esta forma de apreensão da realidade implica na distinção entre a sociedade e os indivíduos isolados. Neste sentido, a existência humana e os fenômenos individuais seriam condicionados aos fenômenos sociais, estabelecendo entre si uma relação hierárquica, em que a singularidade estaria sujeita a um processo de particularização dos ideais coletivos. Para Durkheim (1996) o indivíduo se constitui apenas dentro de uma coletividade, introduzido nas representações e nos conceitos societários.

Pelo simples fato de existir a sociedade, existem também, fora das sensações e das imagens individuais, todo um sistema de representações que gozam de propriedades maravilhosas. Graças a elas, os homens se compreendem, as inteligências se interpenetram. Elas possuem uma espécie de força, de ascendência moral, em virtude da qual se impõem aos espíritos particulares. Por conseguinte, o indivíduo se dá conta, ao menos obscuramente, de que acima de suas representações privadas existe um mundo de noções-tipos segundo as quais deve regular suas ideias; ele percebe todo um reino intelectual do qual participa, mas que o excede. (DURKHEIM, 1996, p. 485)

As representações, na teoria de Durkheim (1989), são atributos do coletivo que emergem com caráter legitimantes e rígidos que orientam as condutas individuais que constituem os sujeitos. Assim, cada indivíduo possui uma consciência pessoal que constitui sua natureza subjetiva, todavia, não é ela que determina o seu modo de estar no mundo e de ser social.

Neste sentido, as maneiras de agir de pensar, de sentir não são produzidas pelos indivíduos, mas são regidas por uma potência moral que o transcende, que garante a preservação do conjunto de valores, das prescrições e dos princípios morais estabelecidos que orientam a vida social.

Serge Moscovici (1961), com uma postura que não era conduzida pelas determinações ideológicas da época, renovou a análise de Durkheim, defendendo que os fenômenos representacionais nas sociedades contemporâneas eram dinâmicos e fluidos e que operavam de acordo com a localização e o posicionamento da consciência subjetiva nos espaços sociais,

desenvolvendo percepções nos indivíduos a partir de um objeto social. A compreensão da representação social descrita por Moscovici busca, portanto,

[...] especificidade através de um conceito verdadeiramente psicossocial, na medida em que procura dialetizar as relações entre indivíduo e sociedade, afastando-se igualmente da visão socializante de Durkheim e da perspectiva psicologizante da Psicologia Social da época (ALVES-MAZOTTI, 1994, p. 62).

Na compreensão das representações coletivas, a sociedade é analisada como uma totalidade sem conflitos, sem tensões e homogênea. A partir desta concepção as representações sociais são consideradas imutáveis e universais para toda a sociedade, e em consequência disso, o modo de agir dos indivíduos é previamente estabelecido no socialmente. Para Moscovici (1978) esta concepção é considerada estática e inadequada ao estudo das sociedades contemporâneas, visto que, a pluralidade dos sistemas políticos, religiosos, filosóficos, artísticos e das relações interpessoais que constituem estas sociedades são de caráter heterogêneo e dinâmicos.

As representações sociais estão organizadas de maneiras muito diversificadas segundo as classes, as culturas ou os grupos e constituem tantos universos de opiniões quantas classes, culturas ou grupos existem (MOSCOVICI, 1978, p. 67).

A releitura de Durkheim parte da psicologia social para explicar o pensamento social, o conhecimento do senso comum e suas relações com outras áreas de conhecimentos, incluindo um conjunto de noções relacionadas com os processos de formação e constituição desse conhecimento na interação social, que se move entre duas categorias fundamentais de tempo e espaço, em grupos específicos inseridos dentro de marcos culturais, históricos e sociais particulares e que estão em permanente construção.

O texto de Serge Moscovici que inaugura a Teoria das Representações Sociais, *La Psychanalyse, son image et son public*, publicado originalmente em 1961, recebeu na língua portuguesa, em 1978, a tradução **A Representação Social da Psicanálise**. Este estudo permitiu um novo entendimento sobre a vida cotidiana e suas múltiplas complexidades estabelecendo um paradigma distinto para a psicologia social e as ciências humanas e sociais como um todo. Isso significa dizer que realizar uma análise psicossocial implica em constituir um campo de investigação e estreitar as relações entre o indivíduo e a sociedade, buscando superar as dicotomias entre o individual e o social, do pensamento erudito e o do senso comum.

A teoria das representações sociais introduzia um distinto e vasto campo de estudos psicossociológicos, que não se limitava apenas a uma área específica de produção do conhecimento, mas tinha o propósito de redefinir os problemas e os conceitos da psicologia social a partir do fenômeno de socialização da psicanálise, de sua apropriação pela população parisiense e buscando utilizar o conhecimento produzido para a sua função social.

A leitura psicossocial do cotidiano refere-se a interpretar o acontecimento social, implicando na compreensão dos fenômenos que ocorrem nas relações sociais e somente poderá ser identificada e analisada a partir deste lugar. Isto implica dizer que a psicologia social teve a necessidade de ampliar o seu diálogo com outras ciências humanas e sociais.

A hierarquia de valores atribuída ao pensamento fora substituída, dando início a um novo significado ao pensamento social, tomando-o como um saber prático, caracterizado pelo senso comum, pelo qual os grupos humanos constituem a realidade e com ela convivem.

Para Moscovici (1978), a formação de uma representação envolve o aspecto cognitivo, que implica no sistema de valores, de noções e práticas que orientam as interações do indivíduo com o seu meio material e social, bem como a comunidade do qual o indivíduo está inserido que reflete as trocas, a história individual e coletiva e a forma que utiliza o conjunto das representações sociais que legitima para classificar, claramente, as partes de seu mundo.

Considerando ser um saber que organiza um modo de vida e que permite a um determinado grupo social compreender o mundo que o cerca e resolver os problemas que nele identifica, Moscovici (1978, p. 78) conclui que:

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação.

A teoria das representações sociais auxiliou os pesquisadores a superar a historicidade predominante na psicologia social da época, contudo, esta, entre outras disciplinas defendiam ou defendem a posição de que a ciência não deve considerar o conhecimento produzido de forma espontânea, que é concebido como uma forma de saber arcaico, impuro e incompleto. De acordo com Moscovici (2003, p. 309), esta forma de compreensão encontra-se no Marxismo que prioriza erradicar esta forma de pensamento em favor de um raciocínio científico tradicional e canônico, que não busca a partir da ciência, aprofundar e aperfeiçoar o pensamento no pensamento espontâneo e no pensamento das massas, e afirmavam que eles deveriam ser “purificados de suas irracionalidades ideológicas, religiosas e populares e substituído por uma visão científica do ser humano, da história e da natureza – a visão marxista e materialista”.

Os argumentos de Moscovici (2003, p. 310) revelam que a difusão do conhecimento científico poderia melhorar o conhecimento ou o pensamento comum, em contradição a perspectiva de que o pensamento científico pudesse erradicar o pensamento comum, bem como a ideia do iluminismo, defendendo que “o conhecimento e o pensamento científico dispersam a ignorância, os preconceitos ou os erros do conhecimento não científicos, através da comunicação e da educação”.

O saber do senso comum é concebido como um objeto de estudo tão legítimo quanto o conhecimento científico, por sua importância na vida social, por revelarem evidências acerca dos processos cognitivos e as interações sociais. Jodelet (1989 apud ANADON; MACHADO, 2011) afirma que o conhecimento do sentido comum é uma forma de interpretar, de conceituar a realidade do cotidiano, que regem as nossas relações com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais.

A teoria das Representações Sociais pode ser definida como uma teoria sobre a produção dos saberes social. Saber, neste caso se refere a qualquer saber, no entanto a teoria está especialmente relacionada aos saberes que se produzem no cotidiano, e que pertencem ao mundo vivido (JOVCHELOVITCH, 1998).

Anadon e Machado (2011) define a representação social como a construção de um pensamento social a partir de um saber ordinário (de senso comum) elaborado por e dentro das interações sociais, constituído por elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, entre outros, partilhadas por um grupo sociais no que concerne a diferentes objetos (pessoas, acontecimentos, categorias, objetos do mundo etc.) dando lugar a uma visão comum das coisas.

As representações são formadas com a finalidade de tornar familiar algo não-familiar. O universo consensual se caracteriza por ter algo comum e pela ausência de tensões e conflitos. Assim, as comunicações e ações realizadas neste universo, atestam as crenças e as interpretações adquiridas pelo grupo. Desta forma, existe uma familiarização em que os objetos, pessoas e acontecimentos são compreendidos previamente. No entanto, no universo consensual, quando se apresenta o que nos é estranho, o que não é familiar é assimilado e pode modificar nossas crenças, assumindo uma categoria particular, na tentativa de dar existência a algo antes desconhecido (MOSCOVICI, 2004).

Moscovici (1978) introduz dois processos fundamentais indispensáveis à compreensão de como são geradas as representações sociais, ou seja, tornar familiar o não-familiar: o processo de ancoragem e o processo de objetivação.

A ancoragem é o processo, conforme foi descrito acima, que visa classificar e dar nome de maneira que se torne conhecido. Para Moscovici (2004) coisas que não são classificadas são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Quando podemos falar sobre algo, avaliá-lo e, comunicá-lo, podemos, então representar o não-usual e torná-lo familiar, ou seja, superamos o distanciamento e somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria.

O processo de ancoragem é organizado, seguindo três elementos: (1) atribuição de sentido, (2) instrumentalização do saber e (3) enraizamento no sistema de pensamento. Na atribuição de sentido a ancoragem insere o objeto representado em uma rede de significações, buscando vinculá-lo aos valores de um grupo ou sociedade e dando-lhe coerência, em uma relação dialética com a objetivação (JODELET, 2001; NÓBREGA, 2001).

A instrumentalização do saber, se caracteriza por atribuir um valor funcional ao núcleo figurativo da representação social, que será utilizada como um sistema de interpretação que servirá para compor meios de classificação onde outros indivíduos e outros grupos serão avaliados ou posicionados (JODELET, 1998).

O enraizamento no sistema de pensamento diz respeito à incorporação social do novo ao sistema de representação pré-existente, modificando-o. Para Arruda (2002, p.132), “através da ancoragem o conhecimento se enraíza no social e volta a ele, ao converter-se em categoria e integrar-se à grade de leitura do mundo do sujeito, instrumentalizando o novo objeto”.

Nossas representações dependem da memória. Do conjunto de experiências e memórias compartilhadas, são produzidas as imagens, a linguagem e os gestos necessários para superar o conflito gerado pelo não-familiar. Os processos de ancoragem e objetivação são formas de lidar com a memória. A ancoragem permite que a memória esteja em movimento, a qual é dirigida para dentro e está sempre inserido e retirando objetos, pessoas e acontecimentos, que são classificados e rotulados com um nome. A objetivação, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), cria conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior, para tornar as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2004, p. 78).

Assim, consideramos a que familiarização é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação, em que o estranho passa a ocupar um lugar dentro de nosso mundo familiar e assim fazer parte das comunicações.

Para Jodelet (1990) a objetivação e a ancoragem ocorre em uma relação dialética, por meio da comunicação entre os indivíduos de um grupo ou sociedade, articulando as três principais funções da representação: a função cognitiva de integração da novidade, a função de interpretação da realidade e a função de orientação das condutas e das relações sociais.

Portanto por meio deste processo é possível compreender: (1) como a significação é atribuída ao objeto representado, (2) de que forma a representação é um veículo que possibilita a interpretação do mundo social e orienta as condutas, (3) como os indivíduos justificam suas opiniões e os seus comportamentos, (4) como ocorre a construção da subjetividade destes, adquirindo uma posição em relação aos outros grupos sociais.

Para Moscovici (2004) o mesmo processo que constrói um objeto dessa maneira é também constitutiva do sujeito. Neste sentido, as representações sociais surgem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) se constitui, ou seja, adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico.

Em uma investigação sobre as representações sociais de professores/as sobre a violência escolar, Paula e Kodato (2010) afirmam que à medida que a escola fracassa na tarefa de mediar civilizadamente a violência, aumenta-se a rivalidade na relação professor-aluno, de modo que o próprio professor é escolhido como a “vítima sacrificial”, ficando ele sujeito a humilhações, agressões e ameaças diárias. Nos resultados apresentados, os professores revelaram uma dimensão fatalista no discurso e suas representações sobre a violência na escola evidenciaram como uma predestinação, ou seja, algo impossível de se alterar. Diante desta interpretação da realidade, os professores assumem o pessimismo e ressaltam a impotência: “não há o que fazer”.

As representações sociais da violência que circulam no meio social, farão parte da constituição subjetiva dos/as professores/as e irão construir conhecimentos que vão direcionar os comportamentos dos docentes no exercício de sua profissão, indicando como são estruturadas suas opiniões, crenças e ações acerca da violência escolar.

Considerando que as representações sociais funcionam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos no seu contexto físico e social e que determina os seus comportamentos ou práticas, outra questão importante que precisa ser considerada é como se formam e como se estruturam as representações sociais, que, ao ser entendido, pode auxiliar também na compreensão da constituição subjetiva e nos comportamentos dos docentes, ou seja, o que assegura a continuidade de uma representação frente às constantes modificações sociais, ou seja, qual seria a estabilidade relativa no processo dinâmico das representações sociais? Trata-se da centralidade chamada núcleo central da representação social e dos esquemas periféricos.

Segundo Abric (1998, p. 31) uma representação é constituída de um conjunto de informações, crenças, opiniões e atitudes organizadas em torno de uma significação central e em relação a um determinado objeto social. Conforme explica o autor:

[...] a organização de uma representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado a representação.

O núcleo central é caracterizado por sua função geradora e organizadora das representações sociais, ou seja, por meio dele se originam ou se transformam os outros elementos constitutivos da representação bem como determina a natureza das relações entre os outros elementos, conferindo estabilidade à representação (ABRIC, 1998).

Uma outra propriedade do núcleo central consiste na estabilidade conferida à representação, pois assegura a continuidade e resiste à mudança nos contextos a qual está inserida.

O núcleo central é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto e, enfim, pelos sistemas de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo (ABRIC, 1998, p. 31).

De acordo com a perspectiva de Abric (1998) pode-se compreender o núcleo das representações sociais como um elemento constituído pelos significados das representações sociais que estão presentes na cultura. Em decorrência disso, no núcleo das representações sociais de violência escolar, estão inseridos a forma como os indivíduos, com os seus pensamentos e os seus valores, de determinada sociedade e cultura, lidam com a violência no contexto escolar. O núcleo central está relacionado à história coletiva de determinado grupo, ele é constituído de elementos com significações sociais e históricas, capazes de gerar outras concepções e representações, sendo, portanto, estável e resistente a mudanças.

Compreender como se estruturam as representações sociais, identificando o núcleo central, permite entender o porquê de algumas práticas sociais se manterem, mesmo sendo prejudiciais ao bom convívio social. A exemplo disso, na pesquisa realizada por Paula e Kodato (2010) evidencia-se nas falas dos sujeitos, o preconceito e o estigma da comunidade escolar em relação a própria instituição de ensino. A escola na representação da comunidade local está associada a “uma praça de guerra” e ao presídio “Carandiru”, tais definições revelam uma representação coletiva alarmista, a rejeição dessa escola e a auto depreciação. Esta

representação quando partilhada no ambiente escolar e na comunidade perpetua a sensação de medo e a escola passa a ser um local de insegurança e ameaçador, bem como aqueles que participam da vida escolar.

Em outro estudo Alves-Mazzotti (2008) realizou um levantamento das pesquisas que têm utilizado a teoria das representações sociais e verificou que elas têm abordado o cotidiano escolar e, em particular, as práticas docentes. A autora elencou os principais achados relacionados à representação social dos professores. Entre estes, destacam-se: 1. O baixo nível socioeconômico do aluno tende a fazer com que o professor desenvolva baixas expectativas sobre ele; 2. A tendência dos docentes em interagir diferentemente com alunos sobre os quais formaram altas e baixas expectativas; 3. Os professores tendem a atribuir o fracasso escolar a condições sócio-psicológicas do aluno e a condições econômicas de sua família, eximindo-se de responsabilidade sobre esse fracasso; 4. Os alunos que tiveram baixo rendimento tendem a atribuir o fracasso a causas internas (relacionadas a falta de aptidão ou de esforço), assumindo a responsabilidade pelo “fracasso”.

Neste sentido as representações que emergem no contexto escolar podem reforçar a rejeição e levar a perda da confiança em si, pois fortalece o caráter simbólico da representação social, segundo a qual os sujeitos são considerados incapazes e prejudiciais à interação sadia no ambiente escolar.

O núcleo central é constituído pelos elementos estáveis ou mais permanentes da representação social, sendo estes de natureza normativa e funcional. Os aspectos funcionais estão relacionados à natureza do objeto representado e os normativos correspondem aos valores e normas sociais pertencentes ao meio social do grupo.

Esse núcleo organiza os elementos periféricos, que são elementos móveis e flexíveis, relacionados às características individuais e ao contexto imediato, específico:

Eles permitem modulações pessoais em referência ao núcleo central comum, gerando representações sociais individualizadas. [...] constitui um elemento essencial no estudo dos processos de transformação das representações, sendo um indicador bastante pertinente de futuras modificações ou um sintoma indiscutível de uma evolução nas situações onde a transformação de uma representação está em andamento (ABRIC, 2000, p. 33-34).

O sistema periférico é responsável pela atualização e contextualização da representação e é constituído pelos demais elementos da representação. Estes dois sistemas explicam a aparente contradição característica das RS, ao mesmo tempo que elas se apresentam como rígidas e estáveis, atributos conferidos pelo núcleo central, também são móveis e flexíveis, pois

se constituem de experiências individuais, presentes nos elementos periféricos (ABRIC, 1998, p. 34).

Considera-se que o estudo das representações sociais introduzem novas perspectivas na área educacional, bem como para a investigação de alguns aspectos de interesse para a educação e, em particular, para a prevenção e redução da violência escolar.

A teoria das representações sociais oferece possibilidades para abordar a diversidade e a complexidade da educação e do contexto escolar na sociedade contemporânea, por meio da compreensão do fenômeno educacional, integrando os sujeitos, no aspecto individual, e as condições socioeconômicas e culturais, no âmbito social.

Esta articulação não diz respeito apenas à compreensão de fenômenos macroscópicos: as relações entre a pertença a um determinado grupo social e as atitudes e comportamentos diante da escola, o modo como o professor concebe seu papel, etc. Refere-se também a níveis de análise mais finos, relativos à comunicação pedagógica na turma e à construção de saberes (GILLY, 2001, p. 322).

Apesar da violência escolar atingir a todos os integrantes da instituição, precisamente neste trabalho buscaremos entender como os/as professores/as representam a violência e como suas atividades podem ser afetadas por este fenômeno. Para isso a seguir serão apresentados a seguir, os pensamentos dos docentes em relação a esta problemática investigadas nas produções científicas.

1.5 AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

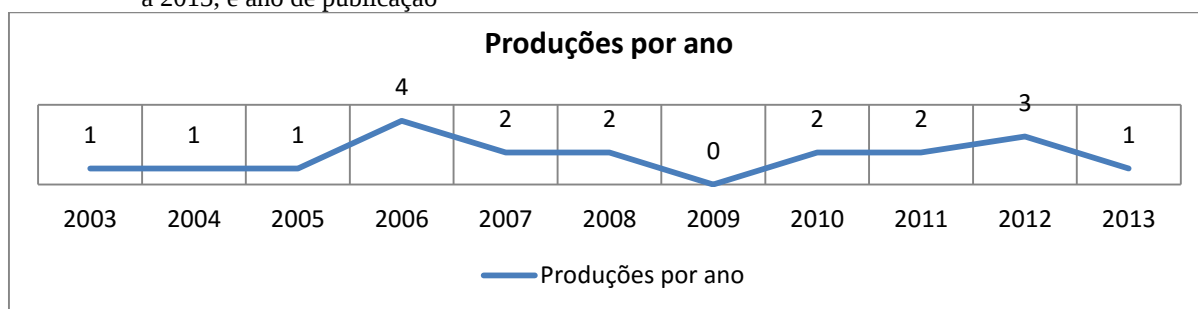
Para contribuir com o levantamento de dados deste trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica com as dissertações e teses defendidas entre 2003 e 2013, incluídas no catálogo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o intuito de identificar as lacunas nos estudos já realizados e buscando levantar as representações sociais de professores/as sobre a violência na escola.

Para tanto, foi utilizado o catálogo do banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações³ (BDTD) como fonte documental, onde se realizou a busca de Teses e Dissertações, pela combinação de palavras-chave violência/professores e violência/professores/concepções. Foram encontrados 212 documentos, todavia, algumas

³ Integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico.

produções pesquisadas tinha o arquivo com conteúdo liberado somente para a comunidade da Universidade ou Retido por motivo de patente requerido pelo autor, não tornando possível o acesso ao material. Apesar de serem encontradas no banco de dados da BDTD, algumas produções não foram possíveis de serem obtidas pelo mesmo site por apresentar erro no sistema, neste caso o acesso se deu pelo banco de origem do material, cuja referência encontrava-se no banco de dados da BDTD. Das teses e dissertações encontradas, foram selecionadas apenas aquelas relativas à concepção dos/as professores/as em relação à violência escolar, que constituiu a amostra do presente estudo. Dos 19 trabalhos selecionados, foi publicado 1 trabalho por ano em 2003, 2004 e 2005 respectivamente, 4 em 2006, 4 entre os anos de 2007 e 2008, 2 em 2010, em 2011 foram publicados 2 trabalhos, no ano de 2012 foram localizadas 3 produções e em 2013 foi encontrado 1 trabalho (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Incidência de estudos sobre a concepção de violência escolar pelos professores/as, no período de 2003 a 2013, e ano de publicação



Fonte: A autora, 2015.

Com relação à metodologia adotada nos trabalhos, percebe-se uma predominância da abordagem qualitativa em prol da quantitativa. Como instrumentos de coleta de dados, prevaleceram as entrevistas individuais semi-estruturadas e em grupo, as observações e os trabalhos com grupos focais. A análise dos resumos proporcionou uma categorização das pesquisas, tendo como base os resultados obtidos do tema abordado. Foram construídas dez categorias temáticas amplas, de acordo com o objeto específico estudado pelo autor⁴.

Tabela 1 - Categorização das pesquisas a partir dos temas abordados

Categoria	Total
O novo significado da violência no contexto escolar.	01
O enfrentamento da violência escolar	04
O fenômeno da violência como responsabilidade dos alunos e da família.	03
A violência na escola relacionada à agressividade e incivilidade.	03
A violência escolar e as perspectivas inatistas ou biologicistas.	02

⁴ Algumas produções foram listadas em mais de uma categoria.

A violência escolar causada pelas desigualdades sociais, pela mídia e pela deseestrutura familiar.	05
A violência escolar nas relações interpessoais e nas condições de trabalho	01
A atuação do professor e a violência doméstica sofrida pelos alunos	02
A violência escolar como expressões de agressões físicas e verbais, preconceito, intimidação e discriminação.	02
<u>A atuação dos/as professores/as diante do bullying</u>	<u>01</u>

Nota: Educação e Psicologia – 2003/2013 – Dissertações e Teses – Banco de Dados da BDTD

Fonte: A autora, 2015.

Esta categorização permitiu o levantamento de alguns aspectos preliminares, que refletem as tendências que a pesquisa vem percorrendo na última década. É importante ressaltar a presença significativa de pesquisas que revelam nos seus resultados, a concepção dos/as professores/as pesquisados/as em relação à violência escolar prevista como um fenômeno estritamente individual, que pode ser observado pelas categorias “o fenômeno da violência escolar como responsabilidade do aluno e da família” e “a violência escolar e as perspectivas inatistas ou biologicistas”.

A primeira atribui exclusivamente ao discente e a família a responsabilidade pelo processo da violência escolar, atribuindo-lhe predominantemente, problemas de incivilidade, comportamentos inadequados e que se desviam das regras institucionalizadas. Já a outra categoria responsabiliza as condições físicas e psicológicas dos alunos, atribuindo-lhes predominantemente problemas cognitivos, físicos ou neurológicos, contribuindo para práticas excludentes.

Contudo, algumas produções enfatizaram ações que contribuem para a transformação desta perspectiva reducionista, para uma nova significação da violência identificando-a como um conceito mais amplo e complexo, bem como das suas causas e formas de enfrentamento.

1.5.1 Representações de professores/as sobre a violência na escola

A leitura na íntegra dos 19 trabalhos selecionados, possibilitou realizar uma análise com maior propriedade em relação à pesquisa recente sobre o que os/as professores/as pensam em relação à violência na escola. O delineamento da leitura inicial e da análise se desenvolveu por meio do objeto de trabalho, da teoria que o fundamenta, do método de pesquisa adotado e das concepções de violência pelos docentes que serviram de resultados da pesquisa em questão, as possíveis relações entre a pesquisa analisada e o conhecimento já produzido, e por fim os novos paradigmas do tema abordado e anunciado nas produções.

1.5.1.1 A nova significação da violência adotada pelos docentes.

Martins (2010) buscou compreender que mudanças no conjunto de sentidos e significados do professor a respeito da violência podem ser mediatizadas por um processo de formação continuada, compreendendo que esta traz possibilidades de transformação das consciências dos/as docentes, mediadas pelas mudanças causadas pelas reflexões que articulam a prática educativa com as questões teóricas sobre a violência. Este processo envolve a ampliação da concepção de violência, muitas vezes apropriada como expressão de incivilidade, agressividade e/ou indisciplina.

Com isso, verificou-se que a violência não pode ser compreendida em uma definição restrita. A compreensão dessa temática requer a sua interpretação que resulta do significado que os sujeitos dão aos fenômenos, abrindo o caminho para a fluidez do que se sente e para o aumento do nível de conscientização.

A questão da violência, segundo Placco (2002), precisa ser analisada e compreendida a partir do contexto sócio-econômico-cultural e político da sociedade. Em outra situação corre-se o risco de encontrar concepções reducionistas, atribuindo ao indivíduo, à sua especificidade biológica ou a problemas psicológicos, a responsabilidade por ações violentas, seja na sociedade ou em instituições por ela legitimadas como a escola. Nesses trabalhos existem uma preocupação em revelar as diversas explicações acerca da violência, fazendo inclusive uma crítica àquelas que desconsideram o contexto social que possibilita a manifestação desse fenômeno e que culpabilizam os indivíduos e suas famílias. Nas produções em questão surgem os questionamentos sobre as possibilidades de contribuição da psicologia da educação, como área de estudo e intervenção, para que os/as professores/as possam superar concepções reducionistas, tendo em vista as consequências para o planejamento das atividades educativas. Mancebo e Lopes (2004) afirma que o fenômeno da violência nega os valores universalmente conquistados nos direitos humanos, tais como aspiração individual e coletiva à inviolabilidade, à integridade, à proteção, ao respeito e à justiça.

A perspectiva teórica e filosófica que fundamentam os estudos é a materialista histórico-dialético, que permite compreender e explicar o mundo e o ser humano, partindo do pressuposto que a humanidade foi construída historicamente por meio da transformação da natureza pelo homem, processo pelo qual desenvolveu a consciência e se constituiu como gênero humano. Esta perspectiva elucida que o processo de elaboração do saber é acompanhado por vivências emocionais. Neste sentido, os sentimentos e afetos vividos pelos professores e professoras irão refletir em sua prática profissional, para o desenvolvimento de ações que se orientem para

finalidades de transformação dessa realidade. Nas pesquisas encontradas o objetivo era observar como poderia ser mediatizado esse processo de ressignificação das expectativas em relação à formação continuada de modo que os docentes pudessem se posicionar como sujeito histórico de seu processo de formação. Entende-se que os/as professores/as ao saírem das posições de vítimas e impotentes, assumem uma postura ativa no processo de formação.

Na produção de Martins (2010) destacou-se a importância de processos formativos para a construção/ reconstrução de sentidos e significados sobre violência nas escolas. O vir a ser desse processo de intervenção educativa de enfrentamento da violência dependerá de circunstâncias históricas que possibilitem às docentes novos conhecimentos sobre a violência nas escolas e, conseqüentemente, a reflexão coletiva sobre como intervir.

1.5.1.2 A violência escolar caracterizada como um fenômeno externo – família, alunos, escola etc.

Martins (2010) e Silva (2007) fazem uma crítica às reflexões sobre violência em que são enfatizados aspectos biológicos, atribuindo ao fenômeno um caráter inatista. Tais pesquisas defendem em seu aporte teórico que a violência não tem natureza inata, considerando que os indivíduos se apropriam de formas violentas de se relacionar durante o processo de desenvolvimento.

Neste sentido, algumas produções têm como objetivo, oferecer subsídios teórico-metodológicos para superação das representações cotidianas sobre violência, orientado para uma concepção crítica que auxilie o/a professor/a no enfrentamento das situações que caracterizem a violência escolar.

Nos resultados obtidos por estes trabalhos, os/as professores/as entrevistados conceituam a violência como algo inerente ao aluno ou culpabilizam a família pela formação oferecida aos educandos. Na pesquisa de Abreu (2006) os resultados mostraram que os/as professores/as percebem a violência na escola como agressividade e incivilidade por parte dos alunos.

Esta concepção está fundamentada em pressupostos biologicistas e, conseqüentemente, acreditam que, por meio da educação, a criança pode se adaptar ao contexto social. Os docentes também entendem que podem contribuir para reduzir os sofrimentos oriundos dessa realidade, bem como auxiliar na prevenção da possibilidade de envolvimento dos alunos em atos de violência.

Contudo, para os autores das pesquisas analisadas tal compreensão é insuficiente, quando se condiciona a violência como parte inerente à sociedade e, desta forma, limita-se a eficácia de alguma ação que possa erradicar ou diminuir ações consideradas violentas. Com isso, restringem-se aos indivíduos as possibilidades de autocontrole, tornando-os apenas adaptáveis às normas de convivência social.

1.5.1.3 A formação continuada e as formas de enfrentamento da violência escolar pelos professores/as

Martins (2010) discorre sobre a violência nas escolas, fazendo a relação com a formação de professores/as, apontando as dificuldades dos docentes em lidar com manifestações violentas, pela falta de preparo para estas questões na sua formação.

Ao enfatizarem os determinantes sociopolíticos do ensino, as pesquisas que discorrem das formas de enfrentamento da violência escolar pelos/as professores/as, partem da crítica, às concepções tradicionais e trazem novos elementos que contribuem para a sua superação.

Pedrosa (2011) enfatiza sobre a importância da saúde educacional como estratégia de enfrentamento da violência. Isto implica em um conjunto de ações destinadas a promover, proteger e recuperar a saúde dos integrantes do sistema educacional, neste sentido, a família, a saúde e a educação, poderão proporcionar condições para que a saúde escolar possa ser estabelecida de forma integral e eficiente.

Há pesquisas que fazem referência ao desenvolvimento de políticas públicas que proporcionem formação continuada aos docentes sobre o tema, para que os mesmos possam conhecer e colocar em prática procedimentos de intervenção, que obtiveram êxito, realizados em diferentes países e no Brasil e adaptá-los ao contexto imediato das escolas.

No trabalho de Castro (2011) os resultados da pesquisa sinalizaram para um cenário de escolas com orientação inclusiva ainda despreparadas para lidar com os desafios advindos da inclusão, sobretudo de crianças com deficiência intelectual.

Na coleta dos dados realizada com os/as professores/as algumas ações são adotadas para o enfrentamento, a prevenção e o controle da violência tais como: a integração da escola com a família e a comunidade, o apoio profissional e institucional, o diálogo para solução de conflitos, a adoção de recursos didáticos. Para lidar com a violência em seu contexto de trabalho, eles têm suas próprias estratégias; utilizam desde a busca pela amizade e diálogo com os alunos até a adoção de postura autoritária e punitiva.

Destacou-se a importância de um compromisso por parte das escolas, que seja incluso no projeto político pedagógico, enfatizando que as questões relativas a violência escolar deve ter a participação conjunta de todos os cidadãos na construção deste processo, afirmando ser um problema de ordem social e de solução complexa. Apesar das estratégias apresentadas, os/as professores/as acreditam que não se sentem preparados de forma suficiente para lidar com a temática da violência escolar, sinalizando medo, insegurança, preocupação, entre outros sentimentos, diante desta realidade.

Também é comum, dentre as formas de enfrentamento deste fenômeno, os/as professores/as utilizarem como estratégia o silenciamento e/ou a negação, quando se refere à violência doméstica sofrida pelos alunos, como forma do público (escola) não interferir no privado (família), de acordo com as pesquisas, este silêncio não é vazio ou sem sentido, ele é o indício de uma totalidade significativa. Como podemos verificar em cada momento histórico e em cada sociedade as representações e os sentimentos em relação a violência variam.

A próxima seção do texto se propõe a discutir sobre os processos que envolvem a constituição do sujeito, na perspectiva histórico-cultural.

2 A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO/A PROFESSOR/A

“[...] Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.”
(Vinícius de Moraes, 1956)

Neste capítulo discute-se a constituição da subjetividade do/as professor/a. A epígrafe que inicia esta seção refere-se ao trabalho como um instrumento de mediação da relação dialética, considerando que os objetos produzidos através do trabalho têm a finalidade de satisfazer as necessidades do trabalhador que os produziu, bem como as do conjunto da sociedade e, além disso, refletem a personalidade do homem trabalhador. O homem ao transformar a realidade exterior, transforma a si próprio, constituindo-se verdadeiramente humano.

Na proposta aqui defendida partimos do pressuposto de que o sujeito constitui suas características singulares no contexto das relações pessoais e também contribui para a constituição daqueles com os quais se relaciona. Considera-se que as relações sociais e vínculos que os sujeitos estabelecem, são fundamentais na constituição da singularidade. Portanto, é na dimensão intersubjetiva que o processo de subjetivação se torna possível, por meio de relações que envolvem diferenças e semelhanças, aproximações e afastamentos em relação ao outro.

Faz-se importante o entendimento deste processo, na medida que, tradicionalmente, existem teorias da Psicologia e da Educação caracterizadas por uma compreensão dicotômica da constituição do homem, impondo uma cisão entre fatores internos e externos, entre subjetividade (que remete a aspectos particulares de cada sujeito) e objetividade (referindo-se às características do contexto social como um todo) (ZANELLA; ROS, 2000).

A perspectiva histórico-cultural permite a compreensão do sujeito em sua integralidade, como ser historicamente produzido e ao mesmo tempo produtor da história, sendo capaz de responder às indagações concernentes à constituição e à formação da subjetividade. Considera-se que o desenvolvimento histórico-social dos sujeitos e o desenvolvimento individual do gênero humano ocorrem mediante a atividade prática sensorial. Essa premissa é defendida pelo materialismo histórico-dialético e os psicólogos soviéticos Vygotsky, Leontiev, Luria entre outros, desenvolveram seus estudos considerando a atividade como um dos princípios fundamentais no desenvolvimento do psiquismo.

As ações e sentimentos dos/as professores/as não ocorrem, necessariamente, de maneira imediata, pois as formas de lidar com diversas situações advém da subjetividade constituída a partir das relações sociais vividas, das experiências e suas significações que foram apropriadas, por meio de sua ação, de sua atividade produtiva, ao longo de sua história social, mediatizadas pelas relações com o mundo circundante e com outras pessoas, caracterizando este processo como ativo e não adaptativo como nas demais espécies, ou seja, ele contribui para a modificação do meio em que vive.

2.1 A SUBJETIVIDADE E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

A constituição do psiquismo humano foi temática principal nos trabalhos do russo Vygotsky⁵ (1896-1934). Para o autor os indivíduos se constituem em um sistema cultural dado previamente, formando uma rede de inter-relações. Por ser o sujeito compreendido em uma perspectiva social, histórica e cultural, o seu psiquismo é modificado conforme o contexto e o momento histórico no qual está inserido.

Assim, o psiquismo é formado a partir das interações que se estabelece com a sua realidade social, passando por transformações qualitativas durante todo o processo de desenvolvimento ontogênico do homem. Para Vygotsky (2000) “Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas”. No entanto, na ciência de sua época predominava a diversidade de explicações que se caracterizavam pelo reducionismo das abordagens positivistas ou naturalistas, que não abordavam as dimensões histórico-social e uma visão não dicotômica da relação sujeito-sociedade (LURIA, 1979; RIVIÈRE, 1985; WERTSCH, 1988; VYGOTSKY, 1996).

Para Zanella e Ros (2000) as críticas em relação às perspectivas inatistas e ambientalistas baseiam-se no fato destas atribuírem, na explicação da constituição das características humanas singulares, ou fatores do meio externo, desconsiderando o sujeito como ativo na constituição de sua própria história, ou fatores maturacionais, desconsiderando a complexidade de aspectos do meio físico e social.

⁵ Lev Semenovitch Vygotsky: psicólogo russo, fundador e principal representante da Teoria Histórico-Cultural. O nome de Vygotsky foi grafado de diferentes maneiras, contudo utilizaremos no decorrer do texto a grafia “Vygotsky” e preservaremos as que forem utilizadas de forma diferente nas obras citadas.

Vygotsky (1991), seguindo tendências do pensamento materialista-histórico de Marx, dentre outros, propõe que o desenvolvimento psíquico humano constitui-se como processo não desvinculado do mundo real, social e histórico do qual o sujeito está inserido, evidenciando a crise da psicologia e a proposta de um novo método que fosse capaz de assegurar a conciliação de uma cientificidade na abordagem da vida psíquica:

[...] A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana. É a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana. Até agora, conhece-se apenas um esboço deste processo (VYGOTSKY, 1991, p. 63).

Vygotsky (1991, 1993, 1996), Leontiev (1984) e Luria (1986, 1991), ao explicarem a formação do psiquismo humano, constataram que este tem uma gênese social⁶, ou seja, as funções psíquicas superiores⁷ tais como: pensamento, linguagem, consciência, atenção, memória, dentre outras, tiveram origem e se desenvolveram no decorrer da história da sociedade humana e se transformaram conforme as relações sociais, históricas e culturais estabelecidas durante este processo.

Para Luria (1986) a compreensão sobre a constituição psíquica ultrapassa os modelos essencialmente biológicos ou naturais de explicação da vida consciente do homem. De acordo com o autor é preciso conhecer as origens da vida consciente e do comportamento, nas condições externas da vida e, em primeiro lugar da vida social.

Apesar do homem possuir todas as especificidades biológicas, formadas na história evolutiva da espécie humana que permitem desenvolver a sua sociabilidade e individualidade, para que ele possa tornar-se ser humano, ele precisa interagir com outros, inserido em uma determinada cultura e sociedade. É por meio da interação social que os indivíduos interiorizam o mundo e constroem o seu psiquismo.

Em contraposição às perspectivas **naturalistas** ou **positivistas** do desenvolvimento humano, amplamente difundidas nos meios psicológicos, Vygotsky propõe a concepção **dialética** - o que o leva a procurar outros métodos que sejam coerentes com esta concepção do

⁶ O termo social é o princípio da natureza e origem sociais das *funções superiores* que constitui a marca da nova concepção de desenvolvimento psicológico que Vygotsky introduz em psicologia (PINO, 2007).

⁷ Funções psicológicas superiores são funções caracteristicamente humanas, que nos diferenciam das demais espécies. Portanto, o conceito de função psicológica superior “[...] está constituído pelos processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: o idioma, a escrita, o cálculo, o desenho; em segundo lugar, está constituído pelos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas nem determinadas de nenhuma forma precisa e que tem sido denominadas pela psicologia tradicional com os nomes de atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos etc.” (VYGOTSKI, 1987, p. 32).

desenvolvimento (PINO, 2000). O referencial proposto pelo autor defende que os aspectos fisiológicos e psíquicos não estão relacionados de maneira dicotômicas que interagem, mas fazem parte de um mesmo processo histórico que os constitui.

[...] [a psique] é uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada de nosso cérebro. Assim como a própria natureza, não tem sido criada, pois tem surgido em um processo de desenvolvimento. Suas formas embrionárias estão presentes desde o princípio: na própria célula viva se mantém as propriedades de mudar sob a influência de ações externas e de reagir a elas (VIGOTSKI, 1991, p. 99-100).

Seguindo o referencial marxista, Vygotsky supera as concepções dualistas sobre o desenvolvimento humano e a construção de conhecimento pelo homem, propondo um avanço no entendimento da psicologia que até então fragmentava o ser humano oscilando entre o sujeito e objeto, natureza e homem, privilegiando um ou outro para compreender e explicar a forma como o homem conhece e se desenvolve. Vygotsky apresenta uma perspectiva dialética do desenvolvimento humano, em que o sujeito transforma e é transformado a partir das relações sociais que ele estabelece no meio em que vive.

Neste sentido, somente é possível pensar nas relações que se efetivem entre os sujeitos, se os considerá-los ativos em um determinado contexto e sendo influenciados por este. Assim, as subjetividades se formam a partir de determinantes estruturais e por singularidades e aquilo que se produz nas relações entre os sujeitos que são estabelecidas no meio social, também é a expressão de valores culturais internalizados no processo de socialização.

A subjetividade é um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. ix).

O ser humano não se torna de modo espontâneo um ser social como competências sociais afetivas. Para isso, é preciso que as novas gerações interiorizem as disposições que as humanizam, tornando-as indivíduos sociais, por meio do processo de socialização (BELLONI, 2007).

Portanto, não somos sujeitos naturalmente sociais, ou seja, nossa sociabilidade é artificial, construída por regras e normas já legitimadas e que constituem a consciência, orientando as formas de se relacionar e de se organizar em sociedade. As formas de

sociabilidade humana, das mais simples, das sociedades primitivas às mais complexas das sociedades contemporâneas, caracterizam as produções culturais.

Na medida em que as relações sociais são estabelecidas, os indivíduos interagem de forma ativa, tomando posições, fazendo novas interpretações, ou seja, participando criativamente de um processo cultural em determinada época histórica.

A apropriação⁸ da cultura tem um papel fundamental no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, pois faz com que os indivíduos se apropriem da natureza, produzindo suas formas de viver e organizar-se socialmente, modificando a atividade das funções psíquicas.

No processo de desenvolvimento histórico, o homem como um ser social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funcionais e produz novas formas de comportamentos especificamente culturais (VYGOTSKY, 2000).

A cultura pode ser definida inicialmente, como um conjunto de hábitos, instrumentos, objetos de arte, tipos de relações interpessoais, regras sociais e instituições em um dado grupo. Ela também é compreendida como a totalidade das produções humanas (técnicas, artísticas, científicas, tradições, instituições sociais e práticas sociais).

As produções culturais reúnem os elementos criados artificialmente pelo homem, em contraposição ao que é dado pela natureza. Para Vygotsky (1997) a cultura pode ser definida como “um produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem”.

Essas formas de organização social são produtos do homem e que, portanto, não são mais regidas, exclusivamente por processos naturais, mas por determinantes caracterizados por sua natureza histórica, independentemente das condições em que elas tiveram origem.

Assim, a natureza humana ou cultural dos homens determina a maneira como eles se organizam enquanto seres sociais, criando os princípios, regras, normas ou leis, que delimitam e estabelecem as formas de organização social, considerando que os grupos sociais não é um todo homogêneo, mas é constituído por indivíduos que possuem diferentes interesses e suas relações interpessoais são atravessadas por conflitos.

Neste sentido, a condição de humanização das pessoas resulta das complexas relações sociais que estão inseridas e das quais participam de maneira ativa.

⁸ Para Smolka (2000) o termo apropriação além de se referir a tornar próprio, tornar seu, possui também outro significado, relacionado a noção elaborada por Marx e Engels, na qual tornar próprio implica fazer e usar instrumentos, numa transformação recíproca de sujeito e objetos, constituindo modos particulares de trabalhar/produzir. Assim a questão da apropriação, não está estritamente ligada ao construto de internalização, mas relacionada principalmente ao problema da significação.

2.2 A IMPORTÂNCIA DOS SENTIDOS E SIGNIFICADOS NOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS E NO DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE HUMANA

As formas humanas de organização social, são produtos da atividade do homem, que transforma seu meio para satisfazer as suas necessidades básicas, transformando-se a si mesmo em um processo dialético. Assim as condições de humanização resultam das complexas relações sociais em que se inserem e das quais ativamente participam.

Para a Teoria Histórico-Cultural é por meio da atividade humana que o ser humano modifica o contexto social no qual está inserido e nesse processo constitui a si mesmo como sujeito, ou seja, constitui o seu psiquismo. O conhecimento, nesta perspectiva, resulta da atividade dos homens (ou trabalho social, no referencial marxista), a qual se caracteriza por ser social, instrumental e produtora.

Desta forma, a história do desenvolvimento da sociedade e do ser humano está associada às transformações da atividade humana, adquirindo avanços qualitativos no modo de apropriação da realidade e na forma como se estabelecem as relações sociais. De modo particular, o ser humano a fim de garantir sua existência, precisa modificar a natureza para atender às suas necessidades e essa transformação ocorre por meio do trabalho.

A distinção entre a atividade humana e a atividade realizada por outras espécies é que aquela, além de ser socialmente planejada, ou seja, orientada por um objetivo, também faz uso dos instrumentos de mediação e se materializa em um produto social. Assim, ela é caracterizada pela integração das ações e operações dos seus participantes (LEONTIEV, 1978), tanto os instrumentos produzidos para realizá-la quanto o produto dela resultante são socializáveis, ou seja podem ser usados pelos outros. Segundo Duarte (2002) o conceito de atividade usado tanto por Leontiev quanto por Vygotsky supõe estar relacionado ao conceito de trabalho humano.

[...] O trabalho é, para Marx, uma atividade que distingue o ser social do ser natural, isto é, define a especificidade do ser humano como um ser histórico, social e cultural, por possuir estas três características: a de ser uma atividade conscientemente dirigida, por uma finalidade previamente estabelecida na consciência, a de ser uma atividade mediatizada, pelos instrumentos e a de ser uma atividade que se materializa em um produto social, um produto que não é mais um objeto inteiramente natural, um produto que é uma objetivação da atividade e do pensamento do ser humano (DUARTE, 2000, p. 208).

O trabalho, na perspectiva marxista, é considerado ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas. Assim, a essência do homem não é dada de modo natural e sim produzida pela própria humanidade em um processo histórico.

A atividade humana, mediada por instrumentos de natureza material (ferramentas) e representacional (signos), permite ao homem constituir-se na sua singularidade, contribuindo para a formação das funções psicológicas superiores. Por sua vez, tanto as ferramentas quanto os signos são produzidos pelos próprios homens e apropriados no contexto das interações sociais (ZANELLA; ROS, 2000).

Os signos, enquanto instrumentos psicológicos produzidos socialmente, referem-se a “[...] dispositivos sociais para o domínio dos processos próprios ou alheios” (VYGOTSKY, 1991, p. 65). A mediação do signo, permite que os processos psíquicos se reorganizem e regulem a conduta humana. Por meio dos signos, a ação humana pode ser planejada dentro da cultura, na medida que os indivíduos podem regular suas vontades e assim, estabelecer relações qualitativamente diferenciadas da realidade.

Apesar dos signos e das ferramentas apresentarem em comum a função mediadora, Vygotsky estabelece alguns aspectos de divergência entre eles, considerando as orientações distintas no processo de mediação:

[...] Por meio da ferramenta o homem influi sobre o objeto de sua atividade; a ferramenta está dirigida para fora: deve provocar determinadas mudanças no objeto. É o meio da atividade exterior do homem, orientado a modificar a natureza. O signo não modifica nada no objeto da operação psicológica; é meio do qual se vale o homem para influir psicologicamente, seja na sua própria conduta seja nas dos demais; é um meio para sua atividade interior, dirigida a dominar o próprio ser humano: o signo está orientado para dentro (VYGOTSKY, 1983, p. 94).

A atividade é instrumental, ou seja, ela é sempre mediada por instrumentos e estes são criados pelos homens em função da natureza das ações por eles planejadas. Como vimos, estes instrumentos podem ser técnicos, produzidos de modo a modificar a natureza ou a realidade material, ou semióticos – sistema de signos - utilizados pelos seres humanos na comunicação com os outros os quais se relacionam e para a representação da realidade (VYGOTSKY, 1991).

Assim como o indivíduo, ao longo de seu desenvolvimento histórico, exerce influência e controla a natureza pela criação e uso de instrumentos, estes promovem mudanças significativas na formação interna do próprio indivíduo, ou seja, na sua constituição psíquica. Este processo explica a relação dialética entre a atividade externa e interna que constitui o desenvolvimento psíquico humano.

Vygotsky (1991) explicita elementos que podem indicar uma relação entre os signos e a capacidade de resolução de determinados problemas, o que diferencia significativamente o homem das demais espécies:

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, “a planejar uma solução para um problema antes de sua execução” e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas (VYGOTSKY, 1991, p. 38).

O processo de humanização decorre quando o sujeito se apropria dos mediadores construídos na sociedade e dos conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo de seu desenvolvimento social e histórico. “Cada indivíduo *aprende* a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 2004, p. 285, grifo do autor).

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. [...] Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (LEONTIEV, 1978, p. 282-283).

A apropriação é mediatizada pelas relações que são estabelecidas com o mundo e com outros indivíduos, caracterizada por um processo essencial ao desenvolvimento do ser humano. As aquisições humanas, não se constituem em heranças biológicas, mas são objetos externos da cultura material e intelectual, que são transformadas e incorporadas por meio da ação, ou seja, da atividade produtiva.

De acordo com Leontiev (1978), o processo de objetivação consiste na encarnação, nos produtos da atividade dos homens, das suas forças e faculdades intelectuais. É por meio da atividade humana que os objetos são apropriados e produzidos pelos indivíduos, nas relações estabelecidas entre si no processo de comunicação.

A atividade física ou intelectual dos seres humanos transfere-se para os produtos dessa atividade. Aquilo que antes eram faculdades dos seres humanos se torna, depois do processo de objetivação, características por assim dizer ‘corporificadas’ no produto dessa atividade, o qual, por sua vez, passa a ter uma função específica no interior da prática social (DUARTE, 2005, p. 33).

Toda produção humana está relacionada com a sua prática social, bem como com o significado dado ao que foi produzido, ou seja, à sua função social. “O processo de objetivação da cultura humana não existe sem o seu oposto e ao mesmo tempo complemento, que é o processo de apropriação dessa cultura pelos indivíduos” (DUARTE, 2005, p. 34).

Ao apropriar-se da atividade, o sujeito apropria-se da história humana e transforma a realidade. Assim, o ser humano se constitui a partir da dialética da objetivação/subjetivação, apropriando-se dos significados produzidos de modo coletivo, tornando-os singulares.

Ao longo da história, o ser humano vai acumulando e fixando formas de realizar determinadas atividades, de compreender a realidade, de interação social, de se comunicar, de atribuir sentidos diversos ao socialmente estabelecido, delineando modos de agir, pensar e sentir, circunscrita nas condições sócio-históricas do contexto que se insere. O significado, é portanto, a generalização e a fixação da prática social humana, objetivada nos instrumentos, na linguagem, nas relações entre as pessoas e em outras produções culturais.

A possibilidade de o sujeito atribuir sentidos diversos ao socialmente estabelecido caracteriza-o como autor e produtor da história. A consciência humana faz uma relação entre o significado e o sentido da ação. Leontiev (1978 apud DUARTE, 2005. p. 36) preocupa-se com essa relação e para ele, “[...] o sentido da ação é dado por aquilo que liga, na consciência do sujeito, o objeto de sua ação (seu conteúdo) ao motivo da mesma”.

Quando a relação entre o significado social e o sentido pessoal não ocorre, persiste uma condição de alienação do sujeito em relação a sua atividade. Leontiev (1983) em suas reflexões sobre o sentido e significado relaciona-os com o desenvolvimento produtivo da sociedade. Para o autor, nas sociedades primitivas, período em que não havia a divisão social do trabalho e relações que explorassem a mão de obra, havia um vínculo entre o sentido e o significado das ações.

Contudo, na sociedade capitalista, as novas relações trabalhistas evidenciam uma cisão entre o significado da ação do trabalhador e o sentido pessoal que essa ação tem para si, caracterizando assim, a alienação da atividade, ou seja, um distanciamento entre o conteúdo da ação com o motivo pelo qual o indivíduo age.

Penso que tanto para o indivíduo como para a sociedade ocorre essa ruptura entre o significado e o sentido da ação. Se considerarmos o significado como sendo o conteúdo da ação e o sentido como sendo as ligações entre esse conteúdo e o conjunto da atividade, a *primeira cisão* que aparece é de fato, como analisou Leontiev, aquela entre o conteúdo da ação do operário e o sentido que essa ação tem para o próprio operário. Acontece que também para a sociedade o trabalho do operário apresenta uma cisão entre o conteúdo e o sentido [*segunda cisão*]. Como estamos falando de uma sociedade capitalista, o sentido que a atividade do operário tem é o de parte necessária do processo de reprodução do capital, ou seja, o sentido é dado pelo valor de troca da força de trabalho (DUARTE, 2004, p. 58, grifo nosso).

Assim, a dissociação entre o sentido e o significado do trabalho não ocorre apenas para operário em si, mas também ocorre para a sociedade. “Na verdade, o sentido pessoal que o

trabalho tem para o operário é uma consequência do sentido que esse trabalho tem para a sociedade capitalista” (DUARTE, 2004, p. 58).

Para Marx (1984, p. 156), o trabalho influenciado por relações de dominação, impõe-se aos indivíduos como um meio de existência, ou seja, uma atividade que tem como sentido somente, garantir a sobrevivência física. Entretanto, segundo o autor, a atividade vital humana é fundamental tanto para prover as condições materiais de existência, quanto engendradora da vida genérica do homem. Neste sentido, o trabalho além da função provedora dos meios necessários para a existência física, também é responsável pela humanização ou autocriação do gênero humano, através da objetivação.

O trabalho alienado, além de negar aos indivíduos o desenvolvimento de novas capacidades, também não proporciona o espaço para novas criações de acordo com as necessidades que caracterizam o contexto no qual se insere. Esta ausência de sentido, também reduz o valor conferido ao trabalho, tido como algo exterior ao trabalhador, como um simples meio de existência. Para Heller (1992, p. 38) “existe alienação quando ocorre um abismo [...] entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção”.

Em relação ao docente, o significado do seu trabalho é construído pela finalidade da ação de transmitir conhecimentos, ou seja, pelo seu objetivo e pelo conteúdo da atividade efetivada por meio do planejamento consciente do professor, considerando as relações que estes estabelecem por meio de suas atividades, em suas condições concretas, seus motivos e sentimentos.

Para compreensão do significado do trabalho docente, é preciso evidenciar as relações mediatizadoras que envolvem este processo. As relações sociais estabelecidas entre os indivíduos pela linguagem e pelo trabalho que executam permitem a apropriação das significações sociais. A significação social do ensinar somente poderá se concretizar, à medida que tiver um sentido pessoal para o professor.

O termo sentido pessoal, utilizado pela teoria da atividade, não tem relação com o idealismo subjetivista, ou seja, não é atribuído ao sujeito a responsabilidade pelo seu contexto social, mas relaciona-se com as condições objetivas que têm afetado o exercício do trabalho docente, muitas vezes, dissociado do seu conteúdo.

A ruptura entre sentido e significado tem como uma de suas consequências o cerceamento do processo de desenvolvimento da personalidade humana. Isso ocorre porque o indivíduo, por vender sua força de trabalho e, em decorrência disso, ter o sentido de sua atividade como algo dissociado do conteúdo da mesma, acaba distanciando o núcleo de sua personalidade da atividade de trabalho (DUARTE, 2005, p. 37).

É importante considerar o caráter social das atividades humanas, bem como as relações de dominação e os processos de alienação historicamente produzidos. O trabalho do professor será alienado, quando o seu sentido não estiver correspondendo ao significado dado pelo conteúdo efetivo dessa atividade previsto socialmente, ou seja, quando o sentido pessoal for desassociado de sua significação.

Se o trabalho para o professor tiver apenas a função de prover o seu sustento e garantir sua sobrevivência, trabalhando somente pelo salário e pressões mercadológicas, desconsiderando a importância da sua participação na produção das objetivações, na perspectiva da genericidade, da busca pelo aprimoramento cultural próprio e dos discentes, haverá um rompimento entre o sentido do trabalho e o seu significado social.

Este significado do trabalho docente exerce a função mediadora entre o discente e os instrumentos culturais que serão apropriados, buscando o domínio do que já foi produzido e a transformação de modo a atender à nova dinâmica de relações e práticas sociais que caracterizam o contexto no qual se insere. O desencontro entre o sentido pessoal e o significado social poderá despersonalizar e descaracterizar a prática educativa escolar. A transmissão de conhecimentos pelo docente somente será efetiva, se houver um vínculo significativo com o trabalho, se houver uma necessidade e um motivo que impulsiona a realizar esta atividade.

O significado atribuído socialmente, está relacionado aos fenômenos construídos historicamente, ou seja, aquilo que já se encontra legitimado na sociedade e que foi produzido pela humanidade. Apropria-se ou não dessas significações depende do sentido pessoal que isto tem para o sujeito, se tem relação com sua atividade, com seu trabalho. Portanto, é salutar considerar o contexto da prática social do professor e como este estabelece suas relações no exercício do seu trabalho.

O exercício da docência, como também a maioria das atividades humanas, ocorre de modo coletivo. Assim, analisar como essas relações sociais são estabelecidas é fundamental, pois são formas de apropriação das experiências sociais, em um constante processo educativo, que pode ocorrer consciente e outras vezes inconsciente, direta ou indireta, intencional ou não intencional.

Alguns desafios enfrentados pelos docentes tais como a imprevisibilidade, a globalização, as inovações tecnológicas, a instabilidade, os desgastes psicológicos, emocionais e físicos, a crise de valores, a violência, provocam de certo modo, mudanças no sentido que a atividade docente tem para o professor e o trabalho executado passa a não fazer parte de sua natureza humana.

O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato de, logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga (MARX, [19--?] apud FROOM, 1979, p. 93).

Neste sentido, o docente acaba alienando a si mesmo, na consecução de sua atividade docente, quando permanece na profissão apenas para atender as necessidades e exigências mercadológicas, se tornando algo externo a sua natureza e por conseguinte, não se realizando no seu trabalho, negando-se a si mesmo. O trabalho executado pelo professor nestas condições é demonstrado como não sendo trabalho dele mesmo, mas trabalho de outro, para outro. O desafio no campo da profissionalidade docente consiste na superação de um trabalho docente alienado, exercendo sua autonomia, exercendo a profissão como uma prática social emancipatória. Todavia, quando o trabalho se torna alienante poderá acarretar consequências inclusive na saúde física ou mental dos indivíduos. Silva (2007, p. 8) analisa os impactos da alienação no plano subjetivo:

Em alguns casos, qualquer um desses processos de alienação pode levar o indivíduo a um processo de sofrimento e adoecimento em decorrência da atividade ocupacional. O sofrimento psíquico ocupacional é uma descompensação provocada pela organização do trabalho, o adoecimento se refere ao comprometimento físico e/ou mental de natureza patológica, que pode ser caracterizado e diagnosticado clinicamente. Dependendo da forma como o indivíduo enfrenta seu adoecimento, este pode acarretar sofrimento psíquico, principalmente quando o primeiro limita o indivíduo de fazer determinadas atividades e/ou ações.

A escola, apesar de ser reconhecida como um espaço para transmissão e aquisição de conhecimentos e de socialização, cujo professor tem uma participação relevante nestes processos, também pode ser um lugar de conflitos e de violência interpessoal. As relações estabelecidas no contexto escolar podem evidenciar comportamentos agressivos entre professores/as, alunos e demais funcionários, apresentadas por ações diretas (agressão física ou sexual) e indiretas (agressões emocionais: impor apelidos, insultos, atitudes preconceituosas) que encobrem uma relação desigual de poder. Quando estes comportamentos são direcionados contra o docente pode suscitar sentimentos de medo, incapacidade e inferiorização, prejudicando-o nas suas relações e atividade docente.

Assim, as relações e as vivências que o docente estabelece conferem sentido a sua prática profissional, bem como dirigem suas condutas no meio em que vive. Portanto, a violência dirigida ao professor certamente influencia a maneira como ele pensa, sente e age frente à realidade que o cerca.

Para Vygotsky (2001), o conceito de sentido é produzido nas práticas sociais, através de relações estabelecidas entre a constituição do universo psicológico do indivíduo e suas experiências. Smolka (2004, p. 12) afirma em relação aos sentidos que:

Eles [os sentidos] vão se produzindo nos entremeios, nas articulações das múltiplas sensibilidades, sensações, emoções e sentimentos dos sujeitos que se constituem como tais nas interações; vão se produzindo no jogo das condições, das experiências, das posições, das posturas e decisões desses sujeitos; vão se produzindo numa certa *lógica* de produção, coletivamente orientada, a partir de múltiplos sentidos já estabilizados, mas de outros que também vão se tornando possíveis.

O indivíduo constrói a sua subjetividade ao dar sentido aos objetos, normas, valores, atitudes, papéis sociais, experiências, atividades profissionais, e outros, construindo um modo próprio de ser no mundo. Portanto, quando existe uma carência de sentido atribuída a atividade docente seja pelo acúmulo de exigências sobre a sua atividade ou mesmo pelos conflitos e tensões vivenciados no seu cotidiano, o docente fica susceptível de sentir-se desamparado e impotente frente às dificuldades.

Em síntese, considera-se que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores por meio das interações sociais que os indivíduos estabelecem entre si e promovidas nas atividades humanas em geral, está diretamente relacionada à superação da alienação e que a apropriação do conhecimento elaborado historicamente, como parte da produção humana realizada pelos sujeitos, seja um importante elemento para que este processo se concretize na sociedade. No entanto, considera-se que somente a partir de grandes transformações de ordem político-econômica é que a produção humana, estará acessível e poderá ser apropriada pelos sujeitos, permitindo a eles uma condição ativa que o permita realizar modificações no meio em que vive e ser transformado por este em um processo histórico e dialético.

2.3 A SUBJETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO DOCENTE

Em uma perspectiva que, fundamentada no enfoque histórico-cultural, privilegia uma visão que integra os aspectos sociais e individuais, González-Rey⁹ (2001, 2003, 2005) busca recuperar a pessoa na condição de sujeito, com o propósito de superar a tendência dicotomizada da psique humana, do qual o conceito de subjetividade esteve relacionado na psicologia clássica, desvinculada dos processos sociais e associada apenas à dimensão intrapsíquica.

A esfera social era desconsiderada nas discussões sobre a organização desses mesmos processos e os indivíduos não eram reconhecidos como sujeitos, ou seja, com possibilidades de criar alternativas diversas no percurso da sua história e produzir novos sentidos. Conforme explica Gonçalves (2001a, p. 48) “Tratava-se de uma subjetividade natural, constituída de maneira individual no enfrentamento da objetividade”.

A dialética no contexto da psicologia permitiu uma nova abordagem do sujeito e a construção de uma compreensão inovadora em relação aos fenômenos sociais e psicológicos. Para González-Rey (2003, p. 75) “A dialética favorece superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade, assim como a dicotomia entre externo e interno, ao explicar que os sistemas evoluem à mercê das próprias contradições geradas por eles, e não por influências externas”. A psicologia histórico-cultural, ao romper com a lógica dicotômica da psicologia clássica, permitiu a articulação entre individual e social, entre cognição afetividade, mundo psíquico e mundo cultural.

O uso das categorias dialéticas na psicologia e, em particular, no desenvolvimento da teoria da subjetividade, amplia o entendimento do próprio objeto da psicologia enquanto ciência, ou seja, a psique já não é mais um objeto passível de ser isolado e analisado. Portanto, para compreendê-la é preciso apreendê-la em sua totalidade, considerando a sua complexidade¹⁰, seus elementos de contradição, seu movimento histórico e suas relações com o mundo social.

Na compreensão do processo de constituição subjetiva, é importante ressaltar que o sujeito que se constitui como professor, situa-se em tempo e em lugar definidos, inseridos em

⁹ Ressalta-se que González-Rey (2012) em seus estudos contemporâneos sobre a subjetividade, faz um contraponto à teoria da atividade, proposta por Leontiev (1978) e citada por Duarte (2005) onde, segundo o autor, foi caracterizada pela ausência da questão da subjetividade como sendo uma omissão importante da teoria. Para o autor, a teoria da atividade considera a compreensão objetiva da psique como reflexo do externo, ou seja, ele se contrapõe às posições que consideram o social como algo objetivo e externo às pessoas, enfatizando principalmente o caráter simbólico dos processos sociais nas condições da cultura.

¹⁰ Assim, diferentemente de complicação – no sentido de emaranhado, difícil de compreender, complexidade constitui um modo de compreender a realidade no qual é reconhecido o caráter desordenado, contraditório, plural, recursivo, singular, indivisível e histórico que a caracteriza (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2005, p. 4).

um contexto social, e mais especificamente, perpassa este processo constitutivo em uma escola. Esta é, por sua vez, uma instituição social e historicamente legitimada, sendo também um lugar de vivências, de conflitos, de inúmeras experiências pessoais, entre elas a docência. O sujeito professor constitui-se na relação com o outro, em que docência e discência fazem parte de um mesmo processo formativo e constitutivo de sujeitos históricos.

González-Rey (2003) afirma que, tornar-se sujeito implica em processo de subjetivação, ou seja, de constituir-se subjetivamente enquanto ser histórico e social, ativo, produtor de sentidos e significados acerca das suas vivências pessoais e sociais. Assim, a subjetividade é considerada processual, histórica e dialética, pois é formada nas relações que os indivíduos estabelecem ao longo de sua história, nos sentidos que atribuem, nos afetos suscitados nas relações com o outro, sendo constituída ao mesmo tempo, pelo grupo social e também dele constituinte.

Neste sentido, a categoria subjetividade não está relacionada como algo inerente ao indivíduo, ou seja, ela se define pela natureza dos processos envolvidos, considerando a complexa relação do histórico e do momento presente que constituem os diferentes períodos dos sujeitos em suas relações sociais e na forma que adquirem sentido e significado a partir desta relação.

A constituição da subjetividade ocorre a partir dos processos dinâmicos envolvidos, como produto de uma série de sentidos que se articulam na história do indivíduo e nas condições concretas dentro das quais este sujeito atua no momento (SCOZ, 2008).

Os sujeitos produzem sentidos durante a sua história de vida, bem como em suas diferentes atividades e formas de relação que estabelecem em seu convívio social. As vivências e as relações estabelecidas pelo professor, constituem sua subjetividade, na configuração da escola contemporânea, refletida diretamente na sua metodologia de ensino, no acolhimento aos discentes, na postura em sala de aula, nos modos de enfrentamento das situações de tensão e conflitos comumente vivenciados.

Considerando a análise do sujeito a partir da perspectiva histórico-cultural, o processo de constituição do professor ocorre de acordo com as vivências e as relações desse profissional no cotidiano de sala de aula (GONZÁLEZ-REY, 2005).

Dessa forma, é possível construir um olhar diferenciado sobre a constituição da subjetividade docente, mediante as vivências e as relações que são construídas no exercício de sua atividade. Nesta perspectiva, o professor já não é abordado como vítima ou culpado nos processos educativos, mas como sujeito histórico, ativo e participante da construção de sua subjetividade.

Ao analisar a realidade docente é preciso considerá-lo como profissional de uma ocupação complexa, e não apenas como técnicos das diferentes áreas do conhecimento. Conforme explica Oliveira-Formosinho (2002, p. 10):

Reconheceu-se que os professores são profissionais de uma atividade cognitiva complexa que, por se basear em conhecimentos e técnicas, está sujeita às mudanças resultantes de evoluções rápidas desses conhecimentos e técnicas; reconheceu-se que os professores são profissionais de uma atividade comunicativa baseada no domínio da informação, que, por si mesmo (e paradoxalmente), se torna mais complexa numa sociedade de informação; reconheceu-se que os professores são profissionais de atividade relacional que é inevitavelmente mediada pela pessoa do professor, o que conduz que a profissão viva entre a pessoa e o profissional.

O docente, perpassado pela história, pela cultura, pelo tempo e pelo espaço em que vive, deve ser entendido em relação dinâmica e complexa com a sociedade e, mais especificamente, com o ambiente escolar, apesar de ser constituído por um processo complexo e multideterminado, ele é capaz de transformar a realidade e produzir novos sentidos.

Segundo González-Rey (2003), o sujeito se torna ativo quando possui capacidade pensante e reflexiva, ou seja, o sujeito produz sentidos por meio dos pensamentos e este é um dos elementos essenciais no desenvolvimento de sua capacidade para alcançar rupturas. Ao pensar criticamente o sujeito poderá gerar novos sentidos, que contribuem para modificações neles mesmos e nos espaços sociais em que atuam.

A subjetividade é construída por meio dos diferentes sentidos que os sujeitos produzem na condição singular em que se encontram durante as suas trajetórias de vida e em suas diferentes atividades e formas de relações que estabelecem com o meio social. González-Rey (1998a, p. 33) afirma que o social e o individual são dois momentos que fazem parte deste processo:

As subjetividades social e individual constituem dois níveis que se integram na definição qualitativa do subjetivo e, ao mesmo tempo, representam momentos constantes de tensão e contradição que atuam como força motriz do desenvolvimento em ambas instâncias da subjetividade.

A subjetividade individual é formada a partir da própria história de cada indivíduo dentro de um contexto social. Ela se produz em espaços sociais constituídos historicamente em que os sujeitos influenciam e são influenciados por eles. Neste sentido, no princípio de toda a subjetividade individual estão os espaços constituídos de uma determinada subjetividade social, que antecede a organização do sujeito psicológico concreto, que se apresenta em sua

ontogenia como um momento de um cenário social constituído no curso de sua própria história (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 205).

Sobre o processo de constituição, Loyola (2002, p.112), esclarece que a subjetividade individual “se constrói não como internalização do social, mas como constituição subjetiva individual, o que ressalta seu caráter de mediação e não linearidade entre um âmbito e outro”. Os aspectos singulares dos sujeitos constituem os processos de sentido na subjetividade individual.

A pessoa constitui o social e é constituída por ele, não é caracterizada por uma relação de determinação social, tampouco a subjetividade individual se revelará por estar potencialmente presente. Esta se constitui a partir dos desdobramentos dos sentidos subjetivos que se integram em configurações subjetivas na história da pessoa e em seus contextos atuais, ou seja, é sistema formado por sujeitos concretos e se constitui neles, os sujeitos têm influência constante na sua organização por meio da sua ação nos espaços sociais que se configura subjetivamente (GONZÁLEZ-REY, 2004b).

Em relação à subjetividade social, González-Rey (1996, p. 99-100) destaca a dinâmica dos elementos que constituem este processo. Assim, ela se apresenta como:

[...]sistema de configurações (grupais ou individuais) que se articulam nos distintos níveis da vida social, implicando-se de forma diferenciada nas distintas instituições, grupos e formações de uma sociedade concreta. Estas formas tão dessemelhantes, guardam complexas relações entre si e com o sistema de determinantes de cada sociedade concreta, aspectos que devem ser integrados e explicados.

A subjetividade social não é reprodução dos diferentes espaços sociais, mas sim produção simbólica e de sentido subjetivo que caracteriza a vida das pessoas que circulam nesses diferentes espaços sociais.

O posicionamento do/a professor/a como sujeito no processo educacional está relacionado não apenas com a organização de seus processos na subjetividade individual, mas também com os aspectos da subjetividade social. Todo processo individual se caracteriza por meio de discursos, representações sociais e outras práticas da sociedade. Diante disso, a subjetividade é considerada uma produção, tanto de indivíduos como de espaços sociais, construída pelas práticas sociais mediadas por uma cultura. As diferentes práticas e relações sociais, são formadas por uma organização simbólica, que permite a comunicação e o compartilhar de conhecimentos entre os indivíduos.

3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO INVESTIGATIVO

“Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular.” (MINAYO, 2000, p. 25).

Este capítulo tem como objetivo descrever os aportes e procedimentos teórico-metodológicos que orientaram a investigação para análise e compreensão dos relatos de professores e professoras, que presenciaram ou não, situações de violência, bem como os elementos significativos que envolvem a construção de suas representações sociais sobre a violência escolar. Nele foram descritos os procedimentos e técnicas que envolveram a coleta, a organização e a análise dos dados.

Como referencial teórico recorreu-se a Teoria Histórico-cultural e a Teoria das Representações Sociais. Embora distintas em suas origens epistemológicas, apresentam aproximações que possibilitam compreender o homem como um ser sócio-histórico-cultural que se constitui e é constituído nas relações sociais.

Estas perspectivas superam os dualismos existentes na Psicologia clássica sobre o desenvolvimento humano e a construção de conhecimento pelos sujeitos que oscilava entre sujeito e sociedade, particular e universal, natural e social, externo e interno, propondo um avanço no entendimento da psicologia, ao considerar o conhecimento construído como processo que envolve as questões sociais, culturais e históricas de cada sociedade, incluindo os aspectos subjetivos implicados na construção desse saber. Estas duas perspectivas teóricas consideram que os processos individuais e sociais não são excludentes, pelo contrário, são processos recíprocos de constituições subjetivas. Para Banchs (2002), tanto a Teoria Histórico-cultural quanto a Teoria das Representações Sociais partem de uma premissa dialética, uma vez que em ambas os fenômenos sociais não são estáticos, mas sim, fenômenos em processo de mudança.

Assim, para as respectivas teorias o sujeito é constituído nas relações sociais, contrapondo-se às abordagens que priorizam de um lado o biológico e de outro o social, para compreender e explicar a forma como o as pessoas conhecem e se desenvolvem.

Ambas sustentam a perspectiva de que, o desenvolvimento humano e as experiências formativas são sociais, ou seja, o processo formativo é compreendido na dimensão social e histórica do psiquismo. Isto implica que os sujeitos se constituem em relação com seu meio social e cultural e que também constroem este meio em que vivem.

Nas próximas seções pretende-se abordar alguns aspectos elementares da teoria Histórico-Cultural e alguns princípios metodológicos defendido por Vygotsky e seus seguidores, advindos do método materialista dialético.

A perspectiva delineada por Vygotsky e seus colaboradores define o desenvolvimento psicológico humano como um processo subjetividade e histórico e de natureza cultural em que o sujeito se apropria dos elementos culturais, a fim de possibilitar os recursos necessários para a sua existência, tais como os instrumentos, as técnicas e as ideais que podemos chamar de cultura.

A seguir será apresentada a organização da pesquisa, revelando os diferentes procedimentos metodológicos utilizados para a apreensão da realidade investigada na forma de dados. Será realizada a caracterização da pesquisa, com a descrição dos sujeitos participantes e dos respectivos lugares em que ela foi realizada.

O estudo proposto é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, que visa compreender a constituição da subjetividade do sujeito e sua construção de conhecimento mediante uma realidade plurideterminada, interativa, histórica, ou seja, a constituição do docente e suas concepções sobre o fenômeno da violência escolar, que vão delinear suas falas, ações e atitudes frente a violência na escola, portanto, revelar suas representações sociais.

A pesquisa também é caracterizada pelo seu aspecto explicativo, por se pretender identificar e analisar as representações sociais que professores e professoras possuem sobre a violência no contexto escolar. Com a análise das representações sociais é possível identificar elementos que podem vislumbrar explicações sobre comportamento social, pois este se manifesta em palavras, sentimentos e condutas nas interações sociais.

Decorrente da perspectiva teórico-metodológica adotada neste trabalho e considerando a revisão bibliográfica realizada, surgiram indagações sobre os fatores e motivos de ainda existir um número relevante de professores/as vivendo em cotidianos permeados das diversas formas de violência.

Apesar do conhecimento acerca dos elementos e processos que engendram a essência da violência que ocorre no ambiente escolar, ela ainda se perpetua socialmente ameaçando a integridade física, moral e psicológica dos participantes da vida escolar. Os questionamentos

apresentados na introdução deste estudo, delinearão a estruturação da presente pesquisa que investiga as representações sociais sobre violência escolar pelos docentes.

3.1 A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Na perspectiva da Psicologia histórico-cultural a concepção de sujeito fora ampliada, superando a dicotomia razão-realidade, sujeito-objeto presentes na modernidade, pois concebe a ação historicamente construída do sujeito transformando o objeto e o próprio o sujeito.

A concepção de método inclui a noção de historicidade, ou seja, entende-se que os pressupostos que embasam um método são produzidos historicamente, expressando questões concretas presentes na vida material dos homens (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001, p. 113).

Os princípios metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, se desenvolveram a partir do método materialista histórico dialético, e são fundamentais à investigação e análise das informações coletadas nesta pesquisa. Para a compreensão dos procedimentos metodológicos utilizados faz-se importante entender o conceito do método, utilizado para a interpretação e fundamental para obtenção dos resultados no processo investigativo:

O método é um meio de obtenção de determinados resultados no conhecimento e na prática. Todo método compreende o conhecimento das leis objetivas. As leis interpretativas constituem o aspecto objetivo do método, sendo o subjetivo formado pelos recursos de pesquisa e transformação dos fenômenos, recursos esses que surgem com base naquelas leis. Por si mesmas, as leis objetivas não constituem o método; tornam-se método os procedimentos que nelas se baseiam e servem para a sucessiva interpretação e transformação da realidade, para a obtenção de novos resultados. O método é heurístico, reflete as leis do mundo objetivo sob a ótica do procedimento que o homem deve adotar para obter novos resultados no conhecimento e na prática (KOPNIN, 1978, p. 91).

Para Vygotsky (1995, p. 47) o método de conhecimento constitui uma parte fundamental de uma concepção teórica: “O objeto e o método de investigação mantêm uma relação estreita”. O método de conhecimento, de acordo com o autor, determina o objetivo da pesquisa, o caráter e a natureza da ciência e se caracteriza como instrumento e resultado de uma investigação científica.

De acordo com Vygotsky e Kopnin (1978) ao definir o método e sua relação com a produção do conhecimento e com a pesquisa científica, o fazem a partir de uma perspectiva

teórica. O materialismo histórico dialético, entende o homem como um ser histórico e social, que interage com o mundo por meio de uma relação dialética. Para a compreensão do indivíduo em sua integralidade, esta perspectiva ressalta que a natureza e suas condições históricas influem sobre os sujeitos e estes atuam sobre a natureza e a transforma, criando assim, novas condições de existência.

Neste sentido, o homem é constituído nas relações sociais, não sendo possível compreendê-lo em uma forma dicotômica em que se priorize de um lado o biológico e do outro o social, mas da inter-relação entre ambos.

O texto **“O significado histórico da crise da psicologia, uma investigação metodológica”** presente na obra de Vygotsky (1991), contribuiu significativamente para a superação da crise metodológica da psicologia e as tendências materialistas, mecanicistas e idealistas, tanto na Europa quanto na Rússia.

Em seus primeiros estudos, Vygotsky (1991) defendia a dialética como forma de compreender o desenvolvimento humano e suas relações, contrapondo-se, principalmente, as formas de investigação das funções psicológicas superiores por meio dos métodos experimentais. O autor sustentou sua teoria e método na base materialista histórico-dialética.

A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência. [...] Todos os métodos do tipo estímulo-resposta partilham da inadequabilidade que Engels atribui à abordagem naturalística da história. Nota-se em ambos que a relação entre comportamento e natureza é unidirecionalmente reativa. Entretanto, eu e meus colaboradores acreditamos que o comportamento humano tem aquela ‘reação transformadora sobre a natureza’ que Engels atribuiu aos instrumentos (VYGOTSKY, 1991, p. 70).

Na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural a concepção de sujeito fora ampliada, superando a dicotomia razão-realidade, sujeito-objeto presentes na modernidade, pois concebe a ação historicamente construída do sujeito transformando o objeto e o próprio o sujeito.

Vygotsky desenvolve uma teoria que concebe o ser humano mediante um desenvolvimento cultural, por meio da utilização de instrumentos, especialmente da linguagem, contrapondo-se as duas orientações da Psicologia da época, a naturalista e a mentalista (BONIN, 1996). Vygotsky constrói sua teoria nos princípios do materialismo histórico-dialético compreendendo o aspecto cognitivo a partir da descrição e da explicação das funções psicológicas superiores (SIRGADO, 1990).

Esta perspectiva enfatiza que o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, somente é possível por meio da apropriação das relações sociais e das produções culturais, ou seja, o processo de humanização ocorre mediante as condições objetivas para que o homem possa se apropriar dos bens produzidos social e historicamente pela humanidade.

Vygotsky (1991) apresenta uma importante contribuição para a superação das perspectivas naturalísticas, pois estas defendiam a suposição de que apenas a natureza afeta o ser humano, determinando as condições naturais do desenvolvimento histórico do homem. Todavia, no processo dialético admite-se a influência da natureza sobre o homem, e este por sua vez, age sobre a natureza modificando-a de modo a atender as suas necessidades.

Esta reação transformadora do comportamento humano sobre a natureza permite compreender e interpretar as funções psicológicas superiores do homem e, também serve como base de um novo método de análise e de experimentação para a Psicologia.

De acordo com estas considerações delinea-se compreender não só o objeto de estudo, mas também o processo de produção da subjetividade. Rey (2002, p. 36) descreve que a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos, que permitem ao homem gerar permanentemente processos culturais que influenciam seu modo de vida. Isto implica em superar as dicotomias nas produções teóricas nas ciências humanas, tais como o social-individual, o interno-externo, o afetivo-cognitivo.

Na pesquisa científica, Na pesquisa científica, quando se propõe investigar um fenômeno particular um fenômeno particular, é preciso considerar o objeto de estudo como produto de uma realidade interativa, histórica, social e cultural. Neste processo de compreensão do objeto de pesquisa, é necessária a sustentação teórica, metodológica e de técnicas que, submetidos a uma verificação empírica, permita-nos ter acesso ao processo de constituição da subjetividade presentes nas relações sociais.

3.1.1 Princípios metodológicos para a investigação dos fenômenos psicológicos na Teoria Histórico-Cultural

Vygotsky (1991) anuncia três princípios metodológicos para a investigação dos fenômenos psicológicos, especialmente das funções psicológicas superiores: analisar processos e não objetos; explicar ao invés de descrever os fenômenos e investigar os comportamentos fossilizados.

Vygotsky (1991) propôs a análise de processos e não de objetos considerando que em qualquer processo psicológico podem ocorrer mudanças que podem ser observáveis. A

Psicologia tradicional normalmente tratava os processos psicológicos como objetos estáveis e fixo, por meio da decomposição dos elementos que os constituíam. Todavia, a Psicologia Histórico-Cultural ressalta que é necessário reconstruir cada estágio do desenvolvimento para compreender a construção do processo, ou seja, a análise do objeto considera a dinâmica que envolve o desenvolvimento humano e seus processos constitutivos.

Ao propor a explicação dos fenômenos ao invés de sua descrição, Vygotsky defende que analisar um objeto considerando o seu desenvolvimento implica revelar sua gênese e suas bases dinâmico-causais.

[...]a análise científica real difere radicalmente da análise introspectiva subjetiva, que pela sua natureza não pode esperar ir além da pura descrição. O tipo de análise objetiva que defendemos procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis (VYGOTSKY, 1991, p. 72).

A explicação dos fenômenos proposta por Vygotsky (1991), compreende que a análise não seja uma simples descrição, implicando na busca pela gênese da problemática. Para isso, Vygotsky (1996) considera importante estabelecer teoricamente as relações que constituem o objeto em suas múltiplas determinações, buscando revelar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis. Neste sentido, Vygotsky (1996) faz uma crítica à psicologia subjetivista de sua época que baseava a análise científica reduzindo-a à simples descrição dos fenômenos. Assim, para o autor é necessário compreender as relações que envolvem um determinado fenômeno, ou seja, “explicar significa estabelecer uma conexão entre vários fatos ou vários grupos de fatos, explicar é referir uma série de fenômenos a outra” (VYGOTSKY, 1996, p. 216).

Os comportamentos fossilizados, consiste em comportamentos “petrificados” ou automatizados que, ao longo da história de vida, perderam sua origem, e a forma como se apresenta dificulta compreender sobre sua natureza interna. Para compreendê-los, é preciso pesquisar sua gênese, ou seja, identificar a história do comportamento. Portanto, estas ações são perpetuadas pelas significações que medeiam o movimento de apropriação da produção humana. A seguir, será abordada a relação entre os conceitos da teoria histórico-cultural e das representações sociais, considerando que ambas entendem o conhecimento construído pelos sujeitos como um processo associado às questões sociais, culturais e históricas de cada sociedade, preservando os aspectos subjetivos implicados na construção desse saber.

3.2 A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Como foi exposto no primeiro capítulo, no processo de constituição do sujeito, as atividades humanas são operacionalizadas durante o desenvolvimento humano por meio dos signos, que funcionam como meios de comunicação e meios de conexões das funções psicológicas superiores, presentes em todo o processo de constituição do sujeito. Considerando a importância da linguagem como instrumento de construção e organização do pensamento, é possível inferir sobre a função mediadora das Representações Sociais nos processos de socialização e de constituição subjetiva.

Para Sá (1998, p. 68), a representação social é “uma modalidade de saber gerada através da comunicação na vida cotidiana, com a finalidade prática de orientar os comportamentos em situações sociais concretas” em que o estranho é incorporado, ou seja, busca torná-lo familiar.

As representações sociais podem trazer à nossa propriedade cognitiva e psíquica um conhecimento que circula no meio social e que ainda não tivemos acesso. Quando as pessoas falam, argumentam, discutem no cotidiano à presença de um fenômeno científico, ou não, estão procurando respostas a algo considerado que não é comum. Situação semelhante ocorre quando os indivíduos ficam expostos às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, ou a problemas psicossociais como é o caso da violência. É a partir desta exposição e da busca por construir respostas, que se orienta a vida prática, e que as representações sociais são formadas (GUARESCHI, 1995, p. 20). Desta forma, podemos pensar na representação social como elemento mediador no processo de interiorização:

Em suma, observa-se que representar um objeto é, ao mesmo tempo, conferir-lhe o status de um signo, é conhecê-lo, tornando-o significante. De um modo particular, dominamo-lo e interiorizamo-lo, fazemo-lo nosso. É verdadeiramente um modo particular, porque culmina em que todas as coisas são representação de alguma coisa (MOSCOVICI, 1978, p. 63-64).

Neste sentido, é possível relacionarmos o conceito de representações sociais do conceito de mediação, proposto por Vygotsky, pois ambos contribuem no processo de apropriação e interiorização, ao longo do desenvolvimento humano, dos processos de formação das funções psicológicas superiores e quando os processos reificados passam a ser familiar, ou seja, sempre é necessário a mediação para chegar ao universo consensual.

Para Molon (2009) as especificidades das funções psicológicas superiores são mediadas, isto é, se caracterizam e necessitam da presença de um signo mediador, que podem ser materiais

ou simbólicos, como os signos e as palavras. A origem das funções psicológicas superiores está nas relações reais entre os indivíduos e apresenta uma natureza histórica e sociocultural. As representações sociais se manifestam por meio das palavras, sentimentos e condutas. Elas expressam a generalização do significado, sendo, um importante meio de comunicação e apropriação de novos conceitos.

A representação social para Urt (1992) não é considerada apenas uma reprodução de comportamento, mas também uma reconstituição, uma modificação. A representação é a representação de alguma coisa, de vocabulários, conceitos e experiências, organizada sob diversas formas, conforme as classes sociais, os grupos e as culturas, que são produzidas coletivamente por meio de um grupo, de uma classe social e da cultura, neste sentido, ela revela as relações psicossociais e expressa a síntese entre o social e o individual.

Do mesmo modo, para a teoria Histórico-cultural, os sujeitos são constituídos nas relações sociais e somente é possível compreendê-lo na interação entre ambos. É preciso relacionar o homem aos aspectos macros que configuram a sociedade, como a política, a cultura e o social. Nas relações sociais os indivíduos se apropriam dos significados presentes nos grupos, nas classes sociais e nas culturas e neste processo constroem sua subjetividade em um processo dialético que admite a influência da natureza sobre o homem, e a transformação da mesma pelos sujeitos.

Os componentes significativos e os sentidos atribuídos a realidade social, levam à constituição das representações sociais. Os sentidos e significados, são produzidos pelos sujeitos em suas inter-relações, por meio da atividade, segundo as histórias pessoais e experiências vividas, influenciados também pelas condições e características do contexto social e histórico em que vivem. Essas categorias nos oferecem recursos para nos aproximarmos daqueles aspectos mais próprios da singularidade do sujeito, ou seja, da sua dimensão subjetiva.

Desse modo, a investigação psicológica de toda atividade humana requer a compreensão e a identificação dos sentidos que determinado fenômeno tem para os sujeitos, considerando-os interligados com o contexto social e a realidade histórica onde participam de modo ativo.

É importante salientar que ao analisar os discursos dos/as professores/as, é imprescindível considerar a singularidade dos indivíduos concretos, ou seja, considerar e apreender quem é esse sujeito concreto nas suas relações sociais. Vygotsky (1991) ao abordar os sentidos e significados, evidencia a dialética da constituição da consciência, a integração entre afetivo e cognitivo e o caráter social e histórico do sujeito.

Os significados definem-se por ser produções históricas e sociais. Eles possibilitam a comunicação e a socialização das experiências pessoais. Apesar de serem considerados

estáveis, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo (AGUIAR, 2006, p. 14).

Já o sentido é a soma dos eventos psicológicos que a palavra desperta na consciência. O sentido se constitui, portanto, a partir do confronto entre as significações sociais vigentes e a história pessoal (VYGOTSKY, 2001).

Os significados e sentidos são constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Para compreender melhor o sujeito é preciso estudá-lo a partir dos significados que ele apreende sobre determinado acontecimento social, em decorrência disso, por meio da análise e interpretação é possível chegar às zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido (AGUIAR, 2006).

Desta forma, o sentido apresenta-se como conceito mais amplo e complexo em comparação ao significado, uma vez que este último constitui apenas umas das zonas de sentido, a mais estável e precisa.

O sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluído e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido (VYGOTSKY, 1993, p. 181).

O sentido consiste na integração de todos os eventos psicológicos que determinado acontecimento suscita no sujeito, ou seja, refere-se à forma particular e singular que os indivíduos se apropriam dos significados sociais.

Considerando que os indivíduos, ao representarem a violência, atribuem significados comuns que são partilhados e conferem sentido aos acontecimentos que vivenciam em suas relações sociais, é possível compreender os sentidos e significados a partir de sua relação com as representações sociais proposta nesta pesquisa. Segundo Lopes (2009, p. 182) “A formação das representações sociais é mediada pelos sentidos que cada indivíduo atribui às experiências vividas e aos significados construídos historicamente nos diferentes contextos sociais”.

Como afirma Lopes (2009, p. 117) as representações sociais referem-se aos pensamentos e as ideias de um grupo social, em um determinado momento histórico, ou seja, são os significados e sentidos que o grupo atribui a realidade. Cada indivíduo ao internalizar os significados vai constituindo a sua subjetividade.

A sociedade possui um sistema de significação pronto e elaborado historicamente e, os sujeito, ao apropriarem-se dos elementos significativos presentes na cultura constituem os seus sentidos pessoais. Como vimos anteriormente, a constituição das funções psicológicas superiores caracteriza-se por ser mediada pelo signo. Neste sentido a linguagem desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psíquico, pois é por meio dela que os sujeitos organizam, transmitem e apropriam-se das experiências individuais e coletivas.

Vygotsky ao estudar as relações entre a linguagem e o pensamento, oferece uma importante contribuição para a compreensão do papel da linguagem na elaboração conceitual.

Fontana (1993), afirma que a elaboração conceitual consiste em um modo de os indivíduos refletirem cognitivamente suas experiências, resultante de um processo de análise (abstração) e de síntese (generalização) dos dados sensoriais que é mediado pela palavra e nela materializado. Assim, a palavra ocupa a posição de mediadora da compreensão dos conceitos por parte dos sujeitos e é capaz de formar abstrações e generalizações, ela não desempenha somente o papel comunicativo ou de instrumento, mas também é constitutiva na elaboração conceitual.

Na medida em que a realidade é generalizada, as comunicações interpessoais tornam-se mais efetivas. Vygotsky (2001) ressalta que o significado está presente no pensamento e na linguagem e a psicologia compreende que o significado de cada palavra é uma generalização, ou seja, um conceito. Portanto, o significado consiste em um fenômeno do pensamento expresso por meio da linguagem.

Como afirma Lucci (2006) a linguagem caracteriza-se por ser o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois se constitui em um sistema simbólico que organiza os signos em estruturas complexas, permitindo dar nomes a objetos, destacar suas qualidades, criar sentidos e significados.

Do mesmo modo, nas Representações Sociais, por meio da linguagem, é possível identificar os significados ao mesmo tempo em que estes são transmitidos no senso comum. Podemos pensar as Representações Sociais, neste caso, como instrumento de mediação, pois, como afirma Moscovici (1978), as representações têm por função elaborar comportamentos e comunicação entre pessoas. Em ambas teorias, observamos a importância da linguagem e da comunicação para o desenvolvimento psíquico do sujeito (VALENÇUELA, 2012).

Vygotsky coloca sua teoria a serviço da análise da ação dos signos na atividade do homem e toma o significado das palavras como sua unidade de análise, partindo do pressuposto que a palavra constitui o microcosmo da consciência, o que favorece a explicação da função mediadora da linguagem e ainda contribui para a compreensão da natureza das funções

psicológicas e sua origem social. Sendo assim, é importante ressaltar que na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, não é o biológico que determina o desenvolvimento da linguagem, mas sim o processo sócio-histórico que permite a interação entre os indivíduos de uma determinada cultura (SIRGADO, 1990).

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos (FRANCHI, 1977, p. 54).

A abordagem psicológica proposta por Vygotsky oferece a sustentação para compreender a constituição social do homem e de seu inerente e inevitável desenvolvimento histórico e as palavras/signos são os elementos mediadores deste processo. Bock; Gonçalves; Furtado (2001b, p. 130) ao destacar sobre a importância dos signos enfatiza que:

Entendemos a linguagem ao mesmo tempo como mediação da subjetividade e como instrumento produzido social e historicamente, materializando assim as significações construídas no processo social e histórico. A linguagem é instrumento fundamental no processo de mediação das relações sociais, por meio do qual o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico.

A linguagem é concebida como um instrumento mediador, pelo qual é possível apreender os aspectos cognitivos, afetivos e volitivos que constituem a subjetividade, contudo, na pesquisa científica faz-se necessário ir além da fala, pois ela não contém a totalidade da análise.

Para compreender o sujeito na sua integralidade, de acordo com a perspectiva histórico-cultural, é preciso compreender como se deu o processo, a gênese, a historicidade e seus determinantes sociais e culturais, para então apreender o sentido e o significado do discurso. Anadon e Machado (2011, p. 45-46) descrevem que:

A análise da linguagem é o modo de investigação a ser privilegiado para estudar as Representações Sociais porque ela permite que se coloque um olhar sobre os mecanismos cognitivos presentes em sua elaboração. [...] ela permite identificar as operações que o sujeito que conhece utiliza para trabalhar os sentidos, para reconstruir a realidade e estruturar seu pensamento.

Por meio das palavras, sentimentos e condutas manifestam-se as representações sociais, e se tornam legítimas, portanto, podem ser analisadas por meio da compreensão das estruturas e do comportamento social.

Nesse processo, é possível entender que as representações sociais são instrumentos mediadores nas relações entre os grupos, facilitando as interpretações das relações interpessoais e das condutas, bem como revelam os sentidos atribuídos pelos sujeitos e os modos de corresponder às situações reais da vida, evidenciando os significados que os constituem.

As representações sociais constituem um meio pela qual é plausível trazer a nossa propriedade cognitiva e psíquica um conhecimento oriundo do meio social e que ainda não tivemos acesso, ou seja, elas são elementos mediadoras da configuração do discurso, do comportamento e da atitude do sujeito e que são expressos pelos sentidos e significados presentes nos pensamentos, relatos e ações e, principalmente, nas formas de interpretar a realidade.

Para compreender os pensamentos e comportamentos dos docentes diante da violência escolar é preciso identificar como estes constroem o conhecimento sobre este fenômeno social, considerando o seu contexto social, histórico e cultural, bem como o modo como este conhecimento interfere em suas condutas. Pode-se inferir que ao identificar e analisar as representações sociais dos docentes sobre a violência escolar são suscitadas importantes informações que levam a algumas questões e possíveis explicações sobre a violência que ocorre no ambiente escolar. A fim de conhecer tais informações sobre a violência na escola, no próximo tópico será apresentada a caracterização metodológica da pesquisa, bem como os meios pelo qual realizou-se o levantamento de dados, fundamentais nesta pesquisa.

3.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar as representações sociais dos docentes acerca da violência e assim compreender como estes significados que são partilhados norteiam suas práticas cotidianas no contexto da escola.

3.3.2 Objetivos específicos

- 1) Identificar as representações sociais de violência de docentes participantes da pesquisa;
- 2) Compreender o processo de organização da subjetividade a partir das representações sociais;
- 3) Identificar as ações de prevenção e enfrentamento da violência utilizados pelos docentes, em suas práticas pedagógicas.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Por meio deste estudo buscou-se identificar as representações sociais dos docentes acerca da violência e as implicações dessas em suas práticas cotidianas no contexto da escola, considerando os sentidos e significados atribuídos. Para tanto, foi preciso identificar os elementos mediadores do comportamento revelados nos discursos dos sujeitos da pesquisa. Neste item serão apresentados os procedimentos metodológicos, os aspectos importantes que caracterizam o local onde foi realizada a pesquisa empírica, os procedimentos éticos necessários, informações sobre os sujeitos da pesquisa e sobre o instrumento utilizado para coleta de dados.

3.4.1 O Lócus de pesquisa

Consideramos o espaço escolar um lugar formador de sentidos e conceitos sobre a realidade social constituído nas relações que se estabelecem entre alunos, docentes e demais funcionários.

Estas relações dão forma ao sentido da atividade, constituindo a subjetividade do docente na configuração da escola contemporânea, refletida diretamente na sua metodologia de ensino, no acolhimento aos discentes, na postura em sala de aula, nos modos de enfrentamento das situações de tensão e conflitos comumente vivenciados.

Portanto, os critérios escolhidos para a escolha da população a ser investigada estiveram vinculados à necessidade de compreender o fenômeno da violência em uma perspectiva mais ampla e suas relações com a escola, considerando variáveis tais como a localização da instituição (região central ou nos bairros) e a forma sob a qual ela está organizada (municipal,

estadual ou federal), podendo ou não, estas variáveis ter alguma influência para as múltiplas concepções a respeito da violência escolar pelos professores e professoras.

Neste sentido o estudo das representações sociais permite captar e identificar os elementos fundamentais que delineiam os sentidos atribuídos à violência pelo fato de diferentes pessoas em diferentes contextos e tempos, produzirem diferentes visões, símbolos e discursos sobre o que é real para entender como diferentes representações se relacionam entre si e quais suas consequências no mundo social.

Para a realização desta pesquisa buscou-se instituições que permitissem a realização de entrevistas com os docentes, e que estes fossem voluntários a dar informações pertinentes a sua história de vida, sobre seu entendimento sobre a violência escolar e suas vivências na instituição de ensino.

Para tanto, foi realizado um primeiro contato com os gestores destas escolas para a apresentação do projeto de pesquisa, com a apresentação da proposta do estudo e os respectivos ofícios com a solicitação da autorização para a realização da presente pesquisa. Também foi informado sobre a importância que entrevista fosse realizada em um local que assegurasse a privacidade e livre de interferências externas.

Após a explanação sobre estas informações referentes a pesquisa, a autorização foi concedida e houve um pré-agendamento com os docentes. Importante salientar que realização das entrevistas ocorreu conforme a disponibilidade de cada docente e a possibilidade de utilização de salas que permitissem a realização das entrevistas.

Os termos de anuência assinados pelos responsáveis por estas instituições de ensino se encontram no Anexo C.

Participaram da pesquisa três escolas do ensino básico da rede pública de Campo Grande. A identificação das escolas foi preservada, desta maneira foram utilizados os seguintes termos: escola 1, escola 2 e escola 3 para representá-las.

A escola 1, refere-se a uma instituição de ensino do município de Campo Grande – MS, fica localizada na região urbana e na área central. Foi criada pela Lei n. 3.169, 7 de julho de 1995. Atualmente a escola atende 335 alunos em dois turnos de funcionamento (matutino e vespertino). No período matutino a escola atende 19 alunos na educação infantil (Pré-escolar II A) e ensino fundamental (1º ao 9º ano) e 202 no ensino fundamental (2º ano A, 3º ano A, 6º ano A, 7º ano A, 8º ano A e 9º ano A). No período vespertino a escola atende 25 na educação infantil (Pré-escolar II B) e 122 no ensino fundamental (1º ano A, 2º ano B, 3º ano B, 4º ano A, 5º ano A). A estrutura física da escola é composta de: 07 salas de aula, 01 sala de informática, 01 cantina, 01 depósito de merenda, 01 secretaria, 01 sala de direção, 01 sala para supervisão

escolar e orientação educacional, 01 sala de professores/as, 03 banheiros para alunos/as (um deles com acessibilidade), 01 quadra de esportes coberta, 01 depósito para materiais diversos. As instalações escolares são divididas em: Biblioteca, Associação de Pais e Mestres e o conselho escolar.

A escola 2, diz respeito a uma instituição estadual, localizada na região urbana em um bairro de Campo Grande – MS. A instituição de ensino foi criada pelo decreto 1091 de 19 de junho de 1981 e é caracterizada por ser uma escola de período integral, oferecendo além do ensino médio, o ensino técnico gratuito no período noturno nas áreas de informática, transações imobiliárias e recursos humanos. Atualmente a escola atende 283 alunos e dispõe das turmas de 1º (A, B, C), 2º ano (A, B, C) e 3º ano (A e B). A estrutura da escola é composta de 9 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de projeção, uma sala de informática, um refeitório, uma quadra coberta, uma sala de coordenação, uma sala de professores, uma sala de teleconferência, uma sala de planejamento e uma secretaria. A instituição apresenta boas condições de higiene e limpeza

A escola 3¹¹, refere-se a uma instituição de ensino federal. Localiza-se provisoriamente na região central, na cidade de Campo Grande-MS. É a primeira instituição pública federal a oferecer educação profissional e tecnológica no Estado. Foi criado pela Lei nº 11.892, de dezembro de 2008, quando o Ministério da Educação (MEC) reestruturou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Esta instituição oferece educação profissional e tecnológica nos níveis básico e superior em diferentes modalidades de ensino com inserção na pesquisa aplicada e em ações de extensão tecnológica.

As entrevistas foram realizadas dentro das próprias instituições, com 03 (três) docentes de cada instituição. Nas três instituições escolhidas houve receptividade da pesquisa e apoio por parte dos diretores, funcionários e docentes para a sua realização.

No subitem a seguir é feita uma descrição referente aos participantes das pesquisas e alguns dados como idade, sexo, estado civil, situação ocupacional, escolaridade, formação, tempo de magistério e carga horária de trabalho.

3.4.2 Os participantes da pesquisa

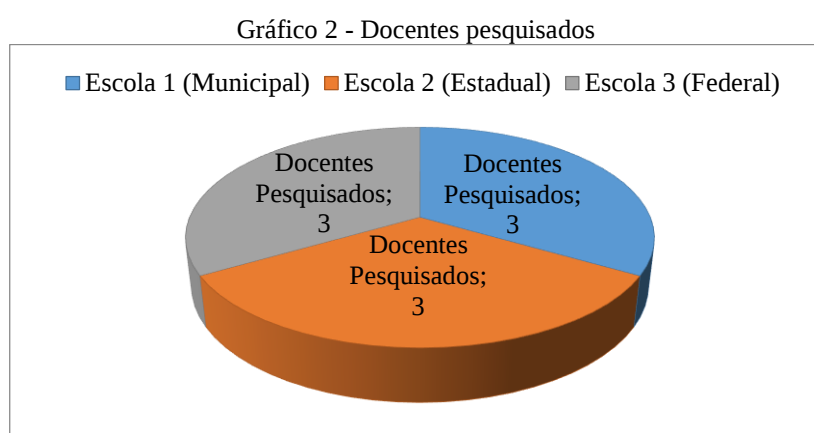
As representações dos docentes na área da educação são construções simbólicas caracterizadas pelo tempo, pelo espaço e pelas relações que definem e articulam as diferentes

¹¹ Os demais dados referentes a esta instituição não estão disponíveis para consulta, pois a mesma encontra-se em processo de elaboração da estrutura organizacional.

partes do meio social na qual o educador se integra. Tais representações articulam os pensamentos e ações que circulam na sociedade e no grupo em que vivem e são reconstruídas a partir de suas vivências, de sua história e de suas relações sociais.

Os participantes da pesquisa foram professores e professoras do ensino básico da rede pública de ensino. Foram entrevistados 03 (três) docentes de cada instituição conforme o gráfico 2, referente aos docentes pesquisados.

Todos decidiram participar da pesquisa de maneira voluntária, após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), formalizando a sua participação assinando o respectivo documento.



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O quadro 1 apresenta um panorama das informações dos/as participantes deste estudo:

Quadro 1 - Participantes da pesquisa

Nomes (Fictício)	Mateus	Nadir	Sabrina	Pablo	Vinícius	Samuel	Lorena	Michele	Otávio
Sexo	M	F	F	M	M	M	F	F	M
Idade	35	45	29	51	32	36	23	41	34
Estado civil	Casado	Divorciada	Solteira	Casado	Casado	Solteiro	Casada	Divorciada	Casado
Formação	Letras	Pedagogia e Ciências biológicas	Licenciatura em geografia	Educação Física	Biologia	Ciências Sociais	Letras	Química	Licenciatura em História
Escolaridade	Especialista	Especialista	Graduada	Mestre	Mestre	Mestre	Graduada	Mestre	Graduado
Situação ocupacional	Concursado	Concursada	Contratada	Concursado	Concursado	Concursado	Contratada	Concursada	Contratado
Tempo de Magistério	14 anos	16 anos	4 anos	35 anos	8 anos	8 anos	3 anos	12 anos	6 anos

Fonte: A autora, 2015.

O quadro com as informações pertinentes aos docentes revela a diversidade nas áreas de formação e de áreas do conhecimento. Evidencia-se uma predominância de pessoas

trabalhando de modo efetivo, ou seja, concursadas em detrimento do vínculo de trabalho temporário.

Veremos mais adiante, que estas relações de trabalho podem interferir na constituição da subjetividade docente. Os termos flexibilidade, mobilidade e agilidade são a tônica de experiências diversas, que têm como pano de fundo o fim do horário regular de trabalho, o uso crescente do trabalhador em tempo parcial, temporário ou subcontratado e uma requisição contínua de novos atributos aos envolvidos (MANCEBO; LOPES, 2004).

Os contratos por tempo parciais apesar de não serem por si mesmos insatisfatórios, já que uma certa flexibilidade traz benefícios aos trabalhadores, têm efeitos decisivamente negativos do ponto de vista da classe trabalhadora como um todo, visto que, os contratos temporários, de tempo parcial e na subcontratação fomenta a individualização do trabalho, não só em termos técnicos, mas também em nos aspectos sociais, na medida que os trabalhadores se encontram em uma situação de vulnerabilidade e de insegurança quanto à conquista e manutenção do emprego (RAMOS, 2001, p. 173-174).

Esta questão da precarização do trabalho docente, será retomada mais adiante, nas análises das entrevistas. No próximo subitem, será apresentada de maneira sucinta, alguns aspectos relevantes da vida dos docentes entrevistados e seu cotidiano.

Este trabalho buscou assegurar o sigilo das identidades dos participantes, para isso utilizou-se nomes fictícios para representá-los.

a) Professor Mateus

Prof. Mateus, tem 35 anos de idade, é casado, tem um filha de 4 anos. É formado em letras, possui pós-graduação e há 14 anos atua no magistério. Na atual escola trabalha há 5 anos como professor efetivo e relata que sempre trabalhou em dois ou três períodos, contudo, no momento leciona apenas no período matutino, também ressalta que se sente satisfeito na escola onde trabalha e tem bons relacionamentos com todos.

Em relação ao seu cotidiano na escola, procura chegar sempre antecipadamente ao horário de aula para preparar o material que será utilizado e poder conversar com os demais professores/as, antes de dar início às aulas, buscando sempre a socialização. Na sala de aula, Mateus primeiramente recepciona os alunos e dar início a correção das atividades previstas. Com a disponibilidade do período vespertino, aproveita para realizar atividades físicas e estar mais próximo da filha, auxiliando-a nas suas atividades diárias.

b) Professora Nadir

A professora Nadir tem 45 anos, é divorciada e tem três filhos que residem com ela. Nadir afirma que sua família sempre priorizou a educação dos filhos e que sempre teve apoio e muito afeto dos pais e ressalta ser muito feliz com a família e com os amigos. Na infância queria ser médica ou enfermeira para poder cuidar de pessoas, mas encontrou restrições da família para viajar para estudar em outro lugar por ser única filha mulher entre sete filhos. Nadir teve incentivo da família e se tornou professora. Aos 25 anos a professora iniciou o curso de pedagogia e em seguida fez ciências biológicas, também é pós-graduada em engenharia ambiental. Nadir deu início sua carreira acadêmica no curso de pedagogia. Em seguida optou por fazer ciências biológicas. No início, ser professora não era o seu objetivo, no entanto, com os estágios da faculdade, foi construindo o desejo pela profissão. No aspecto profissional atua no magistério há 16 anos e atualmente é professora efetiva do município, trabalha em 04 (quatro) escolas e também assistente acadêmica em uma faculdade privada. Ressalta que se sente satisfeita e respeitada na escola onde trabalha e que deseja tornar-se coordenadora pedagógica.

c) Professora Sabrina

A professora Sabrina tem 29 anos, é solteira, mora com os pais e não tem filhos. Tem uma boa relação com os pais e que todos auxiliam nas despesas de casa. No momento não está estudando, mas pretende iniciar uma pós-graduação. A professora afirma que passou no vestibular para geografia, mas inicialmente não tinha intenção de dar aulas e por meio de um estágio obrigatório passou a gostar de lecionar. Atua no magistério há 04 anos e também relata que foi muito difícil o início da carreira docente, pois só surgiam oportunidades de substituição e sem nenhum vínculo empregatício, além de sentir-se um pouco insegura no começo da carreira docente. Atualmente é professora de geografia, contratada por 01 (um) ano, trabalhando 12 horas semanais na escola. Ressalta que tem uma boa relação com os gestores e coordenadores e que em alguns momentos sente um pouco de dificuldade em ministrar aulas em algumas turmas. Em relação a carreira docente, ela pretende se especializar mais e adquirir novos conhecimentos.

d) Professor Pablo

O Professor Pablo tem 51 anos, é casado, e tem dois filhos. Atualmente reside com sua esposa. Quando fez o ensino superior tinha dúvidas quanto a escolha da profissão, optou por fazer direito e na época em que estudava acabou sendo aprovado para o curso de educação física. No entanto, ao final do curso de educação física começou a trabalhar na área e decidiu pela profissão de educador físico. Mais adiante, descobriu seu gosto por dar aulas e resolveu fazer mestrado visando a carreira docente. Pablo completou 35 anos na carreira docente, e antes de ser aprovado em um concurso público, enfatiza que sua rotina era muito dinâmica. Trabalhou como *personal trainner* em diferentes lugares e com público variados, seus horários eram flexíveis e instáveis devido a intensa sobrecarga de trabalho. Apesar disso, o professor ressalta a importância das diferentes experiências que teve ao longo de sua vida profissional, apesar da intensa rotina de trabalho e atividades. Já deu aulas em escolas municipais e estaduais, além de já ter trabalho na secretaria de educação. Há três anos, tornou-se concursado de um órgão público federal e relata que o trabalho efetivo permitiu ter um tempo de qualidade com a esposa e com os filhos, referindo-se como um aspecto positivo em relação a fixação dos horários de trabalho.

e) Professor Vinícius

O professor Vinícius tem 32 anos, é casado e tem dois filhos. A preferência pela profissão docente, sempre esteve presente ao longo da vida do professor. Formou-se em biologia, e afirma que desde criança gostava de ensinar os colegas na escola, mas a decisão pela docência passou a se concretizar durante o mestrado. Contudo, inicialmente o seu objetivo era o desenvolvimento de pesquisa ser professor universitário, mas outras oportunidades surgiram. Vinícius foi aprovado em um concurso público, tornou-se professor efetivo, mas lecionando no ensino básico e técnico. Após sua aprovação no concurso foi residir no Mato Grosso e neste período teve um grave problema de saúde, em seguida sua esposa também foi aprovada e ambos vieram morar em Campo Grande – MS. Atualmente Vinícius ministra aulas e também participa como voluntário em diversas atividades da instituição, como feiras, comissões, projetos. Também almeja entrar no doutorado e ministra palestras sobre formação de professores.

f) Professor Samuel

O professor Samuel tem 36 anos, mora sozinho e não tem filhos. Seus pais e irmão moram em São Paulo. Samuel ressalta que gosta de ter uma vida equilibrada, gosta de caminhar, pedalar e ter atividades de lazer. Formou-se em Ciências Sociais em São Paulo e lecionou em diferentes cidades logo após a formatura, possui 8 (oito) anos no magistério. Ressalta que é muito satisfeito na profissão e que se sente realizado no que faz. Trabalha na atual escola há 5 anos, no período matutino e vespertino, totalizando 40 horas semanais.

g) Professora Lorena

Lorena é professora, tem 23 anos, é casada há 5 anos e não tem filhos. Aprecia a leitura e valoriza momentos de lazer aos finais de semana. Em relação a escolha da carreira docente, ela afirma que não teve um motivo significativo para a definição profissional. A princípio Lorena havia se preparado para prestar o vestibular para psicologia, mas os cursos ofertados não contemplavam este curso, sendo assim, optou por fazer letras, considerando a facilidade com a leitura e pelo gosto pela literatura, está há 03 (três) anos atuando no magistério. Em 2014 trabalhava em três escolas, no entanto, a sobrecarga de trabalho teve consequências prejudiciais a sua saúde. Atualmente trabalha em duas escolas em dias alternados, com o vínculo de contrato temporário. Afirma que trabalha em duas escolas por questões financeiras e porque no momento não está realizando uma qualificação.

h) Professora Michele

A professora Michele tem 41 anos, é divorciada e tem uma filha que reside com ela e um filho que mora em Santa Catarina. Formou-se em química há 10 (dez) anos e tem 12 (doze) anos atuando no magistério. Atualmente trabalha há 2 (dois) anos em uma escola de ensino integral e em outra escola localizada na região central de Campo Grande – MS. Relatou ter depressão desde a infância e que só descobriu depois de adulta. Utiliza medicamento de uso contínuo, no tratamento da depressão. No período que estava casada, trabalhava na panificadora da família de dia e fazia licenciatura em química de noite. Ela afirma que ser professora foi um processo, ou seja, a vontade foi sendo construída ao longo do tempo. Por meio das aulas que dava na faculdade, passou a gostar da profissão. No início da carreira, trabalhava em diferentes escolas particulares e enfatiza que enfrentou muita dificuldade na contratação, por ser mulher e

professora de química. Entretanto, atualmente é concursada e trabalha em duas escolas da rede pública de ensino, ressalta que gosta muito de ser professora e que se sente bem em estar na sala de aula e que sempre teve bons relacionamentos na escola com os outros docentes, com a direção e com os alunos.

i) Professor Otávio

Professor Otávio tem 34 anos, é casado e tem um filho de 11 meses. Ele e seus três irmãos foram criados pela mãe, e nem todos tiveram a oportunidade de estudar, apesar das limitações, Graduou-se em história e tem 6 anos no magistério. Valoriza a dedicação e a paciência para se conseguir boas oportunidades, além de buscar ser bom naquilo que se propõe a fazer. Considera ter uma boa relação com alunos, diretores e os outros docentes da escola. Atualmente trabalha em 4 (quatro) instituições de ensino: duas da rede pública e duas particulares. Devido a numerosa carga de trabalho e pela esposa também ser professora, ele relata que é muito difícil os momentos de lazer e os encontros com a família, mas que, apesar disso busca estar sempre presente.

3.4.3 Instrumento de coleta e forma de aplicação

A entrevista tem como objetivo a busca de informações sobre um determinado tema científico, que tem como característica a interação humana. Por seu caráter investigativo, ela constitui um importante instrumento de coleta de dados objetivos e subjetivos.

A entrevista é definida por Haguette como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. (HAGUETTE, 1997 apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 72). Ter um objetivo previsto para a realização da entrevista contribui para o êxito da coleta de informações. Para Garret (1974, p.55) “cada entrevista deve começar com um objetivo determinado”. Esta ação permitirá o alívio das ansiedades do entrevistado diante do desconhecido, bem como possibilitará maior segurança na condução da entrevista pelo entrevistador.

A preparação da entrevista constitui um importante elemento para o êxito da entrevista científica, pode-se citar: o planejamento da entrevista, constando o objetivo que se pretende alcançar juntamente com a organização do roteiro ou formulário com as questões a serem investigadas; a escolha do entrevistado, que de preferência deve ser alguém que tenha afinidade

com o tema pesquisado; a disponibilidade do entrevistado em prestar as informações e um ambiente seguro que possam garantir ao entrevistado a confidencialidade. (LAKATOS, 1996 apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 72).

Existem várias formas de entrevistas, contudo é importante ressaltar que a escolha de quaisquer técnicas de coleta de dados depende particularmente da adequação ao problema da pesquisa, que no caso deste trabalho, a técnica escolhida foi a entrevista semi-estruturada.

Triviños (1987) e Manzini (1991) buscam definir e caracterizar o que vem a ser a entrevista semi-estruturada. Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos produziram novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O objetivo principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Esta modalidade de entrevista consiste em um roteiro com tópicos pré-estabelecidos. São assim denominadas porque o entrevistador tem clareza de seus objetivos, de que tipo de informação é necessária para alcançá-los, de como essa informação deve ser obtida, quando ou em que sequência, em que condições devem ser investigadas e como devem ser considerada, contudo, sem prejudicar o relato do sujeito e a obtenção de dados.

A coleta de informações desta pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, uma vez que esse instrumento permite a produção de informações a partir do uso de material espontâneo, ou seja, por meio da própria linguagem dos participantes da pesquisa e, desse modo, apreender os conteúdos significativos e a identificação das representações sociais a serem posteriormente transcritas e analisadas.

Para Manzini (1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está direcionada em um assunto sobre o qual elaboramos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Neste sentido, os docentes podem falar livremente sobre suas opiniões a respeito dos aspectos presentes no roteiro de entrevista.

Como parte do processo metodológico, realizou-se o planejamento para a coleta de informações de modo a atingir os objetivos pretendidos, a organização da sequência de perguntas, a elaboração do roteiro e a adequação do roteiro conforme a necessidade da pesquisa

Ressalta-se que a coleta de dados iniciou-se a partir da aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, cujo parecer encontra-se no anexo A deste trabalho. Somente a partir de 11 de março de 2015, deu-se início ao levantamento dos dados desta pesquisa.

As entrevistas desta pesquisa foram gravadas individualmente e realizada em um local que assegurasse a privacidade dos sujeitos e livre de interferências externas. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, para serem posteriormente submetidas à análise.

A fim de contribuir com os processos envolvidos nesta pesquisa, as entrevistas foram construídas com perguntas que auxiliarão na identificação sócio-histórica e cultural dos sujeitos bem como revelarão as categorias que emergirem em seus discursos.

No caso deste estudo elaboramos alguns tópicos a serem abordados nas entrevistas, de modo a garantir o objetivo principal da pesquisa. As questões que nortearam as entrevistas, incluíram os dados de identificação, perguntas sobre a história de vida e o cotidiano do sujeito, bem como questões que se propõem a identificar as representações sociais da violência e da violência escolar e suas formas de enfrentamento. As entrevistas semiestruturadas, foram organizadas a partir do roteiro que encontra-se no apêndice B, contendo os seguintes eixos norteadores: I) Dados de identificação: (idade, sexo, estado civil, tempo de atuação no magistério); II) História de vida e cotidiano (compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelos sujeitos e conhecer sobre o seu cotidiano); III) Aspectos profissionais (Identificar os aspectos que contribuíram para a escolha profissional, conhecer sobre a carreira no magistério, as relações sociais na escola, o cotidiano escolar e a satisfação no trabalho), IV) Representações sociais (conhecer as concepções sobre violência, violência escolar, sentimentos ao vivenciar ou ver a violência, etc.); V) Formas de enfrentamento (referem-se as práticas e ações de intervenção pensadas e realizadas)

A seguir, serão abordados os achados da pesquisa, a organização dos dados e análise das informações encontradas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS VOZES DOS SUJEITOS

E um grande silêncio fez-se
 Dentro do seu coração [...]
 Um silêncio de torturas
 E gritos de maldição [...]
 E o operário ouviu a voz
 De todos os seus irmãos
 Os seus irmãos que morreram
 Por outros que viverão.
 Uma esperança sincera
 Cresceu no seu coração
 E dentro da tarde mansa
 Agigantou-se a razão.
 (Vinícius de Moraes, 1956)

Neste capítulo ressaltamos as vozes dos/as professores e professoras participantes desta pesquisa bem como, as significações e representações acerca da violência escolar.

A epígrafe apresentada refere-se a solidão sentida pelo ser humano a partir da tomada de consciência, ao entender que a naturalização ou a banalização da violência vivida já não pode mais ser concebida do mesmo modo e que as relações de dominação e poder impostas pela ideologia dominante podem ser desfeitas no momento em que trabalhador terá direito à voz e poderá fazer de seu discurso um instrumento de transformação. A partir deste momento constrói-se um novo sujeito, engajado na sociedade e consciente do seu papel ativo na participação da história.

À medida que os sujeitos naturalizam e reproduzem situações opressoras, a história tenderá a se perpetuar em suas estruturas injustas e dominadoras. Em contrapartida, a sociedade poderá fomentar medidas mais justas e superar as diversas formas de violência, tomando consciência de seu processo ativo e transformador na sociedade.

No item a seguir, serão apresentadas a organização e análise das entrevistas realizadas. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e encontram-se nos apêndices A. Ressaltamos que os dados transcritos respeitaram a forma coloquial das falas dos sujeitos, preservando inclusive os vícios de linguagem, a fim de garantir a veracidade de seus enunciados. Tal procedimento foi utilizado para evitar qualquer equívoco no momento da análise do conteúdo dos discursos das participantes

4.1 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresentaremos os procedimentos utilizados na organização das informações coletadas e sua posterior análise. Partimos do pressuposto que uma pesquisa

científica, caracterizada por uma abordagem qualitativa, é realizada em diferentes fases, preservando características e objetivos singulares.

A fim de organizar e analisar os dados, foram desenvolvidos os seguintes procedimentos: escuta completa das gravações das entrevistas, transcrição na íntegra de cada entrevista, primeira leitura, de modo amplo, da transcrição para a compreensão geral da história dos participantes, segunda leitura buscando apreender os elementos significativos para a compreensão das ideias principais e dos aspectos que envolvem a violência escolar para os docentes, ordenação das informações obtidas nas entrevistas individuais, agrupamento nas categorias temáticas evidenciadas nos depoimentos das entrevistas e, por fim, a análise que consistiu em identificar o conteúdo significativo das representações sociais de violência escolar, sintetizadas nas ideias que se apresentaram nos discursos dos participantes e verificar qual as implicações no cotidiano de cada um deles.

A escolha do método e técnicas para a análise dos dados, buscou proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados coletados, visto à pluralidade de significados imbricados nas relações históricas e sociais dos sujeitos da pesquisa.

Para efeito de organização e análise das informações, utilizou-se as técnicas relacionadas à Análise de Conteúdos proposta por Bardin (2011, p. 48) que consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Conforme assinala Minayo (1995, p. 199), a principal característica ou fator comum da Análise de Conteúdo é uma hermenêutica baseada na dedução, ou seja, a inferência. Do ponto de vista de sua operacionalização, Minayo (1995) enfatiza que a análise de conteúdo parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado, qual seja aquele que ultrapassa os significados manifestos. Daí esta técnica se valer, em termos gerais, da relação entre estruturas semânticas (ou significantes) e sociológicas (ou significados) dos enunciados ou discursos apreendidos, articulando o que chama “a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem” (MINAYO, 1995, p. 203).

Franco (2003) descreve que emissão de uma mensagem, necessariamente está vinculada às condições contextuais de seus produtores, ou seja, o discurso envolve os elementos do contexto e da evolução histórica da humanidade, as situações econômicas e culturais.

Bardin (2011) afirma que a Análise de Conteúdo faz uma distinção particular nas abordagens quantitativas e qualitativas. Na análise quantitativa, as informações emergem da frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa considera-se a presença ou ausência de uma característica de conteúdo. A análise qualitativa permite que encontremos por meio do discurso, os significados presentes na mensagem, a partir dos processos de inferência ou dedução.

Em relação as fases que constituem o processo explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, proposta pela análise de conteúdo e utilizada nesta pesquisa, pode-se elencar três etapas que se seguiram após a transcrição das entrevistas. Estes momentos distintos da organização e análise dos dados serão descritos no tópico a seguir.

4.1.1 Frequência de temas

Após o processo de retomada da etapa exploratória por meio da leitura exaustiva do material e o retorno aos questionamentos iniciais.

A realização desta fase consistiu na leitura exaustiva das entrevistas, e em seguida identificou-se os elementos comuns em todas as entrevistas realizadas e que fossem indicativos das representações sociais de violência escolar dos docentes entrevistados para a organização das marcas discursivas.

Assim, a organização dos conteúdos das falas desenvolveu-se considerando os seguintes eixos: Trabalho, Violência e Docência Estas temáticas serão descritas no subitem a seguir.

4.1.1.1 Eixo temático Trabalho

Em relação ao trabalho, os temas mais frequentes apresentados nos discursos referem-se a precarização/condições de trabalho (salário, capacitação, infraestrutura, serviços de apoio, materiais disponíveis), Valorização profissional (Reconhecimento, salário, capacitação), Docência (escolha profissional, carreira), Relações de gênero (mercado de trabalho, afeto e trabalho), Trabalho e saúde docente (sofrimento psíquico, doenças ocupacionais, afastamento funcional). Para ilustrar tais resultados apresenta-se a tabela 2 com as unidades discursivas.

Tabela 2 - Temas mais frequentes relacionados ao trabalho

TRABALHO		
Temas/Indicadores	Frequência (Nº de pessoas que	%

	tocaram no tema)	
Precarização/condições de trabalho (salário, capacitação, infraestrutura, serviços de apoio, materiais disponíveis)	8	88,9%
Valorização profissional (Reconhecimento, remuneração, capacitação)	9	100%
Relações de gênero (mercado de trabalho, afeto e trabalho)	3	33,3%
Docência (escolha profissional, carreira)	8	88,9%
Trabalho e saúde docente (sofrimento psíquico, doenças ocupacionais, afastamento funcional)	4	44, 4%

Fonte: A autora, 2015.

4.1.1.2 Eixo temático violência

Sobre o eixo temático da violência as categorias que emergiram foram: manifestações da violência na escola (física, psicológica, simbólica, negligência ou privação de cuidados), violência: um problema para a saúde docente, prevenção e enfrentamento (educação e oportunidade, palestras, família, pertencimento). No exercício profissional da atividade docente encontram-se presente diversos estressores psicossociais, alguns relacionados à natureza de suas funções, outros estão relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas. Nas entrevistas foi possível identificar os conflitos vivenciados no cotidiano e verificar se fatores externos como a falta de disciplina, violência, exigências dos familiares e da instituição, condições ambientais, dentre outros, contribuem para os agravos à saúde. Também revelou-se as formas de enfrentamento da violência presentes nos discursos dos docentes. É importante ressaltar que entre os educadores entrevistados, alguns afirmam que foram vítimas de violência e outros não, contudo já presenciaram situações violentas no exercício profissional. A tabela 3 expõe a frequência destes temas:

Tabela 3 - Temas mais frequentes relacionados à violência

VIOLÊNCIA		
Temas/Indicadores	Frequência (Nº de pessoas que tocaram no tema)	%
Manifestações da violência na escola (física, psicológica, simbólica, negligência ou privação de cuidados)	9	100%
Violência: um problema para a saúde do/a professor/a	9	100%
Prevenção e Enfrentamento (educação e oportunidade, palestras, família, pertencimento)	9	100%

Fonte: A autora, 2015.

4.1.1.3 Eixo temático Relações sociais na escola

Quanto ao eixo temático Relações sociais na escola, os temas mais frequentes apresentados nos discursos referem-se as relações entre professores/as (boas relações), professores/as e alunos/as (divisão entre o pessoal e profissional, hierarquia, amizade, autoridade), professores/as e diretores/as (bom relacionamento, hierarquia, autoritarismo). Nos discursos foi possível apreender alguns elementos essenciais que se referem à estas relações. Os resultados encontram-se na tabela 4 com as unidades discursivas.

Tabela 4 - Temas mais frequentes relacionados às Relações sociais na escola

RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA		
Temas/Indicadores	Frequência (Nº de pessoas que tocaram no tema)	%
Relações entre professores/as	6	66,7%
Relações entre professores/as e alunos/as (divisão entre o pessoal e profissional, hierarquia, amizade, autoridade)	7	77,8%
Relações entre professores/as e diretores/as (bom relacionamento, hierarquia, autoritarismo)	3	33,3%

Fonte: A autora, 2015.

Após apresentarmos um panorama sobre a frequência de temas encontrados nos discursos dos sujeitos, de acordo com os eixos temáticos, tornam-se visíveis os elementos comuns, que foram organizados em categorias de análise, a partir dos conteúdos presentes nos discursos e que constituem as representações sociais do grupo pesquisado.

No eixo temático do trabalho surgiram as seguintes categorias: Precarização/Condições de Trabalho, Valorização profissional, Relações de gênero, Docência, Trabalho e saúde docente. Já no eixo violência, as categorias formadas foram: Manifestações da violência na escola, Violência - um problema para a saúde docente, A Prevenção e o enfrentamento dos/as professores/as diante da violência. No eixo caracterizado pelas Relações Sociais na escola emergiram as categorias referentes às relações entre professores/as, professores/as e alunos/as e professores/as e diretores/as. Todas estas categorias serão apresentadas na próxima seção deste capítulo.

4.1.2 Marcas discursivas

As marcas discursivas são os elementos extraídos dos discursos dos/as professores/as entrevistados que possibilitam a aproximação das representações que eles/as possuem em relação a violência na escola considerando também seu cotidiano no trabalho. Identificando as marcas comuns nos discursos dos/as professores/as é possível. As marcas discursivas são fragmentos que revelam os sentidos e significados evidenciados nas práticas discursivas da pessoa entrevistadas. A seguir serão apresentados os quadros com as marcas discursivas, organizadas conforme a categoria temática e alguns fragmentos dos discursos extraídos das entrevistas realizadas.

4.1.2.1 Categoria: Precarização/condições de trabalho

O termo trabalho aparece frequentemente na fala dos/as professores/as. É utilizado para referenciar o processo de precarização dessa atividade, que vêm se acentuando a partir de um contexto de transformações ocorridas tanto na esfera do trabalho. A análise da precarização do trabalho dos/as professores/as com relação às condições de trabalho envolve alguns aspectos tais como: a carga horária de trabalho, a instabilidade dos contratos de trabalho, o apoio da gestão, a disponibilidade de recursos e materiais para o desenvolvimento das atividades pedagógica. Uma das questões bem visíveis da precarização do trabalho do professor refere-se ao salário recebido pelo tempo de dedicação às suas funções, sobretudo quando se focaliza a imensa maioria, ou seja, os que atuam nas diversas escolas da rede pública. O quadro 2 mostra como esta categoria apareceu nos relatos de cada sujeito.

Quadro 2 - Categoria precarização do trabalho

Marcas Discursivas
Não é fácil – problema seríssimo – compromissos com outras escolas – presente apesar das cargas – não e fácil – eu trabalhava muito – em locais diferentes – horário muito maluco – Sufoco com tempo - é muita pressão - muito trabalho - muita coisa – não dá garantia nenhuma – ele sofre muito – perde a estabilidade – instabilidade.
O diretor sendo participativo a escola tem um resultado diferenciado - você se dedica quando o seu líder é um exemplo – competência – consegue dar pra gente esse respaldo necessário – você é bem acolhido – alivia o professor – não tinha com quem conversar – o diretor não permanecia na escola - o professor não pode trabalhar tão à deriva - confundir delegar com abandonar – se vira a culpa é sua – eu não vou te ajudar em nada.
Na parte tecnológica tiveram algumas mudanças - não existe ambiente pior que sala de aula – tem que rever o espaço – funciona só a metade da sala de tecnologia – é um local fechado – ambiente limpo - tem pouca coisa - eu tenho todo o material em casa eu fui comprando - trago pra sala de aula.

Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	“eu procuro estar assim muito <u>presente apesar das cargas</u> que nós temos”. [...]” eu procuro participar um pouco mas <u>não é fácil</u>”. [...] “nós temos alguns horários que são extremamente difíceis né” [...]” um <u>problema seríssimo</u> para o professor”. [...] [...] “antigamente eu tinha outras atividades como jogar bola[...] e hoje [...]fica mais fechado e também outros <u>compromissos com as outras escolas</u> você tem um tempinho que você tenta se organizar então vamos dizer assim”. [...] “o diretor sendo participativo a escola tem um resultado diferenciado.” [...] “por exemplo, você pega um diretor que não colabora, que você não sabe o que ele pensa, a chance de ele não fazer nada, de você não se dedicar naquela escola é enorme, <u>você se dedica quando o seu líder é um exemplo</u>, quando ele não é você desiste você faz o que você quiser.” [...] “algumas escolas <u>na parte tecnológica, tiveram algumas mudanças</u> estruturais acho que facilitou.”
Profª Lorena	Antes eu <u>trabalhava em três escolas</u> no ano passado, aí eu comecei a ficar com stress muito alto comecei a ter distúrbio de sono e várias outras coisas que vai acarretando como de saúde mesmo além dos distúrbios né, aí eu fiquei só em duas escolas: a primeira por questões financeiras a gente trabalhava apenas em uma escola acaba não compensando, acaba tendo mais tempo em casa tudo bem, eu não consigo ficar em casa. Se eu tivesse fazendo mestrado ou uma outra faculdade aí sim reduzia uma escola para poder compensar.
Prof. Pablo	Minha rotina é assim eu meus três últimos anos são anos diferentes da minha vida, porque eu como nunca tive vínculo público eu <u>trabalhava muito</u>[...] [...]trabalhava muito de manhã, a tarde e à noite Em <u>diversos locais diferentes</u> [...]meu horário era muito maluco.
Profª Michele	[...] “e eu conheço vários colegas que queriam fazer mestrado ou fazem numa dificuldade <u>sufoco com tempo</u> para achar tempo para fazer” [...] [...] “pra ele (o professor) poder se preparar melhor, o professor tem vezes que fica com a auto estima muito baixa, <u>é muita pressão, muito trabalho, muita coisa</u>, e às vezes a auto- estima vai lá embaixo mesmo, e as escolas deveriam trabalhar mais nisto, pra ele se sentir melhor, sentir mais seguro mais confiante.” [...] “de uma forma geral tá bastante insegura porque fecha escola, fecha sala de aula tem um monte de contratado por exemplo, escola particular as vezes <u>não dá garantia nenhuma</u> que você vai ficar o ano que vem, no próximo mês, então não tem muita(sic)... ele <u>sofre muito</u> em relação a isto, é difícil você ter um trabalho assim autônomo”. “Professor ou ele tá (sic) está num emprego público ou não, fora do emprego público ele <u>perde totalmente a estabilidade</u>, então são essas coisas que eu acho, principalmente essa última eu acho, pior que o salário essa última, essa <u>instabilidade</u>”. “[...]<u>tem pouca coisa</u>, mas eu tenho todo o material em casa, eu fui comprando [...] ao longo dos anos eu fui comprando materiais, aí eu tenho quartinho na minha sala que eu guardo tem reagente, tem vidraria, aí eu <u>trago pra sala de aula</u> para trabalhar com os alunos.”
Prof. Samuel	[...] “a gente tem uma equipe muito competente aqui na escola [...] ali tem uma <u>competência</u> incrível assim consegue dar pra gente esse <u>respaldo necessário</u> [...] se eu tiver algum problema com um estudante tá em sala de aula qualquer tipo de problema sério e conversar com as meninas entendeu <u>você é bem acolhido</u> elas já vão entrar em contato com os pais, então isso <u>alivia o professor</u>. [...] “<u>o professor não pode trabalhar tão à deriva</u>.”

	“é todo um diferencial na escola [...] eu trabalhei em escola que acontecia alguma situação você <u>não tinha com quem ninguém conversar</u> , <u>o diretor não permanecia na escola.</u> ” [...] “ <u>ambiente limpo.</u> ”
Prof. Pablo	[...]a escola tem a mesma sistemática, ela bate o sinal os alunos entram na sala, o professor não consegue sair do espaço escolar <u>não existe ambiente pior que sala de aula</u> ainda mais para você ficar 4 a 5 horas. [...] “ <u>tem que rever o espaço</u> , ela tem que rever o tempo, ela tem que rever a sua matriz curricular.” [...] “ <u>É um local fechado.</u> ”
Prof. Vinícius	[...] “se formos pensar administrativamente, a nossa gestão tem uma tendência de <u>confundir delegar com abandonar</u> , então por exemplo você vai organizar a semana do meio ambiente, beleza? então agora tudo que você for fazer, [...] <u>se vira é culpa sua</u> , você que vai dar um jeito <u>eu não vou te ajudar em nada</u> , faz tudo sozinho.”
Prof. Mateus	“Estes computadores [...] já tem dois anos que <u>funciona só a metade da sala de tecnologia.</u> ”

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.2 Categoria: Valorização profissional

Esta categoria apresenta os significados e sentidos que os/as entrevistados apresentam sobre a valorização profissional. A valorização docente compreende questões sobre carreira, condições de trabalho, salários, reconhecimento e formação. O quadro 3 mostra como esta categoria se apresentou nas falas das pessoas.

Quadro 3 - Categoria: valorização do trabalho docente

Marcas Discursivas	
Salário: Importante – tinha que ser supervalorizado – só ficam se for por amor – mais aula mais dinheiro – bem remunerado – não aumentou – diminui o salário – reconhecida – valorização profissional – primeiro lugar – nossa sobrevivência – satisfação – segurança – acolhidos – primordial - aumentar o salário – satisfação profissional – mais feliz. Capacitação e carreira: melhor preparo – acolhidos – questão importante – desenvolver pessoalmente – qualificar – possibilidade de crescimento, aprender mais – desenvolver melhor – oportunidade de qualificação - melhor professor – oportunidade – liberdade - a formação dos professores é muito ruim. Importância – tem que existir – grande formador – receber – não tem reconhecimento – agradecem – nunca espere esse elogio – você recebe – amizade – respeitar – retorno – gosta da minha aula – ela explica bem – fiquei toda – legal – evoluindo – pelos outros profissionais – envaidecida.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	[...] “essa satisfação, a parte salarial não vou ser hipócrita é claro que é muito importante, se não fosse importante eu não ia dar aula em quatro escolas por exemplo. [...] “<u>quanto mais aula mais dinheiro</u> você ganha.” [...] “<u>a formação dos professores é muito ruim.</u>” [...] “seria desejável é reconhecer a <u>importância</u> desse profissional. [...] “mas é o reconhecimento do professor, isso sim <u>tem que existir.</u>”

	[...] “reconhecer o papel do professor, o professor é o <u>grande formador</u> .”
Profª Lorena	[...] “a gente percebe que as <u>capacitações são perda de tempo</u> e eu acho que a gente tinha que ter um <u>melhor preparo</u> , eu acho que a parte de licenciatura tinha que ser cinco anos, não quatro e outras universidades que são três e com certeza <u>o salário tinha que ser supervalorizado</u> porque <u>os melhores profissionais só ficam se for por amor</u> e não por dinheiro porque não compensa”.
Profª Michele	“o salário acho que tá em <u>primeiro lugar</u> que é (sic), o professor virou deboche, todas essas piadinhas que vão falar de salário colocam o professor no meio, todo mundo debocha de professor, e professor se debocha também”. [...] “ele <u>gosta da minha aula</u> de uma certa forma porque eles têm respeito por mim, no caso deles, eles tem muito carinho pelo professor e daí você escuta por exemplo, aluno dizer eu gosto da professora [...] porque <u>ela explica bem</u>, nossa fiquei toda <u>envaidecida</u>, [...] eu não gosto de química mais eu gosto da professora [...] ela é carinhosa com a gente coisas assim, ela é muito meiga. [...] “a coordenadora veio falar pra mim, daí eu <u>fiquei toda</u>, falei ó que <u>legal</u>, que dizem são coisas assim tão bobas tão pequenas, e você vê depois de um tempo aquele seu aluno fazendo faculdade ou então mesmo se ele não está fazendo faculdade ele saiu, ele está <u>evoluindo</u> de uma certa forma, está pensando em outras coisas está, não sei é essas coisas que eu considero”.
Prof. Samuel	“A questão material da <u>nossa sobrevivência</u> que todos nós precisamos e que a gente não pode abrir mão disso daí eu, não faço doação, eu vivo daquilo que eu trabalho. “<u>Satisfação</u> [...] é você saber que você trabalha, por exemplo, você vai receber seu salário no final do mês isso te dá uma <u>segurança</u>”. “Deveriam ser os profissionais mais bem <u>acolhidos</u>, seja em termos de salário em termos de infraestrutura em termos de capacitação entende. [...] “sempre quando tem formatura os pais eles <u>agradecem</u> a gente então se vê que a gente tem esse tem esse diferencial.
Prof. Pablo	[...] “a coisa mais importante o professor ser <u>bem remunerado</u>”. “Aumentou a quantidade de alunos de sala de aula e o salário do professor <u>não aumentou</u> nessa proporção”. [...] “<u>diminuiu o salário</u> do professor diminuiu a qualidade do professor”. [...] a outra <u>questão importante</u> é a <u>formação</u> dele. [...]”...é assim logo no começo eu acreditava que as pessoas iriam me elogiar sabe quando você dá aula faz alguma coisa, aí você espera que ele elogie? com o tempo eu descobri que ser professor é você <u>nunca esperar esse elogio</u>, mas eventualmente <u>você recebe</u> isso de alguém que te encontra lá na frente e fala assim lembra uma vez vou dar um exemplo, quando eu trabalhei com voleibol eu tive uma equipe que começou comigo eu tinha uma escolinha particular que chama escolinha de voleibol e aí eu tinha uma equipe ,de meninas e aí (sic) e essa equipe virou uma equipe muito boa a gente foi campeão durante 5 anos seguidos e aí eu falava muito para elas assim: gente esse voleibol aqui ele não vale quase nada, ele é legal a gente brinca tudo, toda a tarde a gente passa aqui, a gente treina, mas daqui a cinco, dez, doze anos nós vamos nos encontrar na rua e vai ser muito legal e vocês vão falar assim: você lembra daquela vez? Aquilo foi muito legal e hoje essas pessoas eu a encontro na rua, no facebook nas redes sociais de modo geral e elas falam exatamente isso, Pablo eu tenho uma filha de dois anos eu tenho 3 filhos, eu tenho dois filhos, eu falo exatamente o que você falou há quinze anos atrás, o que fico daquele tempo o voleibol passou, mas a <u>amizade</u> eu aprendi a <u>respeitar</u>, então o <u>retorno</u> da gente é esse”.
Prof. Vinícius	[...] “para você estar satisfeito com a profissão você tem que ter uma <u>possibilidade de crescimento</u> a sua instituição tem que dar chance de você se <u>qualificar</u>, de você poder se <u>desenvolver pessoalmente</u> e você tem que conseguir desenvolver as suas atividades sem sofrimento pessoal”. [...] “<u>Oportunidade de qualificação</u>, liberdade para que eu faça os meus horários”.

	[...] “você ter os horários das aulas, da interação com o aluno que é o alvo do seu trabalho, é para ele você está trabalhando, todo o resto é você está se desenvolvendo para que você seja um <u>melhor professor, oportunidade, qualificação e liberdade</u> ”.
Prof. Mateus	[...] “se a profissão dele fosse <u>reconhecida</u> , nós não precisaríamos estar brigando por salários”. [...] “a maioria pensa que conseguindo bons salários está conseguindo a <u>valorização profissional</u> ”. [...] “se você tem reconhecimento você ia <u>receber</u> por aquilo que você faz”. [...] “eu vejo que a questão financeira é porque você <u>não tem reconhecimento</u> ”. [...] se não for pelos alunos, seja <u>pelos outros profissionais</u> que compõem a educação. Você quer ter no mínimo esse reconhecimento.
Profª Sabrina	[...] Salário (risos)...Eu acho que deveria não só <u>aumentar o salário</u> como aumentar a (sic), mudar a forma como é né? As horas de planejamento são muito importante para um professor, trabalhar aula, montar aula eu acho que no momento ainda é pouco, porque eu acho que precisaria mais de algumas horas, porque essas horas que o professor passa na sala de aula, aqui na escola montando planejamento eles também ficam em casa no final de semana passam corrigindo provas, corrigindo trabalho; as vezes você pega 10 (dez) turmas você tem provas, trabalhos de 10 turmas para corrigir e ainda montar a próxima aula e isso deveria melhorar um pouco mais estas horas. [...] “que eu possa <u>aprender mais</u> , que eu consiga desenvolver melhor dentro da sala de aula”
Profª Nadir	“Importante, primeiro...respeito com os colegas e o salário também, o salário <u>é primordial</u> porque se você não ganha bem já não tem vontade né já não tem muita vontade você tem que ganhar um pouquinho melhor para você sentir valorizado”. “A <u>satisfação profissional</u> é você estar bem naquele local né e também ser bem humorada eu acho que o dinheiro tem que caminhar junto né(sic)? a gente trabalha com o dinheiro <u>mais feliz</u> porque ninguém trabalha de graça... só se você está aposentada né só se você aposenta e ta bem pode trabalhar com vontade sem ganhar né, mas eu acho que faz parte, o dinheiro faz parte isso é a satisfação profissional”.

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.3 Categoria: Relações de gênero

As relações de gênero se apresenta como categoria nos discursos dos/as entrevistados/as. Por meio as falas, é possível constatar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho tem sido acompanhada de segregação e discriminações que as colocam em condições menos favoráveis no campo socioprofissional. Para Silva (1997) Os estereótipos de “ser homem” e “ser mulher”, definidos historicamente, reproduzem-se no mercado de trabalho e expressam-se na feminização/masculinização das tarefas e ocupações, determinando a existência dessa inserção desigual. Nos debates educacionais, é consenso a constatação da enorme presença feminina no magistério. No entanto, o exercício da carreira docente por mulheres ainda encontra alguns desafios a serem superados, conforme pode-se verificar no quadro 4.

Quadro 4 - Categoria: relações de gênero

Marcas Discursivas	
Aparência – não vão respeitar – outro tipo de trabalho – uma aulinha de reforço – mostrar que você é boa – tamanho do professor – preferem homem – se impõe – ocorre mais com as professoras mulheres – sofrem mais depressão – incapaz – impotente – difícil para uma professora – como ela vai se defender – fácil para o professor.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	eu vou me defender é um direito meu é então assim ainda mais sabendo que eu faria de tudo dentro de uma sala de aula para evitar um problema como esse, lamentavelmente isso é até questão de gênero, você pega isso é <u>difícil para uma professora</u> né, <u>como ela vai se defender</u> é <u>fácil para o professor</u> falar um pouco mais grosso com ele né ele interpretar isso até o caminho que você faz para resolver esse assunto.
Profª Michele	[...] ele falou pra mim: eu não vou contratar uma pessoa, por exemplo, na sua <u>aparência</u> eles <u>não vão respeitar</u> a não ser que dê pra (sic) fazer um <u>outro tipo de trabalho</u> aqui na escola <u>uma aulinha de reforço</u> disse assim né? (sic), aí que você pensa quando você tá trabalhando, você tem que se melhor que os outros pra poder <u>mostrar que você é boa</u> naquilo que você faz. “a gurizada olha muito isto, <u>o tamanho do professor</u> , tom de voz entendeu? isso acontece, não adianta a gente mascarar e falar que isso não acontece.” [...] às vezes <u>não respeitam</u> você, eu tenho que se falar mais bravo, [...] eu não sei ficar brigando com as pessoas fazendo (sic), arrumando confusão, mas eu acabo tendo que as vezes falar mais alto o que é pior, sim um professor de química geralmente as escolas <u>preferem homem</u> , um homem professor de química que chega e <u>se impõe</u> que é um tal de química, física e matemática.
Prof. Mateus	Infelizmente <u>ocorre mais com as professoras mulheres</u> , elas é quem <u>sofrem</u> mais...e os meninos não respeitam tanto e hoje as meninas respeitam muito menos que os meninos. É não sei se é pelo fato de nós sermos homens eles acabam ficando mais com medo pelo tipo as vezes de atitudes que a gente toma. Mas as mulheres acabam guardando muito para si isso e elas acabam ficando meio <u>com depressão</u> , <u>se sentindo incapaz</u> , <u>impotente</u> [...].

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.4 Categoria: Docência

O significado do trabalho docente exerce a função mediadora entre os/as alunos/as e os instrumentos culturais que serão apropriados, buscando o domínio do que já foi produzido no meio social e a transformação de modo a atender a nova dinâmica de relações e práticas sociais que caracterizam o contexto educativo. Para os/as professores/as o êxito profissional assenta-se em sua capacidade para lidar com situações concretas do cotidiano escolar e resolver problemas práticos mediante a integração do conhecimento e das relações interpessoais na escola. Isso representa para os docentes estar preparados para as aceleradas mudanças sociais, características da sociedade atual. De modo geral, os/as professores/as ressaltam que gostam de lecionar e que se sentem realizados na profissão.

Alguns/mas professores/as aceitam as mudanças no sistema de ensino como uma necessidade inevitável da mudança social, a sua atitude em relação a mudança é positiva, ainda que tenham que transformar a sua atitude na sala de aula, apropriando-se das novas exigências.

No entanto, um segundo grupo de professores/as sentem-se inseguros/as diante dos novos desafios que se apresentam e entendem as transformações sociais, por um lado negativo e prejudicial das relações no contexto educacional. O quadro 5 revela as representações sobre a docência, para os/as educadores/as.

Quadro 5 - Categoria: Docência

Marcas Discursivas	
Diferença muito grande da época que comecei a trabalhar – tentar tornar a aula o mais interessante possível – difícil entrar e ter um espaço – tem que ter paciência e esperar – tem que ser bom no que faz – fazer diferença – pitadinha de sorte – você aprende com ele na linguagem dele e dos alunos – não consigo me ver em outra coisa – gosto muito do que faço – sou professor por opção – diferença muito grande da época que comecei a trabalhar – tentar tornar a aula mais interessante possível - me sinto satisfeito naquilo que faço - não consigo me imaginar me aposentando como professor - eu amo o que faço - desenvolver melhor dentro da sala de aula - estou no processo de aprendizagem - melhorar a minha postura - melhorar a minha forma de transmitir para eles o conhecimento – não concordo com negócio de vocação – me achei – o professor ele é construído – atento – antenado – fazer diferença na vida dela – mudar – eu gosto de ser professora.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	[...] “Tem que ser extremamente dedicado [...] mesmo sabendo que é super <u>difícil entrar e ter um espaço</u> né (sic)? você <u>tem que ter paciência e esperar</u> o momento [...] você <u>tem que ser bom no que faz</u> você tem que mostrar [...] que você vai <u>fazer diferença</u> [...] tem que ter uma <u>pitadinha de sorte</u> [...] um ótimo professor é aquele que <u>você aprende com ele na linguagem dele, dos alunos</u> também.
Profª Lorena	[...] o professor ele é <u>construído</u> , eu não concordo com negócio de vocação, não concordo muito com isso não, porque a gente vê que tem um monte de criança que não sonha em ser professora de adolescente, pergunta ali na sala de aula quem quer se professor não tem ninguém, é uma coisa construída mesmo, <u>eu fui gostando</u> .
Profª Michele	[...] “ <u>o professor ele é construído, eu não concordo com negócio de vocação</u> de que você é desde de criancinha se tem que sonhar, não concordo muito com isso não porque a gente vê que tem um monte de criança que não sonha em ser professora de adolescente, pergunta ali na sala de aula quem quer se professor não tem ninguém, é uma coisa construída mesmo, eu fui gostando, [...] aí eu comecei da aula, aí sim <u>me achei</u> . [...] “ <u>eu gosto de ser professora</u> , eu gosto de estar na sala, eu acho que a energia deles é tão grande, tem dia que eu chego tão desanimada e eles, aquele sorriso que adolescente tem aquela alegria.”
Prof. Samuel	[...] “eu <u>não consigo me imaginar me aposentando como</u> professor muito embora hoje eu <u>me sinto muito satisfeito naquilo que eu faço</u> ”.
Prof. Pablo	[...] “aí eu comecei a me ver como professor e hoje eu <u>não consigo me ver em outra coisa</u> a não ser professor.” [...] “eu <u>sou professor por opção</u> gosto muito do que eu faço.”
Prof. Mateus	[...] “eu vejo uma <u>diferença muito grande da época que eu comecei a trabalhar</u> [...] para hoje, antes o aluno ele tinha mais compromisso, nós podíamos contar mais com a participação da família. [...] “o que aquilo que eu estou ensinando para ele vai <u>mudar</u> e vai <u>fazer diferença na vida dele</u> ? [...] “a tecnologia está evoluindo muito, o professor tem que estar <u>atento</u> e <u>antenado</u> .” “Se os professores querem ver uma evolução do aluno, ele tem que fazer a sua parte aqui na escola [...] e <u>tentar tornar a aula o mais interessante possível</u> .”

Profª Sabrina	“[...]Que eu possa aprender mais, que eu consiga <u>desenvolver melhor dentro da sala de aula</u> , que ainda <u>estou no processo de aprendizagem</u> .” “[...] conseguir melhorar a minha postura, <u>melhorar a minha forma de transmitir para eles o conhecimento</u> .”
Profª Nadir	“ <u>Eu amo o que faço</u> , gosto porque se eu não gostasse do que faço eu tenho outros meios [...]sou de uma família que tem uma certa condição financeira.”

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.5 Categoria: Saúde e trabalho

Nesta categoria os docentes discursam sobre a relação das condições de trabalho e a saúde do/a professor/a. Esteve (1991) ressalta que o despreparo dos professores para enfrentar as mudanças ocorridas no ambiente de trabalho tem gerado o que denomina de “mal estar docente”, decorrente de um conjunto de fatores que revela, a pressão das novas exigências educacionais e relacionais advindas das mudanças sociais ocorridas nos últimos vinte anos sobre o exercício de suas funções. Dentre os fatores, destaca-se o aumento das exigências em relação ao professor decorrente da inibição educativa de outros agentes de socialização, como por exemplo, a família, e o aumento de contradições e fragmentação no exercício da docência, que provocam um esvaziamento dos valores educacionais de referência, além de novas expectativas e, relação ao sistema educativo. O quadro 6 revela as consequências deste processo na saúde do docente.

Quadro 6 - Categoria: Saúde e trabalho

Marcas Discursivas	
Ficar mal – desanimada para trabalhar – fica doente – atestado – readapta – não consegue lidar – sofrendo – estresse – licença – readaptado – aposentar – já está pior – reduz a qualidade – estresse – afastado do trabalho – assédio moral – começa a faltar – não sente motivação – desistindo da profissão.	
Fragmentos Representativos	
Profª Michele	[...]a pessoa vai começando a <u>ficar mal</u> , fica até <u>desanimada para trabalhar</u> , <u>fica doente</u> . Tem um monte de professor de <u>atestado</u> aí de sala de aula né? (sic) não consegue lidar com os alunos <u>readapta</u> , faz um monte de coisa por que não consegue lidar com aquela coisa toda, com diretor da escola não consegue entender coordenação, não consegue lidar com os outros professores, <u>não consegue lidar</u> com ninguém, com ninguém, vive ali <u>sofrendo</u> , tudo faz sofrer, não consegue se libertar disso.
Prof. Lorena	[...] Então quando o professor chega no nível de <u>estresse</u> alto ele já está quase entrando de licença, ele já <u>é readaptado</u> ; ele já não está melhorando a situação dele, só está amenizando, não está curando de nada, só está amenizando para ele poder aposentar e também não vai melhorar quando <u>aposentar</u> porque até lá <u>a situação já está pior</u> , então a gente não tem nada, a gente tem a nós mesmos, a gente que vá, que vá ao psicólogo, que vá criar algo que nos desestresse (sic), nos acalme.

Prof. Vinícius	É quando a gente vê que alguém está passando por algum tipo de <u>estresse</u> né, a saúde fica em risco e <u>reduz a qualidade</u> , então a gente passa a ter várias pessoas pedindo <u>licença</u> , ficando <u>afastado do trabalho</u> para tratamento de saúde isso a gente tem bastante aqui, mas é uma relação mais da gestão para com os servidores, [...]é mais um <u>assédio moral</u> mesmo pela que a gestão faz com os servidores e aí a gente tem uma alta taxa de afastamento por causa disso.
Prof. Mateus	[...] então o professor acaba, na grande maioria, entrando em <u>depressão</u> , tira <u>licença médica</u> , começa a <u>faltar</u> , <u>não sente motivação</u> nenhuma em ir para o trabalho, porque o ambiente não é favorável e você vê que alguns acabam até <u>desistindo da profissão</u> . Tem situações que tem professores assumindo concurso, uma ou duas semanas ou um mês de aula e diz não é isso o que eu quero para mim.

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.6 Categoria: Manifestações da violência na escola

Nesta categoria os/as docentes revelam suas concepções sobre o que é violência no ambiente escolar. A violência, representada pelos/as professores/as inclui fatos de grandes e pequenas dimensões, ocorridos nas instituições de ensino e que se caracterizam inegavelmente pela violência. A concepção dos docentes é de que *violência física* se vincula à agressão física e às brigas entre alunos. A *violência verbal* foi relacionada com a agressão verbal, injúrias, palavras ofensivas, provocações, xingamentos, e ameaças, tanto entre alunos/as, como também destes para com professores/as, corpo técnico e demais funcionários/as. A *violência simbólica*

É importante também, o reconhecimento de que não só alunos/as e, em particular, um grupo proporcionalmente pequeno de alunos/as pratica atos violentos, mas também a escola, nas suas vivências, apresenta certos componentes e condicionantes de violências.

Quadro 7 - Categoria: Manifestações da violência na escola

Marcas Discursivas	
Desconforto – desconfortável – tirando sarro – agressão física – bate no outro – excluída – grave – pegaram no pé – não respeitaram – agressão verbal – falta até de uma organização familiar - começa em casa – mal do século – xingar – falta de educação – falta de educação familiar – um caso sério – assunto seríssimo – soco – um tiro – mais pessoal – falta de respeito – agressão verbal – agressão física – mais fácil de ver – psicológica – agredida – diminuída – cumulativo – causa dor – debochando – violência simbólica – ações e posturas violentas – verbal – moral – ofender com palavras – ofender com gestos – bater – seu psicológico –está faltando um pouco de amor em casa – os pais perderam o domínio – muita liberdade – é muito mais sua – defesa do agredido – bullying – relações de poder – assédio moral – puxou pelo braço – vou dar um murro – deu um murro aqui no meu rosto. Persegue o professor – não gosta do professor – coagido – perseguição – sofremos – autoritários – medo – tacam pedras – alvejados com tiros – não denunciando – não sendo o dono do seu conhecimento – frustrando – frustração profissional – não é reconhecido.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	“A violência eu acho que é hoje é o reflexo de...é a <u>falta até de uma organização familiar</u> porque a gente fala de violência na rua, mas a gente esquece que a violência <u>começa em casa</u> , portanto, eu creio que a violência hoje é o <u>mal do século</u> né, violência só o fato de talvez <u>xingar</u> alguém no facebook é uma violência, mas a violência está ligada a <u>falta de educação</u> está ligada a <u>falta de</u>

	<u>educação familiar</u> e o nosso problema familiar é um problema sério, portanto, eu faço a ligação da violência né como <u>um caso sério</u> é uma tendência né porque você utiliza variadas formas de violência e são várias formas de violências, mas no meu contexto escolar docente é um só motivo em casa, então começa ali, então não dando conta normalmente ela tende a dominar o exterior que é o prejudicial; para mim violência é um <u>assunto seríssimo</u> e atinge os dois gêneros lamentavelmente.” “[...] na minha época de aluno né, eu tive um caso inclusive a muito tempo atrás de empurra, empurra e nisso quando vê os dois estavam no chão rolando e tal né, ficava nisso hoje em dia você não consegue brigar assim se você fizer isso três, quatro te espera lá fora não é para te dar um <u>soco</u> é para te dar <u>um tiro</u> por exemplo, o negócio fico <u>mais pessoal</u> é então não que a minha época fosse tão pouco não é isso, mas é que hoje está extremamente avançado, então é bem diferente.”
Profª Lorena	“Nossa, tem vários campos de violência, acho que a partir do momento que há uma <u>falta de respeito</u> e uma <u>agressão verbal</u> assim já é uma violência, porque de uma <u>agressão verbal</u> traça uma <u>agressão física</u> dependendo da situação é um pulo, a violência em questão da verbal e psicológica, todas as vezes talvez eu me sinta <u>agredida</u> ou <u>diminuída</u> por algum aluno ou outra pessoa ou direção ou por outra pessoa. A <u>física</u> é mais fácil da gente ver, talvez a gente não que seja fácil, mas é porque todos percebem, mas a <u>psicológica</u> que está enraiado em cada um que <u>é mais difícil de ver</u> que é mais <u>cumulativo</u> acontece todos os dias, você pode até tentar se blindar contra isso.”
Profª Michele	“é estranho falar a palavra violência, eu acho que violência é se causa, é uma coisa que se <u>causa dor a outra pessoa</u> é violência.” “[...] na escola particular foi uma aluna, deu um rolo essa história, ela estava colando, e eu peguei e cheguei e falei que ela estava colando, cheguei nela discretamente e falei assim: guarda essa cola que (sic) senão eu vou tomar sua prova, aí ela olhou pra mim assim e ficou me olhando daí eu saí quando eu voltei ela estava de novo só que com o celular, aí eu peguei a prova, quando eu peguei a prova ela ficou quieta me olhando aí todo mundo saiu da sala, ela não saiu, aí eu estava arrumando as coisas pra ir embora ela me <u>puxou pelo braço</u> levou num cantinho e falou assim; devolve a minha prova agora se não eu <u>vou dar um murro</u> na sua cara, aí eu falei eu não vou devolver a prova de ninguém, uma guria bem grandona assim, eu fiquei sumida no cantinho assim, aí ela pegou e <u>deu um murro aqui no meu rosto</u>, ela falou isso é só o começo.[...]” “[...]esses dias eu achei complicado porque uma aluna chegou e ficou <u>debochando, debochando mesmo</u> rindo de mim com as colegas e ria e ria, eu falei eu não posso responde nada eu tenho que ficar quieta, que ela disse que eu era, colocou um nome de um personagem bem esquisitinho que eu conheço, muito feinho, fiquei quieta daí a guria pegou e falou assim: o professora porque você é tão pequena assim e ria com as amigas, sabia que <u>você parece fulano</u> e ria com as amigas, mais porque se tá, eu falei chega aí, ela continuou aí eu quase por exemplo disse o seguinte, você não pode fazer isso com o professor porque o professor também não pode fazer isso com você né? e a escola tem que trabalhar mais isto, porque eu já vi aluno colocando apelido no cabelo da professora.”
Prof. Samuel	“[...] já vi colegas né é a gente lecionando aqui na sala ao lado a gente ouve aquela gritaria e a gente vai ver o que é alguém está agredindo o professor né, é são coisas muito terríveis de se ver assim realmente derrubam a gente.” “[...] às vezes uma estrutura institucional que não permite que a gente talvez encare de frente esse problema como aconteceu nessa escola né o professor foi agredido e, e depois eu percebi meio que na fala da coordenadora que não era viável que ele fizesse um boletim de ocorrência né? (sic) cara (sic) e assim então eu acho meio complicado isso eu falei, puxa vida não vai fazer o boletim de ocorrência, mas a senhora vai conversar com o estudante que agrediu o professor? não deixa assim. Assim a gente sabe só tá estimulando”. [...] “e talvez a nossa violência escolar esteja às vezes tão presente por conta disso a gente não consegue né encarar de frente a gente tem medo né e que medo.” “[...] se a gente fica muito exposto a essas relações cotidianas <u>de violência simbólica</u> sobretudo né? (sic) eu acho que a nossa prática ela pode refletir sim em <u>ações e posturas violentas</u> no nosso estudante e talvez sem que a gente se perceba sobre aquilo né?(sic) eu acho que o ambiente ajuda.”

Prof. Pablo	“violência para mim ela é pressuposto de uma <u>relação de poder</u>, por exemplo se você precisa manter o seu poder através de alguma coisa que imponha, o outro se sente menor então ele precisa mostrar o poder dele.” “[...] eu acho continuo achando que essa relação da violência ela <u>é muito mais sua</u> do que do outro, ela muito mais o espelho do que necessariamente a prática do outro em relação a você.” “[...] “Eu acho que é muito mais <u>defesa do agredido</u>, do oprimido do que necessariamente o cara dizer assim bom hoje eu vou bater no professor eu acho.”
Prof. Vinícius	“Acho que qualquer coisa que cause <u>desconforto</u> ao outro né sempre que eu posso deixar <u>desconfortável</u> estou praticando uma violência contra você seja <u>tirando sarro</u> de alguma característica sua, sei lá (sic) se seu cabelo é enrolado [...] se isso te causa desconforto é um tipo de violência até uma <u>agressão física</u> que ai já é uma situação mais grave.” “Eu não vejo tanto afastamento das outras violências da violência escolar né, quando um aluno <u>bate no outro</u> é uma violência, mas se ele batesse na escola, batesse na rua era o mesmo tipo de violência, a diferença é que a escola faz...é uma parte muito grande da vida da pessoa, se a pessoa sente <u>excluída</u> dentro da escola é uma violência mais <u>grave</u> do que do que de repente sei lá; nas duas horas que ele está na rua alguém bater a carteira nele é um evento pontual né, na escola essa violência pode se prolongar e muitas vezes a vida inteira da pessoa ela sofrer a violência todas as horas do dia quando ela está na escola, nossa escola tem um agravante ai muitos alunos ficam aqui o dia inteiro [...] se ele sofre algum tipo de violência aqui dentro vai ser o dia inteiro né isso é uma coisa que se repete, então o mais agravante da violência escolar é isso.” “ [...] a gente tem bastante aqui, mas é uma relação mais da gestão para com os servidores, não vem dos alunos, não vem violência dos alunos é mais um <u>assédio moral</u> mesmo pela que a gestão faz com os servidores e ai a gente tem uma alta taxa de afastamento por causa disso.
Prof. Mateus	“[...] felizmente aqui nesta escola eu nunca passei por caso de violência, de sofrer violência. Mas em outras escolas eu já passei por algumas situações, mas até aqui dentro da nossa escola nós já tivemos professores que sofreram, os alunos por algum motivo <u>pegaram no pé</u> do professor <u>não respeitaram</u> e o professor infelizmente não tem muito o que fazer.” “[...] tem escolas que a direção muito pelo contrário, ela <u>persegue os professores</u>, ela por algum motivo <u>não gosta do professor</u> e acaba perseguindo aquele professor que é uma violência pior do que quando parte do aluno... porque com o aluno o professor consegue de uma certa forma lidar, no seu cotidiano ali na sala de aula, mas quando o professor se sente sempre <u>coagido</u> no seu ambiente de trabalho ele não consegue desenvolver um bom trabalho.” “[...] a <u>agressão verbal</u>, por parte dos alunos e também dentro da escola, esta <u>perseguição</u> por alguns profissionais para com o professor.” “[...] Então são alguns tipos de violência que tantos nós profissionais <u>sofremos</u>, igual na periferia mesmo...os professores querem ser totalmente <u>autoritários</u> com os alunos e quando professor sai os alunos <u>tacam pedra</u> no carro do professor, carro de professor ser <u>alvejado com tiros</u>, então são situações de violência que a periferia sofre muito e que as vezes não entra dentro das estatísticas da mídia porque o professor acaba <u>não denunciando</u> por <u>medo</u>.” “[...] eu também vejo como um tipo de violência que o professor sofre, porque o professor acaba <u>não sendo o dono do seu conhecimento</u>, o dono da sua aula, o dono da sua disciplina daquilo que ele está fazendo ali, ele acaba sendo influenciado pelos outros a fazer aquilo que muitas vezes ele não quer, então isso acaba também <u>frustrando</u> o professor porque ele acha pra que que ele estudou? pra que que ele acaba se capacitando... sendo que seu trabalho <u>não é reconhecido</u>. Isso é um tipo de violência que que você acaba por sofrer porque é uma <u>frustração profissional</u>, você acaba sofrendo né...você tentou fazer o seu melhor, mas as vezes o aluno não quer e o sistema ainda fala...não mas(sic)...se ele não quer o problema é dele, você tem que passar.”
Profª Sabrina	“[...] a violência é tanto da forma <u>física</u> quanto da forma <u>verbal</u>, tanto da forma <u>moral</u> que agride você então é... (sic). Um colega <u>bater</u> no outro, <u>ofender com palavras</u>, <u>ofender com gestos</u>, com atitudes assim que ofenda, não só fisicamente, mas <u>seu psicológico</u>, a <u>sua moral</u>, pra mim é violência, todos estes tipos de violência.”

	[...] “da mesma forma que colocam apelido, xingar a mãe, xingar o pai isso também é uma forma de violência, é bullying.”
Profª Nadir	[...] a questão da violência não sei eu acho que <u>está faltando um pouco de amor em casa.</u> ” [...] eu acho que <u>falta amor em casa os pais perderam o domínio</u> não sei se é <u>muita liberdade.</u> ”

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.7 Categoria: Violência - um problema para a saúde docente

Os discursos dos/as professores/as evidenciam que o trabalho desenvolvido numa realidade caracterizada pela violência ou na qual o docente se sinta ameaçado, podem causar danos à saúde mental, emocional e física levando-o a um estado de esgotamento e adoecimento psíquico. Apesar da violência se constituir um grave problema que afeta a esfera educacional, por causar prejuízos à saúde integral dos indivíduos ela precisa ser investigada por uma perspectiva mais ampla.

Minayo e Souza (1999) ressaltam que, por a violência ser muitas vezes própria da relação pessoal, política, cultural e social e resultante das interações sociais e até mesmo um componente cultural naturalizado, ela é um problema da sociedade que, desde a modernidade, vem sendo tratada no âmbito da justiça, mas há de se considerar uma preocupação também da área da saúde. No cerne da saúde, tudo o que significa agravo e ameaça à vida, às condições de trabalho, às relações interpessoais e à qualidade da existência faz parte do universo e a violência, no sentido mais restrito, afeta a saúde e frequentemente produz a morte.

Para os/as professores/as este contexto de conflito, entre outros, prejudicam o relacionamento interpessoal entre alunos e professores, o que pode resultar no desencanto do docente com o seu ofício, bem como no adoecimento e na sua insatisfação em relação às suas condições de trabalho, resultando em afastamentos, licenças médicas e até mesmo o abandono da profissão. O quadro 8 evidencia alguns dos problemas que a violência na escola provoca na saúde docente.

Quadro 8 - Categoria: Violência – um problema para a saúde docente

Marcas Discursivas
Afetando a saúde – frustrado – faz mal – depressão – tira licença – começa a faltar – não sente motivação – ambiente não é favorável – desistindo da profissão – não é isso o que quero para mim – estressar – depressivo – a gente está mais doente do que sadio – são doentes – super mal – saúde não é falta de doença - falta de esgoto – falta de moradia – falta de escola – falta de transporte – adoecendo – termômetro – preocupante – estresse – a saúde fica em risco – reduz a qualidade – pessoas pedindo licença – afastado do trabalho para tratamento – afastamento – estresse alto – entrando de licença – readaptado – aposentar – bem debilitada – ficar mal – desanimada pra trabalhar – fica doente – tem um monte de professor de atestado – readapta – viver ali sofrendo –

tudo faz sofrer – não consegue se libertar disso – perder os cabelos – afetar a saúde – autoestima – doente – seu psicológico vai ser abalado – não vai aguentar muito tempo – vou pegar licença – não suporto – muitos de licença – muda de setor – professor que nunca mais volta.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	“[...] se amplia a violência né(sic)? mais difícil seria segurar essas questões né principalmente a saúde do professor diga-se passagem, ele vai se <u>estressar</u> mais, ele vai ficando <u>depressivo</u> resultados estão aí, em campo grande por exemplo fecha-se livrarias e abra-se drogarias porque <u>a gente está mais doente do que sadio</u> para interpretar o mundo de hoje. “[...]a gente observa que a violência entre eles pode adoecer eu diria na verdade, todos nós entramos super bem, mas depois você pede transferência porque você está <u>super mal</u>, então a maioria de alunos, por exemplo, tem <u>depressão, são doentes</u>, tem professor que ta(sic) doente né?(sic) e os pais também já estão doentes por problemas que já vem vindo em casa.
Profª Lorena	“[...] o nosso exame admissional é uma coisa que você vai lá o médico... ele não fez nenhuma pergunta, ele não tem o diagnóstico para avaliar isso, só dessa forma já falou que estou apta para entrar dentro de uma sala de aula, será? É muito vago isso, a gente <u>não tem o acompanhamento psicológico</u> na escola deveria ter; as escolas que possuem acompanhamento psicológico, se tem algum acompanhamento é para o aluno, professor jamais.
Profª Michele	“[...] a pessoa que sofre um tipo de violência... o <u>bullying</u> na escola atrapalha pra (sic) caramba principalmente a parte é psicológica da pessoa, tanto deles quanto do professor, não tem jeito e causa doenças mesmo, causam doenças e a pessoa fica cada vez pior, se a pessoa não tiver um acompanhamento adequado ela vai ficando cada vez pior ela vai desanimando.
Prof. Samuel	“eu tô (sic) bem por que eu me cuido viu, mas, por exemplo, no ambiente de trabalho eu vejo muitos colegas que tão <u>adocendo</u> isso que é <u>preocupante</u> esse é o nosso <u>termômetro</u> né? [...]é eu acho que potencializa né?(sic) a gente talvez não possa dizer que seja o único fator, o único exclusivo que seja responsável pelo adocimento do colega mas que tem um peso importantíssimo mas isso não tenho dúvida, outras coisas vão se somando como tudo na vida, feliz daquele que consegue isolar o problema mas é muito difícil.”
Prof. Pablo	“[...]saúde não é falta de doença né? (sic) saúde é falta de tudo é <u>falta de esgoto</u>, é <u>falta de moradia</u>, é <u>falta de transporte</u>, é <u>falta de escola</u>, é falta de tudo isso.” [...]
Prof. Vinícius	É quando a gente vê que alguém está passando por algum tipo de <u>estresse</u> né, a <u>saúde fica em risco</u> e <u>reduz a qualidade</u>, então a gente passa a ter várias <u>pessoas pedindo licença</u>, ficando <u>afastado do trabalho para tratamento</u> de saúde isso a gente tem bastante aqui, mas é uma relação mais da gestão para com os servidores, [...]é mais um assédio moral mesmo pela que a gestão faz com os servidores e aí a gente tem uma alta taxa de <u>afastamento</u> por causa disso.
Prof. Mateus	[...] “se você vai trabalhar numa escola onde você não se sente valorizado, onde você não consegue desenvolver seu trabalho da melhor forma, onde você se sente perseguido ou porque você encontrou turmas que não querem estudar e você passa mais tempo chamando a atenção do que realmente dando aula acaba diretamente <u>afetando a saúde</u>, porque você se sente <u>frustrado</u> e como você se sente frustrado isso <u>faz mal</u> para você.” [...] “então o professor acaba, na grande maioria, entrando em <u>depressão</u>, <u>tira licença médica</u>, <u>começa a faltar</u>, <u>não sente motivação</u> nenhuma em ir para o trabalho, porque o <u>ambiente não é favorável</u> e você vê que alguns acabam até <u>desistindo da profissão</u>. Tem situações que tem professores assumindo concurso, uma ou duas semanas ou um mês de aula e diz <u>não é isso o que eu quero</u> para mim.”
Profª Sabrina	“Eu penso assim se é uma escola onde a violência é constante, vai acabar interferindo na saúde, o professor vai acabar ficando <u>estressado</u>, pode até entrar <u>depressão</u> como já vi casos de colegas que acabou tendo depressão, mas o professor estar ali (sic) tem que lidar diariamente, tentar evitar não acontecer isso e <u>afetar a saúde</u>. Eu já vi casos de colegas minhas de professoras que de tanto estresse que ela já passou, <u>passava dentro da sala que ela começou perder os cabelos</u>, desenvolveu

	fungo no couro cabeludo e ela teve que perdeu praticamente quase todo o cabelo dela, teve que ficar afastada, fazendo tratamento isso é ruim pela <u>autoestima</u> pelo professor.”
Profª Nadir	[...] “se você se está num (sic) ambiente e não está bem e o ambiente que você está, não sente desejo não sente prazer, você vai ficar <u>doente</u> , <u>seu psicológico vai ser abalado</u> , <u>não vai aguentar muito tempo</u> de jeito nenhum, eu tiro por mim se eu frequentar um ambiente, se eu for trabalhar numa escola onde tem violência aluno que responde, aluno que não obedece, aluno que não sei o que, e a gente não tem apoio de nada; com certeza eu vou <u>pegar licença</u> eu <u>vou ficar doente</u> eu já tenho essa sensibilidade pode ser que tem pessoas que seja forte, mas eu sou uma pessoa sensível que eu acho que eu <u>não suporto</u> muito tempo.” “ <u>Muitos de licença médica</u> , <u>afastamentos</u> , <u>professor que nunca mais volta</u> , <u>muda de setor</u> é por conta disso.”

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.8 Categoria: A prevenção e o enfrentamento dos/as professores/as diante da violência

Para os professores/as as medidas de prevenção e enfrentamento precisam incluir principalmente, a participação dos discentes nos projetos e ações para a redução da violência na escola. Para os docentes, a ausência de diálogo, de uma família acolhedora e de participação da família nos processos educativos contribuem para a perpetuação da violência na instituição de ensino. Os/as professores também acreditam que a realização de palestras e o apoio dos dispositivos de segurança pública, podem auxiliar na prevenção e redução da violência. Outros docentes, ressaltam que estas medidas são importantes, mas não são suficientes, visto que, a violência se configura um fenômeno que necessita da articulação entre sujeitos de setores sociais diversos e, portanto, de saberes, poderes e vontades diversos, para enfrentar este problema complexo. O quadro 9 evidencia esta categoria na fala das pessoas entrevistadas.

Quadro 9 - Categoria: Prevenção e enfrentamento da violência na escola pelos/as professores/as

Marcas Discursivas	
Quando a escola cria alguns eventos – traz pessoas de fora – discutir as situações – mostrar o lado do bem – o lado do mal – o pai não mostra – não tem diálogo – dar muitas palestras – trazer gente de fora – palestras motivacionais – sempre estar conversando com os alunos – sempre ouvindo – abrir a escola – trazer estas pessoas para conversar – ouvir – ter o poder de falar – escola democrática – ter pessoas democráticas – sentido de pertencimento – família – família estruturada – educação – oportunidade – tira a palestra – campanhas de educação – de conscientização – oportunidade de estágio – de emprego – política de redução de evasão – responsabilizado pelas suas ações – acompanhamento psicológico – aula de cidadania – a equipe com o grupo familiar e o estudante.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	[...] “eu acho que <u>quando a escola cria alguns eventos</u> bacanas né? <u>traz pessoas de fora</u> pra comentar a realidade do país, da cidade, [...] trazer profissionais, trazer por exemplo, um comandante da polícia militar, [...] o comandante dos bombeiros, [...] o delegado, trazer por exemplo aqui pra gente um...(sic) alguém público né(sic)? para que possa ouvir deles certas coisas e a partir daí <u>discutir as situações</u> esse é um meio que a escola poderia fazer abrir mais.

Profª Lorena	“O maior problema são nas escolas, mas seria <u>aula de cidadania</u> que acontece filosofia, sociologia mas talvez com os padrões curriculares não sei os <u>conteúdos</u> que vêm, que tratem sobre leis e deveres realmente do aluno eles precisavam ser conscientizados de seu papel na sociedade. [...] “então ele precisava ser conscientizado, ele precisava ser <u>responsabilizado pelas suas ações</u> e acompanhamento toda escola tinha que ter nossa linha, de <u>acompanhamento psicológico</u>.” [...] “acho que a gente tinha que ter <u>acompanhamento psicológico</u> com os alunos.”
Profª Michele	[...] “é a questão da afetividade não, só afetividade, mas essa questão da afetividade eu acho que ajuda bastante.”
Prof. Samuel	[...] “é realmente aproximar aqueles três atores [...] é o professor junto com a coordenação, <u>a equipe</u> e o <u>grupo familiar com o estudante</u>, eu acho que quanto mais pertinho mais assim sintonia tivermos em nos três a gente é entende o outro e a gente se percebe melhor, é um processo dialético.”
Prof. Pablo	[...] “a solução é você <u>abrir a escola</u>, é a direção da escola <u>trazer essas pessoas para conversar</u>, é gente <u>ouvir</u> é <u>ter o poder de falar</u>. Agora eu fazer isso eu corro um risco eu acho que poucas pessoas estão suscetíveis a isso quando você se abre as pessoas vão criticar você pra você receber criticar é preciso ter coragem [...] então você vai falar assim: vamos lá gente que que vocês querem que melhorem? Uma <u>escola democrática</u> você tem que <u>ter pessoas democráticas</u> uma escola aberta, você tem que ter professores abertos então eu acho que é isso não consigo ver nada não consigo ver nada mágico acho que a violência não chegou no nosso nível de forma mágica ela foi subindo ela foi progredindo né e assim como se você quiser diminuir isso ela vai ter que regredindo como? Com essa relação, com <u>sentido de pertencimento</u> como ouvindo de outras pessoas.”
Prof. Vinícius	Educação é o que reduz a violência; <u>educação</u> e <u>oportunidade</u>, eu não acho que uma pessoa por exemplo, se transforme em traficante ou queira bater em alguém porque ela tem opção de não bater ou ter uma outra profissão que dê o mesmo retorno sem que seja fora da lei, então eu acho que você tem que fazer, <u>campanhas de educação</u>, <u>de conscientização</u> e <u>ai tira a palestra</u>, porque palestra já viu que não é eficiente para esse tipo de conscientização, [...] são campanhas bem feitas da educação, da conscientização e oportunidade, <u>oportunidade de estágio</u>, <u>de emprego</u>, ter auxílio permanência para que a pessoa consiga desenvolver o curso bem, ter uma <u>política redução de evasão</u> né essas coisas assim, bem-estar.
Prof. Mateus	“Nós procuramos é....<u>dar muitas palestras trazer gente de fora</u>, alguns que foram ex-alunos e hoje tem uma profissão, estão bem de vida né? (sic) está bem de vida no sentido de estar bem empregados que vieram de escola pública, que estudaram aqui e hoje conseguem sustentar sua família, ter uma boa condição de vida dentro da realidade atual.” [...] “eles vendo que eram alunos da escola eles conseguem enxergar que realmente eles também podem chegar ali. Quando tem casos de violência, casos de drogas, nós procuramos trazer <u>palestras motivacionais</u> ou que tratem de drogas.” “Adquirimos este material, trabalhamos com os alunos isso né? Então a gente procura <u>sempre está conversando com os alunos</u>, não escondemos porque tá (sic) aí acontece. Mas também procuramos estar <u>sempre ouvindo</u> eles também, aqui na escola a gente sempre ouve muito o aluno, parar para escutá-lo. Então quando eles estão passando por algum problema eles acabam nos procurando. [...]”
Profª Sabrina	“Olha eu acho que a <u>família</u> deveria estar mais próxima mesmo dessa convivência escolar do aluno, participar mais, ter mais esse controle do aluno, acho que é primordial mesmo.” [...] “Muito casos de violência que você vê dentro da escola de repente é alunos que não tem uma <u>estrutura familiar</u> boa, a família passa por dificuldades de não ter, quanto de convivência mesmo, seria a família mesmo participar mais na vida do aluno.”
Profª Nadir	[...] “Então, eu acho assim que a gente tem que mostrar, <u>mostrar o lado do bem</u> e o <u>lado do mal</u>, mostrar às vezes para ele acordar para a vida que as vezes ele não viu ainda que ele acha que ele é pobre não consegue, consegue sim; então só o estudo que vai levar, tem outros meios só o estudo

	consegue né então você tem que mostrar o caminho para ele mostrar o que é certo e errado, [...] às vezes <u>o pai não mostra</u> não conversa com seus filhos não tem diálogo; então o que acontece hoje em dia a questão da violência <u>não tem diálogo</u> . [...]"
--	--

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.9 Categoria: Relações entre professores/as

A qualidade das relações sociais estabelecidas entre alunos, professores, dirigentes escolares e demais funcionários, ao lado da gestão escolar e dos demais fatores que exercem influência sobre o comportamento de toda a comunidade escolar, contribuem para a existência de um melhor ou pior clima escolar. Os/as professores/as afirmam ter um bom relacionamento entre os pares. O quadro 10 evidencia alguns discursos desta categoria.

Quadro 10 - Categoria: Relação entre professores/as

Marcas Discursivas	
Preconceito – sou nova – desunido – método de ensino diferente – bom relacionamento – relação boa.	
Fragmentos Representativos	
Profª Lorena	“Então a princípio quando comecei foi estranho, porque quando eu comecei você viu, eu sou nova, aí você entra as pessoas, elas têm um <u>preconceito</u>, que você não vai ser capaz, que você não vai conseguir, que você não vai conseguir ter domínio de sala, que os alunos vão querer passa por cima de você, vão te assediar e várias outras coisas né.” “[...] muitos professores quando comecei a trabalhar nem <u>conversavam</u> comigo era bem aquela coisa de panelinha, a gente brinca que o mal da nossa profissão é que a gente é muito <u>desunido</u>, é um querendo passar por cima do outro e você percebe que uma pessoa tem outras ideias tem um método de ensino diferente, você tenta afundá-lo o máximo para ver se ela entrará no sistema junto então você percebe que no começo é um cortar de asas.”
Prof. Mateus	“Graças a Deus eu tenho um <u>bom relacionamento</u>, como eu te disse você tem que transformar o seu local de trabalho no melhor possível, porque você passa, quando é uma escola que você tem os dois turnos você passa a maior parte do seu dia na escola do que em casa. Então é interessante você tornar o ambiente o melhor possível.”
Profª Sabrina	“Na outra escola que estava era uma relação muito boa com a direção, com a coordenação, com os professores, com os colegas, com os alunos também. No início quando eu fui pra lá eu fiquei meio com medo para mim era uma coisa nova, mas depois faz amizade com os alunos assim você acaba pegando mais gosto ainda. Aqui também a relação com a coordenação, com os professores, é uma <u>relação boa</u>.”

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.10 Categoria: Relações entre professores/as e alunos/as

Nesta seção, apresenta-se o quadro que evidencia a relação entre professores/as e alunos/as, mostrando como professores/as avaliam tal relacionamento. De acordo com os dados

apresentados no quadro 11 que segue, os/as professores buscam manter uma relação de amizade, demonstrar apoio e atenção, priorizam o diálogo e consideram a integração com a família fundamental para o fortalecimento de relações saudáveis na escola. Também fazem parte, os discursos que tratam das dimensões pessoais e profissionais, onde alguns dão ênfase a esta cisão, e em contrapartida, outros consideram indissociável o ser e o fazer na docência e no exercício profissional. O quadro 11 apresenta algumas destas representações nos discursos dos docentes.

Quadro 11 - Categoria: Relações entre professores/as e alunos/as

Marcas Discursivas	
Família – diferenciar profissional do pessoal – amigo – o profissional do pessoal – socializar – atenção – relações sadias – a gente brinca – pertencimento – relação de amizade – parceria – verdadeiro – autoridade – domínio – firmeza – não vai respeitar – sou muito afetiva – afetiva – profissional – demonstrar atenção – se preocupa – misturo – o profissional com o pessoal – relações sadias – conversar – relacionamento.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	“[...] a <u>família</u> acha que o sucesso do filho é só matricular o filho na escola.” “[...] tem alunos que são excelentes, por exemplo, mas a excelência está ligada a <u>família</u>.”
Profª Lorena	“Eu sofri bastante quanto a isso questões de aluno porque para mim foi difícil <u>diferenciar profissional do pessoal</u>, tinha alunos para mim que já era como se fosse meu <u>amigo</u>, não é ele só está interessado na nota dele não é amigo ele vai fazer a bajulação dele a todo momento realmente, eles vão fazer de todas as formas no começo para mim diferenciar essa questão de bajulação amizade e o aluno em si, foi difícil”.
Profª Michele	“Eu trabalho bastante essa parte <u>afetiva</u>, mais a maior parte é <u>profissional</u> mesmo, a afetiva fica assim, porque eu acho que tem que ter né? (sic)” “Demonstrar que gosta deles que <u>se preocupa</u> com a pessoa que tá ali, oi tudo bem? você está bem? você não veio ontem, tudo bem? oh semana passada inteira você não veio você está bem, por exemplo já uma forma de você <u>demonstrar a atenção</u>, por ele nessa prova você saiu muito mal aqui, se não me falou que se estava tão mal assim.” “Tem que chegar e <u>conversar</u> professor e aluno é um <u>relacionamento</u>, tem que conversar, aluno e professor e direção professor e coordenador tem que conversar, não tem jeito, não tem outro jeito de resolver nada, convivência tem que ter, se não fica cada um de um lado.”
Prof. Samuel	Às vezes eu fico pensando [...], quando a gente se relaciona com estudante né as vezes eu fico imaginando será que é tão importante a gente separar <u>o profissional do pessoal</u>, inúmeras vezes eu já me peguei fazendo esse questionamento né, talvez não só a partir do meu ponto de vista, mas a partir do ponto de vista dos estudantes, porque tem muitos estudantes que vem pra uma escola e a única forma, por exemplo, de ele se <u>socializar</u>, de conversar com as pessoas, de conversar com professor. [...] “fora da escola ele não tem ninguém para dar <u>atenção</u> pra ele então ele precisa eleger um ambiente pra que as pessoas deem atenção pra ele, olha aqui o grupo escola.” [...] “eu <u>misturo</u> tudo isso essa parte do <u>profissional</u> com o <u>pessoal</u>, as vezes eu acho que não está mesmo separado não, entendeu, por que a gente está partindo do pressuposto que a gente está lidando com pessoas.”

	[...] “eu tenho hoje com os meus estudantes, são <u>relações sadias</u> entende, converso de muita coisa com eles não só de conteúdo.”
Prof. Pablo	“[...] eu entro na minha sala [...] <u>a gente brinca</u> .” “[...] a escola [...] não tem sentido de <u>pertencimento</u> .”
Prof. Mateus	“[...]tendo uma <u>relação de amizade</u> você consegue ter o respeito. “[...] a gente precisa ter mais a presença dos pais na escola mas não só para ouvir críticas dos seus filhos, mas tendo na escola uma <u>parceria</u> que pudesse ajudar as crianças sabe e ajudar os pais também nessa dificuldade que eles encontram.” [...] “eu sou muito <u>verdadeiro</u> com eles.”
Profª Sabrina	“[...] estão tirando a <u>autoridade</u> do pai e da mãe e até dos professores mesmo de conseguir é ter mais <u>domínio</u> de uma sala e até os pais eles tiraram um pouco dessa autoridade. A criança, o aluno eles sabem todas as leis, as regras lá, e eles acabam é o pai, principalmente, o pai e a mãe tem que ter uma autoridade. Não sou a favor de palmada, mas eu acho que o pai e a mãe dentro de casa [...], tem que ter <u>firmeza</u> para poderem educar, e eu acho que tirou do pai, eu acho que isso reflete... porque eu penso assim quando o pai e a mãe não são rígidos dentro de casa, [...] lá na escola ele não vai ser um bom aluno, ele vai se sentir totalmente, o dono da situação e daí ele <u>não vai respeitar</u> , se ele não respeita o pai e a mãe dentro de casa na escola não vai respeitar o professor mesmo, acho que perdeu isso a família de hoje mesmo ela vê mais a escola como quem tem que educar, a educação tem que vir de dentro de casa, o pai e a mãe controlar a vida dos filhos, a vida escolar.” “Onde há participação tanto dos pais quanto da <u>família</u> dentro da escola mesmo você trabalha melhor porque você vê o rendimento do aluno, o que ele consegue aprender aqui e também os pais em casa auxiliam neste processo de aprendizagem.”
Profª Nadir	“eu sou uma professora assim eu <u>sou muito afetiva</u> com o meu aluno então eu trago o aluno pra mim [...]eu faço ele gostar de mim, se ele gostar você pode chamar a atenção você não precisa brigar, xingamento, eu não gosto de xingamento, mas assim se você trazer ele para você ele vai ter uma certa diferença.”

Fonte: A autora, 2015.

4.1.2.11 Categoria: Relações entre professores/as e diretores/as

Alguns fatores contribuem para a qualidade das relações sociais entre alunos/as e professores/as. Nos discursos dos/as professores/as, encontram-se algumas evidências sobre as práticas que possibilitam a interação amistosa ou violenta entre estudantes e docentes. Eles/as ressaltaram que nas atuais instituições onde trabalham existe um bom relacionamento entre os docentes e a direção das respectivas escolas. Entre as práticas que possibilitam uma boa interação citaram-se: o diálogo, a afetividade, a amizade. Segundo eles/as também existem alguns comportamentos que podem comprometer a boa relação entre professores/as e a direção das instituições de ensino, tais como o autoritarismo, a hierarquização e a falta de comprometimento com as atividades escolares.

Quadro 12 - Categoria: Relação entre professores/as e direção

Marcas Discursivas	
Flexível – fácil adaptação – boa relação – direção – coordenação – de igual para igual – hierarquias – limites – nunca tive problema – sempre me dei bem – sentimento – relacionamento afetivo – profissionalismo – ditadora – discutir – não me sentia bem – tratando a gente melhor – é a melhor possível – pessoa maravilhosa – muito boa – sabe conversar – amizade – faz a gente ter prazer – amadurecendo – são mais fáceis – nunca levo desaforo – trataram – nem te ouvem.	
Fragmentos Representativos	
Prof. Otávio	“eu considero muito boa, isto também é uma característica de cada um, também né? (sic) eu sou um professor, a minha disciplina é para isso, então eu converso bastante, eu gosto de participar bastante, é fácil eu sou extremamente <u>flexível</u> como que eu acho que é um meio de <u>fácil adaptação</u> é então eu acho que é um item que todos os profissionais deveriam ter e então eu sei ter uma <u>boa relação</u>, com a <u>direção</u> com a parte da <u>coordenação</u> como colegas.” [...] “o diretor sendo participativo a escola tem um resultado diferenciado.” [...] “por exemplo, você pega um diretor que não colabora, que você não sabe o que ele pensa, a chance de ele não fazer nada, de você não se dedicar naquela escola é enorme, <u>você se dedica quando o seu líder é um exemplo</u>, quando ele não é você desiste você faz o que você quiser.”
Profª Lorena	“[...]o diretor parecia um aluno, conversava como se fosse <u>de igual para igual</u> tá (sic) certo que você pode se comunicar com o aluno e tudo mais, mais ele tem que entender certas <u>hierarquias</u> certos <u>limites</u>, entendeu?”
Profª Michele	[...] “não tenho, <u>nunca tive problema</u> assim na escola... com direção nenhuma das escolas que eu trabalhei problema com direção aqueles problemas gravíssimos com aluno, sabe de ter é probleminha assim: aluno com indisciplina, aluno com nota baixa mas isso daí é do cotidiano mesmo da escola faz parte né? (sic), mas problema com direção com a coordenação <u>sempre me dei bem</u>.” “a coordenadora veio e falou pra mim: professora nunca se esqueça quando você passa pelo portão de uma escola você tem que encarar, tudo bem escola é muito <u>sentimento, relacionamento afetivo</u> não sei o quê aquelas coisas todas, ela pegou e falou: tirando essa parte aí mais encare a maior parte das coisas com <u>profissionalismo</u> falou bem assim: profissionalismo encare as coisas desse jeito dói menos, você se chateia menos, você fica mais feliz e tem mais disposição pra ir trabalhar do que encarar com muito sentimentalismo, mágoa ficou chateada, ela falou não esquece isto, esquece tudo entra na escola e encara desta forma.” “Tem que chegar e <u>conversar</u> professor e aluno é um <u>relacionamento</u>, tem que conversar, aluno, e professor e direção professor e coordenador tem que conversar, não tem jeito, não tem outro jeito de resolver nada, convivência tem que ter, se não fica cada um de um lado.
Prof. Pablo	“A primeira escola [...] tinha uma diretora extremamente <u>ditadora</u>.” “[...] se um diretor questionar minha postura em aula vou <u>discutir</u> com ele até o fim.” “Como é as minhas relações, lógico que elas foram melhorando com o tempo a gente vai <u>amadurecendo</u> eu só acho que a gente não pode perder a referência de amadurecer, mas que a gente não pode perder que é aquela coisa que é da sua essência, entendeu? Hoje as minhas relações <u>são mais fáceis</u>, mas que eu posso adiantar que eu <u>nunca levo desaforo pra casa</u> assim se um diretor questionar minha postura em aula vou discutir com ele até o fim para eu mostrar para ele que é assim como aconteceu com essa, com outros, mas eu fui melhorando essa relação assim.”
Prof. Mateus	“Graças a Deus eu tenho um bom relacionamento, como eu te disse você tem que transformar o seu local de trabalho no melhor possível.” “A gestão e a coordenação desde quando eu cheguei aqui me <u>trataram</u> como se eu estivesse há anos trabalhando aqui na escola, então eu me sinto muito a vontade para tratar de qualquer tipo de assunto com eles.”

	“Tem escola que te limita muito isso, você pega o aluno leva para coordenação, chega lá a coordenação <u>nem te ouve</u> , ouve o aluno e aí o aluno fica a está dando problema na sua sala, simplesmente tira da sua aula.”
Profª Sabrina	“Na outra escola que estava era uma relação muito boa com a direção, com a coordenação, com os professores, com os colegas, com os alunos também. No início quando eu fui pra lá eu fiquei meio com medo para mim era uma coisa nova, mas depois faz amizade com os alunos assim você acaba pegando mais gosto ainda. Aqui também a relação com a coordenação, com os professores, é uma <u>relação boa</u> .”
Profª Nadir	“[...] Quando eu entrei ano passado, eu pensei até em relação a uma determinada escola, que eu não fosse ficar por conta que eu <u>não me sentia bem</u> eu chegava assim, aquele clima, mas aí eu fui vendo que eu sou uma pessoa muito comunicativa eu gosto muito conversar tenho muito amizades e fui vendo que é assim mesmo que as pessoas mudam jeito não conhecem a gente aí vai vendo o trabalho da gente vendo trabalho e aí vai <u>tratando a gente melhor</u> .” “Minha relação é a <u>melhor possível</u> , eu sou uma pessoa que converso muito né eu tenho uma <u>relação muito boa</u> com a direção dessa escola, a outra escola também as coordenadoras eu tenho <u>amizade</u> com elas, [...] já tem uma relação como se já tivesse anos principalmente com pessoas daqui dessa escola minha coordenadora é uma <u>pessoa maravilhosa sabe conversar</u> né então isso aí <u>faz a gente ter prazer</u> de ter pela escola né? então eu sou muito feliz de estar nessas escolas onde eu tomei posse são escolas maravilhosas tá(sic) são escolas do centro são escolas boas que eu ouço falar que tem escola que graças a Deus eu tive esse privilégio de estar num local onde eu sinto bem, onde eu sinto prazer de trabalhar pois a pior coisa que tem quando não sente prazer pelo lugar.”

Fonte: A autora, 2015.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

No trabalho em questão foi adotado o critério de categorização semântico, com o objetivo de descrever o significado e sentido atribuído por parte dos entrevistados. Mediante a este procedimento de criação categorias de menor amplitude, cria-se, em seguida interpretações de maior amplitude, contudo, sem nos afastar dos significados e sentidos atribuídos.

Conforme Bardin (2011, p. 201), “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento analógico.” Franco (2003) descreve que a categorização como uma atividade de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, conforme suas semelhanças.

As categorias foram formadas a partir da frequência de temas que emergiram das falas dos indivíduos entrevistados. A organização dos dados em categorias, permite se aproximar do núcleo central e dos elementos periféricos que constituem as representações sociais. Segundo Anadon e Machado (2011), para Abric o núcleo central está relacionado à memória coletiva e organiza a Representação Social, constituindo o sentido fundamental, sua organização e estabilidade. Os elementos periféricos são mais flexíveis em relação ao núcleo central, pois se adapta as variações do contexto. Nesta perspectiva a mudança das representações sociais só ocorre se houver modificação do núcleo central. Quando identificamos o núcleo central é

possível ter acesso aos modos como os sujeitos se comportam diante do objeto da representação social, o que implica conhecer os significados que se atribui ao objeto. Neste trabalho pretende-se conhecer como os docentes compreendem e se comportam em relação a violência, considerando que estas representações terão implicações na sua subjetividade. No processo de análise, os discursos dos docentes revelaram distintas concepções dos sujeitos sobre o mundo, sociedade, instituições de ensino, violência e sobre a profissão docente, a partir do seu contexto histórico, social e cultural.

Pode-se compreender melhor o modo como o grupo de docentes constrói um conjunto de conhecimentos que expressam a subjetividade de um grupo social. Tais conhecimentos podem ser identificados nas categorias de análise, que organizam e norteiam os discursos das pessoas entrevistadas. A formação das categorias, é o meio pelo qual apreendemos os sentidos e significados que os indivíduos atribuem à realidade.

As categorias são constituídas por marcas discursivas, ou seja, elementos do discurso que aparecem com frequência e revelam as ideias que se associam na estruturação e construção das representações sociais. De acordo com Lopes (2009, p. 138): “As marcas discursivas são fragmentos significativos, impregnados de sentidos, que sintetizam as ideias e os pensamentos da pessoa entrevistada.” As categorias encontradas serão apresentadas a seguir, bem como as marcas discursivas que as compõe. Procurou-se organizar as categorias conforme os eixos temáticos do trabalho, que são: Trabalho, Violência e Relações Sociais na Escola.

4.2.1 Eixo temático: Trabalho

Neste eixo temático encontram-se as expressões que tratam sobre as questões pertencentes ao trabalho docente. Este eixo é formado por vários aspectos que constituem o trabalho docente, evidenciados nos discursos dos entrevistados. Para os docentes entrevistados existem vários fatores que determinam as condições do trabalho docente, dentre eles: as condições estruturais das escolas e a relação com outros docentes, gestores e demais funcionários da instituição de ensino; as condições profissionais dos docentes; o sistema burocrático que é imposto aos docentes; os controles externos sobre o trabalho docente e as implicações das políticas educacionais na escola. As condições de trabalho constituem um dos fatores principais do mal-estar docente. Tais condições afetam a saúde física e mental dos professores levando-os ao absenteísmo e, às vezes, ao abandono da profissão. (ESTEVE, 1999)

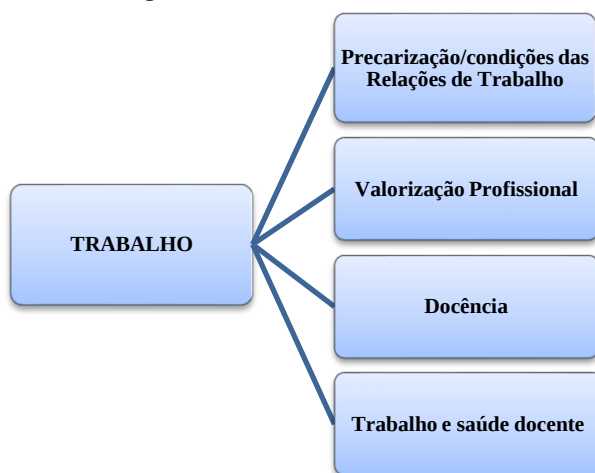
A redução da qualidade das aulas, a impossibilidade de se qualificar e se manter atualizado, a instabilidade e o pouco tempo para preparar e refletir criticamente sobre a sua

prática pedagógica, são importantes fatores a serem considerados no âmbito do profissional em educação, pois além de terem consequências na sua prática cotidiana, podem contribuir para o adoecimento do docente.

Nos relatos apresentados, alguns profissionais, citaram os desgastes físicos e/ou mental causados pelas longas jornadas de trabalho, necessárias para complementar a baixa remuneração e poder atender um padrão de vida razoável. Em outros discursos, os docentes afirmam sua satisfação e revelam a importância dos serviços de apoio, prestados a este profissional no exercício das suas atividades.

Estas diferenças presentes em uma mesma representação social revelam as multiplicidades culturais e históricas, que perpassam o processo de construção de um conhecimento. Desta maneira, encontram-se variadas representações em torno de um mesmo eixo temático, como se pode ver na organização das categorias a seguir, ilustrada na figura 1.

Figura 1 - Eixo temático: Trabalho



Fonte: A autora, 2015

4.2.1.1 Categoria: Precarização/Condições do trabalho

Nesta categoria encontram-se os conteúdos das falas que evidenciaram a precarização e as condições do trabalho. A flexibilidade do trabalhador surge na organização do trabalho como necessária para atender às novas demandas de produção exigidas pelo mercado. Ao contrário do modelo fordista de produção em série, voltado para o consumo de massa, demandando grandes estoques, o momento atual sugere formas mais flexíveis de organização e gestão do trabalho. Esta flexibilização exigida do/a educador/a pode ser vista, por exemplo, no discurso da profa. Sabrina:

Eu acho que deveria não só aumentar o salário como aumentar a (sic), mudar a forma como é né? (sic) As horas de planejamento são muito importante para um professor, trabalhar aula, montar aula eu acho que no momento ainda é pouco, porque eu acho que precisaria de mais algumas horas, porque essas horas que o professor passa na sala de aula, aqui na escola montando planejamento eles também ficam em casa no final de semana passam corrigindo provas, corrigindo trabalho; as vezes você pega 10 (dez) turmas você tem provas, trabalhos de 10 turmas para corrigir e ainda montar a próxima aula e isso deveria melhorar um pouco mais estas horas.

A rígida divisão das tarefas, característica do modelo fordista, vem cedendo lugar a relações mais horizontais e autônomas de organização do trabalho, permitindo maior adaptabilidade dos trabalhadores às situações novas, possibilitando a intensificação da exploração do trabalho, além disso existe a instabilidade gerada pelos contratos temporários, que fragilizam as relações de trabalho e causam insegurança no/a trabalhador/a. Alguns docentes entrevistados necessitaram aumentar a sua jornada de trabalho para atender suas necessidades financeiras. Conforme destaca Caldas (2007, p. 82) “Como consequência do rebaixamento dos salários, os professores vão se obrigando a aumentar o número de aulas dadas, triplicando a jornada de trabalho, atuando em diversas escolas”.

Esta foi uma categoria que se evidenciou nos discursos dos/as professores/as, principalmente, entre os docentes não concursados e que necessitam dispor de uma extensa carga horário de trabalho. “A parte salarial não vou ser hipócrita é claro que é muito importante, se não fosse importante eu não ia dar aula em quatro escolas por exemplo.” (PROF. OTÁVIO)

Ainda sobre a precarização do trabalho, o prof. Rafael afirma que: “Deveriam ser os profissionais mais bem acolhidos, seja em termos de salário, em termos de infraestrutura, em termos de capacitação.”

Os estudos sobre as relações entre o processo de trabalho docente e as condições sob as quais ele se desenvolve realizado por Lima (2010) revelam que o movimento de globalização e das políticas de ajuste neoliberais tiveram efeitos nos modelos organizacionais repercutindo nas condições de trabalho do/a professor/a, bem como na saúde do docente, principalmente a exaustão física e emocional. Sobre a intensa carga de trabalho e os danos causados a saúde, a prof^a Lorena afirma que: Antes eu trabalhava em três escolas no ano passado, aí (sic) eu comecei a ficar com stress muito alto, comecei a ter distúrbio de sono e várias outras coisas que vai acarretando, como de saúde mesmo, além dos distúrbios aí (sic) eu fiquei só em duas escolas.

Os docentes não concursados, não estão dispostos em um plano de carreira, em particular os com contratos temporários, pois usualmente são recontratados todos os anos, impedindo qualquer ascensão profissional e possíveis expectativas em relação a vida profissional, o que significa a negação do reconhecimento social e financeiro do esforço deste/a

trabalhador/a na busca de crescimento profissional. Como afirma a prof^a Michele sobre as formas de contrato de trabalho e sua instabilidade:

[...]de uma forma geral está bastante inseguro porque fecha escola, fecha sala de aula, tem um monte (sic) de contratado por exemplo, escola particular as vezes não dá garantia nenhuma que você vai ficar o ano que vem, no próximo mês, então não tem muita (sic)... ele sofre muito em relação a isto, é difícil você ter um trabalho assim autônomo.

Os discursos também ressaltam sobre a importância das condições de trabalho para o desenvolvimento da atividade docente e para a garantia da valorização profissional.

Sobre as condições de trabalho, Caldas (2007) explica que consiste no conjunto de recursos que permite um melhor desempenho do trabalho educativo, e que envolve tanto a infraestrutura das escolas, os materiais didáticos disponíveis, quanto os serviços de apoio aos educadores e à escola. Nas escolas pesquisadas, pode-se verificar que, predominantemente, os docentes dispõem de uma gestão participativa, composta por diretores/as que oferecem o suporte necessário ao bom desempenho das atividades pedagógicas e educativas. Para os docentes, o princípio da gestão participativa e democrática é essencial e caracteriza-se como um fator motivador.

[...] o diretor sendo participativo a escola tem um resultado diferenciado, [...] por exemplo, você pega um diretor que não colabora, que você não sabe o que ele pensa, a chance de ele não fazer nada, de você não se dedicar naquela escola é enorme, você se dedica quando o seu líder é um exemplo, quando ele não é, você desiste você faz o que você quiser (PROF. OTÁVIO).

[...] a gente tem uma equipe muito competente aqui na escola [...] ali tem uma competência incrível, assim consegue dar pra gente esse respaldo necessário [...] se eu tiver algum problema com um estudante em sala de aula, qualquer tipo de problema sério e conversar com as meninas, você é bem acolhido elas já vão entrar em contato com os pais, então isso alivia o professor. É todo um diferencial na escola [...] eu trabalhei em escola que acontecia alguma situação você não tinha com quem ninguém conversar, o diretor não permanecia na escola (PROF. SAMUEL).

Como dito anteriormente, com as reformas educacionais, ocorridas nas últimas décadas, houve uma reestruturação do trabalho docente, decorrentes de novas formas de trabalho e novas políticas educacionais, revelando-se, conforme mencionado anteriormente, significativamente precarizado, também no que se refere às condições de trabalho. A disponibilidade de materiais para a execução das atividades pedagógicas também é um fator relevante no contexto do trabalho desenvolvido. Alguns docentes, na busca de melhorar a qualidade de suas aulas, custeiam o próprio material didático, como explica a profa Michele em suas aulas de química:

[...]tem pouca coisa, mas eu tenho todo o material em casa, eu fui comprando [...] ao longo dos anos eu fui comprando materiais, aí (sic) eu tenho quartinho na minha sala que eu guardo tem reagente, tem vidraria, aí eu trago pra sala de aula para trabalhar com os alunos.

A insuficiência de apoio administrativo dispensado aos(as) professores(as), principalmente na participação de atividades relacionadas aos recursos financeiros como compra de material, manutenção de equipamentos e desenvolvimento de projetos, revelam alguns pontos que ainda necessitam de melhorias apontados pelos docentes: “Estes computadores [...] já tem dois anos que funciona só a metade da sala de tecnologia.” (PROF. MATEUS)

[...] se formos pensar administrativamente, a nossa gestão tem uma tendência de confundir delegar com abandonar [...] agora tudo que você for fazer, [...] se vira é culpa sua, você que vai dar um jeito eu não vou te ajudar em nada, faz tudo sozinho. (PROF. VINÍCIUS)

Portanto, apesar de alguns/mas educadores/as demonstrarem satisfação com as condições de trabalho, outros se encontram insatisfeitos em alguns aspectos que merecem atenção, por serem geradores de frustração e sofrimento. Para Dejours (1994) algumas condições de trabalho provocam um sofrimento que pode ser atribuído ao conflito entre uma história individual, acompanhada de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora. Para os docentes entrevistados, tão importantes como o salário e carreira são as condições de trabalho, no entanto, independente das condições sob as quais trabalham, o grau de responsabilidade para estes/as trabalhadores/as da educação permanece o mesmo. O trabalho docente é constituído por características peculiares, principalmente, por terem como objetivo a tarefa de preparação do futuro do outro, sendo os/as professores/as, os depositários da confiança de crianças, jovens e adultos, de um futuro melhor. Os processos subjetivos envolvidos na constituição do docente se organizam pelas diferentes representações, crenças e emoções que perpassam em outras áreas de sua vida e se articulam na atividade pedagógica.

Os significados sociais sobre a atividade docente são apropriados por estes/as educadores/as que em suas práticas cotidianas trabalham com compromisso social, zelando pela qualidade no desempenho, no entanto, é preciso considerar que estes/as trabalhadores estão inseridos no contexto dos novos modelos organizacionais da sociedade capitalista, cujo trabalho, é tomado principalmente, como capacidade humana comercializada e geradora de valores materiais socialmente reconhecidos em sua utilidade social. Nos discursos também foi

apontado sobre um grave problema enfrentado por um número significativo de docentes, caracterizando a ausência de autonomia no trabalho, ao exigir-se a aprovação dos discentes, mesmo quando estes não apresentaram o desempenho suficiente na disciplina realizada. Quando professores/as são pressionados a ajustar suas práticas pedagógicas às pressões mercadológicas e de produtividade, o seu ofício se torna alheio e estranho a este/a profissional, segundo o prof. Mateus:

O professor acaba não sendo o dono do seu conhecimento, o dono da sua aula, o dono da sua disciplina, daquilo que ele está fazendo ali, ele acaba sendo influenciado pelos outros a fazer aquilo que muitas das vezes ele não quer, então isso acaba também frustrando o professor, porque ele acha pra que que ele estudou? pra que que ele acaba se capacitando? sendo que seu trabalho não é reconhecido.

No entanto, a instituição de ensino, conforme explica Codo (1999) não são fábricas capitalistas, ou seja, o planejamento de seu trabalho, as etapas a seguir no processo de ensino-aprendizagem, são por ele decididas, o ritmo imposto a seu trabalho não escapa completamente do seu controle, embora existam prescrições externas, às quais ele poderá, por diferentes motivos resistir. Estas ações, embora muitas vezes condicionadas à situações adversas no ambiente de trabalho, revelam uma postura ativa do/a professor/a que busca a valorização e a expressividade da sua profissão na sociedade.

4.2.1.2 Categoria: Valorização profissional

Esta categoria traz os conteúdos que se referem ao reconhecimento, a remuneração e a capacitação e que são atribuídos à valorização do trabalho pelos docentes. Os discursos revelam que as perspectivas de melhoria na qualidade do ensino estão articuladas com a valorização docente, traduzida pelas condições concretas de formação, remuneração e de trabalho dos/as professores/as. A prof^a Lorena afirma sobre a necessidade de um melhor preparo, visto as demandas que se apresentam no contexto educacional:

A gente percebe que as capacitações são perda de tempo, eu acho que a gente tinha que ter um melhor preparo [...] e com certeza o salário tinha que ser supervalorizado porque os melhores profissionais só ficam se for por amor e não por dinheiro porque não compensa (PROF^a LORENA).

A remuneração também representa um aspecto relevante do perfil profissional nas redes de ensino, e demonstra, em alguma medida, a valorização profissional proporcionada, ou seja,

revela o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo professor/a. No entanto, alguns professores/as entrevistados não se sentem reconhecidos e nem valorizados, ao considerar as questões salariais: “se a profissão dele fosse reconhecida, nós não precisaríamos estar brigando por salários” (PROF. MATEUS).

Segundo Codo (1999) o salário será adequado quando o valor pago ao trabalhador suprir suas necessidades; será baixo quando não for suficiente para a alimentação, ou não viabilizar investimentos para a carreira docente, será alto quando permitir que se amplie o poder de consumo definido pela cultura e desenvolvimento histórico da categoria, ou seja, se amplie o patamar das necessidades desta categoria profissional. Para a prof^a Nadir: “o salário é primordial porque se você não ganha bem já não tem vontade né? (sic) já não tem muita vontade, você tem que ganhar um pouquinho melhor para você sentir valorizado”.

O aspecto financeiro contribui também para o bom desempenho do educador em sua prática pedagógica, pois além do reconhecimento da categoria é um fator também que incentiva no aperfeiçoamento destes/as profissionais da educação. Para o Prof. Pablo, [...] “diminuiu o salário do professor, diminuiu a qualidade do professor”.

A formação do/a professor/a é um dos mecanismos mais importantes para o desenvolvimento da competência docente, contudo, este aspecto evidencia, por meio das falas dos docentes, algumas fragilidades e lacunas quando não considera a necessidade de mais investimento e ampliação de recursos financeiros, mas somente da melhoria do desempenho docente.

Para você estar satisfeito com a profissão você tem que ter uma possibilidade de crescimento a sua instituição tem que dar chance de você se qualificar, de você poder se desenvolver pessoalmente e você tem que conseguir desenvolver as suas atividades sem sofrimento pessoal (PROF. VINÍCIUS).

É importante salientar que as posições que vinculam a qualidade da educação à formação e qualificação do professor, sem indicar a melhoria das condições de trabalho, reitera o argumento de culpabilização individual do/a professor/a, considerado despreparados pelos sistemas de avaliação, centrado no discurso reducionista de que a qualidade de ensino depende quase que exclusivamente do processo de formação do/a profissional. Desta forma, o próprio/a professor/a também

[...] tende a se culpar desde seus primeiros encontros com a realidade cotidiana do magistério, porque em muito pouco tempo descobre que sua personalidade tem muitas limitações que não se encaixam no modelo de “professor ideal”, com o qual se identificou durante o período de formação inicial. (ESTEVE, 1999, p.50).

O trabalho docente, uma vez reconhecido, oferece não apenas a oportunidade de transformação de si mesmo, mas também a de realização no contexto social, ou seja, reconhecimento é uma questão que compromete a prática docente. Nesta perspectiva, o prof. Otávio afirma sobre a importância de: “reconhecer o papel do professor, o professor é o grande formador”.

O reconhecimento se caracteriza a partir da construção do julgamento que envolve duas dimensões de sentido: da constatação referente à contribuição do sujeito para a organização do trabalho e da gratidão pela contribuição dos trabalhadores para a organização do trabalho (DEJOURS, 1994).

Para a psicodinâmica do trabalho, o trabalho humano é fonte de realização, satisfação, prazer, estruturando e constituindo o processo de identidade dos sujeitos. No entanto, o trabalho pode também ser um elemento patogênico, fonte de sofrimento que afeta o trabalho e a saúde do trabalhador. O sentido do trabalho se dá no campo do reconhecimento e expressa o retorno de todo investimento feito no trabalho pelo sujeito.

Alguns professores/as entrevistados/as relatam sobre o sentimento de trabalho realizado, ao ver seus alunos/as em constante aprendizagem e inseridos no mercado de trabalho. Como afirma a prof^a Michele: “[...] e você vê depois de um tempo aquele seu aluno fazendo faculdade ou então mesmo se ele não está fazendo faculdade ele saiu, ele está evoluindo de uma certa forma, está pensando em outras coisas está, não sei é essas coisas que eu considero”.

Entretanto, quando esse investimento passa despercebido ou é negado pelos outros, o sofrimento se apresenta como uma ameaça para sua saúde mental (DEJOURS, 2007). O prof. Mateus relata também sobre a importância do reconhecimento social do/a professor/a, na medida em que esse aspecto da valorização profissional interfere em outros aspectos, inclusive nas condições de trabalho: [...] “eu vejo que a questão financeira é porque você não tem reconhecimento [...] se não for pelos alunos, seja pelos outros profissionais que compõem a educação. Você quer ter no mínimo esse reconhecimento.”

A partir dos relatos verbais dos entrevistados parece existir um sentimento comum à maior parte dos profissionais da educação. Pode-se inferir sobre isso, a vontade de realizar algo e a certeza que pode dar algo de si para a educação. A construção de técnicas, metodologias, programas e recursos didáticos destes/as profissionais revelam o desejo de promover algo em prol do outro, não medindo esforços para que seus objetivos sejam alcançados, apesar de seu trabalho não possuir o reconhecimento individual e social devido, tanto pela comunidade, quanto pelo poder público e políticas educacionais.

4.2.1.3 Categoria: relações de gênero

As análises realizadas por intelectuais, pesquisadores/as, grupos e redes de apoio e luta pela causa feminina, sobre a participação das mulheres no espaço social, histórico, político e econômico, evidenciou que até os anos de 1960, na sociedade brasileira, temas envolvendo as mulheres eram considerados de pouca importância, o que revela uma estrutura até então alicerçada em padrões quase que exclusivamente masculinos. Nos espaços públicos ficaram evidentes os elementos que emergiam em torno da figura e do domínio masculino nos espaços públicos, enquanto que às mulheres eram reservados preponderantemente, aqueles voltados às funções domésticas da reprodução e às atividades restritas às esferas privadas.

Matos (1996) compartilha dessa consideração dizendo que, no ambiente familiar, os papéis eram, e em parte ainda o são, bem definidos. Para a mulher, antes de tudo, era atribuído e ainda lhe cabe o papel de mãe; ao homem, o papel de pai e provedor. O trabalho é reconhecido pelo homem como o instrumento que o levará ao crescimento pessoal, à auto-realização, e ao auto-reconhecimento como homem. Este contexto possibilita entender o porquê de, em um longo período da história brasileira, as mulheres terem o lar como o espaço socialmente delimitado e legitimado como sendo pertencentes a elas. Neste sentido, a participação restrita das mulheres apenas ao mundo privado, constitui-se uma questão histórica, mundo que, para Arendt (1995) é aquele que não se dá a conhecer e, portanto, é como se não existisse.

Bruschini (1994) afirma que nas últimas décadas do século XX, no Brasil, houve um aumento significativo no número de mulheres no mercado de trabalho, devido a crescente urbanização e aceleração industrial e pela expansão do mercado, cujo início ocorreu a partir dos anos 70. Nesse período houve a deterioração do salário do homem o que veio favorecer o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, na busca da complementação da renda familiar. Estes fatores possibilitaram também, algumas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social delas.

Somente a partir das décadas de 1980 e 1990, o movimento de mulheres abriu espaço para significativas mudanças sociais, revelando a importância do feminino como sujeito ativo no processo de transformação social.

Segundo Souza-Lobo (1992), a partir de então, as mulheres começam a expressar, para o conjunto da sociedade, as diferenças sociais existentes entre homens e mulheres, buscando o reconhecimento não somente a igualdade de direitos, mas o direito de ser diferentes. Para tanto, foi preciso dar visibilidade e ampliar as análises relacionadas ao mundo do trabalho e ao espaço social, espaços marcados pelas relações de poder entre os sexos e que contribuíram para

perpetuar as condições desiguais entre homens e mulheres no mercado de trabalho e na vida social.

De acordo com Vieira e Amaral (2013) o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho levou-as a disputar com os homens as oportunidades por cargos e reconhecimento profissional. As desigualdades entre homens e mulheres são reveladas no mundo do trabalho, principalmente em relação aos cargos e aos salários, que na maioria das vezes, são favoráveis aos homens. Tais diferenças se tornam ainda mais evidentes, no que diz respeito à jornada de trabalho. Capellim (1995, p.22) demonstra isso quando afirma que as mulheres continuam sendo alvo de discriminação:

Basta olhar nos jornais e perceber que há uma explícita e implícita sexualização das ocupações indicando, às vezes, qualidades até físicas, desde a altura da pessoa a ser selecionada até a exigência do certificado de esterilidade.

Nas entrevistas com os docentes, foram identificadas questões de gênero, principalmente entre as professoras, em relação a dificuldade encontrada ao entrar no mercado de trabalho, seja pela aparência, pela idade ou por ser do sexo feminino, como podemos constatar na fala da prof^a Michele, quando foi impedida de assumir uma vaga como professora de química em uma escola particular:

[...] ele falou pra mim: eu não vou contratar uma pessoa, por exemplo, na sua aparência eles não vão respeitar a não ser que dê pra (sic) fazer um outro tipo de trabalho aqui na escola uma aulinha de reforço disse assim né? (sic), aí que você pensa quando você tá trabalhando, você tem que se melhor que os outros pra poder mostrar que você é boa naquilo que você faz.

Na sala de aula a professora ressalta que os/as alunos/as criam alguns estereótipos sobre a imagem do/a professor/a: “a gurizada olha muito isto, o tamanho do professor, tom de voz entendeu? isso acontece, não adianta a gente mascarar e falar que isso não acontece.”

O fato é que há limites da condição feminina situados em todos os espaços, diferenciando o que é trabalho de mulher e o que é trabalho de homem, e mais especificamente, quando nos referimos ao campo da educação, as disciplinas que podem ser lecionadas por mulheres e as que são destinadas aos homens, conforme a prof^a Michele:

[...] às vezes não respeitam você, eu tenho que se falar mais bravo, [...] eu não sei ficar brigando com as pessoas fazendo (sic), arrumando confusão, mas eu acabo tendo que as vezes falar mais alto o que é pior, sim um professor de química geralmente as

escolas preferem homem, um homem professor de química que chega e se impõe que é um tal de química, física e matemática [...]

Isso evidencia que o componente biológico é predominante nestas relações e faz a diferença no mundo do trabalho, inclusive, no momento da contratação nos espaços educativos, estabelecendo uma ordem sexuada na sociedade, o que resulta na inferiorização da mulher.

Apesar dos avanços, das conquistas realizadas pelas mulheres nos mais diversos espaços, ainda há diferenças, quer seja de salário ou de cargos reservados especialmente ao público masculino, quer de responsabilidades assumidas no espaço público ou privado, que ainda se fazem presentes na sociedade.

Infelizmente ocorre mais com as professoras mulheres, elas é quem sofrem mais[...] e os meninos não respeitam tanto e hoje as meninas respeitam muito menos que os meninos. É não sei se é pelo fato de nós sermos homens eles acabam ficando mais com medo pelo tipo as vezes de atitudes que a gente toma. Mas as mulheres acabam guardando muito para si isso e elas acabam ficando meio com depressão, se sentindo incapaz, impotente[...] (PROF. MATEUS).

Estes comportamentos que inferiorizam a mulher em seu trabalho ilustram como funcionam os princípios que regem a divisão sexual do trabalho, nos diversos contextos sociais. Hirata e Kergoat (2007) em uma perspectiva histórica e social, ressaltam dois princípios organizadores sobre a divisão social do trabalho: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). As autoras afirmam que estes princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço, em um processo específico de legitimação das perspectivas naturalistas. Esta reduz o gênero ao sexo biológico, as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie.

Neste contexto, a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2012) sinaliza para diversas desigualdades ainda presentes, como as disparidades salariais, a remuneração inferior, as condições inadequadas de trabalho, a exploração e o abuso, incluindo o assédio sexual, aspectos que atingem fortemente as mulheres trabalhadoras e são acentuados em razão das responsabilidades adicionais decorrentes da dupla jornada e que colocam as mulheres como as responsáveis exclusivas ou principais pelas atividades de cuidado, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

A igualdade de gênero no mundo do trabalho é universalmente reconhecida como um valor central da comunidade internacional e um direito humano fundamental (OIT, 2012). Assim, permanecem os desafios da desconstrução da perspectiva que atribui às mulheres um

papel e um lugar secundário no mercado de trabalho, além da responsabilidade quase que exclusiva pela articulação entre trabalho e vida familiar. Esses problemas não são apenas femininos, mas uma questão social.

4.2.1.4 Categoria: Docência

Nesta categoria serão apresentados os pensamentos e concepções que os sujeitos desta pesquisa têm acerca da docência. O processo de construção de uma identidade profissional está relacionado a função social da profissão, à cultura do grupo de pertença e ao contexto histórico-cultural em que se processa.

A docência se constitui por meio dos diversos elementos, tendo origem na formação inicial e passando pelos diversos espaços educacionais onde a profissão se desenvolve. Neste processo, existe a preocupação dos/as professores/as em alcançar o resultado esperado, e para tanto, têm a consciência de que a docência exige um aprendizado contínuo. Sobre suas expectativas em relação à docência a prof^a Sabrina afirma: “[...] Que eu possa aprender mais, que eu consiga desenvolver melhor dentro da sala de aula, que ainda estou no processo de aprendizagem.” E para alcançar este objetivo ela ressalta que precisa, “[...] conseguir melhorar a minha postura, melhorar a minha forma de transmitir para eles o conhecimento”.

Apesar dos diversos desafios que se apresentam no cotidiano, como às dificuldades inerentes ao próprio trabalho apresentadas neste trabalho, os sujeitos de nossa investigação apresentam-se como responsáveis por produzir nos alunos uma transformação para melhor, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos. Segundo a profa Lorena lecionar:

É uma fábrica de sonhos e poder transformar a vida de muitas pessoas isso é fantástico, eu gosto disso, que nem eu sempre falo, é todo mundo fala (sic) ah! ele vai ser professor paga pouco, tem vários problemas, mas toda profissão tem seus problemas, toda profissão tem seus riscos tem que ser determinado pelo que você quer na vida.

Nos discursos dos/as professores/as também destaca-se as mudanças ocorridas na sociedade e que afetaram os ambientes educacionais em diversos aspectos. O prof. Mateus ressalta sobre algumas mudanças comportamentais, principalmente em relação a participação do discente e da família no processo de aprendizagem, [...] “eu vejo uma diferença muito grande da época que eu comecei a trabalhar para hoje, antes o aluno ele tinha mais compromisso, nós podíamos contar mais com a participação da família.” Ele também enfatiza sobre a importância

da permanente atualização do/a professor/a em buscar meios e recursos de modo a acompanhar os avanços tecnológicos e na efetiva aprendizagem do/a aluno/a, neste sentido o professor sempre se questiona: [...] “aquilo que eu estou ensinando para ele vai mudar e vai fazer diferença na vida dele? Se os professores querem ver uma evolução do aluno, ele tem que fazer a sua parte aqui na escola [...] e tentar tornar a aula o mais interessante possível.”

Como ressalta Cerqueira (2006) há uma consciência de que os paradigmas educacionais estão em processo de mudança por vivermos numa era em que a informação se processa rapidamente e a comunicação se faz essencial para o entendimento e participação no mundo globalizado. Conforme a referida autora, a docência e os processos de ensino-aprendizagem vem se modificando ao longo da institucionalização dos processos de formação profissional, especialmente em função das transformações nas relações de trabalho e da produção, das mudanças culturais e da evolução tecnológica, que repercutiram e repercutem sobre as condições de vida e trabalho dos professores/as.

Quanto aos fatores motivadores da escolha profissional, analisar as falas agrupadas neste núcleo permitiu-nos avançar na compreensão das necessidades que, ao se configurarem em motivos, levaram cada um/a dos/as entrevistados/as a escolher a carreira docente, assim como os motivos que os/as impulsionaram individualmente para as diferentes ações ao longo da carreira. Em síntese, podemos afirmar que os/as professores/as, possuíam, cada um de forma singular, alguns motivos centrais para escolher a profissão, motivos esses delineados a partir de necessidades determinadas pela história de vida, pelo contexto socioeconômico, crenças e valores que perpassam a realidade em que estão inseridos/as.

Tem uma frase que fala assim o professor ele é construído, eu não concordo com negócio de vocação de que você é desde de criancinha, se tem que sonhar, não concordo muito com isso não, porque a gente vê que tem um monte de criança que não sonha em ser professora de adolescente, pergunta ali na sala de aula quem quer se professor, não tem ninguém, é uma coisa construída mesmo, eu fui gostando, aí eu comecei da aula, aí sim me achei (PROFª MICHELE).

Ao falarem sobre a escolha da profissão, enfatizam que esta opção faz parte de um processo e das relações que foram sendo estabelecidas ao longo da vida. As experiências vividas, ao mesmo tempo em que responderam às necessidades construídas histórica e subjetivamente no decorrer da prática docente, possibilitaram novos registros que os/as mobilizaram objetivamente para novas expectativas e aprendizagens, a fim de que pudessem continuar a desenvolver sua atividade docente.

Eu acho que eu sempre fui professor, mesmo quando eu estava lá na escola ainda sempre tinha aquela coisa de ensinar para os colegas essas coisas assim, mas eu nunca fiz uma escolha consciente para eu me tornar professor e eu estou me tornando professor conscientemente recentemente quando eu comecei a fazer esses cursos. (PROF. VINÍCIUS)

Eu comecei a me ver como professor e hoje eu não consigo ver outra coisa a não ser professor digamos assim é, esses dias teve uma dinâmica que as pessoas pediam para que você fizesse colocasse uma característica sua, uma característica minha é que eu sou professor por opção gosto muito do que eu faço. (PROF. PABLO)

A identidade do educador constrói-se pelo significado que este/a profissional enquanto sujeito ativo da sua realidade, confere à atividade docente no seu cotidiano, orientado por seus valores, pelo seu modo de situa-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido pessoal que ele/a tem sobre ser professor/a. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002). Para o prof. Otávio, ser professor requer muita dedicação e empenho no desenvolvimento das atividades pedagógicas e na forma como se transmite conhecimento aos discentes:

[...] Tem que ser extremamente dedicado [...] mesmo sabendo que é super difícil entrar e ter um espaço né (sic)? você tem que ter paciência e esperar o momento [...] você tem que ser bom no que faz você tem que mostrar [...] que você vai fazer diferença [...] tem que ter uma pitadinha de sorte [...] um ótimo professor é aquele que você aprende com ele na linguagem dele, dos alunos também.

Alguns discursos dos entrevistados revelam a responsabilização do docente pelo sucesso e qualidade do ensino, ancoradas às representações histórico-sociais de origem da profissão e para os referenciais ainda mantidos socialmente, sobre a responsabilidade heroica e sacerdotal do docente no processo educativo. No entanto, existem aqueles que entendem a construção do conhecimento como um processo de interação entre aluno/a e professor/a, onde nenhum dos sujeitos envolvidos neste processo detém a verdade absoluta, mas considerando a aprendizagem e a eficácia do processo educativo em uma relação dialética. O conteúdo dos discursos indica que a definição da carreira está intrinsecamente relacionada às atitudes e comportamentos que os indivíduos vivenciaram em suas histórias de vida, no desempenho de suas atividades.

4.2.1.5 Categoria: Saúde e Trabalho

Os dados identificados, nas falas dos participantes da pesquisa, revelam que as modificações no contexto social também alteraram as exigências pessoais e do meio em relação

à eficácia da atividade exercida pelos docentes e isto tem requerido uma mudança de atitudes e posturas. Sabe-se que a função exercida pelo docente tem exigido deste/a profissional além da mediação do processo de ensino e aprendizagem do/a aluno/a, o que era comumente esperado. Ampliou-se o grau de responsabilidade do/a educador/a para além da sala de aula, a fim de garantir a articulação entre a escola e a comunidade. O/a professor/a também passou a ter atribuições e a participar da gestão e do planejamento escolar, ou seja, sua dedicação se tornou mais ampla, envolvendo às famílias e à comunidade. Embora, existam expectativas em torno do desempenho e da figura do/a professor/a, a administração escolar muitas vezes, não fornece as condições necessárias à realização das tarefas, que se constituem cada vez mais complexas. “Estas transformações supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles” (ESTEVE, 1999, p. 31).

As condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob os quais os docentes desenvolvem suas práticas pedagógicas e mobilizam suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da atividade escolar, podem gerar prejuízos físicos e/ou psicológicos, como por exemplo, relata o prof. Vinícius, onde não havendo tempo e meios para a recuperação, são desencadeadores de sintomas clínicos que resultam em afastamentos e até mesmo na desistência da profissão.

É quando a gente vê que alguém está passando por algum tipo de estresse né, a saúde fica em risco e reduz a qualidade, então a gente passa a ter várias pessoas pedindo licença, ficando afastado do trabalho para tratamento de saúde isso a gente tem bastante aqui, mas é uma relação mais da gestão para com os servidores, [...]é mais um assédio moral mesmo pela que a gestão faz com os servidores e aí a gente tem uma alta taxa de afastamento por causa disso.

As pressões da organização do trabalho, bem como das relações interpessoais, muitas vezes, conflituosas têm contribuído para o afastamento funcional temporário ou definitivo do docente, gerando sintomas psíquicos e comportamentais que afetam negativamente o/a aluno/a e toda a comunidade escolar. Conforme afirma o prof. Mateus

[...] então o professor acaba, na grande maioria, entrando em depressão, tira licença médica, começa a faltar, não sente motivação nenhuma em ir para o trabalho, porque o ambiente não é favorável e você vê que alguns acabam até desistindo da profissão. Tem situações que tem professores assumindo concurso, uma ou duas semanas ou um mês de aula e diz não é isso o que eu quero para mim.

Mendes (1999), afirma que o trabalho faz parte da condição humana, sendo indissociável de sua existência, constituindo a forma de construção das sociedades e dos

homens. Trabalhar é uma necessidade inerente ao ser humano e pode ser considerado um elemento importante para promover a saúde. No entanto, como ilustra a prof^a Michele, nem sempre o trabalho cumpre esse papel, acabando por influenciar negativamente e causar doenças.

[...]a pessoa vai começando a ficar mal, fica até desanimada para trabalhar, fica doente. Tem um monte de professor de atestado aí de sala de aula né? (sic) não consegue lidar com os alunos readapta, faz um monte de coisa por que não consegue lidar com aquela coisa toda, com diretor da escola não consegue entender coordenação, não consegue lidar com os outros professores, não consegue lidar com ninguém, com ninguém, vive ali sofrendo, tudo faz sofrer, não consegue se libertar disso.

Como pode-se observar existe um conjunto de fatores, que podem levar ao mal-estar docente. Esta condição pode levar ao estresse e ao esgotamento que somados à acumulação de exigências sobre o/a docente, desencadeiam a Síndrome de Burnout.

De acordo com Maslach e Jackson, autoras que, em 1981, realizaram os primeiros estudos de caracterização desta síndrome, ela é considerada não como um problema do indivíduo, mas do ambiente social em que o/a trabalhador/a está inserido e é composta por três elementos centrais que a caracterizam: exaustão emocional (caracterizada por sentimentos de desgaste emocional e esvaziamento afetivo, falta ou carência de energia e entusiasmo, sentimento de esgotamento de recursos); despersonalização (caracteriza-se por tratar o cliente, os colegas e a organização como objeto, por traduzir uma reação negativa, insensibilidade ou afastamento excessivo do público que deveria receber os serviços ou cuidados); diminuição da realização pessoal no trabalho (sentimento de diminuição de competência e de sucesso no trabalho, tendência do trabalhador a se auto-avaliar de forma negativa, sentimento de infelicidade consigo mesmo e insatisfação com seu desenvolvimento profissional). (MASLACH; JACKSON, 1986 apud NEVES; OLIVEIRA; ALVES, 2014, p.46)

Nos conteúdos presentes nas falas dos sujeitos, é possível identificar a preocupação dos educadores com relação ao adoecimento, que em algumas vezes estava relacionado a desvalorização da figura do professor, a exigências cada vez maiores em sua atualização, a relações que prejudicam a integridade do docente e como resultado disto acentua-se os efeitos do desgaste físico e psicológico, incorrendo no absenteísmo, nas frequentes licenças ou até mesmo na desistência da profissão.

[...] Então quando o professor chega no nível de estresse alto ele já está quase entrando de licença, ele já é readaptado; ele já não está melhorando a situação dele, só está amenizando, não está curando de nada, só está amenizando para ele poder aposentar e também não vai melhorar quando aposentar porque até lá a situação já está pior,

então a gente não tem nada, a gente tem a nós mesmos, a gente que vá, que vá ao psicólogo, que vá criar algo que nos desestresse (sic), nos acalme. (PROF. LORENA)

Para os/as docentes entrevistados a satisfação no trabalho é uma medida que contribui para a saúde mental dos trabalhadores da educação. A satisfação no trabalho representa a totalização do quanto o trabalhador vivencia experiências prazerosas no contexto das organizações, embora haja uma clara divergência quanto à definição desse constructo pelos estudiosos da área, sendo compreendido como aspecto motivacional, atitude e, atualmente, como afeto. Nas últimas décadas mantiveram-se cinco de suas dimensões: satisfação com o salário, com os colegas de trabalho, com a chefia, com as promoções e com a natureza do trabalho (SIQUEIRA, 2008). Elevados níveis de insatisfação no trabalho podem causar danos à saúde e produzir sofrimento mental, podendo levar o/a trabalhador/a a desenvolver síndromes ou doenças relacionadas ao trabalho.

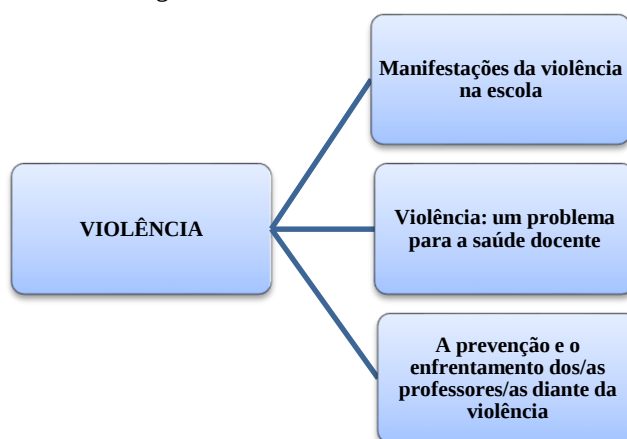
4.2.2 Eixo temático: Violência

O eixo temático da violência apresenta as categorias que se formaram a partir das falas dos sujeitos sobre o que entendem, como veem ou vivenciam a violência. Os temas mais frequentes evidenciaram as questões da violência que ocorre na escola, suas diferentes manifestações e das formas de prevenção e enfrentamento deste fenômeno pelos docentes.

Além da multiplicidade de formas assumidas pela violência, existem, diferenças entre períodos históricos e culturas no que se refere ao modos de compreensão sobre o tema. Neste sentido, a violência é caracterizada como um conceito polissêmico, histórico e mutável. Enquanto categoria, define práticas que permeiam as diferentes formas de sociabilidade em um dado contexto sociocultural e, por isso, pode assumir diferentes sentidos.

Os discursos revelam que vivenciamos um momento de crise, desvalorização da classe, níveis crescentes de violência nas escolas e a manifestação de doenças psíquicas específicas que manifestam nos/as professores/as. Trata-se, no entanto, de um adoecimento que não acontece isoladamente, pois compreende uma relação entre o adoecer e o vivido e experienciado pelo sujeito, subjetivamente e em suas relações. As categorias formadas serão melhor discutidas nos itens a seguir, conforme a figura 2.

Figura 2 - Eixo temático: Violência



Fonte: A autora, 2015.

4.2.2.1 Categoria: manifestações da violência na escola

Por ser um fenômeno complexo e multifacetado, a violência que ocorre no ambiente escolar apresenta vários desafios em relação à sua definição. Do mesmo modo que ocorre com a violência em geral, a violência nas escolas pode apresentar diferentes representações tais como: sinônimo de agressão física, verbal ou moral, violência de gênero, como discriminação, como delito ou crime, como violência institucional, de danos ao patrimônio público, entre outras. São tomadas como amostras empíricas de violência contra o/a professor/a, por eles/as próprios/as, a violência verbal, física, psicológica, simbólica e a depredação do ambiente escolar, no entanto, constatou-se que a violência verbal foi a mais sofrida e enfrentada pelos docentes de todas as instituições pesquisadas.

Assim, a objetivação da violência é concebida como um fato que está intrinsecamente relacionada ao contexto de onde se fala sobre ela, visto que, a produção de sentidos ocorre numa conjuntura marcada por questões históricas e culturais e, por meio desta construção é possível compreender situações e fenômenos do mundo social.

A linguagem não somente delinea as suas formas, mas também fornece a base para as práticas sociais também produtoras de sentidos. Portanto, a linguagem além comunicar os conteúdos das representações feitas do real, produz também a forma como acessamos a realidade.

A violência não é uma, é múltipla. O vocábulo vem da palavra vis que significa força e se refere aos atos de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro. No entanto, considera-se que os eventos violentos referem-se a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e a vontade de domínio de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens (BRASIL, 2005).

Nos discursos dos docentes, revelou-se que a violência ocorre numa situação de interação, onde um ou vários indivíduos agem de maneira direta ou indireta, causando danos a uma ou mais pessoas, seja em sua integridade física, psicológica ou material, associando-se a violência ao uso da força ou poder. Conforme afirma o prof. Pablo: “violência para mim ela é pressuposto de uma relação de poder, por exemplo, se você precisa manter o seu poder através de alguma coisa que imponha, o outro se sente menor, então ele precisa mostrar o poder dele.”

Para o prof. Pablo, a violência se instaura quando existe uma relação de dominação sobre o outro, caracterizada pela opressão e diminuição daquele destituído de poder. Como exemplo desta relação, ele relata que no seu primeiro emprego foi “para uma escola que tinha uma diretora extremamente ditadora, ela definia o que cada um fazia, o horário que fazia, como fazia.” Para o professor, esta forma de relação revela uma forma de *violência simbólica* no âmbito educacional, que se mostra nas relações de poder, na discriminação indireta, em ações silenciadoras, de desrespeito e de humilhação, nem sempre reconhecidas como violentas. É a coerção que faz surgir essas relações como natural, “[...] pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação” (BOURDIEU, 2001, p. 206) e faz com que o grupo se sinta cada vez mais inseguro e mais sujeito a dominação.

Ainda que existam diferentes possibilidades de manifestação da violência, considera-se que a violência deve ser compreendida como um fator histórico e social, e sendo assim, é importante destacar que este fenômeno envolve alunos/as, professores/as, funcionários da instituição escolar e a própria instituição. Segundo Barroco e Franco (2013, p.9):

No espaço escolar as violências se manifestam de diferentes maneiras: brigas corriqueiras, que são banalizadas e até mesmo incentivadas pelos pares, furtos, roubos, vandalismo, situações de manifestação de preconceitos [...]. Elas são sofridas e protagonizadas por todos, professores, alunos, funcionários.

Apesar da tendência em relacionar a violência com atos de agressão física, é importante salientar que ela também se manifesta sob as mais variadas formas como psicológica, simbólica, verbal, institucional. Atingindo todas as classes sociais, todas as idades e independente do sexo e do contexto social. Conforme ressalta a prof^a Lorena:

Nossa, tem vários campos de violência, acho que a partir do momento que há uma falta de respeito e uma agressão verbal, assim já é uma violência, porque de uma agressão verbal traça uma agressão física dependendo da situação é um pulo (sic), a violência em questão da verbal e psicológica, todas as vezes talvez eu me sinta agredida ou diminuída por algum aluno ou outra pessoa ou direção ou por outra pessoa. A física é mais fácil da gente ver, talvez a gente não que seja fácil, mas é porque todos percebem, mas a psicológica que está enraizado em cada um que é mais

difícil de ver, que é mais cumulativo acontece todos os dias, você pode até tentar se blindar contra isso.

Dentre os/as professores/as entrevistados/as, tiveram aqueles que sofreram diretamente agressões físicas, ou que se sentiram eminentemente ameaçados por elas. A concepção dos docentes é de que *violência física* se vincula à agressão física e às brigas entre alunos. Para Sonnevile e Jesus (2009) situações de indisciplina e violência que ocorrem no interior da escola podem ocasionar insegurança e agressão aos professores, e em um contexto como esse, é inevitável não levar em conta a complexidade humana do professor, pois o medo e a insegurança tomam conta de seu trabalho e de sua vida. A prof^a Michele relata sobre a violência que já vivenciou em sala de aula.

[...]Na escola particular foi uma aluna, deu um rolo essa história, ela estava colando, e eu peguei e cheguei e falei que ela estava colando, cheguei nela discretamente e falei assim: guarda essa cola que (sic) senão eu vou tomar sua prova, aí ela olhou pra mim assim e ficou me olhando daí eu saí quando eu voltei ela estava de novo só que com o celular, aí eu peguei a prova, quando eu peguei a prova ela ficou quieta me olhando aí todo mundo saiu da sala, ela não saiu, aí eu estava arrumando as coisas pra ir embora ela me puxou pelo braço levou num cantinho e falou assim; devolve a minha prova agora se não eu vou dar um murro na sua cara, aí eu falei eu não vou devolver a prova de ninguém, uma guria bem grandona assim, eu fiquei sumida no cantinho assim, aí ela pegou e deu um murro aqui no meu rosto, ela falou isso é só o começo.

Esse contexto de medo e insegurança não somente atinge ao/à professor/a agredido, mas também outros docentes, que nunca foram agredidos e que provavelmente nunca serão, a uma sensação de impotência e de permanente ameaça, de um mal-estar, que em conjunto aos fatores contextuais [...] situa como causa do estresse dos professores (ESTEVE, 1999, p. 54).

Segundo Debarbieux (2006), Charlot (2002) e Abramovay (2005), muitos casos de agressão e violência contra o/a professor/a ficam a margem das investigações, e em alguns estabelecimentos escolares, as incivilidades estão incorporadas em comportamentos cotidianos, e muitos alunos e professores são atingidos em relação à identidade profissional, pessoal e a sua dignidade. Para o prof. Vinícius a concepção sobre violência não se reduz somente à violência física, para ele:

[...]qualquer coisa que cause desconforto ao outro, sempre que eu posso deixar desconfortável estou praticando uma violência contra você seja tirando sarro de alguma característica sua, sei lá (sic) se seu cabelo é enrolado [...] se isso te causa desconforto é um tipo de violência até uma agressão física que aí já é uma situação mais grave.

Os atos de violência considerados como corriqueiros, ao decorrer do tempo se banalizam e causam a sensação de impotência, de conformismo. Em consequência disso, a violência banalizada torna-se naturalizada em algumas situações que ocorrem no ambiente escolar, conforme Abramovay e Rua (2002, p. 236):

Em um primeiro momento, essas ocorrências menos severas como xingamentos, desaforos ou agressões verbais em geral são pensadas mais como precursores de ocorrências graves, do que como práticas violentas em si. Quando se limitam ao enfrentamento verbal podem se resolver pelo diálogo e negociação. Em outros casos, mesmo começando com troca de ameaças, desaforos, ofensas ou provocações, agravem-se até chegar às agressões físicas, que requerem, muitas vezes, o envolvimento da política.

Esse agravamento da situação, demonstrado através da agressão física, é trazido à tona na representação dos docentes entrevistados. Para o prof. Mateus, o/a professor/a que cultiva uma relação que incita ao autoritarismo podem causar reações violentas nos/as alunos/as, e aqueles por sua vez, ao sofrerem algum tipo de agressão, seja ela verbal ou física, evitam levar a situação a diante, por medo de ser alvo de ações mais violentas. Segundo ele:

Então são alguns tipos de violência que tantos nós profissionais sofremos, igual na periferia mesmo, os professores querem ser totalmente autoritários com os alunos e quando professor sai os alunos tacam pedra no carro do professor, carro de professor ser alvejado com tiros, então são situações de violência que a periferia sofre muito e que as vezes não entra dentro das estatísticas da mídia porque o professor acaba não denunciando por medo.

Os/as professores/as concordam que há uma insuficiência de medidas socioeducativas e que isso, concorre para propagação da violência, tanto no ambiente escolar como também na sociedade como um todo. O prof. Samuel ao falar sobre o que é violência na escola, traz um caso de uma colega professora que havia sido agredida no seu local de trabalho, revelando uma situação de violência por omissão:

a professora foi agredida e, e depois eu percebi meio que na fala da coordenadora que não era viável que ele fizesse um boletim de ocorrência e assim, então eu acho meio complicado isso eu falei: puxa vida não vai fazer o boletim de ocorrência, mas a senhora vai conversar com o estudante que agrediu o professor? não deixa assim, se ficar assim, a gente sabe só tá estimulando (sic) a gente tem que pensar em alguma coisa, eu já havia falado para professora: faz o boletim de ocorrência como forma de você se proteger depois qualquer coisa a gente tira, mas você precisa de uma ferramenta, você se precisa resguardar.

Apesar de se compreender os graves aspectos da violência apontados pelos professores, os próprios docentes revelaram que os atos violentos contra eles decorrem principalmente de uma estrutura social dominante, que funciona como princípio gerador e explicativo da violência contra o/a professor/a, bem como, da relação que o/a aluno/a tem com a família e a participação desta na vida escolar dos/as alunos/as.

A violência eu acho que é hoje é o reflexo de (sic) é a falta até de uma organização familiar porque a gente fala de violência na rua, mas a gente esquece que a violência começa em casa, portanto, eu creio que a violência hoje é o mal do século né (sic) [...], a violência está ligada a falta de educação está ligada a falta de educação familiar e o nosso problema familiar é um problema sério, portanto, eu faço a ligação da violência né como um caso sério é uma tendência né porque você utiliza variadas formas de violência e são várias formas de violências, mas no meu contexto escolar docente é um só motivo em casa, então começa ali, então não dando conta normalmente ela tende a dominar o exterior que é o prejudicial (PROF. OTÁVIO).

Os docentes predominantemente atribuem a questão da violência principalmente, aos fatores relacionais, evidenciando-se as interações sociais, nos âmbitos mais próximos do/a aluno/a. O processo educacional não ocorre somente na escola, dependendo dessas das três esferas (familiar, escolar e social) para seu desenvolvimento, portanto, a perda de vínculos, ou seja, do sentimento de pertencimento em uma delas ou entre elas pode significar o rompimento do mesmo (MATOS; FRANÇA, 2008).

Estar vinculado significa reconhecer e ser reconhecido por um determinado grupo. Para Matos e França (2008, p. 403) “A questão de pertencimento, de sentir-se incluído em um grupo, define valores e opções de condutas. De acordo com as autoras a perda de vínculos familiares, escolares e sociais aumenta o grau de risco de a criança ser utilizada como usuária ou mão de obra do tráfico. A questão da violência na escola, segundo o prof. Pablo está relacionada a ausência do sentimento de pertencimento social dos indivíduos. Para ele:

A violência tem uma relação muito grande com quem quer ser visto, quer aparecer precisa aparecer de alguma forma nem que seja na coluna social. [...] as comunidades que não são olhadas, vão ser as pessoas que não tem um projeto, uma perspectiva de sucesso o que eles vão fazer? eles precisam de alguma forma chamar atenção para mim é isso.

Para os/as professores/as, a família contribui tanto para a efetividade do processo educacional, como também para o mau êxito das práticas educacionais, quando esta não participa de maneira efetiva da vida escolar dos/as alunos, inclusive quando refere-se a presença da violência na escola. Conforme afirma a prof^a Sabrina:

Muito casos de violência que você vê dentro da escola, de repente é alunos que não tem uma estrutura familiar boa, a família passa por dificuldades de não ter, quanto de convivência mesmo, seria a família mesmo participar mais na vida do aluno.

Em inúmeros relatos, o ponto de vista dos/as professores/as denota que a violência e o comportamento agressivo dentro da escola não têm origem intramuros escolares, mas, sim, dentro de casa. Ou seja, foi a família que perdeu o controle sobre o jovem, foram os pais que não cumpriram a sua obrigação de educar os filhos e atribuíram essa responsabilidade, exclusivamente, para a escola. De acordo com os/as professores/as, a família deveria se ocupar da formação moral, no sentido de valores e princípios, dos/as alunos/as.

[...] Então, eu acho assim que a gente tem que mostrar, mostrar o lado do bem e o lado do mal, mostrar às vezes para ele acordar para a vida que às vezes ele não viu ainda que ele acha que ele é pobre não consegue, consegue sim; então só o estudo que vai levar, tem outros meios só o estudo consegue né então você tem que mostrar o caminho para ele mostrar o que é certo e errado, [...] às vezes o pai não mostra não conversa com seus filhos não tem diálogo; então o que que acontece hoje em dia a questão da violência não tem diálogo[...] (PROF^a NADIR).

Como pode-se observar na fala da professora, em alguns momentos os docentes se sentem na responsabilidade de orientar seus alunos/as buscando contribuir e levá-los a um futuro melhor. As alternativas de acolhimento dos discentes e o diálogo, melhoria do ambiente escolar e até mesmo da melhora dos vínculos de convivência para combater a violência estão presentes nas sugestões dos professores. A violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetiva e objetivamente a vida de todos, interferindo nos desejos, nas ações e nas opções tomadas por indivíduos e por instituições. É um desafio social a ser enfrentado devido à complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações.

A escola, em muitos casos, dentro da sua dinâmica produz a sua própria violência, sendo que esta acontece de forma naturalizada, invisível e simbólica. Dentro dos muros da escola estão sintetizadas as violências da discriminação, da desistência em ensinar e aprender, da indiferença, da criminalidade, da omissão e a violência social.

4.2.2.2 Categoria violência: um problema para a saúde docente

No campo da educação, a saúde do professor tem sido tema e alvo de discussão de importantes pesquisas, no Brasil e fora do país, por autores como Almeida (2011, 2012), Aguiar e Almeida (2008), Codo (1999), Esteve (1999), dentre outros. Em relação a escola,

especificamente, temos um lugar formador de sentidos e conceitos sobre a realidade social e cultural, constituído nas relações que se estabelecem entre alunos, docentes e demais funcionários. Neste sentido, a organização da escola é atravessada e marcada pela configuração social, mas também desempenha a função de definir o sujeito inserido em uma cultura, seja por meio das relações de poder entre professores e alunos, seja na forma pela qual concebe a aprendizagem e transmite o saber (PRATA, 2005).

Assim, a qualidade das interações, do diálogo e da relação dialética entre os envolvidos no contexto escolar tem um papel fundamental, especialmente em relação aos docentes, que ocupam uma posição mediadora nos processos educacionais e que podem estar envolvidos com a constituição e a expressão da violência que ocorre no espaço escolar.

No ambiente de sala de aula, o acúmulo de incivildades (pequenas grosserias, piadas depreciativas, humilhações, indiferença ostensiva para com o ensino e ao professor) acabam por criar um clima em que o docente, por vezes, se sente profundamente atingido em sua identidade pessoal e profissional (CHARLOT, 2005). Essas situações ocorridas numa realidade caracterizada pela violência ou na qual o docente se sinta ameaçado, podem causar danos à saúde mental, emocional e física levando-o a um estado de esgotamento e adoecimento psíquico.

Alguns/mas professores/as apontam o *bullying* como um tipo de violência que causa sofrimento e danos à saúde. O *bullying* refere-se a uma forma de comportamento agressivo entre pares, que ocorre principalmente nos períodos da infância e adolescência (WYNNE; JOO, 2011) e pode ser definido como "todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e sofrimento, que ocorre dentro de uma relação desigual de poder" (LOPES NETO, 2005, p. 165). Inclui agressões de natureza física (bater, chutar, dar socos, empurrar etc.), verbal (apelidos, ofensas verbais, xingamentos, difamações etc.) e psicológica (pressão emocional, ameaças, indiferença, exclusão de colegas do grupo etc.). A prof^a Michele aponta que o *bullying* afeta principalmente a saúde psicológica dos indivíduos

tanto deles quanto do professor, não tem jeito e causa doenças mesmo, causam doenças e a pessoa fica cada vez pior, se a pessoa não tiver um acompanhamento adequado ela vai ficando cada vez pior ela vai desanimando.

Esteve (1999), ressalta que 75% dos professores em tratamento médico têm diagnóstico referente a doenças psicológicas e mentais. Segundo o autor, são contextuais os fatores que causam tal mal-estar quando estão relacionados às condições ambientais e ao contexto em que

se exerce a docência. Por outro lado, ele classifica como primários aqueles que incidem diretamente sobre a prática do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas.

Em relação aos fatores contextuais, o autor enfatiza o aumento das responsabilidades e exigências, o aparecimento de novos agentes de informação (inovações tecnológicas), o questionamento acerca dos valores a serem transmitidos, a pressão social de um sistema que impõe mudanças à profissão docente e o avanço contínuo do saber. Já os fatores primários são representados pelas características internas das instituições que limitam a atividade docente, pela violência nessas instituições o que gera sentimentos de inquietude, pelas agressões verbais e insultos que põem à prova a autoridade do professor e pela falta de tempo para atender as múltiplas responsabilidades. Sobre o aumento da violência nas escolas e as suas consequências para a saúde docente, os docentes afirmam que:

[...]se amplia a violência né(sic)? mais difícil seria segurar essas questões né principalmente a saúde do professor diga-se passagem, ele vai se estressar mais, ele vai ficando depressivo resultados estão aí, em campo grande por exemplo fecha-se livrarias e abra-se drogarias porque a gente está mais doente do que saudável para interpretar o mundo de hoje (PROF. OTÁVIO).

Eu penso assim se é uma escola onde a violência é constante, vai acabar interferindo na saúde, o professor vai acabar ficando estressado, pode até entrar depressão como já vi casos de colegas que acabou tendo depressão, mas o professor estar ali tem lidar diariamente tentar evitar não acontecer isso e afetar a saúde. Eu já vi casos de colegas minhas de professoras que de tanto estresse que ela já passou, passava dentro da sala que ela começou perder os cabelos, desenvolveu fungo no couro cabeludo e ela teve que perder praticamente quase todo o cabelo dela porque que ficar afastada, fazendo tratamento isso é ruim pela autoestima pelo professor (PROFª SABRINA).

Este processo leva a uma perda de sentido do trabalho docente gerando sentimento de frustração e insatisfação com o trabalho, culminando no abandono da profissão. Muitos docentes utilizam o abandono da profissão como um recurso para restabelecer o seu equilíbrio, para terem a oportunidade de realiza-se pessoal e profissionalmente (LAPO; BUENO, 2003). Os prejuízos causados pela violência afetam não somente a saúde do/a profissional da educação, como também sua carreira na docência, conforme o prof. Otávio, quando o/a professor/a passou por alguma situação violenta, uma das consequências, por exemplo,

[...] é a desistência de ser continuar a ser professor, então às vezes o profissional é de grande valor, mas um pequeno fato de violência em sala de aula faz repensar sua carreira de educação, então desiste, então tem traumas profundos, depressão, medo de entrar de novo numa escola é terrível o resultado.

Segundo Latino (2009) o trabalho docente consiste em um conjunto de atividades inter-relacionadas que envolvem fatores múltiplos, que estão relacionados ao desenvolvimento do professor e ao seu desempenho profissional. Esses fatores estão articulados a variáveis relacionadas com o ambiente construído, com os alunos e com todos os processos de ensino-aprendizagem, além de estarem diretamente relacionados à saúde. Conforme destaca a prof^a Nadir: “com certeza, se você se está num ambiente e não está bem e o ambiente que você está não sente desejo não sente prazer, você vai ficar doente, seu psicológico vai ser abalado não vai aguentar muito tempo de jeito nenhum.”

[...] se você vai trabalhar numa escola onde você não se sente valorizado, onde você não consegue desenvolver seu trabalho da melhor forma, onde você se sente perseguido ou porque você encontrou turmas que não querem estudar e você passa mais tempo chamando a atenção do que realmente dando aula acaba diretamente afetando a saúde, porque você se sente frustrado e como você se sente frustrado isso faz mal para você (PROF. MATEUS).

Neste contexto não somente as condições de trabalho do/a professor/a interferem no êxito do processo educativo, mas também as relações e as vivências que o docente estabelece, conferem sentido a sua prática profissional, bem como dirigem suas condutas no meio em que vive. Portanto, a violência dirigida ao professor certamente influencia a maneira como ele pensa, sente e age frente à realidade que o cerca, resultando em sentimentos de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática de ensino, pedidos de transferência, como forma de fugir das situações conflituosas, desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza, absenteísmo laboral, bem como o desejo de abandonar a docência.

4.2.2.3 Categoria: A prevenção e o enfrentamento dos/as professores diante da violência

Conforme, vimos nos itens anteriores o contexto de mudanças intensas nas dimensões sociais, econômicas, tecnológicas e na organização do trabalho afetaram significativamente a vida profissional e pessoal dos trabalhadores. No contexto escolar, os docentes encontram-se submetidos a diversos tipos de pressões emocionais e relacionais em seu trabalho, que envolvem não apenas os alunos, mas também a gestão, que muitas vezes impõe ao docente a resolução de conflitos, ou também se isentam do seu papel mediador. Assim, os docentes precisam enfrentar as diversas demandas que lhes são apresentadas e criar recursos internos para a realização do seu trabalho, porém nem sempre isto ocorre de maneira eficaz. As diversas

manifestações da violência apresentadas anteriormente, nos remetem a um olhar atento sobre as relações que os/as professores/as estabelecem no contexto da escola, para a maneira como o ensino está sendo ministrado, para as relações de sociabilidades existentes, enfim, para a própria forma de organização do trabalho pedagógico da escola.

Para Witter (2010) cuidar para que se reduza o quadro de risco hoje vivenciado requer um conjunto de medidas, que envolve o preparo dos profissionais responsáveis pela escola, o desenvolvimento de pesquisas que descrevam a realidade, mas, principalmente pesquisas experimentais que revelem as causas e efeitos; planejamentos e avaliação de projetos que visem a redução da violência, bem como a melhoria do ambiente escolar.

Quanto as formas de enfrentamento da violência, é possível identificar na fala dos docentes que a redução violência escolar está relacionada, principalmente, a uma maior participação da família na escola e nos assuntos concernentes ao aluno, conforme pontua a prof^a Sabrina “Olha eu acho que a família deveria estar mais próxima mesmo dessa convivência escolar do aluno, participar mais, ter mais esse controle do aluno, acho que é primordial mesmo.”

Os/as professores/as concordam que a família e as condições socioeconômicas do/a aluno/a têm uma função essencial no desenvolvimento da criança, bem como de promover as condições necessárias para o bom desempenho na sala de aula e nas relações de sociabilidade na escola. Conforme explica a professora: “Muitos casos de violência que você vê dentro da escola de repente é alunos que não tem uma estrutura familiar boa, a família passa por dificuldades de não ter, quanto de convivência mesmo, seria a família mesmo participar mais na vida do aluno.”

Segundo o professor Mateus, a violência que ocorre no ambiente familiar, poderá prejudicar o desempenho deste aluno na sala de aula e nas atividades escolares:

[...]eles relatam que ou eles acabam se submetendo aquilo ou eles apanham ou eles estão na escola as vezes sofrendo ameaças e ele fala: professor não adianta aqui dentro eu sei que não vou sofrer nada, mas quando eu sair do portão da escola pra fora eles vão me pegar, eu vou apanhar e isso não tem como mudar, eles falam pra gente. E aí o aluno, o que acontece, ele não se concentra naquilo que ele faz dentro da escola, se ele não tem o mínimo de concentração, ele não vai aprender, ele não vai evoluir e ele não vê sentido naquilo ali, então infelizmente acaba atrapalhando no desenvolvimento escolar dele.

A violência presenciada ou vivenciada no lar, pode interferir no ambiente escolar da criança ou do adolescente sob forma de comportamentos agressivos ou apáticos. Além desses comportamentos, é possível que o estudante tenha seu rendimento escolar prejudicado,

dificultando o progresso de suas atividades escolares. No entanto, ressalta-se que sem a devida percepção do ciclo de violência que se forma entre família, escola e sociedade, há o risco de analisar o comportamento dos estudantes de forma isolada e condenatória (NJAINÉ; MINAYO, 2003).

Outra questão levantada pelos docentes é a relação da família com a escola na resolução de conflitos. Para Njaine e Minayo (2003) a integração da família e a escola permite uma efetiva colaboração na prevenção da violência na escola. Os/as professores também apontam essa integração, reconhecendo-a como um dos pontos fundamentais para a redução da violência no ambiente escolar. A interação entre a família e a escola permite ampliar o diálogo sobre o fenômeno da violência e possibilita o estreitamento destas relações, na tentativa de reverter comportamentos que causam danos à integridade, física e psicológica dos integrantes da escola. De acordo com a prof^a Nadir “[...] às vezes o pai não mostra não conversa com seus filhos não tem diálogo; então o que acontece hoje em dia a questão da violência não tem diálogo. [...]”

As alternativas de acolhimento do/a aluno/a e o diálogo, são sugestões para a melhoria do ambiente escolar e para o fortalecimento dos laços de convivência para combater a violência, presentes nas sugestões dos/as professores/as, como estratégia de enfrentamento da violência.

Para o professor Pablo, a escola precisa ser democrática e permitir que os/as alunos se expressem livremente, possibilitando uma participação mais efetiva dos discentes, no contexto da escola.

Uma escola democrática, você tem que ter pessoas democráticas, uma escola aberta, você tem que ter professores abertos então eu acho que é isso, não consigo ver nada mágico. Acho que a violência não chegou no nosso nível de forma mágica ela foi subindo ela foi progredindo né? (sic) e assim se você quiser diminuir isso ela vai ter que ir regredindo, como? Com essa relação, com sentido de pertencimento, como ouvindo de outras pessoas.

Ainda sobre a importância da escola, inclusive dos/as professores/as, em promover um espaço para o diálogo e para o acolhimento dos/as alunos/as, o professor Mateus ressalta: “também procuramos estar sempre ouvindo eles, aqui na escola a gente sempre ouve muito o aluno [...]. Então quando eles estão passando por algum problema eles acabam nos procurando e isso é bom e acaba refletindo na vida deles lá fora.”

Alguns professores/as, revelam que a violência contra eles decorre principalmente de uma estrutura social dominante, que funciona como princípio gerador e explicativo da violência contra o/a professor/a e supera a prerrogativa da responsabilização apenas do indivíduo. A escassez de empregos, de uma política educacional que priorize uma educação de qualidade e

de qualificação técnica, podem contribuir para que crianças e jovens superem as adversidades, estratégia que, para o prof. Vinícius, contribui para a diminuição da violência:

Educação é o que reduz a violência; educação e oportunidade, eu não acho que uma pessoa, por exemplo, se transforme em traficante ou queira bater em alguém porque ela tem opção de não bater ou ter uma outra profissão que dê o mesmo retorno, sem que seja fora da lei, então eu acho que você tem que fazer, campanhas de educação, de conscientização e aí retira a palestra, porque palestra já vimos que não é eficiente para esse tipo de conscientização, [...] são campanhas bem feitas da educação, da conscientização e oportunidade, oportunidade de estágio, de emprego, ter auxílio permanência para que a pessoa consiga desenvolver o curso bem, ter uma política redução de evasão né? essas coisas assim, bem-estar.

As alternativas de acolhimento do jovem e o diálogo, melhoraria do ambiente escolar e até mesmo dos laços de convivência para combater essa violência, estão presentes nas sugestões dos docentes. Essas alternativas se expressam na tentativa de estabelecerem um bom relacionamento com os alunos, bem como desenvolver projetos pedagógicos para enfrentar os diversos tipos de violência na escola, não apenas a violência contra o docente. Para tanto, alguns professores/as e suas respectivas escolas realizam palestras, no intuito de promover a conscientização dos/as alunos/as em relação à violência que ocorre na escola e na sociedade. Como explica o prof. Mateus:

[...]eles vendo que eram alunos da escola eles conseguem enxergar que realmente eles também podem chegar ali. Quando tem casos de violência, casos de drogas, nós procuramos trazer palestras motivacionais ou que tratem de drogas.

Ao serem questionados sobre as estratégias para a prevenção e redução da violência nas escolas, alguns professores, utilizam-se de medidas tais como: promoção de eventos, palestras e apoio dos dispositivos de segurança pública:

Nós procuramos dar muitas palestras, trazer gente de fora, alguns que foram ex-alunos e hoje tem uma profissão, estão bem de vida né? (sic) está bem de vida no sentido de estar bem empregados que vieram de escola pública, que estudaram aqui e hoje conseguem sustentar sua família, ter uma boa condição de vida dentro da realidade atual [...] eles vendo que eram alunos da escola eles conseguem enxergar que realmente eles também podem chegar ali. Quando tem casos de violência, casos de drogas, nós procuramos trazer palestras motivacionais ou que tratem de drogas (PROF. MATEUS).

[...]eu acho que quando a escola cria alguns eventos bacanas né? traz pessoas de fora para comentar a realidade do país, da cidade, [...] trazer profissionais, trazer por exemplo, um comandante da polícia militar, [...] o comandante dos bombeiros, [...] o

delegado, trazer por exemplo aqui pra gente um...(sic) alguém público né (sic)? para que possa ouvir deles certas coisas e a partir daí discutir as situações esse é um meio que a escola poderia fazer abrir mais (PROF. OTÁVIO).

Os educadores afirmam que se deveria discutir junto com a comunidade escolar e os familiares sobre sua exposição à violência, buscando juntos formas de prevenção:

É realmente aproximar aqueles três atores [...] é o professor junto com a coordenação, a equipe e o grupo familiar com o estudante, eu acho que quanto mais pertinho mais assim sintonia tivermos em nos três a gente é entende o outro e a gente se percebe melhor, é um processo dialético. (PROF. SAMUEL)

Os elementos representacionais dos discursos do/as docentes, muitas vezes, parecem atribuir ao/à aluno/a ou à família a causa da violência na escola, bem como a solução para enfrentar a violência que circundam os ambientes escolares, excluindo a responsabilização múltipla, que contribui para o aumento deste fenômeno na escola.

Diante de uma problemática tão complexa é possível que, ao atribuir à família ou ao discente o fator principal da violência na escola, corre-se o risco de construir uma perspectiva reducionista de análise, tendo em vista que é preciso responder às necessidades e aos desafios apresentados na área educacional. Os problemas causados pela violência na educação, constituem uma questão complexa, de causalidade múltipla, que afeta as populações, necessitando da articulação de saberes e experiências para seus enfrentamentos. A perspectiva intersetorial tenta atender à questão de que os problemas reais cruzam os setores e têm atores que se beneficiam ou são prejudicados por eles (INOJOSA, 1998).

As propostas de ação intersetorial questionam a predominância do setor educação para resolver problemas que circundam a violência, considerando a impossibilidade desse único setor de lidar como as doenças e agravos decorrentes da violência na escola. Portanto, exigem-se novas estratégias para seu enfrentamento, que ultrapassa atuações setoriais.

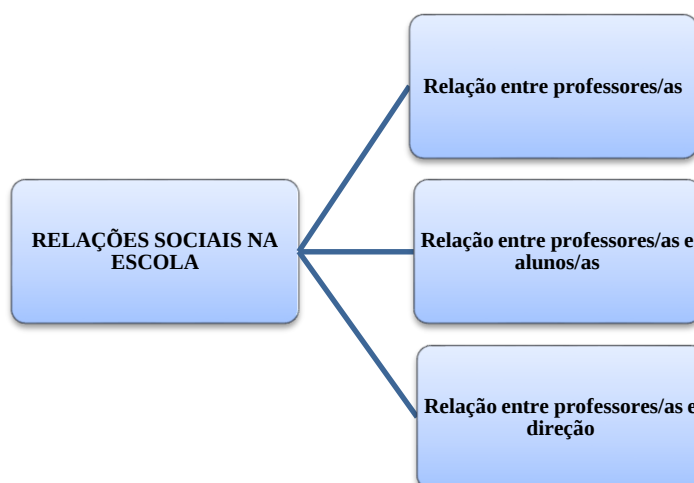
4.2.3 Eixo temático: Relações sociais na escola

A subjetividade é caracterizada pelo seu caráter histórico, que é constituída pela história das diferentes relações do sujeito nos contextos da vida cotidiana, que é essencialmente cultural, pois é formada pelos sistemas de valores e construções simbólicas atuais dos grupos de referência.

Neste sentido, também o saber se constitui a partir das experiências e vivências do nosso cotidiano, e nossas aprendizagens primeiras acontecem em nossas relações familiares, somente mais tarde ingressamos na escola ampliando nossas relações sociais (CERQUEIRA, 2006).

Os discursos dos docentes expressaram a importância das relações sociais com os alunos/as, docentes, gestão e família, no desenvolvimento das suas práticas no âmbito escolar. Evidenciou-se principalmente a necessidade de participação da família, no acompanhamento dos alunos e das suas atividades, para a eficácia dos processos educativos. Nesta questão os entrevistados buscam demarcar a função do docente no processo educativo e o distanciamento da escola como substituta ou complementar das funções parentais.

Figura 3 - Eixo temático: Relações Sociais na escola



Fonte: A autora, 2015.

4.2.3.1 Categoria: Relação entre professores/as

As relações sociais entre professores/as, merecem uma atenção especial, pois considera-se que a aprendizagem e a produção de novas práticas de ensino surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas, que tem lugar na escola e nasce do esforço de encontrar respostas para problemas educativos.

Para o prof. Mateus, a qualidade das relações podem contribuir para o ambiente de trabalho:

Graças a Deus eu tenho um bom relacionamento, como eu te disse você tem que transformar o seu local de trabalho no melhor possível, porque você passa, quando é uma escola que você tem os dois turnos você passa a maior parte do seu dia na escola do que em casa.

Esta interação entre os educadores, no ambiente escolar, permite a articulação do conhecimento e estimula o debate e reflexão em torno dos problemas da escola.

É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação. Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inseri-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento (NÓVOA, 2001, p. 25).

A colaboração entre a equipe de professores/as podem consolidar sistemas de ação coletiva, o que exigirá a construção de uma cultura de cooperação muito maior do que adesões ou ações individuais. Dessa forma, para o autor, a articulação teoria e prática só funciona se não houver divisão de tarefas e todos se sentirem responsáveis por facilitar a relação entre as aprendizagens teóricas e as vivências e observações práticas. A professora Sabrina, entende que, no início as relações geram um pouco de expectativas e ansiedades, mas com o tempo e a convivência estas relações vão se estabelecendo no contexto escolar:

Na outra escola que estava era uma relação muito boa com a direção, com a coordenação, com os professores, com os colegas, com os alunos também. No início, quando eu fui pra lá eu fiquei meio com medo para mim era uma coisa nova, mas depois faz amizade com os alunos assim você acaba pegando mais gosto ainda. Aqui também a relação com a coordenação, com os professores, é uma relação boa.

Nessa perspectiva, a escola deve servir como espaço de trabalho e formação, cooperando para fomentar boas relações entre os educadores, o que implica gestão democrática e práticas curriculares participativas, que propiciem a constituição de redes de formação contínua e participativa.

Para isso, é necessário que o/a professor/a recuse o individualismo em busca de novas práticas de ensino e da cooperação entre os pares. As identidades isoladas, construídas historicamente pelos docentes precisam ser superadas em busca de uma dimensão de grupo, que rejeite uma perspectiva individualizante e afirme a existência do coletivo profissional. Sobre esta perspectiva, a professora Lorena destaca a dificuldade que teve no início da carreira no magistério:

[...] muitos professores quando comecei a trabalhar nem conversavam comigo era bem aquela coisa de panelinha, a gente brinca que o mal da nossa profissão é que a gente é muito desunido, é um querendo passar por cima do outro e você percebe que uma pessoa tem outras ideias tem um método de ensino diferente, você tenta afundá-lo o máximo para ver se ela entrará no sistema junto então você percebe que no começo é um cortar de asas.

A ausência de interação entre os/as professores/as dificulta o alcance dos objetivos individuais e coletivamente propostos e que são fundamentais para a efetivação do projeto político-pedagógico vivido pela escola.

Tardif e Lessard (2005, p.183) afirmam que as relações entre professores são permeadas de delimitações e negociações, portanto, há uma determinada função pessoal exercida pelo professor em sua classe, mas há também um papel público inscrito na coletividade do trabalho e na escola. Segundo o autor, tal coletividade comporta aspectos informais.

Os aspectos formais são caracterizados pelas reuniões, encontros, jornadas pedagógicas e atividades em comum. Os aspectos informais se evidenciam nos diálogos entre os professores, as trocas de informações ou de materiais pedagógicos ou projetos em comum.

Nessa perspectiva, as reflexões que surgem por meio dos questionamentos, negociações, exemplificações, são imprescindíveis nas relações entre professores/as na escola, para a garantia da socialização do conhecimento sistematizado. Estas relações dão forma ao sentido da atividade desempenhada, constituindo a subjetividade do docente na configuração da escola contemporânea, refletida diretamente na sua metodologia de ensino, no acolhimento aos discentes, na postura em sala de aula, nos modos de enfrentamento das situações de tensão e conflitos comumente vivenciados.

Quando refletimos sobre o processo de constituição do professor no dia-a-dia de sala de aula e tomamos o processo de constituição do sujeito [...], constatamos, mais uma vez, que, do ponto de vista de uma análise histórico-cultural, a constituição do professor ocorre de acordo com as vivências e as relações desse profissional, quaisquer que sejam elas (REY, 2005).

Assim, as relações e as vivências que o docente estabelece conferem sentido a sua prática profissional, bem como dirigem suas condutas no meio em que vive, pois a sua subjetividade está relacionada diretamente às relações sociais que ele estabelece com o contexto histórico-cultural no qual está inserido.

4.2.3.2 Categoria: Relação entre professores/as e alunos/as

Alguns fatores contribuem para a qualidade das relações sociais entre alunos e professores. Nos relatos dos/as professores/as, encontram-se algumas evidências sobre as práticas que possibilitam a interação amistosa ou violenta entre estudantes e docentes.

Os/as professores/as buscam manter uma relação de amizade, demonstrar apoio e atenção, priorizam o diálogo e consideram a integração com a família fundamental para o

fortalecimento de relações saudáveis na escola. Segundo o prof. Samuel [...] “eu tenho hoje com os meus estudantes, são relações sadias entende, converso de muita coisa com eles não só de conteúdo.”

As relações entre professores/as e alunos/as permitem além do processo de construção do conhecimento, a constituição da subjetividade do/a professor/a e de suas formas de agir. Vygotsky (1991) destaca sobre a importância das relações sociais, para o desenvolvimento humano, ou seja, para que o indivíduo possa torna-se humano, ele precisa interagir com outros, inseridos em uma determinada cultura e sociedade. É por meio da interação social que os discentes interiorizam o mundo e constroem o seu psiquismo. Assim, a construção do conhecimento e o processo de aprendizagem ocorre a partir de um intenso processo de interação entre professor/a e aluno/a.

Para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivo, para que o conhecimento seja internalizado, é preciso que os indivíduos interajam de forma ativa, fazendo novas interpretações e participando criativamente de um processo cultural, em uma determinada época histórica, conforme aponta a prof^a Michele “tem que chegar e conversar professor e aluno é um relacionamento.”

Para a professora Michele, a relação com o/a aluno/a é caracterizada pelo importa-se com o outro, e o desempenho dele/a em sala de aula está diretamente ligado ao sentido que um determinado acontecimento tem para este/a aluno/a. Ela afirma que para um bom relacionamento é importante:

Demonstrar que gosta deles que se preocupa com a pessoa que tá ali, oi tudo bem? você está bem? você não veio ontem, tudo bem? oh semana passada inteira você não veio você está bem, por exemplo já uma forma de você demonstrar a atenção, por ele nessa prova você saiu muito mal aqui, se não me falou que se estava tão mal assim.

A perda de sentido no trabalho, produz a falta de envolvimento pessoal do/a professor/a, o que poderá despersonalizar e descaracterizar a prática educativa escolar. Por não conseguir alcançar os seus objetivos o/a professor/a passa a experimentar sentimentos de impotência, de incapacidade, avaliando de modo negativo, a si próprio.

Alguns docentes, que vivenciaram situações conflituosas e de violência no ambiente escolar, estabelecem uma cisão entre o que é profissional e o que é pessoal, como uma forma delimitar às questões de trabalho das relações que pressupõem uma certa informalidade. Como podemos verificar no discurso da profa Lorena: “Eu sofri bastante quanto a isso, [...] porque

para mim foi difícil diferenciar profissional do pessoal, tinha alunos para mim que já era como se fosse meu amigo, e não é, ele só está interessado na nota dele, não é amigo.”

Após a prof^a Michele ser violentada verbalmente por uma aluna no local de trabalho, a coordenadora de uma das escolas em que ela trabalhou no início da carreira, a aconselhou agir com profissionalismo, o que para ela significa trabalhar com mais imparcialidade, pressupondo um menor envolvimento emocional com às questões que envolvem o/a aluno/a e buscando evitar sofrimentos advindos desta interação:

[...] Encare a maior parte das coisas com profissionalismo, falou bem assim: profissionalismo encare as coisas desse jeito dói menos, você se chateia menos, você fica mais feliz e tem mais disposição pra ir trabalhar do que encarar com muito sentimentalismo, mágoa ficou chateada, ela falou: não esquece isto, esquece tudo, entra na escola e encara desta forma, aquele meu aluno ele vai ficar comigo um ano, dois anos ou três anos no máximo, não é pra vida toda o tempo que ele estiver ele tem que me respeitar, eu tenho que respeitá-lo, mas não necessariamente ele tem que me amar ou eu amá-lo, ela falava desse jeito, eu achei isso um máximo.

Martins (2001) afirma que em casos como estes, qualquer uma destas situações pode levar o indivíduo a um processo de despersonalização, caracterizada pela substituição do vínculo afetivo por um vínculo racional, pela qual se perde o sentimento de que se está lidando com outro ser humano. As relações interpessoais acabam se caracterizando pela dissimulação afetiva, por atitudes negativas, exacerbadamente críticas, comprometendo como consequência a própria integração social do professor. De acordo com Nóvoa (1992, p. 17):

A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino [...] Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal.

A constituição da subjetividade dos/as professores/as ocorre a partir dos processos dinâmicos envolvidos, como produto de uma série de sentidos que se articulam na história de vida, e nas condições concretas em que eles desenvolvem o seu trabalho. Por isso, a impossibilidade da cisão entre o ser e o fazer na prática docente.

Nesta perspectiva, o prof. Samuel ressalta que: [...] “eu misturo tudo isso essa parte do profissional com o pessoal, às vezes eu acho que não está mesmo separado não, entendeu? por que a gente está partindo do pressuposto que a gente está lidando com pessoas.” Continuando,

ele explica que atender ao/a aluno/a nas suas necessidades educacionais, envolve também um processo de socialização:

Às vezes eu fico pensando [...], quando a gente se relaciona com estudante né as vezes eu fico imaginando será que é tão importante a gente separar o profissional do pessoal, inúmeras vezes eu já me peguei fazendo esse questionamento né, talvez não só a partir do meu ponto de vista, mas a partir do ponto de vista dos estudantes, porque tem muitos estudantes que vem pra uma escola e a única forma, por exemplo, de ele se socializar, de conversar com as pessoas, de conversar com professor.

Todas as experiências que os docentes vivenciam vão constituir elementos que podem afetar suas práticas educativas, bem como suas interpretações sobre a realidade que os cercam.

As representações sociais são mediadas por processos afetivos e emocionais, formadas a partir dos aspectos significativos do cotidiano, bem como nos sentidos a eles conferidos pelos docentes. Lopes (2009) afirma que as emoções são elementos mediadores, que facilitam a construção das representações, visto que permitem a aproximação ou o afastamento do indivíduo em relação aos elementos de sua realidade, bem como possibilitam ao sujeito elaborar ou evocar uma imagem para compreender determinados elementos do contexto social.

A análise dos resultados obtidos demonstrou que a elaboração das representações sociais de violência na escola, principalmente das professoras que foram vítimas de atos de agressividade verbal ou física, se ancora em imagens que suscitam a dor sofrida e o medo sentido, desencadeando a tristeza e o desejo de afastamento das relações pessoais e das condições vividas.

4.2.3.3 Categoria: Relações entre professores/as e direção

Os/as professores, consideram ter uma boa relação com a direção das escolas que atuam. Os discursos revelam que a direção se orienta a partir de uma gestão democrática, que valoriza a participação da comunidade escolar na tomada de decisões e que incentiva no trabalho dos/as professores/as a construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola. A relação entre professores/as e direção é avaliada pelos/as docentes, principalmente pelo grau de interação e participação deles/as nas tomadas de decisões. Sobre sua relação com a gestão escolar, o prof. Otávio afirma:

eu considero muito boa, isto também é uma característica de cada um, também né? (sic) eu sou um professor, a minha disciplina é para isso, então eu converso bastante, eu gosto de participar bastante, é fácil eu sou extremamente flexível como que eu acho

que é um meio de fácil adaptação, é então eu acho que é um item que todos os profissionais deveriam ter e então eu sei ter uma boa relação, com a direção com a parte da coordenação como colegas.

A gestão democrática participativa é concebida como um processo contínuo, gerador de uma nova experiência de gestão política, que nasce da consciência crítica elaborada na ação e nas discussões, e estaria, assim, na responsabilidade de todos os participantes envolvidos nas atividades educativas, isto é, professores/as, alunos/as/, pais e comunidade, e não apenas de um conselho ou de um diretor/a. “A gestão da escola se traduz cotidianamente como ato político que implica a tomada de decisões dos atores sociais. Sua construção não pode ser individual e sim coletiva, partilhada” (BRASIL, 2005).

As situações que ocorrem no cotidiano escolar, necessitam da busca coletiva para a tomada de decisões. A complexidade do trabalho do professor/a, não está apenas vinculado à transmissão de conteúdos, mas também a atuação na organização e na gestão da escola. De acordo com o prof. Mateus, a gestão e a coordenação oferecem a autonomia necessária para tratar com as ocorrências cotidianas da escola, e esta relação de acolhimento permite um melhor desenvolvimento das atividades educativas: “A gestão e a coordenação desde quando eu cheguei aqui me trataram como se eu estivesse há anos trabalhando aqui na escola, então eu me sinto muito à vontade para tratar de qualquer tipo de assunto com eles.” Esta oportunidade de participação efetiva dos professores nos assuntos concernentes a política pedagógica da escola, colabora para a satisfação em relação ao ambiente de trabalho do/a professor, o prof. Mateus ressalta: “Graças a Deus eu tenho um bom relacionamento, como eu te disse você tem que transformar o seu local de trabalho no melhor possível.”

Corroborando com a mesma opinião, a profª Michele afirma: [...] “não tenho, nunca tive problema assim na escola... com direção nenhuma das escolas que eu trabalhei [...] com direção e com a coordenação sempre me dei bem.”

A relação amistosa e colaborativa entre o/a professor/a e a gestão escolar, contribui para a qualidade da educação e o bem-estar do/a educador/a no seu local de trabalho:

Minha relação é a melhor possível, eu sou uma pessoa que converso muito né eu tenho uma relação muito boa com a direção dessa escola, a outra escola também as coordenadoras eu tenho amizade com elas, [...]já tenho uma relação como se já tivesse anos principalmente com pessoas daqui dessa escola minha coordenadora é uma pessoa maravilhosa sabe conversar né então isso aí faz a gente ter prazer pela escola né? [...]graças a Deus eu tive esse privilégio de estar num local onde eu sinto bem, onde eu sinto prazer de trabalhar pois a pior coisa que tem quando não sente prazer pelo lugar. (PROFª NADIR)

No entanto, os/as professores/as ressaltam que durante a carreira docente, já trabalharam em escolas, onde a gestão escolar preservava um sistema hierárquico de poder, conferindo um caráter autoritário à figura do/a diretor/a. Este processo dificulta o bom desenvolvimento das práticas educacionais, pois além de causar sofrimento ao/a professor/a e a todos/as os/as envolvidos no contexto educacional, também prejudica a participação da comunidade na gestão escolar. O prof. Pablo, relata que trabalhou em uma escola que “tinha uma diretora extremamente ditadora.” Sobre o autoritarismo nas escolas Paro (2001, p.22) afirma que: “Dos condicionantes do autoritarismo na escola, os de ordem institucional estão sem dúvida nenhuma, entre aqueles que mais dificultam o estabelecimento de relações democráticas e em consequência, a participação da comunidade na gestão escolar.”

Estas condições são importantes para a subjetividade do/a professor/a, para seu bem-estar emocional e para suas relações com o próprio trabalho. A educação precisa de suporte social no trabalho para ser efetiva e a instituição de ensino é caracterizada neste contexto por manter a tradição e os conhecimentos legitimados e construir o novo. No entanto, neste processo a escola pode perpetuar sucessivas expressões da perversidade institucional, reforçando o autoritarismo. Quando as ações da escola utilizam mecanismos de classificação e hierarquização em sua política pedagógica, ela age de forma desigual e antagônica com as reais necessidades educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA

Após levantar as simbolizações e percepções a partir dos relatos verbais sobre os conhecimentos a respeito do fenômeno; em sequência, foram identificados os temas que representam esse conhecimento, constituindo-se os núcleos simbólicos. Sistematizou-se as informações, agrupando os temas que se destacaram em núcleos simbólicos, ou seja, os eixos temáticos. Posteriormente, a luz do referencial teórico, estabeleceu-se a ancoragem sobre a representação social do/as professores/as sobre a violência escolar. A análise resultou em três núcleos de sentido, que compreendem os núcleos simbólicos: **trabalho, violência e relações sociais na escola**.

Diante dos resultados obtidos e à análise realizada, fundamentada no aporte teórico exposto neste trabalho, conclui-se que as representações sociais referentes à violência na escola decorrem das concepções dos/as professores/as acerca da violência, de suas causas, das formas como estes/as se apresentam e dos significados que os docentes atribuem ao trabalho e as relações sociais estabelecidas no contexto escolar.

O primeiro núcleo de sentido identificado neste estudo representa o trabalho docente ancorada por representações sociais de que o trabalho do/a professor/a é essencial para a transformação da sociedade, no entanto, é marcada pelo desprestígio social expresso pela precarização das relações de trabalho, pelas discriminações presentes nas relações de gênero, pelas questões que envolvem a carreira docente e pela relação entre a saúde e o trabalho, revelada principalmente, pelas palavras: “muita pressão”, “falta de satisfação”, só ficam se for por amor, “todo mundo debocha”, deveriam ser acolhidos, se a profissão fosse reconhecida, “diminui o salário”, “o professor não pode trabalhar tão à deriva”, “confundir delegar com abandonar”, “se vira a culpa é sua”, “eu não vou te ajudar em nada”, “assédio moral”. Nos discursos dos/as professores/as também, é possível identificar as representações sociais de gênero dos docentes, bem como dos/as demais profissionais da educação, ancoradas principalmente, nas construções históricas e sociais sobre a divisão sexual do trabalho, em relação a estrutura das ocupações e as trajetórias de homens e mulheres no mercado de trabalho. Além de serem sexualmente demarcados, algumas posições ocupacionais continuam reproduzindo uma divisão social das tarefas associadas às características biológicas de homens e mulheres e às qualidades que lhes são atribuídas social e culturalmente, determinando a existência de condições desiguais no mercado de trabalho.

No contexto de trabalho, a violência (neste caso tanto física, como psicológica) se origina de uma combinação de causas, relativas ao indivíduo, ao ambiente de trabalho, às

condições do trabalho, bem como ao modo como ocorrem as interações sociais no contexto produtivo, ou seja, entre colegas de trabalho, entre clientes e trabalhadores/as, e entre estes últimos e os gestores. Incluem como características, comportamentos que denotam violência psicológica, além dos já citados, as intimidações por meio de palavras, gritos e gestos, insinuações ou ofensas (DI-MARTINHO apud MARTINS, 2012).

Estes tipos extremos de violência, embora sendo indesejáveis e intoleráveis, são mais facilmente identificáveis. Outros tipos, menos visíveis, mas igualmente prejudiciais pelos danos que acarretam nos profissionais, principalmente nos docentes, também fazem parte do processo do trabalho em educação.

Em alguns relatos foi possível identificar as situações que causam desconforto, sofrimento e que retiram a autonomia do docente em relação ao seu trabalho. A convivência com as situações de conflito associada às condições de trabalho inadequadas e à escassez de serviços de apoio são aspectos limitantes para o profissional docente agir livremente e favorecer a auto realização. Essas evidências mostram que alguns docentes ora representam a violência como aquela que ocorre também no contexto de trabalho, ora ela é oculta, quando os/as professores/as estão sujeitos às pressões de diversas naturezas e ao assédio moral, invisível a própria percepção do/as trabalhadores/as.

O segundo núcleo de sentido, refere-se aos elementos representacionais que focalizam a violência presente na escola, o adoecimento decorrente destas relações de conflitos e as formas de enfrentamento reveladas pelos professores e professoras, nas seguintes palavras: “agressão física”, “causa dor”, “simbólica”, “falta de educação”, “ações e posturas violentas”, “coagido”, “autoritários”, “bullying”, “perseguição”, “sofremos”, entre outras, transcritas nas falas dos sujeitos.

Apesar de alguns docentes apresentarem discursos que contemplam uma dimensão mais ampla sobre a violência escolar, muitos ainda concebem a mesma remetendo-a à agressões físicas, por se tratar do tipo de violência que diretamente atinge o indivíduo e seu corpo. Estas concepções são ancoradas, principalmente, nas formas de violências que se apresentam na mídia, ou seja, a face mais visível do fenômeno. Nem sempre a violência se apresenta como um ato ou como uma relação que possua uma estrutura facilmente identificável, conforme explica Odália (2004) as pessoas se habituaram tanto a conviver com a violência em nossa sociedade que ela se banalizou.

Alguns discursos evidenciam a omissão dos gestores em relação a violência vivida pelos professores e professoras, seja por medo da exposição ou pelas possíveis dimensões que a intervenção podem causar, buscando formas de resolver todas as situações de violência dentro

da própria escola. Estas ações de omissão com os casos de violência, ancoram-se em representações e valores enraizados socialmente como, por exemplo, a inocência no caso da infância, a patologização dos processos enfrentados pela escola, que atribui um olhar generalizado do desenvolvimento infantil de forma que qualquer comportamento divergente das crianças pode ser enquadrado em categorias previamente estabelecidas e da escola como um lugar de socialização e refúgio, ou seja, um “porto seguro”.

Como vimos, as condições de trabalho aliadas às relações de conflitos que ocorrem na escola podem causar agravos à saúde do/a professor/a. Foi possível identificar, na fala dos educadores que a ocorrência do adoecimento, muitas vezes está vinculada a uma desvalorização da figura do professor, a exigências cada vez maiores em sua atualização, a relações que prejudicam a integridade do docente e como resultado disto acentua-se os efeitos do desgaste físico e psicológico, incorrendo no absenteísmo, nas frequentes licenças ou até mesmo na desistência da profissão.

É possível perceber nas falas dos entrevistados que a saúde docente é uma questão ainda periférica nas preocupações do setor da educação, tanto na visão da gestão escolar, quanto na dos próprios educadores. Acostumados a cuidar do outro, os/as professores/as tem dificuldades de olhar para si mesmo, para o seu bem-estar e, especialmente para sua saúde.

Esta forma de pensar a saúde docente, também é reforçada pelas representações partilhadas na sociedade e o/a professor/a para se adequar ao sistema de valores socialmente e historicamente determinado nega ou minimiza os sintomas de adoecimento. Somente após passar por sucessivas situações opressoras e quando os danos causados a saúde já alcançaram um patamar de severidade elevada, é que acabam atentando para a sua existência. Portanto, nas representações de alguns educadores, o adoecimento é vivenciado como um processo individual ou uma dificuldade pessoal. No entanto, reconhecem o adoecimento e a sua relação com o trabalho, evidenciando as possíveis consequências das precárias condições de trabalho e da violência, como desencadeadores de danos à saúde.

Os elementos representacionais dos discursos dos docentes sobre as formas de enfrentamento da violência, revelam que a presença da violência está relacionada com o grau de participação da família nos processos de formação dos alunos. Esta representação está ancorada nas transformações sociais e estruturais da sociedade, como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a fragilidade dos vínculos sociais e afetivos, o individualismo, a falta do diálogo e a ausência de pessoas que sirvam de boas referências na família.

Nos discursos aponta-se que quanto maior é o envolvimento da família com o aluno e com a escola, menores são as chances do discente cometer atos de violência e melhor será o seu

desempenho escola. Alguns dos professores afirmam que a participação da comunidade com a escola por meio de palestras e campanhas de conscientização podem auxiliar na redução e prevenção da violência, já outros entendem que esta questão poderá ser amenizada quando houver mais oportunidades de empregos e pelo compromisso da escola em ser uma instituição mais democrática, que possibilite um ambiente de diálogo e que estimule o sentimento de pertencimento.

No terceiro núcleo de sentido, as representações dos professores direcionam-se a questões pertinentes as relações sociais na escola. Apesar dos diversos desafios que se apresentam no cotidiano, como às dificuldades inerentes ao próprio trabalho apresentadas nesta pesquisa, os sujeitos de nossa investigação apresentam-se como responsáveis por produzir nos alunos uma transformação para melhor, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos. Os docentes enfatizam que buscam uma relação amistosa com os/as alunos/as, com outros professores/as e com a direção.

Nos discursos dos/as professores/as também destacam-se as mudanças ocorridas na sociedade e que afetaram os ambientes educacionais em diversos aspectos, inclusive no comportamento dos alunos e nas expectativas da família em relação a escola e aos docentes.

Segundo Esteve (1999), têm aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, que reflete na modificação do papel do professor. Acredita-se que as mudanças no papel do professor estejam ancoradas a três aspectos fundamentais: 1) As transformações relacionadas aos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados), que, nos últimos anos, vêm compartilhando às responsabilidades que desempenhavam anteriormente no campo educativo; 2) A função tradicional da escola de transmitir conhecimentos, vem sendo modificada aos poucos pelas novas formas de socialização, promovida pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias, que assumiram uma posição paralela na transmissão de conhecimentos e informações; 3) O/a professor/a precisa superar o conflito gerado em relação a sua posição diante das transformações da sociedade e quais valores, dentre os vigentes na sociedade, ele deve transmitir e quais precisa questionar.

Os docentes objetivam estas questões na forma como se relacionam com os discentes, ou seja, muitos ressaltam a importância de se cultivar a amizade e buscam eliminar qualquer forma de hierarquia que possa existir na relação entre professor/a aluno/a. Já outros docentes, representam esta relação mantendo um certo distanciamento entre o “profissional” e o “pessoal” e enfatizam que, este modo de se relacionar é importante para a preservação do respeito a figura

do/a professora/a. Estes também possuem a representação de que a família exerce influência sobre o/a aluno/a, no que diz respeito aos limites que devem ser colocados na criação. Segundo os/as professores/as, quanto mais próxima a família está do aluno, menores são as chances dele cometer algum ato de violência na escola. Estas concepções estão ancoradas nas significações de que os/as pais representam uma posição de autoridade para crianças e jovens.

Com relação ao enfrentamento da violência na escola, percebe-se, nas falas dos docentes, que a presença da família na escola também configura-se como um fator relevante que se interpõe nas relações sociais e, principalmente, na definição das ações e papéis vinculados ao docente. Nesta questão, os/as entrevistados/as buscam demarcar a função do docente no processo educativo e o distanciamento da escola como substituta ou complementar das funções parentais.

No entanto, sabe-se que quando nos referimos a formas de enfrentamento, as medidas isoladas e fragmentadas adotadas nas escolas tornam-se insuficientes diante de um problema de causalidades múltiplas e de um fenômeno complexo, como é o caso da violência. Para isso, é importante a implementação de políticas intersetoriais que possibilitem a articulação de saberes e experiências com vistas ao planejamento, para realização e avaliação de políticas, programas e projetos com o objetivo de alcançar resultados sinérgicos em relação à violência (INOJOSA, 1998).

Quando refletimos sobre o processo de constituição do/a professor/a no seu cotidiano e tomamos o processo de constituição do sujeito, constatamos, que, do ponto de vista de uma análise histórico-cultural, a constituição do docente ocorre de acordo com as vivências e as relações que são construídas no exercício de sua atividade. Nesta perspectiva, a qualidade das interações, do diálogo e da relação dialética entre os envolvidos no contexto escolar tem um papel fundamental, especialmente em relação aos docentes, que ocupam uma posição mediadora nos processos educacionais e que podem estar envolvidos com a constituição e a expressão da violência que ocorre no espaço escolar.

O docente, perpassado pela história, pela cultura, pelo tempo e pelo espaço em que vive, deve ser entendido em relação dinâmica e complexa com a sociedade e, mais especificamente, com o ambiente escolar, apesar de ser constituído por um processo complexo e multideterminado, ele é capaz de transformar a realidade e produzir novos sentidos, constituindo a sua subjetividade individual.

Os significados revelados nas práticas discursivas dos docentes permitiram identificar os elementos que envolvem as representações sociais da violência que circulam no meio social, e que fazem parte da constituição subjetiva dos/as professores/as. A partir destas

representações, eles irão construir conhecimentos que vão direcionar os comportamentos no exercício de sua profissão, indicando como são estruturadas suas opiniões, crenças e ações acerca da violência na escola.

As formas de manifestações de violência nas escolas podem ser configuradas como violação de direitos. A escola e os(as) professores(as) exercem, inevitavelmente, uma influência constante e ativa na vida de crianças e jovens, portanto, considera-se importante o conhecimento sobre as violências para intervir quando forem identificadas alguma situação de violência.

Torna-se fundamental, a compreensão sobre as formas como a violência se apresenta no cotidiano escolar e, a partir disso, a definição de estratégias de intervenção. O reconhecimento da existência e das suas possíveis configurações poderá deflagrar possíveis ações.

Entretanto, o desconhecimento, a invisibilidade ou negação geram a inação, o que poderá agravar a violação de direitos no espaço escolar. Para a efetivação deste processo é indispensável que as políticas educacionais, e dentro delas, o Estado em suas diferentes esferas de poder, assumam o compromisso com a valorização dos profissionais da educação. Isto significa que é preciso que essas políticas contemplem processos específicos para a formação destes profissionais, em que se trabalhe, no nível pessoal e social, ético e político, o desenvolvimento da consciência da dignidade humana de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002
- ABRAMOVAY, M. (Org.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO; MEC, 2005.
- ABREU, C. A. P. **Violência na escola desafiando a promoção de um ambiente saudável**. 2006. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Fortaleza, Ceará, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=119220>. Acesso em: 2 nov. 2014.
- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. e OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998. p. 27-46.
- AGUIAR, W. M. J. (Org.). **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: Relatos de Pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- AGUIAR, R.M.R.; ALMEIDA, S. F. C. de. Violência na escola: reflexões acerca da (re)construção dos laços de autoridade no cotidiano escolar. São Paulo, v. 8, Col. LEPSI IP/FE-USP, 2011. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100068&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de set. de 2015.
- _____. **Mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores**. Curitiba: Juruá, 2008.
- ALMEIDA, S. F. C. de. Dispositivos clínicos de orientação psicanalítica na formação de professores: entre o cuidado, o ensino e a transmissão. In: ALMEIDA, S. F. C. de; KUPFER, M. C. M. (Orgs.). **A psicanálise e o trabalho com a criança- sujeito: no avesso do especialista**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 579-594, out./dez. 2007.
- _____. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008.
- _____. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações a Educação. **Em Aberto**. Brasília. v.14, n. 61, p. 60-77, jan./mar. 1994.
- ANADON, M.; MACHADO, P. B. Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais. Bahia: Eduneb, 2011.

ARENDT, H. **Da violência**. [S.l.], 2004. Disponível em:
<<http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2015.

_____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, nov. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000300007>. Acesso em: 5 mar. 2015.

ASSIS, J. T. **Educação, autoridade e violência na escola**: entendendo relações no diálogo com educadores. 2009. 186f. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROCO, S. M. e FRANCO, A.F. **A formação social da personalidade violenta**: uma explicitação educacional. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL. 11., 2013. Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2013. p. 144-163.

BAUMAN, Z.. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BELLONI, M. L. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2007.

BENKO, G.. Mundialização da Economia, metropolização do mundo. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 15, p. 45-54, 2002. Disponível em:
<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_15/45-54.pdf>. Acesso em: 21 out. 2014.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias**. 8. ed., São Paulo: Saraiva: 1995.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, Santa Catarina, v. 1-2, n. 1, p. 68-80, jan./jun. Disponível em:
<www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 13 dez. 2013.

BONIN, L. F. R. **A teoria histórico cultural e condições biológicas**. 1996. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm>. Acesso em: 12 fev. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Conselho Escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor. Brasília, DF, 2005. v. 5.

CALDAS, A. R. **Desistência e resistência no trabalho docente:** um estudo das professoras e professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba. 2007. 173 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Marcas de gênero na escola, sexualidade e violências/discriminações representações de alunos e professores.** 2003. Disponível em: <http://www.ritla.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5981&Itemid=350>. Acesso em: 14 mar. 2014.

CASTRO, R. V. Prefácio. In: ALMEIDA, A. M. de O. et. al. **Teoria das representações sociais: 50 anos.** Brasília: Technopolitik, 2011.

CERQUEIRA, T. C. S. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **Revista de Psicologia**, São Paulo: Vetor Editora, v. 7, n. 1, p. 29-38, jan./jun. 2006.

CHARLOT, B. **A violência na escola:** como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 432-442, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222002000200016&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 maio 2015.

_____. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHESNAIS, J. A Violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 54-69, 1999. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63013483005>>. Acesso em: 22 out. 2014.

CODO, W. (Coord.). **Educação:** carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CUNHA, M. D. **Constituição de professores no espaço-tempo da sala de aula.** 2000. Tese (Doutorado)-Universidade de Campinas, São Paulo, 2000.

DA MATTA, R. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: PINHEIRO, P. S. (Org.). **Violência brasileira.** São Paulo: Brasiliense. 1982. p. 14-28.

DEBARBIEUX, E. **Violência na escola**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: EDITORA FGV, 2007.

_____. A carga psíquica do trabalho. In: BETIOL, M. I. S. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994, p. 21-32.

_____. **Psicodinâmica do trabalho: uma contribuição da escola dejouriana a análise de relação prazer e sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Caderno CEDES**, Campinas, SP, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004.

_____. **O significado e o sentido**. São Paulo: Duetto, 2005. (Coleção Memória da Pedagogia. Suplemento especial. Viver mente e cérebro. v. 2).

_____. A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação. **Perspectiva Revista do centro de ciências em Educação**, Florianópolis, v. 21, n 02, jul./dez. 2003.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **As regras do método sociológico**. pensadores. São Paulo: Martins Fonte, 1978. Coleção Tópicos.

ESTEVE, J. M. **Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: Edusc, 1999.

_____. Mudanças sociais e função docente. In : NÓVOA, A. (Or.g). **Profissão professor**. Lisboa: Porto Editora, 1991. p. 93-124.

FINLEY, L. L. Examining school searches as systemic violence. **Critical Criminology**, [S.l.], v. 14, p. 117-135, 2006. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10612-006-9002-4#page-1>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

FONTANA, R. A. C. A elaboração conceitual: a dinâmica das interlocuções na sala de aula, In: SMOLKA, A. B.; GÓES, M. C. R. (Org.). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1993.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, n. 22. p. 9-39, 1977.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FROMM, E. **Conceito marxista de homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

GONZÁLEZ-REY. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. **Ecos – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, RJ, v.2, n. 2, 2012.

GILLY, M. Les représentations sociales dans le champ éducatif. In: JODELET, D. **Les représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris: Presses Universitaire de France, 1989.

_____. A representação social no campo da educação. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

GONÇALVES, M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A.; GONÇALVES, M.; FURTADO, O. (Ed.). **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001a. p. 37-52.

_____. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** São Paulo: Cortez, 2001b.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ. 1997.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. Epistemologia cualitativa y subjetividade. **Revista Interamericana de Psicología**. Gainesville, v. 32, n. 2, p. 139-167, 1998a.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004b.

_____. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thompson; 2003.

_____. **Problemas epistemológicos de la psicología**. Habana: Editorial Academia, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Á. M. **A depredação escolar e a dinâmica da violência**. Campinas, 1991. 471 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação da UNCAMP, São Paulo, 1991.

_____. **Escola e violência: relações entre vigilância, punição e depredação escolar**. 1984. 183f. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Educação da PUC de Campinas, São Paulo, 1984.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho.

Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INOJOSA, R. M. Intersetorialidade e configuração de um novo paradigma organizacional.

Rev Adm. Pub. Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 35-48, 1998.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.).

As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais.

Psicologia e Sociedade, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.

KODATO, S. Representações Sociais de Violência e Práticas Exemplares de Prevenção em

Escolas Públicas Brasileiras. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

SOCIAIS. 8., Coimbra. **Anais...** Coimbra: [s.n.], 2004.

KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1978.

KUENZER, A. Z. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de

automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de

Janeiro, v. 2, n. 1, 2004.

LAPO, F. R.; BUENO, B. Os Professores, desencanto com a profissão e abandono do

magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia e personalidad**. Havana: Editorial Pueblo y

Educación. 1983.

_____. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário. 1978.

_____. _____. São Paulo: Centauro, 2004. (Trabalho original publicado em 1978).

_____. **Conciencia: Personalidad**. México: Editorial Cartago de México. 1984.

LIMA, M. F. E. M. Condições de trabalho e saúde do professor universitário: estudo de caso

de uma IFES. **Desafio: Revista de Economia e Administração (continua como Desafio**

Online), v. 11, n. 23, p. 25-35, 2010.

LOPES, Z. A. **Representações sociais acerca da violência de gênero**: significados das

violências vividas por mulheres agredidas. 2009. 209 f. Tese (Doutorado)-Universidade de

São Paulo. São Paulo, 2009.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de**

Pedriatria, v. 5, n. 81(supl.), 2005.

LOYOLA, V. M. Z. Subjetividade e fracasso escolar: apontamentos para a construção de uma práxis preventiva do psicopedagogo. **Educação**, Porto Alegre, a. 25, n. 48, p. 107-129, 2002.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**: introdução evolucionista à psicologia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MANCEBO, D.; LOPES, M. C. R. Trabalho docente: Compressão temporal, flexibilidade e prazer? **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, MT, v. 13, n. 24, p. 138-152, 2004.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MARIANO, K. P. Globalização, integração e o Estado. **Lua Nova**, São Paulo, V. 7, p. 123-168, 2007.

MARTINS, E. F. **Violência na escola**: concepções e atuação de professores. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp153581.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

MARTINS, A. F. **Precarização e violência no trabalho**: um olhar sobre as relações de trabalho em instituições públicas de saúde do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

MARTINS, L. M. **Análise sócio-histórica do processo de personalização de professores**. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2001.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. In: FERNANDES, F. (Org.). MARX, K.; ENGELS, F. **História**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. (Grandes cientistas sociais, 36).

MATOS, E. L. M.; FRANÇA, C. M. A perda de vínculos familiares, escolares e sociais e suas consequências para o desenvolvimento educacional da criança. **Rev. Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n. 3, p. 395-404, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/961/818>>. Acesso em: 26 set. 2015.

MATOS, M. I. S. de. **Meu lar é o botequim**. Trabalho apresentado no 20º Encontro Anual da ANPOCS, GT, Relações de Gênero, Caxambu, Minas Gerais, 1996.

MENDES, A. M. et al. **Trabalho e saúde**: o sujeito entre emancipação e servidão. Curitiba: Juruá, 2008.

MICHAUD, Y. **Violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. _____. São Paulo: Ática, 2001.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo de Interdisciplinar de ação coletiva. **História, Ciências e Saúde**, Manguinhos, v. 4, n. 3, p. 513-531, fev. 1998.

_____. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Paraíba, v. 4, n. 1, p. 7-32, 1999.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. Social Violence from a Public Health Perspective. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supplement 1, p. 7-18, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A teoria da Subjetividade de González Rey: uma expressão do Paradigma da Complexidade. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MONTOYA, Y. Violência nas escolas: orientações e situação atual das pesquisas na França. **Dez Abordagens Europeias**. Unesco, 2002.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. _____. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MÜLLER, D. et al. Cuidado! A saúde da educação está em perigo. **Publicação do coletivo estadual de saúde do CPERS/Sindicato**. Rio Grande do Sul, 2012

NEVES, V. F.; OLIVEIRA, A. de F; ALVES, P. C. Síndrome de Burnout: Impacto da satisfação no trabalho e da percepção de suporte organizacional. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 1, jan-mar, 2014, p. 45-54.

NJAINÉ K., MINAYO M.C.S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** v.7, n. 13, p. 119-34, 2003.

NÓBREGA, S. M. Sobre Teorias das Representações Sociais. In: Antonia S. Paredes Moreira (Org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Universitária, 2001.

NÓVOA, A. Professor se forma na escola. **Nova escola**, v. 142, maio, 2001.

_____. **O professor e as histórias da sua vida**. In: VIDAS de Professores.

Lisboa: Porto Editora, 1992. p. 11-29.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **A supervisão na formação de professores I: da Sala à Escola**. Porto: Editora Porto. 2002. (Coleção Infância, 1.)

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Módulo de capacitação em inspeção do trabalho e igualdade de gênero**. Organização Internacional do Trabalho - Brasília: OIT, 2012.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática na escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.

PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993.

PAULA, A. S.; KODATO, S. Histórias de vida e representações sociais de violência por professores de escolas públicas. **Temas em Psicologia**, [S.l.], v. 18. n. 1, p. 177-189, 2010.

PEDROSA, S. M. **A violência no contexto escolar: concepções e significados a partir da ótica de professores de uma instituição de ensino público**. 2011. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 46-78, jul. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302000000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 jan. 2015.

_____. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n.100, out. 2007.

PINTO, T. C. R. A questão da depredação escolar. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 6., 1992, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Papirus, 1992. p. 6.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

PRATA, M. R. S. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, 2005.

RAMOS, M. **A pedagogia das competências**. São Paulo: Cortez, 2001.

RIVIÈRE, A. **La psicologia de Vigotski**. Madrid: Visor Livros, 1985.

ROCHA, Z. **Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII**. Recife: UFPE, 1996.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SCOZ, B. J. L. Subjetividade de professoras/es: sentido do aprender e do ensinar. **Psicol. Educ.**, São Paulo, n. 26, 2008.

SILVA, F. G. da. A dinâmica do psiquismo no processo de alienação, sofrimento e adoecimento ocupacional. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO, 3., Feira de Santana, 2007. **Anais...** Feira de Santana: [s.n.], 2007.

SIRGADO, A. P. A corrente sócio-histórica de psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais. **Em Aberto**, Brasília, v. 9, n. 48, out./dez. 1990. Disponível em: <<http://www.proiac.uff.br>>. Acesso em: 10 maio 2014.

SIQUEIRA, M. M. M. Satisfação no trabalho. In Siqueira, M. M. M. (Org.). **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico de gestão**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 265-274.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cadernos Cedes**, Campinas, SP, a. 20, n. 50, p. 26-40, abr. 2000.

_____. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org.), **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. v. 1.

SONNEVILLE, J.J.; JESUS, FP. Complexidade do ser humano na formação de professores. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 296-319. Disponível em: <http://books.scielo.org/>>. Acesso em 13 ago. 2015.

SOUZA-LOBO, E. O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 252-265.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo social**. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, v.5, n. 1-2, 1994.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissões de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

URT, S. da C. **Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens**. 1992. 247 f. 247. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

VALENÇUELA, M. **As representações sociais dos licenciados em ciências biológicas sobre o processo de formação**. 2012. 254 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VIEIRA, A.; AMARAL, G. A. A arte de ser beija-flor na tripla jornada de trabalho da mulher. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 22, 2013, p. 403-414.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Obras escogidas. 2. ed. Madrid: Visor, 2000.

_____. _____. Habana: Científico-Técnica, 1987.

_____. **Incluye problemas del desarrollo de la psique**. Obras Escogidas III. Madrid: Visor.1983. Colección Aprendizaje.

_____. **Mind in Society-The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge MA: Harvard University Press, 1978.

_____. **Obras escogidas I: problemas teóricos y metodológicos de la psicología**. Madrid: Visor, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo, SP: Martins Fontes,1996.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2014: Os jovens do Brasil**. 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2014.

WERTSCH, J. V. **Vigotski y la formación social de la mente**. Barcelona: Educaciones Paidós, 1988.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 5-41, maio de 1997.

WILLIAMS, L. C. A. Sobre deficiência e violência: Reflexões para uma análise de revisão de área. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 141-154, 2003.

WITTER, G. P. Ponto de Vista: Violência e escola. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, 2010, p. 11 – 15.

WYNNE, S. L.; JOO, H. Predictors of school victimization: individual, familial, and school factors. **Crime & Delinquency**, v.3, n. 57, p. 458-488, 2011.

ZANELLA, A. V.; ROS S. Z. Constituição do sujeito, socialização/apropriação do conhecimento e formação em serviço. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Edição Esp. Temática. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 127-135, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a16>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

APÊNDICE A - Entrevistas com Professores/as

1. PROFESSOR MATEUS

(pesquisadora) Sua idade?

(participante) 35 anos.

(pesquisadora) Sua renda familiar?

(participante) Acima de 4 salários

(pesquisadora) Sua situação profissional atual?

(participante) sou formado em letras, tenho pós-graduação em abordagem textual dos anos finais do ensino fundamental e sou professor concursado do município.

(pesquisadora) O senhor é concursado a quanto tempo?

(participante) De concurso já tenho 7 anos, quase 8 completo 8 este ano.

(pesquisadora) Sua formação?

(participante) Letras

(pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) de formação tenho uns 10 anos.

(pesquisadora) Estado civil?

(participante) casado.

(pesquisadora) Tempo de magistério?

(participante) 14 anos.

(pesquisadora)Trabalha em outra escola?

(participante)Esse ano eu não estou atuando em outra escola. Mas normalmente eu sempre trabalhei em dois ou três períodos.

(pesquisadora)Tem algum motivo?

(participante) esse ano como o outro período era aula excedente, muitos professores voltaram da secretaria de educação, para sala de aula e ai acabei perdendo as aulas do turno da tarde por conta disso.

(pesquisadora)Carga horária de trabalho?

(participante)Esse ano 20h.

(pesquisadora)Tempo que trabalha nesta escola?

(participante)5 anos.

(pesquisadora)Séries que atua?

(participante)Como mudou a grade, antigamente eu pegava todas as turmas daqui, agora é sexto, sétimo e nono ano.

(pesquisadora)Período matutino?

(participante)Periodo matutino.

(pesquisadora)A disciplina que leciona?

(participante)Língua portuguesa no 6, 7 e 9 ano. E agora tem literatura no 9 ano também.

(pesquisadora)Professor me fale um pouco sobre sua família:

(participante)eu sou filho único, temos um bom relacionamento, a família é muito grande, apesar de só ter eu como filho né? Mas tenho muitos primos, muitos tios e a gente sempre procura está junto, hoje sou casado e a minha constituição familiar é eu, minha esposa e tenho uma filhinha de 4 anos, que faz 5 anos este ano.

(pesquisadora)E sobre o seu cotidiano, o seu dia-a-dia, como que é?

(participante)Todas as manhãs venho dar aula, esse ano está sendo um pouco atípico, porque não estou dando aula a tarde, mas estou procurando ocupar o tempo com a pequena, com a minha filha. Saio da escola, pego ela na escola dela, daí ela almoça comigo, já estou querendo fazer umas atividades extra-classe com ela no período vespertino, já que eu to em casa. Todos os dias...todos os dias não, na segunda e na quarta ela faz balé levo ela para o balé e ai aproveito para malhar, correr, fazer uma atividade física.

(pesquisadora)E como está sua saúde?

(participante)Está bem, graças a Deus. Procuro cuidar, quando vejo que estou ficando acima do peso, fazer uma atividade física.

(pesquisadora)Sempre deu para cuidar da saúde?

(participante)Até mesmo quando eu trabalhava três períodos eu sempre tive, essa preocupação, no intervalo as vezes em vez de ir para casa descansar um pouco eu procurava ir para academia pelo menos fazer meia hora de atividade, que já ajudava melhor do que não fazer né? então é melhor fazer um pouco do que não fazer nada.

(pesquisadora)Faz uso de algum medicamento de uso contínuo? (P.1)Não.

(P)Vamos aos aspectos profissionais...

(pesquisadora)O que lhe motivou para a escolha da sua carreira, da sua profissão?

(participante)quando eu terminei o terceiro ano do ensino médio, me convidaram (porque faltava professor, ou tinha professor que ficava doente) perguntavam se eu não podia substituir e eu substitui algumas vezes e gostei. é... substitui com matemática, com a própria língua portuguesa, com educação física e mas eu sempre gostei muito de língua portuguesa no período

em que eu fui estudante. Então como eu gostei de substituir, pensei que poderia fazer disso uma profissão, aí acabei optando por dar aula.

(pesquisadora)Me fale um pouquinho sobre sua carreira no magistério. O que você acumulou, o que você pensa sobre a carreira, quais as suas expectativas?

(participante)Olha eu não tenho muito tempo que trabalho, mas mesmo assim eu vejo uma diferença muito grande da época que eu comecei a trabalhar que foi em 2001 para hoje, antes o aluno ele tinha mais compromisso, nós podíamos contar mais com a participação da família, hoje não adianta você querer que a família faça alguma coisa em casa, porque nós temos situações que quando você leva o problema para a família, acaba atrapalhando mais ainda o seu trabalho na escola. Então hoje o professor ele tem que realmente, dar na escola, tudo o que puder fazer para o aluno tem que deixar a cargo de resolver isso na escola, não adianta querer contar muito hoje em alguns aspectos com a família. Hoje realmente é o trabalho do professor é muito maior. Antes o aluno procurava, era mais interessado, hoje com as tecnologias e com o mundo que anda de certa forma descartável, tudo não se pensa no amanhã, só no imediatismo. Não adianta você querer cobrar isso deles, porque nem maturidade eles tem. Então o professor tem que pensar nisso, não adianta mais...antigamente ah manda...cobra do pai...da mãe, a mãe tem que fazer a sua parte...não adianta mais isso. Se os professores querem ver uma evolução do aluno, ele tem que fazer a sua parte aqui na escola, arrumar um jeito de fazer isso com o aluno na escola e tentar tornar a aula o mais interessante possível, apesar da língua portuguesa ser uma matéria muito chata, então o professor tem que tentar não ser tão chato para que eles possam gostar um pouco.

(pesquisadora)E você acha importante esta participação da família?

(participante)Eu acho importante porque... Esse ano está sendo algo atípico porque estou trabalhando só aqui, aqui felizmente a gente, desde o ano passado foi uma coisa que até colocamos em reunião este ano na escola, nós conseguimos ter uma participação mais efetiva dos pais, na escola. Isso se refletiu no resultado final, foi pouquíssima a reprovação na escola, pouquíssima mesmo é no 9 ano reprovou 1 aluno, no 7 ano, que foi a turma que eu atuo não reprovou nenhum aluno, de língua portuguesa e no 6 ano os alunos que reprovaram foram os alunos que nós ficamos chamando os pais desde o início do ano. Então aqueles pais que você

chamava e não comparecia ou não acabavam dando esta ajuda em casa para nós que são as questões de disciplina, do fazer ou do estudar que daí não tem como eu fazer isso pelo aluno, apesar que aqui na escola desde o ano retrasado começamos um projeto de reforço escolar que temos em parceria com a bibliotecária então ela sabe que alguns dias na semana ela atende a escola, ela fica como um todo. Ela atende os alunos que tem dificuldade que eu vou detectando e a gente fica trabalhando em cima destas dificuldades na biblioteca, separa estes alunos, trabalha separado, para justamente conseguir um resultado maior. E com isso, nós conseguimos diminuir muito o número de reprovação, porque se o aluno tem uma dificuldade e você trabalha na sala de aula com todo mundo, você acaba não atendendo em particular aquela dificuldade que ele tem. Então nós vimos que esta participação dos pais foi importante por causa disso. No ano passado no primeiro bimestre nós tivemos uma reunião com os pais do sétimo ano, porque o sétimo ano é terrível, eles não respeitavam, um comportamento muito ruim, todo dia dava trabalho, e eu era presidente do conselho o ano passado, e de imediato eu fiz um documento, se pautando dentro da lei onde dentro da lei os pais tinham esta obrigação, de é acompanhar o seu filho que nós colocamos com que ele na verdade dentro da formação, dos aspectos acadêmicos os pais tem esta responsabilidade sobre o filho. Então eu fiz este documento dentro do ECA, dentro dos direitos e a participação dos pais do sétimo ano foi muito efetiva. Até os pais nos cobraram que queriam que as vezes eles olham o caderno em casa mas, o aluno pode rasgar o bilhete ou se ele está fazendo ou está deixando de fazer ele não tem como acompanhar que nós acabamos corrigindo as atividades no quadro e o aluno copia a atividade do quadro corrigida. só que nós começamos a anotar, seu filho fez, o seu filho não fez e com isso os pais puderam acompanhar melhor e o resultado no final do ano foi gratificante.

(pesquisadora)Me fala um pouquinho sobre as suas relações sociais na escola. Com gestores, com professores, com os alunos, como que é.

(participante)Graças a Deus eu tenho um bom relacionamento, como eu te disse você tem que transformar o seu local de trabalho no melhor possível, porque você passa, quando é uma escola que você tem os dois turnos você passa a maior parte do seu dia na escola do que em casa. Então é interessante você tornar o ambiente o melhor possível.

A gestão e a coordenação desde quando eu cheguei aqui me trataram como se eu estivesse há anos trabalhando aqui na escola, então eu me sinto muito a vontade para tratar de qualquer tipo de assunto com eles é...como por muito tempo eu fiquei como presidente do conselho dos

professores eu sempre tive uma relação muito direta com os pais, então se tiver um aluno problema (sic) e os professores estavam reclamando muito daquele aluno quem ia tratar com os pais representando os professores, era eu que fazia isso. Então eu sempre tive essa relação com os pais, é no nono ano...a partir do ano passado nos retomamos isso, que eu voltei a ser padrinho, seguinte nós fizemos uma festa de formatura, então os pais tiveram mais presentes dentro da escola, mesmo quando não teve a formatura do 9 ano, nas turmas em que eu fui padrinho de sala eu sempre levei os alunos para minha casa, um dia, eles passavam o dia lá se brincando, se divertindo então os pais sempre tiveram esta confiança, em deixar os seus filhos, e passar este dia lá em casa. Então esta escola, eu sempre falo e digo para todo mundo é muito bom de se trabalhar. Não só pelas pessoas que trabalham, mas também a gente tem o hábito de dizer, clientela de alunos que nós temos, a escola é central, mas muitos alunos também vem da periferia para cá e de longe, sai da sua casa 4h/5h da manhã. Só que quando eles chegam aqui o ambiente que eles encontram é outro, então mesmo que na outra escola ele dava muito problema, e nós tivemos exemplos de alunos que foram expulsos de outras escolas e vieram parar aqui, quando ele chega aqui ele não tem este tipo de ambiente, então ele acaba se enquadrando porque modificar os outros ele não vai. Eles acabam tendo o tratamento como uma escola particular, porque é uma escola muito pequena. Então o relacionamento, também para com os alunos é muito bom.

(pesquisadora)E sempre foi assim? Na sua experiência como docente?

(participante)Não, tem escolas que não são assim, aqui...eu até já tive convite para trabalhar mais perto da minha casa, que aqui acaba se tornando um pouco longe, eu moro perto da federal ali no Rita Vieira, mas é justamente eu não saio daqui por conta do ambiente de trabalho que é muito bom.

(pesquisadora)Isso é importante para você?

(participante)É importante porque você, é importante para saúde, quando você vai trabalhar você consegue desenvolver o seu trabalho melhor e você sente prazer em ir para aquele local. Não você acordar e dizer assim: Nossa hoje eu tenho que entrar naquela turma, eu tenho que ir naquela sala, ou naquela escola...isso acaba de uma certa forma influenciando no seu trabalho também. Porque se você vai para um lugar que você sente prazer e se sente bem em ir, com certeza você consegue dar o seu melhor. As relações dentro do trabalho e você ter a liberdade de quando você encontra algum tipo de problema você ter a liberdade de falar e tentar resolver

este problema, seja com a gestão, seja com os pais ou seja com os próprios alunos. Tem escola que te limita muito isso, você pega o aluno leva para coordenação, chega lá a coordenação nem te ouve, ouve o aluno e aí o aluno fica aí está dando problema na sua sala, simplesmente tira da sua aula. Aí no outro dia ele está lá na sua aula fazendo as mesmas, passando pelos mesmos problemas, causando os mesmos problemas e as mesmas situações, ou seja, resolveu momentaneamente porque você levou o problema para eles. Não se preocupe em resolver, se preocupe em simplesmente...ah neste momento você está dando trabalho então vai ficar aqui sem o seu recreio e não vai ficar lá atrapalhando a aula do professor. Então é difícil, porque na realidade quando você está levando um aluno, você não está querendo só tirá-lo da sua sala, você está querendo resolver o problema, porque você sabe que no outro dia, você vai entrar e ele vai estar lá. E ter a mesma situação não adianta em nada, então a questão é resolver o problema. Eu não sei se é porque igual eu disse, muito tempo eu fui aqui presidente dos conselhos e aqui a gente tem essa liberdade, porque o conselho é tão forte quanto a direção da escola, só que tem direção de escola que é totalmente autoritária e não dá nenhuma liberdade para o conselho de professores, então você não...os professores acabam se sentindo amedrontados e com medo de ter a sua voz dentro da escola.

(pesquisadora)Você já passou por isso?

(participante)Eu não passei por isso porque eu sempre fui muito de falar e acabei...não importava se eu era concursado na escola ou não, mas aí você acaba os outros não tendo apoio dos outros colegas de trabalho, não tem muito o que você fazer. Mas que existe isto existe em várias escolas.

(pesquisadora)Me fala um pouquinho sobre o seu cotidiano na escola.

(participante) Meu cotidiano na escola...procuro chegar no mínimo, 10 minutos antes de iniciar a aula, para você separar o material, já começar pensar naquilo que você vai trabalhar, poder bater um papo com os colegas de trabalho antes de iniciar as atividades, é...chego na sala a primeira coisa que sempre faço, é natural recepcionar os alunos e corrigir as atividades, passo olhando caderno de aluno por aluno para saber quem fez e quem não fez anoto quem fez, anoto também quem não fez, parabenizo, cobro os que não fizeram faço a correção da atividade questão por questão retomo um pouco do conteúdo que foi trabalhado no dia anterior, para daí iniciar a atividade do dia, isso em todas as turmas, quando é identificado dentro da correção das

atividades, um exercício que o aluno teve maior dificuldade, procuro se não tava dentro do planejamento mas a gente acaba colocando exercício semelhantes aquele para acabar retomando e reforçando aquele conteúdo para que não fique a dificuldade, lógico que a gente não consegue (sic) porque alguns se manifestam e outros não. E a gente acaba dizendo para eles professor não tem bola de cristal, se você não dizer para mim que está com dificuldade ou me informar onde é a sua dificuldade, não tem como eu saná-la e daí infelizmente eu vou descobrir na hora da avaliação, na hora da avaliação você não vai conseguir resolver e aí eu sei oh! a dificuldade dele era essa... então, eu sou responsável pelo café dos professores então eu chego todo dia antes de sair de casa eu passo na padaria compro um pão, compro uma bolacha e trago para que na hora do intervalo nós não ficássemos ali somente, descansando aqueles 10 minutinhos mas tomando um café, que torna o ambiente mais tranquilo acaba contribuindo para o bate-papo da hora do intervalo.

(pesquisadora) E o que significa satisfação profissional? Realização.

(participante) Satisfação profissional eu vejo quando dentro do que a turma que eu trabalho aqui, é o ensino fundamental, mas já trabalhei muito com o ensino médio, quando os alunos tem um objetivo maior e a gente pode contribuir para isso, a gente sente mais isso no aspecto do nono ano, que alguns dos alunos tentam as bolsas no colégios particulares, antigamente a prefeitura tinha uma parceria com o colégio Dom Bosco onde os alunos do município podiam, fazer uma prova e os alunos aprovados se tornaram bolsistas dentro da instituição. Aqui para nossa escola como a escola é pequena só tem uma turma eram, podiam ser até 8 alunos que faziam esta prova, mas mesmo assim eles podem estar fazendo a inscrição, dentro do colégio Dom Bosco, faziam essa prova e conseguiam passar, ou dentro de outras escolas particulares e conseguiam desconto em bolsa, porque são da comunidade carente, então eles acabam enxergando uma escola particular como sendo algo distante e quando você pode aproximar isso mostrando para ele que realmente é possível, que é palpável, é satisfatório. Temos todos os anos, graças a Deus alunos passando no Instituto Federal, então quando a gente acaba contribuindo de uma certa forma para isso é a satisfação, também pegamos alguns alunos que vem com dificuldades de outras escolas e depois a gente recebe o elogio dos pais de como eles evoluíram de como eles melhoraram, isso é bom, e não só no aspecto, é na disciplina como conteúdo. Na formação do aluno enquanto conhecimento científico, mas quando a gente também alguns alunos problemáticos em termos de comportamento e o aluno acaba te

respeitando e acaba mudando dentro da escola. Alguns alunos...há dois anos tivemos um caso desse aqui na escola, mas eu tinha uns alunos aqui na escola com problema de drogas aparentemente você acha que não tem, porque é uma escola pequena, central e depois o aluno vem te procura e fala professor eu estou usando drogas e não sei como contar para o meu pai, eu sei que ele vai brigar comigo, vai me bater e o aluno sente esta confiança em você, para você ser intermediador entre ele o pai para que ele possa conseguir resolver este problema que ele esta passando. É uma grande satisfação.

(pesquisadora)E você sente assim que algumas intervenções vão mudando o comportamento deles?

(participante)Ah muda! eles acabam criando uma relação de amizade, acho que importante hoje para o aluno ter esta relação de amizade. Hoje não existe mais aquele professor detentor do conhecimento, eu falo aqui e ele vai ficar o tempo inteiro quieto ali na sala de aula, só ouvido o que eu to dizendo e não participa mais da minha aula de maneira efetiva. Isso não existe mais...é chato ficar sentado o tempo inteiro olhando só o professor falando, nós como temos que estudar nós buscamos uma capacitação, depois da nossa formação a gente não consegue ficar o tempo inteiro quieto só ouvindo imagina para um adolescente, que não tem maturidade para isso. Então quando eles... você acaba tendo uma relação de amizade você consegue ter o respeito, porque o aluno não tem mais medo do professor, eu costumo dizer que antigamente nós não tínhamos respeito pelo professor, nós tínhamos medo do professor, porque se ele chamasse o pai e a mãe em casa a gente sabia que o bicho ia pegar quando chegasse em casa, ficar de castigo ou levar suspensão, suspensão hoje ele cumpre na escola, não existe mais suspensão que ele cumpre em casa, porque se ele for pra casa...o que ele mais quer é ir para casa e não ir para escola então suspensão hoje é na escola. Então quando a gente consegue criar esta relação de amizade a gente consegue ter o respeito deles, e aí você consegue conversar e falar oh você está atrapalhando, vamos manear. Vai ter o momento de você brincar, vai ter o momento de brincar na sala, então é mais fácil é...é uma das coisas que a gente vem amadurecendo e mudando no decorrer dos anos lecionados.

(pesquisadora)O que é violência para você?

(participante)Olha, violência eu vejo assim... felizmente aqui nesta escola eu nunca passei por caso de violência, de sofrer violência. Mas em outras escolas eu já passei por algumas situações, mas até aqui dentro da nossa escola nós já tivemos professores que sofreram, os alunos por

algum motivo pegaram no pé do professor não respeitaram e o professor infelizmente não tem muito o que fazer, porque você... foi o que eu disse, punição o professor acabou acionando o conselho de professores, mas se o problema daquele aluno está ocorrendo somente com aquele professor não tem como você tirar o aluno da escola, outro passo é você chamar os pais, mas as vezes você tem o respaldo e as vezes não... e a direção aqui sempre foi uma direção que ouviu muito e escutou muito mas tem escolas que a direção muito pelo contrário, ela persegue os professores, ela por algum motivo não gosta do professor e acaba perseguindo aquele professor que é uma violência pior do que quando parte do aluno... porque com o aluno o professor consegue de uma certa forma lidar, no seu cotidiano ali na sala de aula, mas quando o professor se sente sempre coagido no seu ambiente de trabalho ele não consegue desenvolver um bom trabalho...

(pesquisadora)Quais as formas de violência que você vê que podem se manifestar tanto no geral, como dentro da escola?

(participante)Pegando dentro da escola...a agressão verbal, por parte dos alunos e também dentro da escola esta perseguição por alguns profissionais para com o professor e no ambiente geral é... eu vejo assim...há alunos que são deixados pelos próprios pais, que os pais acabam dizendo que é...já tive casos de alunos que o pai tem boca de fumo...então qual a perspectiva de vida para aquela criança? o que aquilo que eu estou ensinando para ele vai mudar e vai fazer diferença na vida dele? né ele vive num ambiente que o que eu trago para ele não faz muito parte da realidade do que ele vive. No ano passado eu tive um aluno que ficou de exame final comigo no dia da prova ele simplesmente chegou e falou professor infelizmente eu não tenho condição de fazer sua prova porque ontem eu vi meu amigo sendo assassinado na minha frente, da periferia. Então como que esse aluno realmente se preparou ou esta chegando para fazer um exame final? Ai você tem que olhar, ter uma visão diferente para aquele aluno. Ai depois você vê no noticiário que aquilo que ele te relatou foi o que realmente aconteceu, ele não está inventando ou mentindo porque ele não estudou e não vai conseguir fazer a prova. Então são situações que realmente você fala o que eu estou ensinando aqui vai fazer e vai mudar na vida dele...daí a gente acaba se sentindo inutil e impotente diante de algumas situações. Isso é ruim porque eu vim....eu tento fazer com eles um pouco da minha experiência de vida. Meu pai e minha mãe não tinham muitas condições é igual eu falei com eles...hoje vocês ainda tem celular, de marca...eu fui ter alguma coisa de marca quando eu comecei a trabalhar. Meu pai e minha

mãe não tinha condições nenhuma de me dar isso. Eles eram pobres e hoje eu tenho carro, viajo todo ano para praia, consegui isso através do estudo...(eu falo pra eles) infelizmente ou felizmente não adianta nós que somos pobres, achar que as coisas vão cair do céu, mas eles tem uns que enxergam ou não enxergam no estudo uma possibilidade de mudança de vida. Então são alguns tipos de violência que tantos nós profissionais sofremos, igual na periferia mesmo...os professores querem ser totalmente autoritários com os alunos e quando professor sai os alunos tacam pedra no carro do professor, carro de professor ser alvejado com tiros, então são situações de violência que a periferia sofre muito e que as vezes não entra dentro das estatísticas da mídia porque o professor acaba não denunciando ou por medo ou porque infelizmente quando você vai para uma delegacia para você dar parte você acaba passando oito horas lá dentro para você fazer o boletim de ocorrência então ele tem os afazeres dele, tem a família dele então ele fala é melhor deixar pra lá porque não vai resolver em nada. Então não faz muito parte das estatísticas mas ocorre este tipo de violência e eu sei porque eu não sofri mas já presenciei de colegas de profissão.

(pesquisadora)Você já respondeu a próxima pergunta...Eu iria perguntar se você já tinha sofrido algum tipo de violência.

(participante)Eu quando comecei a dar aula no noturno é dava aula na periferia alguns alunos se mostraram querer mandar na escola, mas eu era meio “irracional” e acabei batendo muito de frente, mas depois acabei me tornando...chamando para uma conversa particular e me tornando amigo e depois nunca mais teve este tipo de...nunca mais passei por este tipo de problema. Foi mais no início quando eu comecei a lecionar mesmo, que você acha que você pode bater de frente com todo mundo, que enquanto você fala eles tem que ficar quieto e te respeitar e te ouvir, que você manda e depois você vai aprendendo que não é bem assim que funciona as coisas e você acaba, aprendendo a lidar com estas situações.

(pesquisadora)O que você sentiu quando você vivenciou, ou quando você ouviu dos seus colegas situações de violência.

(participante)Quando eu vivenciei eu...eu como eu acabei como eu disse, batendo de frente eu não me senti mal por aquilo, no momento foi atitude que tomei e acabei conseguindo obter o resultado que eu queria, que era fazer com que eles me respeitassem por aquilo que eu estava

fazendo. Mas eu vejo por parte de alguns colegas...Infelizmente ocorre mais com as professoras mulheres...elas é quem sofrem mais....e os meninos não respeitam tanto e até por parte hoje as meninas respeitam muito menos que os meninos...é não sei se é pelo fato de nós sermos homens eles acabam ficando mais com medo pelo tipo as vezes de atitudes que a gente toma. Mas as mulheres acabam guardando muito para si isso e elas acabam ficando meio....com depressão, se sentindo incapaz, impotente e aí é o que eu digo, quando vai procurar a direção da escola as vezes a direção até tem boa intenção em tentar resolver, mas também ela acaba ficando de mãos atadas porque o sistema hoje não te permite, para você tirar aquele aluno da escola, ele tem que ter vários tipos de registros e ter criado vários tipos de situações, então as vezes foi algo que aconteceu, que somente com aquele professor, e aí a direção não tem como tirar o aluno, quando é da periferia como eu disse... as vezes você chama o pai e a mãe, o pai e a mãe fala professor eu não sei mais o que faço com meu filho, você começa a ver o filho também mandando e comandando dentro de casa, então o professor acaba, na grande maioria entrando em depressão, tira licença médica, começa a faltar, não sente motivação nenhuma em ir para o trabalho, porque o ambiente não é favorável e você vê que alguns acabam até desistindo da profissão. Tem situações que tem professores assumindo concurso, uma ou duas semanas ou um mês de aula e diz não é isso o que eu quero para mim.

(pesquisadora)Me fale um pouco sobre as influências da violência escolar na prática cotidiana, no exercício do seu trabalho.

(participante) olha, nós tentamos sempre mostrar para o aluno que quando ele entra no portão de dentro da escola, aquilo que é lá de fora tem que ficar...a gente tenta é fazer com que aquele momento que ele está ali na escola, que ele seja importante mostrar que aquilo ali vai fazer a diferença na vida dele, mas muitas vezes a gente vê que isso não acontece. A violência que ele sofre lá fora ele vem te relatar...ele diz: “Professor, eu vou estar aqui estudando mas eu fico só quatro horas aqui na escola, depois eu vou voltar para aquilo que eu estou acostumado na minha vida, é... eles relatam que ou eles acabam se submetendo aquilo ou eles apanham ou eles acabam sofrendo...ou eles estão na escola as vezes sofrendo ameaças e ele fala professor não adianta aqui dentro eu sei que não vou sofrer nada, mas quando eu sair do portão da escola pra fora eles vão me pegar, eu vou apanhar e...isso não tem como mudar, eles falam pra gente. E aí o aluno o que acontece...ele não se concentra naquilo que ele faz dentro da escola, se ele não tem o mínimo de concentração, ele não vai aprender, ele não vai evoluir e ele não vê sentido naquilo

ali...então infelizmente acaba atrapalhando no desenvolvimento escolar dele. E hoje o sistema fala assim...eu não sei se isso é certo ou se é errado eu não consigo ter uma visão correta disso, se a reprovação faz um bem ou se não reprovar é que faz o bem nos temos casos e casos. Só que eu vejo hoje que nós temos criados muitos analfabetos funcionais porque? Porque você vai na...igual eu disse...você vai na periferia como aquilo faz muito sentido para ele então você as vezes fica reprovando o aluno, não vai resolver, você acaba fazendo o que o mundo lá fora já faz com ele que é reprovar ele...o tempo inteiro...mas as vezes o aluno acaba passando sem conhecimento...o que também nós vamos estar prejudicando no seu futuro porque depois ele não vai ter qualificação nenhuma para o trabalho...eu vejo isso muito...minha esposa é administradora e contrata muitas pessoas que estão no mercado de trabalho para que saiam da situação de desempregado para ser...para a situação de estar empregado. E a cada dia ela fala que como tem piorado a qualidade do serviço. São pessoas sem responsabilidade que simplesmente não vão trabalhar ou que não sabe tirar um pedido...as vezes fazendo situações simples de serviço, porque? Porque nós temos criado analfabetos funcionais...eu não sei até quando a reprovação é bom ou não reprovar é bom...porque os alunos tem esse problema fora da escola, ai não se concentra...ai você no conselho de classe, você ve todo aquele problema de vida que ele traz...A gente não olha o aluno somente aqui dentro da escola, mas ele dentro da sociedade como que ele é, como ele está sendo inserido. Pessoal fala mas esse aluno será que é....reprovar ele vai fazer bem pra ele ou não reprovar....então infelizmente nos temos criado eu digo em algumas situações analfabetos funcionais, por que dai eles falam...ah professor eu não preciso fazer nada mesmo porque eu acabo passando de ano, porque o sistema...ele percebe isso ele não é bobo...então....

(pesquisadora)Isso de certa forma tira a autonomia do professor?

(participante)Tira a autonomia do professor, porque você acaba cobrando e mostrando para os alunos que eles tem que fazer as atividades, porque não tem como ele aprender se ele não fazer, e ele não faz, e ele não tira nota, e ele não estuda porque ele sabe que no final do ano ele vai acabar passando de qualquer jeito, então de uma certa forma o professor pode fazer o que, quanto a isso....ele não fez a tarefa, não pode fazer nada, ele tirou nota baixa, ai lá no final do ano o diretor chega e fala ah não mas...você recuperou ele? você fez alguma coisa? não tem que dar nota para ele, não pode reprovar. Porque já tem muitos alunos...então o professor perde a autonomia em todos os sentidos por que o sistema hoje acaba fazendo com que o professor tenha que aprovar este aluno, porque se não passar este aluno, ele vai ficar ouvindo um monte,

passando por...por...o diretor pegando no pé...um monte de chateações então estas questões acabam tirando a autonomia e eu também vejo como um tipo de violência que o professor sofre, porque o professor acaba não sendo o dono do seu conhecimento, o dono da sua aula, o dono da sua disciplina daquilo que ele está fazendo ali, ele acaba sendo influenciado pelos outros a fazer aquilo que muita das vezes ele não quer, então isso acaba também frustrando o professor porque ele acha pra que que ele estudou? pra que que ele acaba se capacitando... sendo que seu trabalho não é reconhecido. Isso é um tipo de violência que que você acaba por sofrer porque é uma frustração profissional, você acaba sofrendo né...você tentou fazer o seu melhor, mas as vezes o aluno não quer e o sistema ainda fala...não mas...se ele não quer o problema é dele, você tem que passar.

(pesquisadora)Para você, quais os comportamentos adequados para uma boa convivência social?

(participante)Acho que você tem que se relacionar...tentar se relacionar bem com todo mundo...é...respeito acima de tudo você pode não concordar com o outro ou até não gostar da pessoa mas eu acho que o respeito tem que haver é independente de você concordar ou não gostar você tem respeito já dá para se ter um bom convívio social...ser verdadeiro e o que falar pra pessoa não ficar de conversa ou conversando com outro que não seja a pessoa que você tenha tido problema eu vejo isso para com os alunos porque eu falo pra eles...e eles conseguem perceber muito isso o que eu falo pra eles, é o que eu vou falar para direção e é o que eu vou falar para os pais...eu sou muito verdadeiro com eles, se eu tenho que falar eu chamo atenção na hora e falo você sabe que tudo isso que estou te falando aqui eu vou relatar exatamente isso para o seu pai e vou relatar para a orientação. Então eles sabem que tudo que eu faço com eles eu não falo uma coisa para eles e lá eu digo outra...tanto é que quando o pai vem eu que pergunto para o aluno é verdade ou não é? ele próprio já diz é verdade...então tem situações que você chama no particular, para você não colocar o aluno, não expor o aluno em situação vexatória, constrangedora e as vezes você coloca dizendo para todo mundo que caso ele queira dizer que não foi aquilo que você disse tem os outros colegas que podem confirmar,então quando a gente acaba tratando tudo com verdade, sendo bem claro eu acho que o ambiente de trabalho e social, a vida lá fora também acaba sendo muito melhor.

(pesquisadora) Me fale sobre algumas transformações que ocorreram na educação e que reflete nas relações, no ambiente de trabalho.

(participante) É a sociedade hoje, como a tecnologia esta evoluindo muito, o professor tem que estar atento e atinado a tudo isso. Tem que estar atento as transformações porque se ele não tiver evoluindo o aluno vai gostar da sua aula ou o seu trabalho vai ficar para traz.

Eu lembro que, isso nem faz tanto tempo que dou aula, mas sua aula do ano anterior era praticamente do ano seguinte se você tivesse com as mesmas turmas. E hoje tudo o que fiz ano passado, este ano por exemplo, eu já comecei o ano totalmente diferente do ano anterior. Então porque? Porque a sociedade está em constante transformação, nada mais é estável, tanto é que o tempo passa tão rápido que tudo também muda muito rápido nós temos que estar sempre atentos a isso. As informações hoje infelizmente elas são muito descartáveis. Ninguém obtém informação com o intuito de utilizar ela lá na frente é só pra suprir uma necessidade momentânea, mas nós como educadores temos que filtrar isso para os nossos alunos, as mídias estão aí, a tecnologia está aí...eles tem acesso as informações de todas as maneiras e muito acesso e o papel do professor é filtrar mostrar para eles o que é importante e o que é descartável, o que vai suprir a necessidade momentânea e o que vai ser importante para ele lá na frente, então é...esta questão da sociedade...está em constante transformação é...nós professores temos que estar acompanhando esta evolução né?

Hoje nas escolas ainda é proibido o uso de celular na escola, eu vejo hoje que o celular tinha que ser uma...mais uma ferramenta, nós temos que mostrar para ele que além de usar, ficando enviando mensagem, ligando vídeo, vendo bobagens e outros entretenimento. Tem como utilizá-lo como forma de educação. Eu fiz uma experiência aqui no nono ano que que era muito difícil e tinha muita briga pelo uso do celular e ficar tomando, tomando, tomando...Eu montei no whatsapp no grupo da sala, onde eu mandava atividades e exercícios que quem respondesse, me entregasse o exercício resolvido na sala tinha alguns pontos a mais no final do bimestre, e tive boa aceitação de início, foi uma experiência que fiz e deu certo. Então eu acho que tem como se utilizar como uma ferramenta não mais proibir. Mostrar para ele que vai ter um momento que ele vai poder usar na sala para se divertir, para se distrair como...e vai ter momento que ele vai usar para estudo eu acho que não tem mais como fugir disso...e a escola não tem evoluído nisso. Tem uma coisa que é muito antiga e ainda passa. O cara ficou congelado e acordou depois de trinta anos e quando ele voltou tudo tinha mudado, a escola continuava a mesma...usando quadro, passando no quadro, todo mundo quieto prestando

atenção. Então, não dá mais pra ser assim né? tem que mudar...então a gente tem que fazer uso das ferramentas que estão aí. Em casa quando a gente está fazendo atividade, a gente não consegue está escutando música e resolvendo atividade? Porque que o aluno no momento que ele tem que tá resolvendo os exercícios ele não pode estar escutando uma música e resolvendo os exercícios? No momento que você está explicando, se ele parou e prestou atenção ele aprendeu...na hora que ele está resolvendo o exercício ele não precisa está mais quieto ou não fazendo nada, porque você já explicou o que ele tinha para entender e aí ele vai resolver os exercícios ele pode está escutando uma música eu não vejo problema nenhum nisso. Mas como a gente tem que se enquadrar dentro das normas a gente acaba proibindo ou a gente acaba utilizando o celular como uma ferramenta que está dentro do seu planejamento, a gente acaba conseguindo fazer isso. Estes computadores da escola aqui por exemplo, já tem dois anos que funciona só a metade da sala de tecnologia, daí você traz o aluno pra cá e fica quatro ou cinco nos computadores dois podem estar até fazendo...os outros dois não tão nem aí para o que está acontecendo só estão batendo papo...então eu trago eles pra cá e falo oh quem tem internet no seu celular pode fazer a pesquisa no celular, porque já usa a ferramenta a sala de tecnologia não funciona para o total, então você pode usar como uma ferramenta, ou seja, não precisava nem sair da sala de aula para vir pra cá. Podia fazer este trabalho de pesquisa na sala de aula mesmo.

(pesquisadora) e é como se fosse um estímulo a eles pesquisar pela internet, mesmo no celular?
 (participante) é ué...eles usam o celular para tantas outras coisas se eles comessem a usar o celular...também tem que criar o hábito... de usar o celular para o estudo também inconscientemente em casa eles iam estar fazendo isso. Pode até estar na frente da TV. Ele está na frente da TV e lembra, o professor de história passou uma pesquisa, ele não precisa sair da frente da TV para ele fazer a pesquisa, só pedi para se querer (sic)....eu vejo muito assim, os alunos hoje escrevem muito errado porque hoje tudo eles vão imprimem e nem lê a partir do momento que o professor pede para ele fazer uma pesquisa mas ele resumir a pesquisa e não trazer a pesquisa na sua totalidade está incentivando o professor de língua portuguesa na produção, na escrita e a partir do momento que ele tenha que resumir ele tem que ler e a partir do momento que ele está lendo ele está aprendendo. E ele pode estar fazendo isso na frente da TV com o celular na mão. Então esta evolução tecnológica nós temos que trazer para escola, não dá pra ficar mais quando era quando eu estudei por exemplo.

(pesquisadora)Quais foram as consequências da violência vivida ou presenciada para o exercício da profissão?

(participante)O desânimo. Você se sente desmotivado, você se sente incapaz, alguns professores da vontade de você pegar...eles falam assim eu vou pegar o meu diploma e vou rasgar porque você tem dificuldade em sala de aula e você tenta resolver e depois igual eu disse ainda o sistema vem falando não mais você não...o aluno ele não quis, ele não fez e não tem por onde...mas ele tem que passar. Então você se sente frustrado por isso, dá vontade de você pegar o seu diploma e rasgar, você fala eu não me formei eu não estudei para isso, você quer ter pelo menos, no mínimo o seu trabalho, se não for pelos alunos, seja pelos outros profissionais que compõem a educação. Você quer ter no mínimo esse reconhecimento. E a partir do momento que nem esse reconhecimento você tem você sente...é a frustração é muito grande.

(pesquisadora)O que é para o senhor uma escola ideal?

(participante)Olha esta escola é quase uma escola ideal para mim... é porque aqui (sic), é...se fazem ser ouvidos, tem o respaldo da educação. Esta certo que, tem os problemas como todo e qualquer outro trabalho também vai ter problemas, mas os alunos respeitam é...tem um ou outro caso mas isso acho que qualquer âmbito existe isso, eu acho que o que poderia ser ideal né? Se fosse para se dizer como ideal a gente precisa ter mais a presença dos pais na escola mas não só para ouvir críticas dos seus filhos, mas tendo na escola uma parceria que pudesse ajudar as crianças sabe e ajudar os pais também nessa dificuldade que eles encontram. A gente vê hoje assim que em Campo Grande, tem escola de tempo integral mas...eles pegaram uma ideia que existe lá fora e colocaram aqui mas não foram estudar e ver como isso funciona. Como eu fiz...sou formado em letras e fiz língua inglesa eu estudei cultura e civilização inglesa então eu sei como se dá o ensino na Inglaterra, o ensino nos EUA, lá o tempo integral não é o tempo integral que eles estão montando aqui que é o aluno fica quase o tempo inteiro estudando, e ele não entra 7h da manhã e sai 17h da tarde o que torna isso ainda mais chato e a criança cria ainda mais aversão a escola. O tempo integral ideal era igual lá fora o aluno ele estuda das 9h às 16h da tarde, os dias que tem aula de atividade física estes dias ele entra mais cedo ele entra as 7h horas da manhã e tem outras disciplinas que hoje o que falta muito que são disciplinas de capacidades profissionais né? que tem muita criança que você vê que não quer ter um diploma,

ele não quer se formar ele quer ter, uma profissão então no tempo integral igual é lá fora os alunos tem aula de mecânica, tem aula de culinária, tem aula de várias outras coisas que mesmo que ele não queira ter uma faculdade ele se torna um bom profissional naquilo que ele se propôs a fazer. Tinha alunos que falavam professor eu gosto de trabalhar como mecânico, agora eu...o não vou poder mais trabalhar lá porque eu não posso, porque se a fiscalização passar, vai dar problema para ele e o aluno gosta, ele tem mais interesse em estar aprendendo aquele ofício ali do que estar na escola porque ele sabe que aquilo ali na situação que ele vive vai fazer mais diferença na vida dele do que a escola. Porque ele está aprendendo uma profissão então ele vai ter uma profissão, ele sabe que a escola só vai ser um apoio para ele para quando ele for.... como nós temos aqui um Senai da vida...ele tem provas ele tem que aprender a ler, ele tem que aprender a interpretar, então a escola vai ajudar nisso. Então, esta escola só não é uma escola ideal, porque infelizmente é uma escola que não é de tempo integral, mas tem que ser tempo integral nessas questões, de (sic) de o aluno estar aprendendo uma profissão e a gente conseguir isso dá pra se fazer o levantamento de alguns casos de problema familiar e trazer essa família para dentro da escola com palestras, com apoio né... ou o pai mesmo está desempregado se a escola tivesse uma oficina profissionalizante, em tempo integral o pai poderia também estar ali na escola buscando é...uma profissão então uma escola ideal seria isso, onde não fique somente só no conhecimento científico mas que tente ajudar a família e aí a família na escola acaba ajudando a escola também e o aluno consiga sair com uma profissão.

(pesquisadora)O que você considera importante para a valorização profissional do professor?

(participante)É...reconhecimento. Porque infelizmente a maioria pensa que conseguindo bons salários está conseguindo a valorização profissional. Se o professor fosse...a profissão dele fosse reconhecida, nós não precisaríamos estar brigando por salários, porque se você tem reconhecimento você ia receber por aquilo que você faz, você ia ser bem pago por aquilo que você faz. Então eu vejo que a questão financeira é porque você não tem reconhecimento.

(participante) Cai dentro daquilo que eu falei para você. O seu trabalho você sente que: vou rasgar meu diploma que não foi isso que escolhi. Porque você tem uma secretaria da educação que te impõe e o que você tem que fazer... tem muita gente que nunca passou por uma sala de aula e tá lá só na teoria e... alunos são vistos como número como dinheiro, e um aluno que reprova eles chegam pra você e diz se esse aluno reprovou ele, esse aluno custou 1.900 reais durante esse ano letivo, então ele (sistema) não enxerga o aluno como uma criança que tem que

crescer, tem que aprender, que vai estar aí na sociedade e vai fazer parte da sociedade, e nós fazemos parte desse processo de construção da formação dela. O bom trabalho, vai diminuir a violência, vai ser um bom profissional.

(participante)Muita gente pergunta o que você faz? e fica com vergonha de dizer que é professor, então se fosse reconhecido ele encheria a boca para falar que é professor. Como diz no Japão a única pessoa que não se curva, não faz é a gente diz o movimento de se curvar para o imperador é o professor, todas as outras classes tem que fazer isso. Porque? Porque tudo acaba passando pela mão do professor se é médico, se é advogado, se é dentista seja lá o que for ele acaba passando pela mão de um professor, lógico que dentro de toda e qualquer profissão existem bons profissionais e profissionais ruins. Mas se a gente sempre está reconhecendo os bons acaba sobrando pouco espaço para os ruins, eles acabam mudando de profissão. Vê que aquilo ali não vai dar certo para eles.

(pesquisadora)Me fale sobre algumas estratégias de prevenção/redução da violência na escola.

(participante)Aqui nós procuramos é....dar muitas palestras trazer gente de fora, alguns que foram ex alunos e hoje tem uma profissão, estão bem de vida né... está bem de vida no sentido de estar bem empregados que vieram de escola pública, que estudaram aqui e hoje conseguem sustentar sua família, ter uma boa condição de vida dentro da realidade atual. Então nós procuramos trazer estes alunos, pois eles vendo que eram alunos da escola eles conseguem enxergar que realmente eles também podem chegar ali. Quando tem casos de violência, casos de drogas, nós procuramos trazer palestras motivacionais ou que tratem de drogas...até pouco tempo atrás quando teve alguns casos de drogas, uma parceria, nós tivemos a fazenda da esperança onde eles tinham casos complicados, contando esta história de pessoas que viveram este tipo de situação como que acabou, o fim que elas levaram, algumas conseguiram sair, outras não. Adquirimos este material, trabalhamos com os alunos isso né? Então a gente procura sempre tá conversando com os alunos, não escondemos porque tá (sic) aí acontece. Mas também procuramos estar sempre ouvindo eles também, aqui na escola a gente sempre ouve muito o aluno, pára para escutá-lo. Então quando eles estão passando por algum problemas eles acabam nos procurando e isso é bom, e acaba refletindo na vida deles lá fora.

(pesquisadora)Comente sobre a relação saúde e violência na escola

(participante)Saúde e violência? É... quando você passa por algumas situações....se você vai trabalhar numa escola onde você não se sente valorizado, onde você não consegue desenvolver seu trabalho da melhor forma, onde você se sente perseguido ou porque você encontrou turmas que não querem estudar e você passa mais tempo chamando a atenção do que realmente dando aula acaba diretamente afetando a saúde, porque você se sente frustrado e como você se sente frustrado isso faz mal para você, se você vai para o ambiente de trabalho pensando: Meu Deus hoje eu vou entrar naquela turma ou hoje eu tenho que ir para aquela escola você já vai desanimado.

2. PROFESSORA NADIR

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(Pesquisadora) Sua idade?

(participante) 45 anos.

(Pesquisadora) Sua renda familiar mais ou menos um salário, dois a três salários ou a sete, quatro salários?

(participante) Acima de quatro.

(Pesquisadora) Sua situação profissional atual você tem algum vínculo empregatício ou não?

(participante) Eu sou professora efetiva da prefeitura eu trabalho numa graduação também numa Universidade chamada Fael que é de Curitiba eu trabalho num pólo eu sou assistente acadêmica do curso de pedagogia, letras, matemática ou seja assim essa área de educação.

(Pesquisadora) Qual sua formação?

(participante) Formação é pedagogia e ciências biológicas, eu fiz pós graduação em engenharia sanitária ambiental e tô(sic) fazendo coordenação pedagógica.

(Pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) Formação? a primeira graduação eu fiz em 1998 e a segunda eu terminei em 2004.

(Pesquisadora) E a pós?

(participante) A pós eu terminei em 2006 segunda essa é a última que estou fazendo termino agora, estou fazendo o TCC.

(Pesquisadora) Seu estado civil?

(participante) Sou divorciada.

(Pesquisadora) Tempo de magistério?

(participante) 16 anos.

(participante) E... na verdade eu trabalho em 4 escolas que é públicas.

(Pesquisadora) carga horária de trabalho cada um?

(participante) Tem aqui são 20h/a, à tarde tem 14h é uma carga fechada e a noite eu tenho 45 horas por mês; uma carga horária tipo 8 horas por semana, a noite.

(Pesquisadora) E quanto trabalha nessa escola?

(participante) Nessa escola tem um ano. Assumi o concurso ano passado, fevereiro do ano passado.

(Pesquisadora) Efetiva?

(participante) Sou efetiva.

(Pesquisadora) E... o ano e série que atua?

(participante) O ano e série que atua? Aqui?

(Pesquisadora) Quais turmas?

(participante) São essas, 6º, 7º, 8º e 9º.

(Pesquisadora) Período?

(participante) Matutino

(Pesquisadora) E as disciplinas que leciona?

(participante) Ciências, física e química.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(Pesquisadora) Me fale um pouquinho sobre a sua história de vida, e sobre a sua constituição familiar?

(participante) Eu vim de uma família maravilhosa, bem estruturada; meus pais nunca separaram tem 47 anos de casamento, então eu vivo numa família sólida e eu separei por motivos que não deu certo muito tempo o relacionamento que chegou num ponto que acabou algumas... ideias não estava batendo achei que é melhor separar. Se fosse para eu nascer novamente gostaria de nascer novamente nessa família; uma base muito sólida de educação né? e hoje a gente não vê isso ai acho que os pais estão muito distantes na questão da....(sic) até eu estava olhando ai a

questão da violência não sei eu acho que está faltando um pouco de amor em casa, não sei se é por conta do trabalho; não sei se a minha mãe nunca trabalhou fora então dedicava muito aos filhos naquela época e dedica até hoje, então o filho para a mãe nunca cresce né, tenho 3 filhos eu tenho gêmeos de 25 anos e uma caçula de 24, filhos maravilhosos não tem vício de bebida, não fuma, então graças a Deus eu só tenho a agradecer porque eu não sei se eu soube criar meus filhos ou é personalidade, questão de personalidade mesmo porque hoje eu vendo meus filhos e comparando muitos alunos que a gente vê tem uma diferença não sei se é por conta da educação ou da personalidade mesmo da pessoa.

(Pesquisadora) E seu dia-a-dia, como que é seu cotidiano?

(participante) Eu amo o que faço, gosto porque se eu não gostasse do que faço eu tenho outros meios porque eu sou de uma família que tem uma certa condição financeira, então meu pai mora em Cassilândia. Meu pai tem fazenda, tem gado tem as coisas então necessariamente se eu não quisesse dar aula eu não daria então eu moro aqui eu e meus três filhos moro todo em Cassilândia então tô (sic) aqui vim para cá para estudar em 2001 para fazer ciências biológicas porque eu não estava satisfeita só com a graduação de pedagogia então eu vi porque eu tinha potencial para um pouquinho mais né e vi que tinha potencial para mais então estou esperando meu estágio probatório acabar para eu mudar, eu quero ser coordenadora pedagógica porque eu já trabalho na Fael e esperando meu estágio probatório acabar eu vou esperar fazer uma provinha para passar para a coordenadora pedagógica. Então a gente tem que acreditar porque eu cheguei aqui sem nada eu não tinha só vim para estudar e cheguei para ficar sou muito feliz aqui em Campo Grande sou muito feliz com minha família com meus amigos, com três filhos que moram comigo; meu filho está terminando direito, os gêmeos cantam, compõem então está melhorando a vidinha através da música vendendo música agora e sou feliz onde eu trabalho. Aqui eu venho de coração aberto a pior coisa que tem é você trabalhar num lugar onde você não sente bem, então sinto bem aqui porque sou respeitada porque ouço falar muito assim tem pessoas que trabalham em determinado lugar onde não sente bem, onde o trabalho não é valorizado, onde o diretor é não respeita não tem ética profissional então aqui é um lugar maravilhoso onde eu sinto bem, ou seja essas escolas onde estou trabalhando são locais onde eu gosto de ir eu sinto prazer a princípio quando eu entrei na prefeitura eu não sentia prazer em uma escola eu não me sentia à vontade por conta da direção eu achava assim que não tratava assim as pessoas muito bem, mas aí eu fui vendo que você vai conversando aqui ali você vai vendo que às vezes é o jeito da pessoa e hoje eu já vejo com outros olhos, mas quando eu entrei

ano passado eu pensei até em relação a uma determinada escola que eu não fosse ficar por conta que eu não me sentia bem eu chegava assim... aquele clima, mas aí eu fui vendo que eu sou uma pessoa muito comunicativa eu gosto muito conversar tenho muito amizades e fui vendo que é assim mesmo que as pessoas mudam jeito não conhecem a gente aí vai vendo o trabalho da gente vendo trabalho e aí vai tratando a gente melhor.

(Pesquisadora) Certo, como está sua saúde?

(participante) Minha saúde está bem, eu não tenho problema... já tive problema de tomar remédio controlado, aos 15 anos eu tive que tomar remédio controlado uma situação que eu vivi de morte de uma pessoa que não tem nada haver comigo, nem da minha família eu vi aí eu fiquei impressionada com aquela situação e cheguei a tomar medicamento controlado durante 1 ano tarja preta fiz um tratamento em Votuporanga na época durante 1 ano com 15 anos eu tinha medo de morrer, medo da minha família morrer, então eu entrei numa depressão, aí em 2010 eu tive uma depressão novamente sarei tomei o medicamento, to (sic) bem, mas eu sinto que aquilo fica um vestígio sabe? sempre vem aquela ondinha se eu passar por um momento de tristeza, alguma insegurança em um determinado local a gente vê que aquilo não foi embora então as vezes eu tenho medo assim de voltar aquilo mais eu luto contra.

(Pesquisadora) Mas só com medicação ou com psicoterapia?

(participante) Fiz terapia só que é o seguinte eu sou uma pessoa assim eu fiz uma terapia fui na psiquiatra tal eu estava fazendo umas sessões com elas e eu já comecei a ver que ela não era legal para mim... porque eu chegava, posso falar? Tinha copinho sujo, tinha copinho sujo de cappuccino, três copos sujos de cappuccino sujos ali na mesa aí, mas e aí eu estou aqui eu quero um sei lá palavra diferente a mulher acabo de fumar, entende? Eu não gostei eu achei que não era legal para uma psiquiatra da posição dela, então eu pensei assim se ela não dá conta do vício dela o cigarro e toda hora tomando cappuccino e deixando o copinho sujo ali e um lugar bonito eu já comecei em vez de, então eu já achei assim em vez de ela falar as coisas para mim, parece que eu já estava querendo falar as coisas para ela, não sei se é por conta que eu sou muito assim dinâmica, falo muito aí eu pensei fui uma vez no primeiro dia eu não estava muito bem, até que eu vi, e eu comecei a colocar defeito, porque eu disse assim: poxa vida né, eu chego aqui essa mulher acabo de tomar... é... deixou aqui e acabou de fumar tá com um cheiro de cigarro né então são coisas que eu não gosto. Eu acho assim se você para estar ali para dar uma opinião para uma pessoa eu acho que você tem que ser impecável, você está ali para ajudar e olhando aquilo ali eu não gostei; depois eu fui em outro tomei o medicamento dele, melhorei mas eu

sinto às vezes tem um certo... eu sou uma pessoa vontade de tirar licença médica nada disso eu não gosto nunca tirei desde que eu entrei nunca tirei porque eu gosto de ir até o fim eu gosto de acompanhar o meu aluno, então não tenho vontade de tirar licença medica não né a gente vê muito caso ai inclusive quando eu fiz minha pós-graduação eu fiz sobre tema: Por que o professor tira tanta licença? Quais são os motivos que ele tira licença? Por que o professor fica doente né? Quais são as coisas né? Então que é muito trabalho, e hoje está difícil lidar com o aluno, não está fácil, não está fácil mesmo eu vejo assim... tem muitos, muitos (professores) eu acho que a gente precisa de ganhar o dinheiro da gente mas você tem que ganhar, mas também tem que gostar da profissão. Mas hoje em dia a gente vê que tem muitos, muitos profissionais que eles estão ali que eles precisam de ganhar o dinheiro mesmo não tem aquela... aquela... (sic) eu sou uma professora assim eu sou muito afetiva com o meu aluno então eu faço eu trago o aluno pra mim, eu trago pra mim eu faço ele gostar de mim se ele gostar você pode chamar a atenção você não precisa brigar, xingamento, eu não gosto de xingamento, mas assim se você trazer ele para você ele vai ter uma certa diferença né porque ai ele vai gostar de você, você vai chamar a atenção não precisa ficar com falta de educação né porque ta(sic) difícil demais lidar com o aluno, muito difícil, mas eu acho que ainda eu tenho assim porque eu acho que eu tenho sorte por conta dessa afetividade que eu tenho com eles, eu recebo muita cartinha de aluno a tarde eu trabalho com 3º ao fim do ano eu recebo muita cartinha muita aluninha querendo ser minha filha né o aluno gosta o professor anda bem arrumado, então se você vai bem arrumadinho eles gostam vejo que eles sentem chego o professor eles já falam prof. Hoje você ta (sic) linda, seu calçado ta (sic) bonito, ta(sic) tudo combinando, eles gostam do professor bem arrumado a gente tem que procurar andar bem arrumadinho o cabelo sempre arrumadinho então o aluno vê isso ai também isso chama a atenção do aluno do professor bem arrumado porque se o professor ta (sic) ali de qualquer jeito né então ele gosta então procura assim procuro manter assim, manter assim porque a gente é o espelho né eu lembro quando eu estudava eu via o professor bonito eu tinha vontade eu falava nossa; o professor ta(sic) tão lindo, eu não comentava parece que ai a aula ficava até mais gostosa ai entrava um professor feio de cabelo mal arrumado muito liquido no cabelo assim eu já não tinha aquele interesse quando era um professor bonito eu adorava parece que eu gostava até de participar da aula mais da aula né, então é isso ae, isso ai conta muito ta (sic) a presença do professor, a presença, a roupa, cabelo, calçado, isso conta muito; o aluno gosta do professor bem arrumado.

(pesquisadora) certo. Então hoje atualmente você não usa mais a medicação?

(participante) Não uso medicação, não uso tem o tomei dessa última vez tem uns dois anos, uns dois anos eu tive que tomar; eu as vezes estava na sala de aula e não estava bem mas não deixava

ninguém perceber batia aquela tristeza, tristeza do nada, tristeza eu ia lá fora tomava o medicamento assim quando estava perto de ir para casa eu chegava, entrava e já ia dormir, então meus alunos nunca perceberam, mas assim era algo que surgia dentro da gente que eu não deixava ninguém saber ninguém só eu estava ali sorrindo sorriso nos lábios ninguém nunca percebeu que tomava o medicamento é o tarja preta mesmo chamada alprazolam, então tomei esse alprazolam durante dois anos; acho que tomei até 2002 aí eu cheguei um dia e falei gente de hoje em diante eu não vou tomar mais esse medicamento eu não preciso, não preciso eu sou normal eu sou uma pessoa de bem com a vida eu sou uma pessoa feliz, por que eu vou tomar esse medicamento, pra quê? Eu olhei não vou o médico quem tirou o medicamento eu cheguei eu mesmo conversando comigo, eu falei não eu tenho que parar de tomar eu não preciso disso o primeiro quando eu tinha 15 anos também tomei durante 1 ano e peguei a caixinha de remédio e falei e hoje vou jogar tudo fora eu não preciso disso eu sou uma pessoa normal então eu acho que a gente tem que parar olhar para você eu tenho que parar com isso por que eu vou tomar isso gente? Eu to bem, mas assim já aconteceu agora que eu fiz uma cirurgia em janeiro eu fiz abdominoplastia eu fiquei uma pessoa muito sensível depois da cirurgia, assim sensível assim qualquer coisa eu fiquei muito emotiva e as vezes a pessoa vinha perguntar para mim como foi a cirurgia começava a chorar, mas isso eu creio que a possibilidade após depois da cirurgia e também eles falam que as vezes é questão de anestesia eu fiquei um tanto assim agora eu to (sic) mais forte mas eu não precisei de ficar tomando sabe? Esse medicamento não, espero que não porque eu não quero entrar de licença

III – ASPECTOS PROFISSIONAIS

(Pesquisadora) O que te motivou para escolher essa profissão?

(participante) Olha eu na verdade quando eu era criança eu queria ser médica eu sou um tanto frustrada na questão que eu queria ser médica ou enfermeira eu gosto de cuidar das pessoas de uma pessoa doente eu gosto de ta (sic) ali do lado falando auxiliando ali questão da doença né então eu gostaria muito de trabalhar nessa área só que aí meu pai não deixou meu avô queria que eu fosse para Bauru estudar ia pagar mas meu pai não deixou por conta que sou filha única; seis homens e eu de mulher, daí meu pai não deixou, mas aí a questão da educação mesmo até meu nome meu pai colocou Nadir porque era o nome de uma professora dele em Araçatuba, então ele achava muito bonito gostava muito dela falou o dia que eu tiver uma filha vai se chamar Nadir aí ele colocou o nome de Nadir em homenagem essa professora que ele gostava muito e ele falava que quando era criança que queria que eu fosse professora então né eu cresci

com aquele rótulo assim sendo professora só que eu comecei fazendo pedagogia eu tinha eu fiz técnico de contabilidade, depois eu fiz magistério eu comecei fazer pedagogia em 95 né eu já tinha 25 anos porque eu vi que meu casamento não estava bem mas aí eu já tinha vontade mas eu não estava bem, mas gente eu vou mas não era aquilo que eu queria, eu gostaria de ser médica, enfermeira; mas eu lembrava daquilo que meu pai falava que queria ver eu sendo professora, mas não que eu não gostava dessa área, gostava sim, mas eu tinha prioridade para ser médica, mas tudo bem gostava sim, mas aí comecei a fazer pedagogia depois começou o estágio tal eu fui para a sala de aula me apaixonei para as pessoas tão pequenininhas né na época do estágio depois eu comecei a substituir e depois quando eu comecei a substituir nunca fiquei sem aula desde 99 nunca fiquei sem uma sala de aula né eu tive assim então para entrar na educação então a gente tem que ter pessoas que trabalham do lado da gente que não é fácil tanto no interior como aqui então esses quando eu mudei para cá eu tive pessoas que me ajudou entrou de licença para eu começar dar aula no lugar dela e também em Cassilândia também então ali eu já conheci pessoas que me levou já pra você vai pegar tal aula ali substituição nunca mais fiquei sem aula né já peguei sala minha mesmo então depois já deu certo o concurso mesmo demorou né se passa no concurso se não passa muito bem, não chama eu já tive eu já passei no cinco concursos públicos e esse é o único que eu fui chamada até agora é eu to esperando outro aí também na área de educação o professor do estado e... e gosto, gosto mesmo eu tenho prazer de explicar eu dou aula de química eles não entendem muito bem quando veem uma tabela periódica eles tem muita dificuldade eles acham que aquilo é fora da dificuldade deles, então eu amo explicar aquilo dali colocar na cabecinha dele que não é algo tão distante então eu gosto muito do que faço apesar de ter em mente e gostaria de ter feito medicina eu falo assim eu sou uma pessoa assim muito acomodada se eu tivesse lutado mesmo hoje já estaria formada faz tempo, mas eu acho não lutei por isso dei os filhos com 18 anos quando engravidei dos gêmeos né então aí fui deixando de lado né, deixei, deixei fui cuidando dos filhos deixei aquilo que queria deixei aquilo que gostaria muito hoje já não tenho mais com 45 anos já perdi todo aquele foco né, mas quando eu vejo uma pessoa de branco né ali eu lembro eu falo poxa vida eu poderia tanto ter feito porque eu não estudei todo mundo estuda, todo mundo passa, por que eu não posso passar?

(Pesquisadora) Me fala um pouquinho sobre a sua carreira do magistério?

(participante) Entrou um pouco, então eu comecei em 99 em Cassilândia, 2001 vim para cá. Lá eu trabalhava num tele curso era maravilhoso dar aula num telecurso né só que lá a gente era professora de dar aula de história, geografia; português e matemática tinha que estudar

muito porque matemática não era minha área, mas eu gostava inclusive eu cheguei a fazer pelo UEMS, fazer vestibular de matemática, para fazer matemática, eu gosto de desafio, parece que eu gosto daquilo que né, parece que eu não gosto do negócio muito fácil parece que eu gosto de ficar debatendo acima do exercício e algo assim né, inclusive eu prestei vestibular na época para fazer matemática também que eu tinha certa afinidade para matemática eu vou sinceramente eu não gosto de português, de texto muito texto, muito grande até mesmo dentro da ciência não gosto muito, eu gosto do negócio mais resumido, então aí eu prestei vestibular eu zerei em espanhol não foi em matemática, na área de física nada disso eu zerei em espanhol não sei o que que eu fiz lá não entrei eu era para tá formada em matemática né, mas também adorava ciência, mas por isso que eu fiz ciências biológicas eu gostava de ciências, animais vivos, aí vim para cá em 2001 fiz na Uniderp Ciências Biológicas né então eu já fazia desde o primeiro ano de faculdade de ciências biológicas eu fazia já dava aula a noite de química e biologia né trabalhava na escola do estado, trabalhei no estado de 2002 até 2014, acho que tem dois anos que eu saí do estado, então eu trabalhei no estado e só que no estado era o seguinte eu as vezes o professor tá dando aula o professor convocado aí chega o professor efetivo aí você não pode fazer compromisso porque da mesma hora que você tem bastante aula pode não ter por conta que chega um professor efetivo ele tem direito é lógico, então por conta disso eu trabalhei bastante de 99 até 2014 né aí eu fui para escola particular fui para o particular trabalhei até ser chamado para esse concurso trabalhei em escola particular Geração 2001, Visconde Cairu também tudo ciências na escola Geração Luis eu trabalhei com química só trabalhava com química do 9º ano até o 3º ano do ensino médio, inclusive eu fico muito feliz de ver assim nas redes sociais alunos que foram meus alunos e hoje tem assim aluno que fez química, tá fazendo química na Federal por conta que gostava das minhas aulas isso assim é gratificante para a gente eu tenho uma aluninha que ela não esquece a professora que ela teve no 3º ano lá na escola Geração 2001 escola particular então eu fico feliz de ter assim eu fiz parte né então não só essa pessoa como quando eu trabalhava na escola Maria Constança de Barros de Machado tem aluno formado em química que foram meus alunos então é gostoso a gente encontrar esse aluno na rua vê que você fez a diferença na vida de alguém né é gratificante é muito bom, então eu sou feliz, sou feliz sim, sou feliz apesar quando chega final do bimestre a gente tem tanta coisa para fazer, mas só que eu sou feliz eu gosto e quero dar continuidade né eu quero ir até o fim fico feliz e eu admiro pessoas que eu tenho amiga que nunca preciso pedir afastamento, ela aposentou esses dias ela é da minha área ciências muito amiga eu fico muito feliz eu penso eu também vou conseguir eu me espelho nela eu falo eu quero ser igual a fulana, igual a Luana que aposentou na prefeitura fico feliz de ver a pessoa que aposentou sem pedir

afastamento, sem aposentar por invalidez qualquer coisa desses gêneros então eu fico feliz que é uma pessoa assim minha amiga que foi até o fim gostaria de ir até o fim né essa missão aí

(participante) Tem gente que serve como modelo eu tenho amiga também que começou dar aula que fico com problema psicológico tá afastada os dois períodos vai aposentar por conta de doença mesmo que sei lá eu acho que é algo fez mal para ela alguma coisa não caiu bem deu problema psicológico a gente vê muito isso né?

(Pesquisadora) E suas relações na escola com a direção com os alunos?

(participante) Minha relação é a melhor possível, eu sou uma pessoa que converso muito né eu tenho uma relação muito boa com a direção dessa escola, a outra escola também as coordenadoras eu tenho amizades com elas, então por pouco tempo que eu to(sic) na prefeitura eu tenho uma relação de amizade muito boa relação até de pessoas aqui na minha casa é então comecei em janeiro do ano passado que entrei como efetiva que já tem uma relação como se já tivesse anos principalmente com pessoas daqui dessa escola minha coordenadora é uma pessoa maravilhosa sabe conversar né então isso aí faz a gente ter prazer de ter pela escola né então eu sou muito feliz de estar nessas escolas onde eu tomei posse são escolas maravilhosas tá(sic) são escolas do centro são escolas boas que eu ouço falar que tem escola que graças a Deus eu tive esse privilégio de estar num local onde eu sinto bem, onde eu sinto prazer de trabalhar pois a pior coisa que tem quando não sente prazer pelo lugar.

(Pesquisadora) Já aconteceu de você estar numa escola

(participante) Já, já aconteceu sim não é assim tanta escola é questão de turmas é questão de uma turma muito agitada, então eu não sentia bem de entrar inclusive de entrar em uma escola particular que eu trabalhei e eu não sentia bem até ficar e gostar tinha turma que eu não tinha assim só de pensar já me dava aquele parece que ia me dar tipo uma depressãozinha sabe saber que eu tinha que entrar, tinha que encarar aquele monte de aluno né o que eu vejo assim que atrapalha hoje na educação é a questão que nós temos muito aluno em sala de aula né eu acho que o máximo de aluno que deveríamos ter 25 alunos para você fazer um bom trabalho né então imagina uma sala que tem 40 alunos, então não é fácil né isso eu já as vezes deixa o professor um tanto desanimado é muito aluno em sala de aula, certo eu acho que 25 a gente faria um ótimo trabalho.

(Pesquisadora) Certo, o que significa para você a satisfação profissional?

(participante) A satisfação profissional é você estar bem naquele local né e também ser bem humorada eu acho que o dinheiro tem que caminhar junto né a gente trabalha com o dinheiro mais feliz porque ninguém trabalha de graça... só se você está aposentada né só se você aposenta e ta bem pode trabalhar com vontade sem ganhar né, mas eu acho que faz parte, o dinheiro faz parte isso é a satisfação profissional você ter o seu carro você morar bem né você ter um local que você é bem recebido igual aqui então eu acho que eu sou uma pessoa muito suspeita de minha profissão até agora até o dia de hoje não sei amanhã né.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(Pesquisadora) O que é violência para você?

(participante) A violência, a violência não é só, tem a violência verbal né é... hoje eu não posso falar muito para você de violência porque eu não convivo, o meu convivo não tem essa questão de violência não sou uma boa pessoa; essa pergunta eu não posso responder muito na televisão né eu pelo menos nas escolas que eu trabalho meus alunos não têm essa questão de... sabe tem uma coisinha ali, mas não é agressão assim, não chega a ser graças a Deus eu sou uma pessoa de sorte essa questão a gente vê muito essa questão da violência. A violência verbal tem professor que chegar brigar com o aluno a ponto de do aluno de empurrar o professor então graças a Deus eu nunca presenciei esses fatos, então para mim não tem muito o que falar da questão da violência agora a gente vê a gente assisti TV a gente vê; ta difícil hoje tem muitos que não querem mais assim dar aula por conta disso tem medo né e até mesmo aqui em Campo Grande tem eu já ouvi casos de violência, violência contra também não é só a pessoa, mas o carro, o professor, joga ácido, é... fura pneu isso é uma ação de violência que o aluno faz contra o professor; graças a Deus até hoje eu não tive isso né. Esses 16 anos que eu trabalho em educação eu ainda não tive não sei amanhã, só sei que até hoje ainda não presenciei fatos assim grosseiros né, graças a Deus.

(Pesquisadora) E como você vê a violência que ocorre na escola?

(participante) Eu acho assim que a questão da violência eu acho que tudo vem de casa eu acho que falta amor em casa os pais perderam o domínio não sei se é muita liberdade né eu esses três filhos que eu tenho eles, eu fui uma vez chamada por questão de briga na escola, mas eu agi com um gesto grosseiro com meu filho eu cheguei a bater nele na frente da diretora ele tinha

uns 10, não 9 anos por ai então eu agi com violência com meu filho na escola só que depois eu nunca mais eu fui chamada, então eu tive que mostrar, então hoje os pais eu acho que perderam não sei eu acho que deixam muito a vontade né também por conta de trabalhar muito é em questão de tem que dar conta tem muito filho eu acho que deixa muito a vontade né da muita liberdade e deixa muito a vontade porque se o pai for ali oh hoje eu não sei é... eu falo assim que é questão de personalidade de meus filhos se for de ser seria porque eu não tenho marido eu criei meus filhos agora eles moraram com o pai um certo tempo depois que eu mudei para cá eu não trouxe eles, então queriam eles poderiam ser pessoas violentas, poderiam ter se perdido meus filhos, estou falando em relação aos meus filhos, porque não estava presente enquanto estava estudando aqui eles ficaram com o pai, então eles poderia ter desviado né mas assim uma questão da personalidade deles eu creio e a questão hoje ta tendo muitas pessoas com problemas psicológicos dentro da sala de aula aluno com problema que precisa de acompanhamento eu sempre eu to no matutino, vespertino sempre tem um aluno que você vê que precisa de um acompanhamento psicológico então as vezes o pai não leva, as vezes e outra tem muita estava ouvindo a questão que as vezes um aluno precisa de um acompanhamento muito burocrático é difícil ele ter atendimento né psicológico é difícil então eu acho assim que a rede em si deixa a desejar questão de dar mais apoio para as pessoas assim porque agora tem a questão da inclusão eu tenho aqui o 6º ano, o 9º ano onde a gente vê que tem dois alunos que tem problemas psicológicos; esse problema gera um certo conflito na sala de aula muito bate boca sabe questão de eles não tem muita noção eles precisam de um acompanhamento né.

(Pesquisadora) Você já respondeu, mas assim, perguntando você já sofreu algum tipo de violência tanto psicológico, tanto verbal

(participante) Não, eu não; verbal as vezes tipo por essas pessoas, por exemplo eu tenho um aluno do 7º ano, ele por exemplo já me respondeu mal sabe, mas eu vejo que aquilo dali eu sou a pessoa adulta eu sou a professora, eu a pessoa que penso além eu tenho que contornar, eu tenho que fazer contornar a situação porque se eu agi na altura dele ai vai virar só bagunça na sala de aula, então eu vejo que não é por ai se eu começar a bater boca com uma pessoa que eu vejo que precisa de tratamento eu acho que não é por ai né então como eu já te falei que eu faço o aluno gostar de mim, então eu acho que é por isso que não gera muito conflito na minha aula pela questão de fazer o aluno gostar um pouquinho da pessoa Nadir que ele pensa duas vezes antes de responder para mim né e também pela questão que eu tenho filhos cantores são lindos, então as meninas eu já ganho as meninas, eu já ganho elas de ver que eu tenho aqueles filhos

bonitos e elas me tratam muito bem então eu acho também isso ai ajuda muito, ajuda muito né essa questão da né dos filhos.

(Pesquisadora) E assim você acha que as relações da violência da escola influencia assim de alguma forma prática do professor, prática docente dele?

(participante) A violência do quê?

(participante) Vamos supor do professor sofre isso influencia de alguma maneira na prática dele na sala, na vida dele, no exercício da profissão?

(participante) Sim influencia, se você pegar uma sala que tem, graças a Deus que eu não tenho assim, se você pegar eu acho que ai logo ai o professor já está até desistindo muitos que não conseguem porque não é fácil e você não tem pai que você que eu ouço assim entre colegas que nem vem a escola, aluno assim que dá problema mesmo de violência, de briga tem pai que não dá nem as caras não vai, não participa tudo é a participação mesmo da família, da família na escola se você tem o aluno que tem o pai presente na escola eu tenho certeza que ele não vai dar trabalho não vai gerar violência em nada, não tenho o pai nem a mãe, não importa se só tem o pai se só tem a mãe, se só tem a avó, mas se é uma pessoa presente ali se ta presente em tudo eu creio que não dá problema, mas eu acho que é a falta de apoio mesmo, estrutura familiar mesmo, essa violência é estrutura mesmo não têm já começa em casa o aluno vê, o filho vê o pai hoje você liga a televisão só vê morte homem matando mulher então é muita violência em casa então como se não tem uma base como ele vai conseguir vai ser uma pessoa normal não vai, não vai não tem uma base hoje eu vejo assim tem pais que adotam, casais que adotam filhos e depois vê pela questão mesmo que eu falo da índole pessoa já desde pequeno já não tem uma boa índole já tem até vontade de desistir daquele aluno eu sei de casos que a adotaram e depois quiseram devolver porque viu que não vai dar conta essa criança dando trabalho na escola então ai já sente vontade de devolver ai se o filho sente vontade de ser do tipo vai ser devolvido para quem então esse menino vai ser quem tem casa aqui até dentro dessa escola mesmo de aluno né que eu ouvi dizer que o pai quer devolver que os pais quer devolver por conta que não dá conta, não dá conta, ou seja a onde que ele errou ou fale onde dessa criança da criação dessa criança foi no começo o que que foi? Deu muita liberdade por conta que pegou que adotou esse filho, então eu acho que a violência é a base mesmo da família mesmo eu creio que seja isso começa lá dentro da sua casa eu nunca tive questão de violência para os meus filhos eu sempre nunca tratei meus filhos com xingamento só que sempre impus limites não vai, não vai e ponto, entendeu? Hoje não tem dinheiro? Hoje não tem, não tem a gente tem que ter limite dentro de

casa acho que os pais perderam essa questão acho que deixou muito, solto muito depois não dá conta mesmo, acho que se você soltar desde pequenininho você não vai dar conta e hoje essa questão das tecnologias ai muito celular, muito nootbook, muito tablet; então eu não sei o que será desses meninos não sei vai ser difícil né porque a gente dá eu vejo assim que é muita liberdade, muita liberdade não é fácil não se você dar muita liberdade você não vai dar conta, não vai dar conta.

(Pesquisadora) Tem alguns comportamentos que você acha assim mais adequado para uma boa convivência?

(participante) Não o comportamento, bom tipo é de conversa, fala

(Pesquisadora) Disciplina você acha que esses comportamentos assim facilita para um bom relacionamento

(participante) Não, não se o aluno ele tem um pai que deu uma boa educação para ele ele não vai dar trabalho aqui, eu tenho aluno aqui que eu nunca ouvi a voz dele, por quê? Conserteza ele tem uma base lá, entendeu? Não dá trabalho, agora tem uns que quer falar mais alto que o professor né essa questão é difícil hoje ta difícil para a gente dar-se uma boa aula é questão, não é a questão de eles serem grosseiros, é a questão que eles querem falar tudo ao mesmo tempo, quer falar muito alto; então você chama a atenção você começa dar a sua aula; bonitinho começa lolololo muito alto ai você chama atenção não é assim você não precisa ficar brigando, xingando – xingamento nada disso. Pessoal oh, não tem como continuar desse jeito é então a questão é da conversa alta eu pelo menos essas escolas que eu trabalho eu não vejo um aluno violento, um aluno que vai dar problema pra mim que eu chamo atenção e até hoje eu não tive uma resposta tão inadequada a ponto de gerar um conflito aquela horrorosa, então graças a Deus até esse momento ta(sic) indo bem a gente consegue contornar, consegue contornar só conversa, com fala ai chama a atenção em particular né será que a sua atitude ta(sic) boa não ta(sic) legal né você ta(sic) atrapalhando muito se não tiver jeito eu vou ter que chamar seus pais, eu falo assim: você tem pai? Você tem mãe? Então eu vou ter que chamar, porque ta(sic) difícil né pela conversa alta não pelo xingamento nada disso pela conversa mesmo né

(Pesquisadora) Entendi, e o que você acha, por exemplo... o âmbito macro nas transformações influenciaram na questão da escola hoje?

(participante) Eu vou te falar um negócio eu acho tem muita, mudo muito eu ainda eu gosto do método tradicional mais antigo naquele que eu fui criada sabe porque eu quando eu estudava

eu tinha medo, não é medo eu tinha receio passar na frente da coordenação; então hoje há muita liberdade, há muita liberdade, a direção dá muita liberdade eu vejo em algumas escolas eles dão muita liberdade para aluno, entendeu? Então, o aluno quer tratar (sic) tem aluno a maioria deles quer tratar um professor, um diretor como se tivesse mesmo nível dele quer tratar como se fosse já estudado a maioria deles eu vejo nos alunos pequenininho que não chama de senhor, senhora já quer tratar como se fosse né já tivesse na mesma posição, na mesma altura eu acho que é questão da liberdade, liberdade demais desde a direção não sei é porque não quer perder aluno, não sei tem algo assim é muita liberdade; questão da liberdade né acho que por isso que daqui uns dias a gente não vai dar conta por questão da liberdade se for assim eu vejo assim que tem escolas que eles pega ali, ali é firme funciona, funciona melhor sabia? Se deixar muito a Deus dará muito solto não dá muito certo não; a gente sofre e quem sofre é o professor que ta em sala de aula 40 alunos ali não é direção, não é coordenação, não é ninguém; quem conhece a realidade é o professor, é então a gente sofre.

V- FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(Pesquisadora) Entendi e para você, o que é uma escola ideal?

(participante) Ideal, uma escola ideal é aquela que não tem índice de violência que nunca terá né, uma escola ideal é aquela que todos em primeiro lugar tem que ter a ética profissional né essa é a escola ideal e hoje a gente não vê muito isso na questão da ética profissional né tem que ter a ética sem índice de violência nenhuma essa é uma escola ideal fazer acontecer, fazer a diferença; você transmitir o seu recado, você chegar transmitir fazer o seu planejamento e fazer aquilo acontecer essa é uma ideal; quando você planeja algo e não consegue fazer nada aí né eu acho que o ideal é aquilo você cumprir o que tem que ser cumprido né fazer o que tem que ser feito.

(Pesquisadora) Certo, o que você considera importante para valorização profissional do professor?

(participante) Importante, primeiro.... respeito com os colegas e o salário também, o salário é primordial porque se você não ganha bem já não tem vontade né já não tem muita vontade você tem que ganhar um pouquinho melhor para você sentir valorizado né e o respeito também dos alunos, dos colegas de gestão, de coordenação acho que isso é questão de valores mesmo, valorização é tudo ali você entrou na porta, entrou dentro do portãozinho se tratar bem todo mundo, isso é muito gostoso, acho que não é porque eu sou uma professora que eu não tenho

que falar bom dia para um faxineiro eu chego falando bom dia, tudo bem? Então você, não é só você receber elogios não, ser tratada bem, essas pessoas também, todo mundo acho que é tão bom né é gostoso; eu sempre faço isso.

(Pesquisadora) Certo, verdade. Que bom.

(participante) Muito bom!

(Pesquisadora) Me fala algumas estratégias que você vê que é possível para prevenção ou redução da violência na escola?

(participante) Estratégias, olha eu acho que primeira coisa mostrar para o aluno que a questão da violência não leva a nada se tem que mostrar um aluno que esse que briga sabe se vai ter futuro a gente tem que mostrar, mostrar o quê? Que existem médicos, que existem cantores, profissionais aí que se deram bem; eles não vão ver a gente tem que mostrar alguns pontos para ele e ver o que que ele quer tem dois lados a seguir, só temos dois caminhos do bem e do mal, então ele vai querer seguir aquele caminho do mal vai levar a algum lugar para onde que vai levar, ele vai para onde ele vai morrer vai ficar preso, vai ser preso eu acho que a gente tem que mostrar esse aí a questão que a gente pode isso aí não é porque o aluno é pobre, é que tem uma classe financeira menos desprovida ele não chega a lugar nenhum ele chega sim, ele chega e ele chega muito mais do que aqueles que tem dinheiro, sabia? Então, eu acho assim que a gente tem que mostrar, mostrar o lado do bem e o lado do mal, mostrar as vezes para ele acordar para a vida que as vezes ele não viu ainda que ele acha que ele é pobre não consegue, consegue sim; então só o estudo que vai levar tem outros meios só o estudo consegue né então você tem que mostrar o caminho para ele mostrar o que é certo e errado se o pai não mostra porque as vezes o pai não mostra não conversa com seus filhos não tem diálogo; então o que que acontece hoje em dia a questão da violência não tem diálogo né é a falta de quê? A falta de dinheiro né, a falta de dinheiro em casa então hoje o aluno chega e vê o coleguinha que ele tem, tem um celular bonito e ele não tem, então aquilo dali já gera dentro dele que ele já pode querer furtar né, mas ele também tem que ver que ele também pode conseguir porque ele pode estudar também porque o pai daquele aluno estudou ou já teve uma situação financeira boa desde pequena sei lá então a gente tem que mostrar que existe as diferenças né, você nasceu naquele ambiente não quer dizer que você vai continuar o resto da vida naquele ambiente você pode muda, você pode mudar a sua vida fazer o que você quiser, só estudar; você vai estudar. Eu sempre falo para o meu aluno gente estuda é simples é estudar você vai prestar uma prova, vai fazer um concurso, você vai mudar a sua vida, você vai mudar a história de sua família; você pode fazer a diferença

na sua casa; eu gosto de fazer um levantamento quando eu começo o ano conhecer quem é o meu aluno quem é essa pessoa que estou ministrando aula, quem é essa pessoa? E ele vai falar, ele vai falar dos sonhos dele eu já coloco alguns tópicos já na lousa; então você pode falar tudo da sua vida você não precisa se identificar não, mas eles falam muitos têm sonhos, eles falam da família que trabalham muito, que a mãe é doméstica, que a mãe é isso, que a mãe é aquilo que o pai é isso, que o pai tá preso né que base que pode ter pensado que o pai está preso é difícil né.

(Pesquisadora) comente sobre a relação entre saúde e violência na escola, existe uma relação entre saúde e violência?

(participante) Com certeza, se você se está num ambiente e não está bem e o ambiente que você está, não sente desejo não sente prazer, você vai ficar doente, seu psicológico vai ser abalado não vai aguentar muito tempo de jeito nenhum, eu tiro por mim se eu frequentar um ambiente, se eu for trabalhar numa escola onde tem violência aluno que responde, aluno que não obedece, aluno que não sei o que, e a gente não tem apoio de nada; com certeza eu vou pegar licença eu vou ficar doente eu já tenho essa sensibilidade pode ser que tem pessoas que seja forte, mas eu sou uma pessoa sensível que eu acho que eu não suporto muito tempo uma questão um ambiente tipo assim que a gente não vai mudar a gente não muda se a família não mudou o professor não vai mudar, não vai mudar se a família não der conta eu não vou dar também né, então eu acho que é por aí a questão da violência faz o professor ficar doente sim vai fazer, por isso que tem muitos aposentados, afastados aí por essa questão.

(Pesquisadora) Licença médica?

(participante) Muitos de licença médica, afastamentos, professor que nunca mais volta, muda de setor é por conta disso.

3. PROFESSORA SABRINA

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora) Sua Idade?

(participante) 29 anos

(pesquisadora) Renda familiar?

(participante) É da família, não é ajuda família.

(pesquisadora) E da família?

(participante) Acho que 2 ou 3.

(pesquisadora) Renda Familiar?

(participante) Acho que 3 ou 4.

(pesquisadora) Sua situação profissional atual?

(participante) Sou professor de geografia, ensino escola municipal; contrato de um ano com a escola.

(pesquisadora) Sua formação?

(participante) Geografia, sou professora.

(pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) 1(um) ano.

(pesquisadora) Formou em qual Universidade?

(participante) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul(UEMS)

(pesquisadora) Estado civil?

(participante) Solteira

(pesquisadora) Tem filhos?

(participante) Não.

(pesquisadora) É... Tempo de Magistério?

(participante) 4 anos.

(pesquisadora) E dando aula?

(participante) 1 ano.

(pesquisadora) Você trabalha em alguma outra escola?

(participante) No momento não, só aqui mesmo

(pesquisadora) E a carga horária de trabalho?

(participante) Aqui nessa escola é 12 horas semanais.

(pesquisadora) Há quanto tempo você trabalha aqui?

(Prof.2) Há um mês quando iniciou o ano letivo.

(pesquisadora) Série que atua?

(participante) Aqui estou do 6º ao 9º, mas a minha licenciatura é do 6º ao ensino médio.

(pesquisadora) Que disciplina você leciona?

(participante) Geografia.

II – HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) Vamos falar um pouquinho sobre sua constituição familiar, sobre sua história de vida, mora com quem, como é sua vida familiar?

(participante) Eu moro com meu pai e minha mãe, moramos todos juntos, eu sou a filha mais velha, eu tenho mais três irmãos; os outros três já são casados, já sairão de casa, só eu que está morando com meus pais, é uma relação boa, já teve momentos de turbulência que meus pais ficaram separados durante sete anos, neste período eu fiquei morando com meu pai, depois fui morar com minha mãe, depois eles resolveram voltar, daí eu voltei a morar com eles. Para mim

o fato de eles voltarem foi muito importante; porque é muito bom ter a família unida e no período que a gente passou separado assim teve muitas é...foi um período bem difícil tanto para o meu pai quanto para minha mãe impossível também; via eles sofrendo. Quando eles resolveram voltar foi muito bom. Hoje em dia está bem estruturado.

(pesquisadora)Mora você, sua mãe, seu pai; e lá você mantém a família ou todos trabalham?

(participante)Todos trabalham, todos ajudam, cada um tem sua participação, porque manter dentro de casa para ajudar.

(pesquisadora)É... O que faz no seu dia-a-dia, fala sobre seu cotidiano?

(participante)De manhã estou na escola na terça, quarta e quinta; depois planejo aulas. Atualmente agora não estou estudando mais e vou iniciar uma pós, aí vou estar mais me dedicando a isso e fico em casa, cuido da casa. Meus pais passam a maior parte fora e quem cuida da casa sou eu, fazendo serviço de casa e só me divirto com meus sobrinhos normalmente.

(pesquisadora)Como está sua saúde?

(participante)Tem alguns probleminhas, mas está bem...está bem.

(pesquisadora)Que problemas seriam? Já melhoram?

(participante)Já, era o problema de eu ter sofrido acidente de moto né daí estou bem melhor, já me recuperei.

(pesquisadora)Você faz uso de algum medicamento?

(participante)Não, hum hum, não...

III- ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora)É... agora vamos falar um pouquinho sobre sua vida profissional. O que te levou, ou que te motivou para escolher sua profissão?

(participante)Desde a época do ensino médio eu já gostava de geografia, eu sempre quis fazer geografia não para hum...(sic) no início para dar aula, aí quando surgiu a oportunidade de que quando abriu o curso aqui em Campo Grande pela UEMS que é um curso público, aí eu resolvi fazer o vestibular e passei e era para licenciatura, mas no começo eu não queria dar aula, eu

queria fazer a faculdade e depois e aí quando eu fui para meu estágio obrigatório em outra faculdade que foi no terceiro ano, aí lá que mudou lá que eu comecei a gostar. Gostei do ambiente, da sala de aula, de como os alunos tratavam, aí eu decidi; aí eu quis para mim; aí eu pedi para ficar lá. Na infância também eu gostava, eu brincava de escolinha sabe, eu acho que já lembro um pouco dessa época; mas depois eu acabei não querendo mais e depois no estágio é que eu fui querer mesmo, que fui gostar de dar aula.

(pesquisadora)E... me fala sobre sua carreira no magistério.

(participante)Eu encerrei ano passado, que me formei em fevereiro do ano passado, no primeiro bimestre do ano passado eu não tinha nenhum vínculo empregatício, eu só pegava algumas aulas de substituição; a partir do segundo semestre que eu consegui um contato com uma escola que eu fui cobrir a licença médica de um professor, era uma escola do estado eu fiquei lá por uns dois meses nessa escola e o restante era só aula de substituição mesmo e agora fui contratada aqui pelo período de um ano.

Lá na outra escola era de ensino médio e aqui é de ensino fundamental então...tem uma grande diferença para os professores do ensino médio para o ensino fundamental.

Que o fundamental pelo menos para mim é mais difícil, é mais complicado sabe? de trabalhar. Porque os alunos são novinhos ainda, não tem uma maturidade e o ensino médio não, é mais fácil de se lidar com eles, principalmente você consegue fazer amizade com eles, de você ter, de você conseguir um vínculo com eles... É mais fácil de você conseguir lidar mesmo, transmitir o conteúdo, então para mim o ensino médio é... eu acho que tenho mais facilidade com o ensino médio mesmo.

(pesquisadora)E... e assim o que você espera da carreira docente?

(participante)Oh, eu não, é difícil esta pergunta. Eu quero que eu consiga que eu possa aprender mais, que eu consiga desenvolver melhor dentro da sala de aula, que ainda estou no processo de aprendizagem né? que ainda estou conhecendo, agora que to conhecendo o dia-a-dia do ensino fundamental é... eu quero conseguir aprender mais, é... ter uma boa... conseguir melhorar a minha postura, melhorar a minha forma de transmitir para eles o conhecimento, tanto a geografia quanto o conhecimento também que acabam treinando; é... eu quero melhorar, conseguir ter uma aprendizagem porque daí a gente aprende de uma forma melhor.

(pesquisadora) Me fale um pouquinho sobre suas relações na escola? Como é o seu relacionamento com a gestão, com os alunos e os demais profissionais?

(participante) Bom... Na outra escola que estava era uma relação muito boa com a direção, com a coordenação, com os professores, com os colegas, com os alunos também. No início quando eu fui pra lá eu fiquei meio com medo para mim era uma coisa nova, mas depois faz amizade com os alunos assim você acaba pegando mais gosto ainda. Aqui também a relação com a coordenação, com os professores, é uma relação boa; to tendo uma dificuldade com algumas série, principalmente 6º, 7º ano são bem novinhos ai to tendo uma dificuldade porque tá bem difícil; agora 8º e 9º ano é muito tranquilo eu gosto muito.

(pesquisadora) O que você acha mais difícil?

(participante) É porque os pequenininho estão ainda naquela fase de ai o amiguinho colocou um apelido, xingou a mãe, ou lá revidar; eles não conseguem prestar atenção na aula, tem que ficar toda hora parando o conteúdo de passar no quadro para ficar chamando atenção, sabe. E os mais velhos não, eles já não estão mais nessa fase, estão mais maduros.

(pesquisadora) Me fala um pouco sobre seu cotidiano na escola.

(participante) Na terça e na quinta são as minhas aulas eu dou aula para o 6º, 7º, 8º e 9º ano são quatro tempos cada um e na quarta meu planejamento, e na quarta eu tenho que ir para montar as aulas, para ver qual vai ser o conteúdo né... e planejamento eu posso fazer, ficar aqui na escola duas hora toda quarta ou eu posso juntar fazer toda quarta as 16h e na outra quarta eu to livre, fazer de 15 em 15 dias. Daí eu chego 7h que é o período de aula, eu chego 10 minutos antes, e saio as 11h10.

(pesquisadora) O que significa satisfação profissional?

(participante) Pra mim é você trabalhar num ambiente harmonioso, tranquilo, que você se sinta bem, é você estar na sala de aula mesmo, você se sentir bem ali, você ter um retorno dos alunos igual, tanto na forma de conhecimento quanto de respeito ao próximo, de respeito ao professor é... e também com relação ao salário está bem se dá para viver de uma forma boa para mim é isso.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora)O que significa violência para você?

(participante)Pra mim a violência é tanto da forma física quanto da forma verbal, tanto da forma moral que agride você então é... Um colega bater no outro, ofender com palavras, ofender com gestos, com atitudes assim que ofenda, não só fisicamente, mas seu psicológico, a sua moral, pra mim é violência, todos estes tipos de violência.

(pesquisadora)E... O que é violência escolar?

(participante)Eu entendo dessa forma... quase a mesma coisa, que é uma violência que agride tanto fisicamente como psicologicamente. O que eu percebi é que desde o 6º e o 7º ano é constante essa forma de agressão. Ontem mesmo dois alunos queriam já um bater no outro, três alunos quer dizer... Para mim já é uma forma também, assim como a...(sic) da mesma forma que colocam apelido, xingar a mãe, xingar o pai isso também é uma forma de violência, é bullying Acho que é mais isso mesmo.

(pesquisadora)Você já sofreu algum tipo de violência?

(participante)Física não, que eu lembre não, mas verbalmente com gestos, com palavras já; tanto de alunos, como da vida pessoal mesmo.

(pesquisadora)E... Você tomou alguma medida diante disso?

(participante)Não, na vida pessoal eu não lembro exatamente eu não costumo mudar correr com coisa verbal assim psicológico eu tento não dar tanta importância para isso, sabe, ficar pensando muito naquilo, deixando de lado, ignorando. Quando é uma violência física eu não lembro de ter sofrido, acho que tomaria umas medidas mais sérias né, mas eu costumo é..., só se for uma coisa muito grave assim, de violência verbal para eu, mas eu acabo ignorando mesmo.

(pesquisadora)Na escola quando você se confronta com uma situação de violência.... o que faz?

(participante)Chamaria a inspetora levaria eles para a coordenação para conversar com os pais também, mas quando eu vejo que eles estão um agredindo o outro tenho eu tenho que intervir, tenho que ir lá separar, e... tentar conversar para não ocorrer mais isso, e... faço ameaça que vou chamar a coordenadora, vou mandar chamar pai, mãe na escola para tentar vê se eles param. Tento intervir também, falando que tem que ter respeito pelo colega, que tem que tratar bem o colega.

(pesquisadora)O que você sentiu quando você presenciou a ação de violência?

(participante)Eu sinto assim... Eu sinto medo de não conseguir dar conta daquilo né de não conseguir intervir mesmo, é... e acabar ficando pior, mas é ruim, você se sente ruim...porque ficar na sala de aula porque tem conteúdo para passar para eles, para transmitir, para explicar, para vê se eles conseguem entender bem e tem que ficar parando para mexer com essas questões ainda é ruim né, não é bom não, até por estar acontecendo na minha aula na minha presença sabe?

(pesquisadora)E... Me fala um pouquinho sobre as influência na prática cotidiana?

(participante)Influencia mais psicologicamente porque a gente fica assustado, você sai assim pensando meu Deus o que está acontecendo? E isso eu acabo levando comigo as vezes, acaba saindo com dor de cabeça, fica na sua mente acho que afeta mais o psicólogo do professor.

(pesquisadora)E isso afeta as suas atividades? Da sua maneira de ser.

(participante)Na minha maneira de ser não, acho que sou uma pessoa diferente; quando ocorre algo caótico, eu fico a tarde inteira pensando, lembrando disso, mas a minha maneira eu tento melhorar sabe? Eu vejo o que eu posso fazer para eu melhorar converso com alguns colegas para ver o que eu posso fazer para não ocorrer novamente até para não deixar isso acontecer de novo.

(pesquisadora)Quais os comportamentos que você acha adequado para uma boa convivência?

(participante)O respeito, você respeitar independente da maneira como o seu colega é, da opinião que ele tem, respeitar, cada um é diferente do outro, mas mesmo que você não aceite, mas você respeite a opinião dele. É no caso de trabalhar de uma forma que tenha harmonia, como eu posso dizer, os coleguinhas mesmo é...não dar tanta idéia para o que o outro fala, sabe ou você chegar quando ouvir alguma coisa chegar e conversar falar está acontecendo isso, isso e isso; tentar conversar, tentar compreender é mais isso.

(pesquisadora) A sociedade passou por algumas transformações, o que você acha em alguma transformação que a sociedade passou pela educação toda e influenciou nas ações do ambiente escolar?

(participante)Olha eu acho que não estão deixando muito, é... estão tirando a autoridade do pai e da mãe e até dos professores mesmo de conseguir é ter mais domínio de uma sala e até os pais

eles tiraram um pouco dessa autoridade, o pai e a mãe. A criança, o aluno eles sabem todas as leis, as regras lá, e eles acabam é o pai, principalmente, o pai e a mãe tem que ter uma autoridade. Não sou a favor de palmada, mas eu acho que o pai e a mãe dentro de casa eles tem que ter uma condição, tem que ter firmeza para poderem educar, e eu acho que tirou do pai, eu acho que isso reflete... porque eu penso assim quando o pai e a mãe não são rígidos dentro de casa, não tem aquele controle sobre o filho lá na escola ele não vai ser um bom aluno, ele vai se sentir totalmente, o dono da situação e daí ele não vai respeitar, se ele não respeita o pai e a mãe dentro de casa na escola não vai respeitar o professor mesmo, acho que perdeu isso a família de hoje mesmo ela vê mais a escola como quem tem que educar, a educação tem que vir de dentro de casa, o pai e a mãe controlar a vida dos filhos, a vida escolar, cobrar dele dentro de casa, dentro da sala ele conseguir ter este respeito com o professor, eu acho que isso se perdeu sabe? não é mais como já foi e eu acho que esta cada vez pior.

(P) alguma transformação que você vê na estrutura organizacional e que refletiu na prática.

(participante)Eu vejo mais pelo lado da tecnologia também, e... o uso do celular mesmo as vezes é impossível conseguir dar aula porque eles não param, não tem como.... querem ficar o tempo inteiro ali, não prestam atenção e acho que isso daí mudou. Na minha época que eu fiz ensino médio mesmo, ensino fundamental não era tanto assim e você conseguia prender melhor a atenção do aluno e hoje em dia está bem difícil e na educação foram criadas novas leis que incentivam, que melhora é... a tecnologia veio para ajudar, só que a violência assim hoje em dia está muito grande nas cidades e esse negócio de uso de drogas ta cada vez pior; você vê alunos novinhos você sabe que são os usuários de drogas e acaba refletindo na educação.

(pesquisadora)E quais as consequências de vida que você presenciou para o exercício profissional.

(participante)Isso é uma coisa que estou aprendendo ainda né. Quando aconteceu a primeira vez eu até fiquei assustada né, você sabe que pode acontecer, mas quando acontece é estranho; serviu para tomar algumas atitudes, é assim ver o que eu posso melhorar, é... para evitar isso, buscar mais conhecimentos, buscar uma forma de como saber agir. Eu mesmo conversei com amigos; fico pensando; fico pesquisando a onde está acontecendo o erro; o que eu posso fazer pra (sic) mudar entendeu?

(pesquisadora)Pra você professora o que é uma escola ideal?

(participante)É aquela escola que eu disse para você, há uma harmonia no ambiente de trabalho, você trabalha bem, se sente bem com os seus colegas, você se sente bem com a turma, com aonde onde você vai trabalhar, quando você vê que os pais participam da vida dos filhos, não deixa só o filho ir para escola ou não cobra nada em casa; onde há participação tanto dos pais quanto da família dentro da escola mesmo você trabalha melhor porque você vê o rendimento do aluno, o que ele consegue aprender aqui e também os pais em casa auxiliam neste processo de aprendizagem; essa escola ideal se sente bem trabalhando dentro da sala de aula você vê retorno dos alunos, você se sente bem com os colegas de trabalho.

(pesquisadora)O que você considera importante para sua valorização como professora?

(participante)Salário (risos)...Eu acho que deveria não só aumentar o salário como aumentar a (sic), mudar a forma como é né? As horas de planejamento são muito importante para um professor, trabalhar aula, montar aula eu acho que no momento ainda é pouco, porque eu acho que precisaria mais de algumas horas, porque essas horas que o professor passa na sala de aula, aqui na escola montando planejamento eles também ficam em casa no final de semana passam corrigindo provas, corrigindo trabalho; as vezes você pega 10 (dez) turmas você tem provas, trabalhos de 10 turmas para corrigir e ainda montar a próxima aula e isso deveria melhorar um pouco mais estas horas.

(pesquisadora)Quantas horas são?

(participante) A cada 20 (vinte) horas é 4 horas, é muito pouco.

(pesquisadora)Tem mais algo que você acha importante para se sentir valorizada?

(participante)Acho que está faltando o professor tem mais domínio na sala. Mais autonomia, você vai falar com o aluno, ele já fala que você não manda nele, que as leis o protegem, sabe, fica difícil hoje em dia está perdendo, o professor está perdendo o domínio e o respeito, não existe mais respeito com o professor. O aluno de 8 e 9 anos que bate de frente com o professor ali como se fosse o coleguinha dele não tem mais aquele respeito com o professor.

(pesquisadora)Você pode citar alguma estratégia de prevenção e redução da violência.

(participante) Olha eu acho que a família deveria estar mais próxima mesmo dessa convivência escolar do aluno, participar mais, ter mais esse controle do aluno, acho que é primordial mesmo, a participação da família ali em cima, conversando, orientando, tem outros fatores também as vezes a família nem é bem estruturada para esse aluno, muito casos de violência que você vê dentro da escola de repente é alunos que não tem uma estrutura familiar boa, a família passa por dificuldades de não ter, quanto de convivência mesmo, seria a família mesmo participar mais na vida do aluno, aqui a gente assim...tem na escola os familiares a família participa bastante que eu já fiquei sabendo aqui tem um bom convívio, sabe nas outras escolas principalmente na periferia já não tem tanto convívio

(pesquisadora) Da própria escola ou do poder público, o que você acha que deveria ser feito pra melhorar?

(participante) Eu acho que a escola deveria incentivar essa participação né da família dentro da escola fazer reuniões de pais e poucos pais aparecem, acho quanto mais tiver... por aí nas reuniões, nas entregas de notas, para você ver o quanto a família está mais humana, dos conselhos de pais e mães, eu acho que tem que incentivar isso aí essa participação dos pais e do filho dentro da escola. Já do poder público eu não sei muito bem o que falar sobre isso, essa parte que as leis de hoje em dia estão bem complicadas, deveria mudar, não sei, alguma coisa na lei melhorar isso.

(pesquisadora) Comente sobre a relação de saúde e de violência na escola?

(participante) Eu penso assim se é uma escola onde a violência é constante, vai acabar interferindo na saúde, o professor vai acabar ficando estressado, pode até entrar depressão como já vi casos de colegas que acabou tendo depressão, mas o professor estar ali tem lidar diariamente tentar evitar não acontecer isso e afetar a saúde. Eu já vi casos de colegas minhas de professoras que de tanto estresse que ela já passou, passava dentro da sala que ela começou perder os cabelos, desenvolveu fungo no couro cabeludo e ela teve que perdeu praticamente quase todo o cabelo dela porque que ficar afastada, fazendo tratamento isso é ruim pela auto-estima pelo professor.

4. PROFESSORA MICHELE

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora)Sua idade?

(participante)quarenta e um

(pesquisadora) sua renda familiar? é de um a salário um, dois a três ou acima de quatro salários?

(participante)acima de quatro

(pesquisadora)Possui vínculo empregatício?

(participante)posso

(pesquisadora)Sua formação?

(participante)química

(pesquisadora)tempo de formação?

(participante)dez anos

(pesquisadora)estado civil?

(participante)divorciada

(pesquisadora)e tempo de magistério?

(participante)doze anos

(pesquisadora)trabalha em outras instituições?

(participante)trabalho

(pesquisadora)carga horária de trabalho?

(participante)quarenta, por semana, quarenta horas por semana

(pesquisadora)incluindo aqui e lá, ou,o...

(participante)aqui e lá

(pesquisadora)ah tá, tudo ao total são quarenta horas? certo

(pesquisadora)aqui são quantas?

(participante)vinte

(pesquisadora) e quanto tempo você trabalha nessa escola?

(participante) hum, dois anos

(pesquisadora) série que atua?

(participante) segundos e terceiros

(pesquisadora) o turno integral?

(participante) integral

(pesquisadora) e a disciplina?

(participante) química

II – HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) Me fala um pouquinho sobre a sua constituição familiar, como que é você mora com quem?

(participante) eu moro com a minha filha

(pesquisadora) e como que é sua vivência família assim fala um pouquinho sobre sua família

(participante) hum dela? bem nós somos bem unidas.

(pesquisadora) é só você e ela?

(participante) é, meu filho mora em Santa Catarina ele faz faculdade lá, ele tem vinte anos, e ela vai fazer dezoito, mês que vem ainda está fazendo cursinho pra pode fazer o enem vai fazer faculdade o ano que vem.

(pesquisadora) e sua família é daqui?

(participante) é

(pesquisadora) sua mãe? seus pais?

(participante)todo mundo daqui mora todo mundo perto(risos)

(pesquisadora)que bom!

(participante)e me fala um pouquinho sobre o seu cotidiano, seu dia a dia como que é?

(pesquisadora)só trabalho, vou pra casa aí eu vou Pibid que é lá no Joaquim Murtinho e só

(pesquisadora) de manhã? todos os dias?

(participante)todos os dias, todas as manhãs e todas as tardes e uma a noite eu trabalho

(pesquisadora)a noite é lá no Joaquim Murtinho?

(participante)é no Joaquim, terceiros anos.

(pesquisadora)e sua saúde como que tá?

(participante)está bem, não estou com problema de saúde não.

(pesquisadora)faz uso de algum medicamento de uso contínuo?

(participante)eu faço mas é muitos anos já muito (sic), é eu desde da infância tenho problema sério de depressão crônica, vire e mexe eu fico mal mal, só que eu já sei controlar tudo isto então eu tomo uma medicação e faço controle, a terapia eu faço terapia também aí as vezes fico um ano, dois sem fazer, depois quando a coisa começa à piorar eu volto à fazer de novo.

(pesquisadora)você lembra como que adquiriu essa depressão?

(participante)não, mais ficou evidente quando eu era adolescente até eu reprovei um ano o primeiro ano do ensino médio.

(pesquisadora)e começou o tratamento quando?

(participante)quando era adolescente os meus pais não perceberam e eu reprovei e fiquei anos assim levando a vida de uma forma, uma época eu estava bem outra época estava ruim, outra época eu estava muito boa eu estava muito mal, mas eles não percebiam nem eu, nem ninguém, ninguém ligava pra isso, mas hein (sic) depois é quando estava adulta já que eu estava com os filhos casada que comecei à perceber e aí a fui perceber dentro do casamento na verdade eu fui e começou a me chamar a atenção neh? porque eu casei com um rapaz que ele queria... ele achava que eu era esquisita, ele achava que eu tinha uns momentos estranhos dele pegava e ficava jogando isso na minha cara, me tratava mal por conta disso se afastou de mim e ficou, e

ai fui insistindo com o casamento durante anos e anos insistindo, insistindo pra manter o casamento insistindo mas era um casamento que não tinha mais nada ,casamento que não tinha nada era só vivência mesmo cada um no seu quarto por exemplo, ele ficou foi deixando, deixando única coisa que ele sabia fala que eu era esquisita ah você é muita esquisita que não sei o quê e tal, aí eu comecei a me incomodar com aquilo que eu procurei um médico, uma amiga minha falou pra mim que ela tinha procurado um médico não sei o quê e tal, aí procurei um médico daí o médico fez toda uma avaliação desde quando era criança ele chamou até minha irmã, minha irmã que é muito, nós somos muito assim unidas, chamou minha irmã daí minha irmã pegou e contou pra ele que quando eu era adolescente não sei quê, ela sempre percebeu mais não sabia o que era, e que meus pais nunca tinham percebido porque os meus pais não tem muita, assim não sabem muito das coisas, daí ela falou neh (sic), a minha irmã é assim, e me descreveu quando era adolescente, me descreveu depois de um tempo aí chamou ele também na época ele, nós estávamos nos separando já aí ele pegou e falou um monte de coisa, mas mesmo assim ele não quis continuar casado entendeu? ele foi bem assim mesmo, ele falou: eu não vou ficar casado com uma pessoa doente ele falou assim na época, eu não vou conseguir conviver com uma pessoa que eu tenho que está tomando cuidados no que eu falo, cuidados na forma de agir, ele falou: quero viver com uma pessoa que eu viva livre ele falou bem assim, e se a pessoa não está bem por exemplo eu não quero eu ter que ficar fazendo essa pessoa fica bem me esforçar, ele falou não... eu quero que uma pessoa que não tenha problema nenhum assim disse isso não quero levar isso pra minha vida. Daí acabou, aí eu mesma tomei a decisão de separar, que eu falei: eu não vou ficar escutando isso aí eu peguei e falei não, eu quero me separar daí eu procurei um advogado, procurei fiz tudo toda a documentação e me separei saí da casa eu mesma peguei minhas coisas

(pesquisadora)ele era o pai da sua filha ou não?

(participante)dos dois

(participante)aí eu peguei as coisas e saí, reformei uma casa que a gente tem, é nós temos ainda porque eu me separei mais ainda não fizemos divisão dos bens, eu não quis fazer divisão de bens só separação, eu reformei toda uma casa que a gente tinha, estava alugada e mudei pra lá peguei as minhas coisas e fui pra lá e não tinha quase nada na casa só tinha uma cama de casal que eu comprei e uma pia na cozinha aquelas pias com balcão assim, só tinha isso não tinha mais nada.

(pesquisadora)teve que recomeçar tudo?

(participante)é daí eu fui comprando aos poucos os móveis eu comprei, guarda-roupa, televisor, sofá, um fogão ganhei o fogão da minha mãe que ela comprou um fogão pra ela fui comprando mesa, cadeira tudo aos poucos assim mobilhando a casa hoje ela já está completinha já, cinco anos que estou morando nela nesta casa.

(pesquisadora)fazem cinco anos que você separou?

(participante)que eu saí da casa

(pesquisadora)e que divorciou?

(participante)três anos, acho que três anos saiu o documento meu oficial demorou um tempo, mais daí as coisas que nós temos ainda está no nome dos dois, um dia quem sabe a gente vende divide não sei o que a gente vai fazer mais tá no nome dos dois.

(pesquisadora)e você superou esse momento?

(participante)separação? viver longe dele acho que eu até superei, mas não superei esse negócio de você passa anos assim a pessoa te rejeitando dentro de casa, te tratando mal e te colocando os defeito, essa parte aí que é difícil superar nossa senhora essa daí que vira e mexe parece que sabe quando você tá dormindo e você tem pesadelo é como se fosse isso, aí você lembra, se fala assim ai meu Deus aconteceu isto aquele clima horrível dentro de casa, aquela sensação horrível você não tá bem e a pessoa te tratando mal gritando com você e o tempo todo te pondo defeito meu Deus do céu, ainda bem que me liberei daquilo (risos) néh (sic), agora vive eu e a minha filha lá as duas tranquilinhas (sic), a nossa casinha, as nossas coisas a gente se dá tão bem eu e ela e vivemos ali tranquilas numa tranquilidade, numa paz, numa paz nossa uma coisa boa assim.

III – ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora)É... vamos falar um pouquinho sobre a sua profissão o que te motivou a escolher a profissão de professora?

(participante)eu fazia química industrial, fiz dois anos e quando eu me casei com ele eu não pude mais fazer, continuar porque era o dia inteiro, e eu tinha que, como nós montamos uma panificadora eu tinha que cuidar da panificadora com ele, e ele nossa ele fez muita muitas objeções, se você for ficar o dia inteiro fora é melhor a gente si separar, eu era apaixonada assim por ele daí eu falei não imagina, daí eu resolvi estudar a noite, à noite era licenciatura sempre

gostei da dessa parte da química mesmo, daí fui fazer licenciatura a noite, isso é pra poder ter tempo durante o dia trabalhar lá na padaria que na padaria na verdade o meu trabalho lá era balconista, eu ficava direto no balcão, eu ficava lá abria cinco e meia, aí fechava meio e dia, duas horas abria de novo e eu saía da padaria cinco e meia da tarde pra pode e pra faculdade que era a noite a aula começava seis horas, eu saía cinco e meia, aí todo o dia eu fazia isso não faltava uma aula, mesmo assim era nossa um terrorismo que ele reclamava todo o dia, todo o dia, todo o dia era reclamação, é que se tá estudando que não sei o quê essas coisa assim e aí eu fui pra licenciatura só a noite é o que adaptou melhor, só que daí, quando eu cheguei na licenciatura, tem uma frase que fala assim o professor ele é construído, eu não concordo com negócio de vocação de que você é desde de criancinha se tem que sonhar, não concordo muito com isso não porque a gente vê que tem um monte de criança que não sonha em ser professora de adolescente, pergunta alí na sala de aula quem quer se professor não tem ninguém, é uma coisa construída mesmo, eu fui gostando, fui gostando, fui gostando, fui gostando aí eu comecei da aula, aí sim me achei.

(pesquisadora)foi durante a faculdade?

(participante)é eu dei aula durante a faculdade daí eu fui gostando mesmo, mesmo quando ele ficava bravo eu dava aula durante a faculdade nas noites que eu não tinha aula na licenciatura, então a carga horária era bem pequeninha, que um colega meu me arrumou neh (sic), eu ia lá dar aula só pra fazer substituições, substituir professor, e depois de formada eu resolvi trabalhar, daí eu falei pra ele eu vou trabalhar, só que eu fui trabalha a noite, só a noite pra continua trabalhando durante o dia lá com ele néh? (sis) mas a coisa foi piorando de um tanto daí eu comecei penar, quando eu vi que a coisa já estava muito evoluída pra uma separação (risos), o caminho seria aquele aí eu comecei à sair mais da padaria do balcão comecei à se dedicar mais a profissão, daí deu fui dar aula em escola particular aí depois eu fui da aula numa escola pública também eu fiz um concurso passei deu fiz um outro concurso passei, saí das escolas particulares mais eu, quando eu fiz esse último concurso eu acho que é, eu já estava não lembro foi dois mil e onze o concurso eu já estava morando sozinha já não estava morando com ele na outra casa, eu gosto de ser professora, eu gosto de estar na sala eu acho que a energia deles é tão grande, tem dia que eu chego tão desanimada e eles aquela aquele sorriso que adolescente tem aquela alegria, aquela energia deles neh (sic) é contagiante viu, passa energia passa mesmo.

(pesquisadora)e como que é essas relações na escola. Tanto com diretor, como com aluno, quanto com seu colegas de professores?

(participante) não tenho, nunca tive problema assim na escola... com direção nenhuma das escolas que eu trabalhei problema com direção aqueles problemas gravíssimos com aluno, sabe de ter é probleminha assim: aluno com indisciplina, aluno com nota baixa mas isso daí é do cotidiano mesmo da escola faz parte neh? (sic), mas problema com direção com a coordenação sempre me dei bem.

(pesquisadora)em todas as escolas?

(participante)sabe porquê? porque passa na minha cabeça, eu trabalhei numa escola que a coordenadora falava assim... teve um dia que eu estava muito chateada, muito chateada com uma aluna que disse assim, ela estava conversando sem parar na sala de aula mas não parava de conversar aí depois que eu expliquei tudo, ela virou pra mim e falou pediu pra eu explicar de novo, aí eu peguei e falei mas você estava conversando na hora da explicação, ela pegou e virou pra mim e falou: eu estou pagando o seu salário e quero que você me explique uma, duas, três vezes quantas vezes forem necessárias que quem está pagando esse seu salário sou eu, a mensalidade que eu pago nessa escola garanto que é bem maior do que o salário que você recebe(risos) falou bem assim, aí eu virei pra menina e falei pois é, mas o seu pai...se vocês estão pagando o meu salário pra te dar aula durante os cinquenta minutos e não tenho que dar aula extra porque você está conversando, falei porque daí minha filha você vai te que me pagar a mais pra pode (risos) te dar no outro horário, porque no horário que eu estou explicando você não está prestando atenção então você vai ter que mi pagar uma hora extra falei já que temos que pensar desta forma, daí ela dão, mais mesmo assim eu fiquei chateada fiquei muito nossa eu fiquei aborrecida com a guria ter falado isto e a coordenadora veio e falou pra mim: professora nunca se esqueça quando você passa pelo portão de uma escola você tem que encarar, tudo bem escola é muito sentimento, relacionamento afetivo não sei o quê aquelas coisas todas, ela pegou e falou: tirando essa parte aí mais encare a maior parte das coisas com profissionalismo falou bem assim: profissionalismo encare as coisas desse jeito dói menos, você se chateia menos, você fica mais feliz e tem mais disposição pra ir trabalhar do que encarar com muito sentimentalismo, mágoa ficou chateada, ela falou não esquece isto, esquece tudo entra na escola e encara desta forma, aquele meu aluno ele vai ficar comigo um ano, dois anos ou três anos no máximo, não é pra vida toda o tempo que ele estiver ele tem que me respeitar eu tenho que respeitá-lo mais não necessariamente ele tem que me amar ou eu amá-lo, ela falava desse jeito, eu achei isso um máximo (risos)

(pesquisadora)foi bom?

(participante)foi bom, porque se sabe, sabe que eu vejo que tem muita gente ainda que tem mania, minha mãe que fala essa palavra mania de perseguição minha mãe fala: que a pessoa sempre se coloca no lugar de vítima coitado, chega da escola ai o diretor pega no meu pé, ai não sei o quê pega no meu pé os alunos não sei quê e fica sempre dando uma de vítima eu tenho uma dificuldade porque eu sou muito pequena, muito pequena e muito magra e a gurizada as vezes não respeita fazem piadinha da minha altura, debocham às vezes coloca até apelido por exemplo, brincadeirinha besta se está indo assim em direção a sala de aula por exemplo: hei cadê a professora, cadê a professora a gente não enxerga a professora, a professora sumiu entendeu coisas desse tipo, o professora é... melhora a minha nota aí porque eu sou maior do que você eu posso te dar uma surra, mais não assim por, você vê que de brincadeira não é que vai me dá uma surra entendeu? O aluno chega e fica si comparando se medindo perto de você, umas coisas boba ah sim ai por exemplo: típico deles(risos)sem graça de adolescente (risos) néh? (risos)e todo o dia você fala e todo o dia eles fazem isso e daí? por exemplo todo o dia e as vezes não respeitam você, eu tenho que se falar mais bravo eu tenho que ao mesmo tempo eu não consigo porque eu sou muito... é assim próxima eu não sei fica brigando com as pessoas fazendo, arrumando confusão, mais eu acabo tendo que as vezes fala mais alto que é pior, sim um professor de química geralmente as escolas preferem homem, um homem professor de química chega e se impõem que é um tal de química, física e matemática se bam bam bam (sic) dentro da escola tem professor que se acha porque é dessas áreas e daí, uma dessas áreas é você chega e tem que uma escola sabe muito o conteúdo e tem que se as vezes, três vezes melhor que o outro professor de química que está lá, com os outros que já passaram ou os outros que o aluno já teve na vida dele pra pode mostra que você não é aquela pessoa pequenininha, muchinha ali que todo mundo vai rir, vai debocha entendeu?

(pesquisadora)se acha que a presença masculina é diferente da feminina?

(participante)nossa eu já escutei várias vezes nas escolas, impõem, impõem o professor ele acaba impondo a não ser que ele seja realmente um professor assim que perdeu totalmente o respeito com a gurizada, mais ele, a aparência a gurizada olha muito isto, o tamanho do professor, tom de voz entendeu? isso acontece, não adianta a gente mascarar fala que isso não acontece

(pesquisadora) é aluno e aluna ou só aluno?

(participante) todo mundo, todo mundo, escola: duas escolas aqui em Campo Grande por exemplo particulares e pública também, mas na pública eu entrei por concurso então não teve como, aqui eu entrei por concurso no Joaquim Murtinho por exemplo quando eu entrei lá em dois mil e seis pelo concurso, a diretora de lá falou pra mim: mais como será que você vai da conta porque aqui a escola é muito grande e as salas de aula são muito lotadas eu tenho medo de você dando aula será que você vai consegui, eu falei: mas eu já dou aula.

(pesquisadora)nossa só pela aparência?

(participante)pela aparência, e teve duas escolas também particulares, teve uma que estava precisando de professora eu fui indicada, eu fui indicada não foi assim pegaram meu currículo, ah vamos chama lá não foi indicada, e aí a pessoa que quando cheguei pra fazer a entrevista, a coordenadora que foi fazer a entrevista me olhou assim e falou: você que é a Michele? eu falei assim; sou eu mesmo; professora de química? eu falei é; ela falou ah, me olhou de em cima embaixo, ela disse, fez a entrevista perguntou umas coisinhas, ela pegou e falou assim; olha é nós temos sala de primeiro ano que os alunos são completamente indisciplinados mais aí vou continuar aqui com seus dados qualquer coisa amanhã eu te ligo, mais ela não ligou só falou essa frase alunos indisciplinados não ligo, não ligo, não ligo e eu liguei para o professor da escola que era tinha prestígio dentro da escola trabalhava lá muitos anos já e liguei pra ele pra sabe, aí ele pegou e ficou todo constrangido, ficou todo sem graça, ficou todo aí ele pegou e falou, eu falei fala a verdade eu falei assim fala a verdade que o outro professor nem licenciado em química era que era só nós dois, o outro eu sei que é bacharel em química nem licenciado é, nem experiência em sala de aula ele tem que ele está praticamente recém formado eu peguei e falei me conta porque que ela não quis mi contrata? e ele me enrolando até que ele me falou ;olha Michele ela disse :como são salas, são dez turno de primeiro ano uma carga enorme neh mais e as salas os alunos são muito disciplinados tem muito aluno por sala, ela achou que você é muito pequena você fala muito suave e os alunos não vão te respeita falo bem assim, e ela está com medo porque ela acha que é vários professores na escola tem problema de indisciplina nessa sala, nestas salas neh a maioria ela disse, ele disse e ela achou que você vai não vai assim... ela não teve confiança em você teve uma outra ah! não foram três foi essa escola, foi a que até fechou...que o diretor de lá falou pra mim se fosse pra dar aula pra educação infantil, aula de inglês ou aula de como que ele falou era inglês, artes não sei... aí ele me contratava mais aula de química não que a escola tinha preferência por homem pra da aula de química.

(pesquisadora)ele foi bem claro?

(participante)foi bem claro, e a outra foi ali na Goiás, ali foi o ano dois mil e treze que ele falou também, que ele disse; que ele tinha um professor que dava aula de química lá que já conseguia controla a turma ele falou; agora imagina se eu contrato você ele falou na minha cara assim ele pegou e falou; eu não quero arriscar porque essa gurizada tem que ser alguém assim, com pulso firme tem que ser alguém assim, eu fiquei olhando pra cara dele assim ele pegou e falou desse jeito; ele falou ó não sejamos hipócritas ele disse, aparência manda muito, ele falo bem assim bem declarado mesmo, ele falou pra mim eu não vou contrata uma pessoa por exemplo na sua aparência eles não vão respeitar a não ser que dê pra fazer um outro tipo de trabalho aqui na escola uma aulinha de reforço disse assim né?, aí que você pensa quando você tá trabalhando, você tem que se melhor que os outros pra pode mostra que você é boa naquilo que você faz, isso gasta muita energia não tanta assim minha também, não gasta mais que eu já acostumei.

(pesquisadora)isso foi antes dos concursos, quando você fez seleção?

(participante)depois que eu passei nos concursos eu larguei mão eu trabalhava em, quando sempre trabalhei em escola particular teve uma que me contratou que não tinha esse negócio, sei se você lembra da (Ceneq), a (Ceneq) não tinha esse negócio de professor tem que se assim, tem que se mulher, tem que se homem, tem que se forte, tem que se, não tinha nada disso que a Ceneq já era uma escola diferencial dentro de Campo Grande que ela trabalhava muito com varios ela era uma escola que trabalhava muito com a questão do profissionalismo então independente do profissional se alto, se baixo, se gordo, se magro, negro ,branco lá trabalhava gente de professor de tudo quanto é jeito o que eles prezavam alí era nós tínhamos uma avaliação uma prova didática e uma prova uma prova do específica que é do conteúdo, que vinha lá de Brasília pra gente faze da Ceneq nacional então tinha um boletim se minha nota nesse boletim ficasse muito baixa a Ceneq não me mandava embora ela dava um jeito de eu melhorar esse, eu tinha que faze eu trabalhei oito anos na Ceneq eu tinha que estuda mais pra aumenta essa nota e eles tinham as cobranças as exigências mais não era assim chega e impor pra você cobra, era tudo dialogado conversado tudo ali negociado e vendo o que você precisa melhorar o que você também adquirir esse senso crítico porque a escola te dava todo aquela, aquele trabalho, sempre com a visão profissional não esse negócio de sentimentalismo não de ficar sempre aquela visão bem e outra eu até estranhei quando eu entrei na (Ceneq) eu não acreditei porque tinha um monte de gente disputando a vaga lá que não sei, abriram ensino médio e abriu o ensino médio mais uma escola de ensino médio em Campo Grande teve um monte de gente que levou curriculum e eu fui chamada eu até assustei como assim né?, no dia

da entrevista eu já fiquei preocupada falei meu Deus a mulher vai ficar me olhando, minha aparência, meu Deus que eu faço minha aparência, fui com um sapato dessa altura uma calça larga pois duas calça pra não fica tão larga (risos) o sapato que tampasse o salto pra não parecer tanto

(participante) chegava toda constrangida tinha um monte de professor lá fazendo entrevista e a coordenadora foi chamando um por um e conversou comigo fez um monte de perguntas, perguntou que era Ceneq eu nem sabia que era Ceneq eu falei agora sim que lascou tudo pra mim não vai me chamar, o que é (Ceneq) pra, o que é Ceneq você conhece o que é (Ceneq) você conhece o que é uma escola comunitária aí eu fiquei assim mais ou menos respondi depois aí passou acho que dois dias ela eles me chamaram de novo pra dar uma aula, para alunos da escola e os alunos gostaram de mim aí ela pegou i aí passou mais uns acho que mais dois dias ela me chamou pra i na escola levar os documentos e quando eu cheguei com os documentos ela pegou e falou olha os alunos adoraram a sua aula eles gostaram muito, ah eu fiquei toda lisongeadada e falei hum que chique e fiquei lá no (Ceneq) oito anos até fechar porque fechou venderam o prédio lá, ilegalmente lá a escola fechou, saí de lá muito triste pois eu fui trabalhar numa outra particular também, mais aí eu fiquei seis meses na outra e passei no concurso eu desisti de tudo fiquei só nessas escolas públicas

(pesquisadora) como é seu cotidiano na escola como que é o seu dia a dia na escola sua rotina?

(participante) como assim? eu chego aí eu preparo deixo tudo arrumadinho tocou o sino e vou pra sala aí, aqui tem uma carga horária de química bem maior do que nas outras escolas então todas as aulas eu estou fazendo acompanhadas de todas, não a maioria acompanhadas de uma aula prática, mudei toda a metodologia aqui pra esta escola por exemplo que as aulas são todas é teórico e prático tudo tem que ter experimento, todos os conceitos estão jogando experimentos com eles.

(pesquisadora) tem laboratório?

(participante) tem mais é, tem pouca coisa mas eu tenho todo o material em casa, eu fui comprando essa ganância de quere se sempre (risos) melhor, sempre mostra assim quem que eu sou, ah por favor olha pra mim aqui ó na pontinha do pé (risos) num monte de professor de química assim e eu lá por favor olha pra mim, eu não sou assim como vocês estão pensando, essa ganância aí ó ao longos dos anos eu fui comprando materiais, aí eu tenho quartinho na minha sala que eu guardo tem reagente, tem vidraria, aí eu trago pra sala de aula pra trabalhar

com os alunos eu faço esse trabalho com os alunos, aqui e lá no Joaquim Murtinho também eu estou fazendo isto, só que lá eu tenho a carga horária é menor ah duas aulas por semana, aqui são quatro aqui tá pra trabalha bem mais nossa dá pra fazer um monte de experiência e eu faço assim que eu estou fazendo, aí eu saio daqui eu trabalho três tardes aqui eu fico o dia e não saio não fico direto, eu venho pra cá sete horas e fico até duas e quarenta que é o último tempo meu, quarta quinta e sexta que eu faço isto, na terça eu trabalho a tarde aqui também mais eu estudo de manhã no Joaquim, eu saio de lá almoço em casa e venho correndo pra cá, depois eu saio daqui daí eu vou lá pra universidade lá pro (PIBID) que tem várias reuniões né?(sic), eu vou lá pro (PIBID) ou então eu fico aqui digitando prova nos computadores daqui, fico fazendo planejamento essas coisa imaginando e preparando essas aulinhas práticas aí que é a coisa mais gostosa que eu gosto de fazer (risos) eu gosto de fazer novidades assim com a gurizada.

(pesquisadora) e eles quando veem na prática ali é outra coisa né?

(participante) muda tudo viu, parece que é pelo menos a maioria que tem a maioria vou dizer assim, não vou dizer que sem por cento dos alunos, mais você consegue por exemplo fazer ele pensa que ali dentro tem uma massa, ali dentro tem um volume, que ali dentro tem uma coisa faz o cálculo, vê aquilo que está aquilo que está na questão, às vezes eu passo um exercício e faço um experimento ou peço pra eles fazer na maioria das vezes eu peço pra eles fazerem, peço pra eles discutirem a aula fica nossa que delícia se até esquece do tempo se esquece essas questões todas aí salariais, esquece tudo fica assim num hum acho que dá aula só ali focado no conteúdo ali realmente é chato, eu descobri isso faz tempo já, é chato pra ele e é chato pro professor também é só focado ali.

(pesquisadora) a aula expositiva né?(sic)

(participante) é, aí tem uma aulinha prática, tem uma coisinha diferente tem um videozinho, tem um não sei o quê, são coisas tão simples que não saem caras, pra mim saiu porque eu fui comprando, se eu fosse comprar tudo de uma vez

ai sai caro mais eu fiquei, eu tenho um colega que pensa igual eu se acredita da química, e a gente troca esses reagentes quando eu tenho eu empresto pra ele, quando ele tem na verdade três colegas que é os dois trabalha lá no Dom Bosco í um é são três, os dois trabalham no Dom Bosco e um desses dois trabalha aqui no Joaquim Murtinho comigo, ele trabalha no Dom Bosco e no Joaquim, o outro trabalha só no Dom Bosco e nós ficamos trocando materiais que a gente compra, eu tenho as notinhas porque se não a escola pensa que você tá levando da escola (risos) uma vez na escola a, a coordenadora viu eu com uma caixa, cheia de vidraria aí falou;

essas vidraria são da escola? foi bem direta mesmo aí eu falei não são minhas, eu falei ih... a mulher deve tá pensando que eu estou levando da escola, nossa eu fiquei de cabeça quente, aí eu fui lá e peguei a nota, no outro dia quando eu voltei lá eu levei a nota pra ela, ela não meu Deus, que isso não precisa, você se ofendeu com isso? eu falei não me ofendi não, eu falei porque, vai quê, vai quê, como diz, vai quê mulher estava levantando suspeita...

(pesquisadora) e o que significa pra você satisfação profissional?

(participante) não é só salário não é um monte de gente fazendo greve ontem vai me mata, eu sou a favor da greve mais só que tem que luta pelas questões salariais, tem que luta o salário é muito baixo e tudo, mais a satisfação profissional não é só a questão do salário você pode estar ganhando muito bem, se você não estiver satisfeito com aquilo que se faz se não vai, que dinheiro não vai poder até que mascare ai eu aguento por causa do salário eu já vi gente fala isso, ai eu aguento por causa do salário, o salário ajuda muito mais o que adianta às vezes por exemplo é a minha satisfação, a minha satisfação é eu terminar o dia de trabalho e me sentir feliz só isto que importa tá bom aí a questão salarial é outra coisa à parte, eu não gosto de me envolver nessa parte não.

(pesquisadora) e o que te faz feliz?

(participante) você chega na sala de aula você ser, você conseguir te uma comunicação com o aluno, você conseguir ter uma vivência boa com ele entendeu? não significa que ele vai tirar só dez de química difícil isso, mas você conseguir ter uma comunicação com aquelas pessoas por exemplo, eu entro na sala de aula eu vou, eles estão lá alegres daqueles jeito deles agitadinhos lá aí eu peço, eu consigo chegar no aluno mais bagunceiro e pedir pra ele ficar quieto, aí ele pega e fica quieto porque ele gosta da minha aula de uma certa forma porque eles tem respeito por mim, no caso deles, eles tem muito carinho pelo professor e daí você escuta por exemplo, aluno dizer eu gosto da professora Michele porque ela explica bem, nossa fiquei toda envaidecida, eu gosto da professora Michele, ai eu não gosto de química mais eu gosto da professora Michele, professora Michele ela é carinhosa com a gente coisas assim, a professora Michele ela é muito meiga com a gente, eu escutei isso agora semana passada lá no Joaquim Murtinho uma aluna me descreveu como sendo é a professora uma professora, doce e meiga que ela não tem coragem nem de conversa nas minhas aulas porque ela tem medo de me deixa é assim brava com ela, ela tem medo, ela não que me vê brava com ela, ela fica me imaginando nossa se a Michele fica brava comigo, comigo vai ser muito triste, (risos) então ela falou isso pra coordenadora e a coordenadora veio fala pra mim, daí eu fiquei toda, falei ó que legal, que dize são coisas assim tão bobas tão pequenas, e você vê depois de um tempo aquele seu aluno

fazendo faculdade ou então mesmo se ele não está fazendo faculdade ele saiu, ele está evoluindo de uma certa forma, está pensando em outras coisas está, não sei é essas coisas que eu considero é satisfação vai além de dinheiro tem um negócio de sucesso no meio, o que é sucesso, o que é como que é um colega meu que disse pra mim ele falou achei até engraçado até chamei ele de filósofo, ele falou que tem o sucesso tem como que foi que ele disse realização, realização e sucesso, aí ele falou que a realização é pra você, se se senti realizado com aquilo que se tá fazendo e o sucesso é quando você consegue ter um bom salário em cima daquilo que se está fazendo e consegue compra um carro maravilhoso, uma casa maravilhosa, faze viagens maravilhosas aí você diz que está com sucesso, porque essas coisas que você está adquirindo você está mostrando para os outros, foi isso que ele, acho que foi isso que ele falou, mais foi isso sim que ele fez esse comentário né? (sic) ele até brincou que ele pegou e falou; que ele busca o sucesso e não a realização (risos) mais quem tá com o sucesso as vezes tá também realizado, pode ser que sim ou não, foi isso que ele quis dizer, que as vezes você tá com sucesso mais você não está realizado, que as duas coisas que seriam boas né? (sic) realização e sucesso, ah lembrei que ele colocou pra mim foi no começo do ano, feliz dois mil e quinze muitas realizações e sucesso entendeu, aí passou meses depois a gente, a gente gosta de ficar discutindo coisas assim filosofando com as coisas eu peguei e falei; porque você mandou pra mim realizações e sucesso eu falei não é a mesma coisa, aí ele pegou e falou não, não é Michele, não é eu desejei as duas coisas pra você e se tá reclamando (risos) aí ele me explicou, ele falou você tá se sentindo realizada com seu trabalho eu falei; estou ,mas está com sucesso está conseguindo comprar tudo que se que; eu falei hum(risos) ele pegou, então se não tá com sucesso, se não tá se sentindo assim com sucesso profissional se tá é avisada e olha lá mais ou menos ainda, e tá faltando salário, daí eu falei ah entendi, mais é isso, acho que é isso mesmo né? (sic)

IV – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora) o que é violência pra você?

(participante) foi morar uma mulher lá em casa, uma porque eu fiquei com pena dela porque ela, uma amiga minha, vivia falando que o, não que o marido batia nela, dela não tinha onde mora que não sei o quê, e eu era muito amiga dela, eu levei essa mulher pra dentro da minha casa pra mora lá comigo em agora em dois e treze, quatorze ela ficou um tempo morando comigo aí brigou com o marido de novo aí foi lá no apartamento do marido quebrou toda a casa deu um rolo (sic) danado, o cara, daí eu fiquei corri atrás de advogado não sei amparei a mulher no máximo que eu podia amparar ela foi embora para o Estado dela depois ela voltou e voltou

a mora comigo de novo, só que ela voltou totalmente diferente quando ela saiu daqui, ela saiu uma mulher assim deprimida, triste, chateada com a vida não sei o quê, voltou pra casa dos pais aí ela voltou pra Campo Grande pra recomeça a vida dela sozinha separada e tudo mais e aí pra recomeça ela foi mora na minha casa, porque não tinha onde mora de novo até ela se instabiliza profissionalmente e tal foi mora na minha casa, só que quando ela voltou ela voltou outra pessoa, que gritava o tempo todo, esse problema e ela sabia porque eu contei pra ela que eu sou esquisita (risos), a frase esquisita, a palavra esquisita aqui usada, ela chegava, ela gritava, ela chegou no momento em que eu estava extremamente assim desequilibrada vamos dizer bem deprimida mesmo, ela gritava comigo, ela começou me por defeitos eu estava com problema no passado com esse negócio da idade dos quarenta me achando velha, me achando é acabada, feia, sem namorado, sem marido, sem ninguém tudo isto estava mexendo muito com a minha cabeça, eu estava muito deprimida quando ela voltou, ela não considerava nada disso, ela gritava comigo o dia inteiro ela me punha defeitos, ela falava pra mim que eu era um tipo de melhor mesmo assim que, aí eu vou falar uma coisa pra você porque eu sou sua amiga, eu tenho uma raiva quando a pessoa fala isso, amigo serve pra falar isto, aí a pessoa fala isto pra você e vira pra você e fala; você acha que um dia você vai casa de novo consegui alguém? fisicamente você não é uma pessoa atraente homem, os homens gostam de mulheres que sejam, assim tenha corpo tenha, você não tem corpo se tem um corpo que olhando pra você assim olhando seu corpo assim pensa que você é uma menina de onze anos doze anos você não tem corpo, homem nenhum se sente atraído por uma mulher assim, entendeu? ela isso pra mim dentro da minha casa, eu não olha pra mim eu to toda logo eu vou casa de novo porque eu vou arruma um namorado vivia falando, e isso tudo que estou te contando é a minha filha presenciando essas coisas na frente da minha filha, um dia aconteceu um episódio lá que ela deixou o portão aberto, e eu disse que não era pra deixa, foi a primeira vez na vida que eu cheguei nela e falei eu não quero que você deixa esse portão aberto mais eu não sei fecha essa porcaria de portão da sua casa, mais eu falei eu não quero que deixa aberto é perigoso pra nós, nossa segurança eu prezo muito a questão da segurança porque mora aqui eu e minha filha e agora você, aí ela pegou e falou ah você tá querendo dizer que eu não moro aqui, que eu to atrapalhando a vida de vocês, não foi nada disto que eu quis dizer, quis dizer pra não deixar o portão aberto começou fazer, começou criar caso, criar caso, a mulher começou gritar comigo cada vez mais alto e ela começou a gritar e eu comecei a sentir falta de ar com aqueles gritos dela e começou gritar com a minha filha, minha filha mandou ela calar a boca, para de gritar comigo, ela começou gritar mais alto ainda eu gritei quantas vezes eu quis e começou falar um monte de coisa, você é uma pessoa esquisita, você é uma doente uma doente mental, não sei o que eu estou fazendo nessa casa

ainda coisas desse tipo entendeu? e começou grita, grita eu fui ficando cada vez olha aquilo pra mim foi ficando tudo escuro aí eu peguei no braço dela e levei ela lá no meu quarto pra gente conversa, coloquei ela sentada na cama e comecei à conversar com ela, e ela não parava de grita, aí ela começou fala que ía embora, que ía embora e na época era a única amiga, única pessoa que eu gostava amiga mesmo de você gosta da pessoa sabe eu me joguei em cima dela e falei pra ela não i embora abracei ela, falei pra ela não i embora o que ela fez, pegou as coisas dela e foi embora, no outro dia ela foi ela trabalhava lá no Joaquim Murtinho na mesma escola que eu, foi na escola com a mancha roxa no braço e falou pra todo mundo que eu tinha agredido ela dentro da minha casa, disse que eu tinha me jogado em cima dela e tinha batido, aí vieram falar pra mim que ela estava com o rosto machucado, tudo arranhado nos braços assim tudo arranhado sabe, e ela estava bem abatida disse, que eu tinha batido nela, ela fez isto e disse que eu sou uma pessoa extremamente violenta

(pesquisadora) ela é professora lá? ela é o que?

(participante) é professora, e eu fiquei tão mal em relação a todos na escola, que eu fiquei alguns dias que eu não conseguia nem dá aula, eu não conseguia entra eu conseguia da aula com alunos lá, mais eu não conseguia entra na escola eu ficava, eu chegava na escola esperava todo mundo subir depois eu saía do meu carro, eu chegava e deitada no banco e ficava deitada no banco pra ninguém me vê, depois que todo mundo subia aí eu subia eu era, era a última a desce e eu não descia eu ficava na sala de aula, pra ninguém me vê quando eu percebia que não tinha quase ninguém na escola eu descia pegava o meu carro e ia embora, eu fiquei meses isto, fazendo isto porque eu não sabia que ela tinha feito essa fofoca toda, e foram pessoas de dentro da escola que vieram conta pra mim, como assim se bateu? você não é de bate em ninguém a gente te conhece há dez anos sabe que você não é disso, que aconteceu realmente? poucas pessoas fizeram isso a maioria fico, aí junto a fofoca uma fofoca tão insuportável que eu quase tive um troço em relação á isto, aí foi a terapia neh? (sic) eu estava fazendo terapia isso é uma questão funcional neh que envolve o local de trabalho e ela fez isso com toda maldade mesmo, fez isso e pronto e até hoje as pessoas ainda ficam falando que comentando que ela ficou toda machucada, eu, eu não bati em ninguém então ela diz que a violência é isto assim no caso neh , pra mim você por exemplo abraça uma pessoa agarra uma pessoa, quase implora pra pessoa não i embora porque você gosta da pessoa pra mim isso não é violência, agora na sala de aula o professor grita com aluno de forma que ofende esse aluno isto é violência pra mim ele está sendo violento, que ele não pode nenhum momento perde a cabeça tem sempre que numa situação dessa fala baixo tudo mais com aquele aluno e no caso, quando por exemplo essa

pessoa grito comigo daquele jeito na frente da minha filha, me chamando de doente ela cometeu uma violência, ela cometeu uma violência mais ela não enxerga e nem as outras pessoas enxergam por esse lado, porque a mulher chegou toda machucada lá dizendo que fui eu e as pessoas acreditam no que elas estão vendo

(pesquisadora) o que ela fez pra ficar desse jeito ela se machucou?

(participante) passou na minha cabeça, que um dia ela ligou chorando pra mim de madrugada eu fui na casa dela ela estava toda machucada e ela falou que ela mesma se machucou porque ela ficou nervosa, porque o marido saiu com a amante lá que ele tinha, não é uma pessoa que tem mania de ficar se machucando, pra ficar jogando culpa, e passou realmente na minha cabeça será que esse marido realmente batia nela, eu conheci ele né? (sic) que eles eram meus amigos não sei, que não posso dizer que sim que não

(pesquisadora) e como você teve que lidar com essa situação depois disso ela continua na escola e você também?

(participante) continua lá, eu continuo lá, ela continua lá eu fiquei correndo atrás dela ainda pra gente conversa, fiquei igual uma besta correndo atrás (risos) mandando ela me, me excluiu de tudo quanto é rede social, tudo e continuando a fofoca com as outras pessoas, eu ia passando elas davam risada

(pesquisadora) e tudo isto ela fez porque?

(participante) sinceramente, a minha filha diz que foi por causa dela, porque minha filha falou cala a boca e para de gritar com a minha mãe, e ela ainda disse vocês vão se arrepender do que vocês estão fazendo comigo, por exemplo foi lá e fez isto ainda eu fiquei correndo atrás, eu não bati em ninguém, fiquei dizendo não, e ela aproveitou como na escola eu já peguei atestado por causa desta depressão aí, uma vez eu fiquei cento e quinze dias com problema sério em relação a isto, que aconteceu, depressão não é loucura, não é ataque você não agride uma pessoa desse jeito aí lá na escola as pessoas acabam achando muitos lá que eu sou pessoa que realmente eu agredi ela porque? porque a Michele faz certos tratamentos, porque eles sabem que a fofoca é muito grande nas escolas a Michele é uma pessoa violenta que agrediu uma colega de trabalho que estava morando com ela, a coitadinha da colega, chegou aqui machucada dizendo que foi a Michele, pode nossa eu fiquei arrasada, eu terminei o ano passado, quando ela eu estava deprimida eu estava com trinta e sete quilos, eu terminei o ano passado com trinta e seis esse ano eu estou com quarenta quilos e duzentos agora pesei semana passada, quer dizer engordei

graças a Deus, mais eu não consegui, eu terminei o ano assim, não consegui, vinha aquela cena eu falava eu dava uma coisa assim; eu não bati nessa mulher gente, eu não bati eu grudei nessa mulher eu abracei ela eu pedi pra ela não embora, eu não arranhei ninguém, sabe não peguei ninguém pelo pescoço, não bati na cara de ninguém como que ela me faz um negócio desse, ficou aquela aquele amargo assim e mesmo assim eu tentando conversar com ela tudo.

(pesquisadora) você chegou a pensar a fazer alguma denúncia alguma coisa?

(participante) eu fiz o boletim de ocorrência, porque o diretor da escola pediu pra eu fazer o diretor, o diretor que a minha filha conversou com ele e falou, a minha mãe não está indo conseguir dar aula, porque minha mãe tá muito muito deprimida, mais ela não que pega atestado e ela está ficando dentro do carro minha filha falou, eu nem sabia que ela tinha falado eu queria que vocês tomassem alguma providência nessa escola, porque ela não está conseguindo sair de dentro do carro, tá ficando direto no carro e a minha mãe tá sempre com a cabeça baixa, sempre deprimida e já foi atrás dessa mulher essa mulher nem liga aí ele pegou e veio falar comigo o diretor, daí eu contei tudo a história pra ele, que tinha acontecido, ah do pior ela falou que eu era, aí que aconteceu ela pegou e falou, não quando ele chamou ela a Michele não me agrediu assim é que a Michele estava apaixonada por mim (risos) ficou com ciúmes que eu estava reencontrando com meu ex-marido e ela teve um ataque de ciúme falo assim eu entendo o que ela fez, ela não me bateu por mal, ela teve um ataque de ciúmes, porque ela tá apaixonada por mim (risos) aí esparramou essa história pra escola inteira (risos) pra piora aí e o diretor achou aquilo um saco me chamou um dia a tarde, pra sair daqui e foi falar e falou, Michele é o seguinte tá acontecendo isso, isso, isso na escola não sei se você tá sabendo dessa fofoca nova que já surgiu, e eu vou te dizer o seguinte vai na delegacia e faz o boletim de ocorrência, porque em local de trabalho isso não pode acontecer, falou assim pra mim, vai lá e faz porque e se puder monta esse processo, monta o processo vai no juiz e fale: eu não bati nesta mulher, e fale mesmo com todas as letras ele falou assim, porque demonstração de afeto é uma coisa, violência é outra, e a violência dela foi esta o que ela disse que isto foi violência, um aluno por exemplo ela ia ela comentou isso com alguns alunos também na escola pra piora uma escola daquele tamanho que, só de manhã tem mil e cem alunos ela andou comentando com alguns alunos também dela que ela começou com blusinha cavada na escola, e todo mundo chegava lá que foi no seu braço, aí ela pegava e falava mais essa foi um horror eu quase, quase parei de trabalhar o ano passado por conta disto, e aí, ainda é... ontem segunda-feira uma colega dela disse eu não acredito que você não bateu nela, porque você deve ter perdido o controle e batido nela, eu falei minha filha

estava junto, pode, minha filha, filho é suspeito eu falei minha filha viu tudo ela até xingou minha filha

(pesquisadora) e ela não fez nenhum corpo de delito depois?

(participante) eu falei porque que essa mulher não foi na delegacia, e como que eu vou bater numa pessoa, olha o meu tamanho, a mulher é bem maior que eu sabia, como que eu vou bater numa pessoa, e a pessoa não vai revidar não vai dá um tapa? eu falei eu não vou receber um arranhão, como assim eu sou tão forte assim eu bati tanto assim que, ela falou a Michele como que ela ia bate na própria cara ela estava diz que você bateu muito no rosto dela, se deitou em cima dela e batia na cara e sua filha dando risada, gente eu fiquei apavorada se não tem como provar se a pessoa sei lá que, que ela andou aprontando se, foi se arranhando toda aí.

(pesquisadora) faz tempo isso?

(participante) faz setembro do ano passado

(pesquisadora) e não teve nenhuma reunião entre você com ela e a gestão pra tenta resolve essa situação?

(participante) tentaram, não eu pedi, o diretor queria mais aí quando ele resolveu fazer isto a fofoca já estava tão grande na escola e eu estava tão deprimida que eu falei pra ele, eu não quero nem olha pra cara dessa pessoa falei pra ele até o nome me faz mal, eu falei pra ele assim oh eu não estou bem, eu não quero, não quero me envolve com essa história, não quero, não quero, não quero, o que eu vou fazer é o seguinte, fazer esse boletim que, falou pra eu fazer eu fui lá e fiz, fazer esse boletim depois eu vou resolve se eu vou monta processo, que essa história é aquela aquele tipo de história daí ele pegou falou, ele ficou me olhando assim daí ele pegou e falou pra mim, faz o que você tiver que ser feito, boletim é o que se tem que fazer, falou bem assim e traz aqui pra mim uma cópia que eu vou mostra pra ela, e quando ele mostrou ela falou, não ela está equivocada eu não falei pra ninguém que ela bateu em mim, falou desse jeito.

(pesquisadora) você se sentiu violentada com essa situação toda?

(participante) é porque pelo amor de Deus, como que você óh é muito ruim e daí você, pra chega aqui e lá, aqui e lá você sempre teve um bom relacionamento na escola com todo mundo com aluno, com professores, com coordenação, com direção, e de repente se conhece uma pessoa que faz um negócio desse pode, vive me chamando de tonta lesada, essas coisa assim eu sou meio lerdinha (sic) pra umas coisa eu sei (risos)isso, isso cabe a mim profissionalmente não

mais na vida assim pessoal, assim eu sou bem devagar pra algumas coisa, e esse negócio da depressão de ficar totalmente as vezes jogada assim numa cama, e você levanta pra ir trabalhar entendeu? levanta se arruma e vai trabalhar, lá na escola é outro movimento, quando chega em casa cai tudo de novo lá na sua cabeça e você não tem ânimo pra mais nada, aí você que aquele momento porque você tem que te aquele momento pra você consegui no outro dia, porque eu não quero pega atestado eu não quero, não queria neh agora eu to bem, não queria me afasta eu não queria pega atestado, eu não queria mais rolo ainda pro meu lado que eu fiz e a pessoa bate na porta do seu quarto e dize tá aí de novo deitada, se tá fazendo aí, aí credo se seu soubesse que eu fosse vim mora nessa casa, pra encontra você desse jeito, se é muito baixo astral se é muito e ficava o tempo todo mesma coisa que meu marido fazia, mesma coisa, mesma coisa, e falando, e falando, e falando e depois apronta uma coisa dessa com você.

(pesquisadora) em nenhum momento você pensou em fala pra ela saí da sua casa?

(participante) não eu gostava dela, que eu pensava assim, bom como eu tive um passado horrível com uma pessoa, que não tinha menor compreensão, não tinha o menor jeito pra lidar com isto eu pensei eu não posso agora na minha vida, fica cortando as pessoas deixa ela na opinião dela, deixa ela aí, e quando ela chegava às vezes eu evitava eu ficava tentando ri, ficava ali entendeu pra agrada, as roupas dela eu que lavava, eu passava, até o carro dela um dia eu lavei o meu e lavei o dela também, ela chegava sempre tinha comida feita tudo, ela chegava xingava a comida coloca defeito na comida, a minha filha também tratava ela super bem, assim a gente, que eu falei até falei um dia pra minha irmã, minha irmã chegou lá é ela ficou falando criticando na frente da minha mãe, minha irmã, e minha irmã disse manda essa mulher embora daqui, essa mulher só fica pondo defeito em você, e minha irmã disse pra mim, isto é uma violência, isto é violência ela disse, você i na casa de uma pessoa que você vê que não tá bem, e você fica ali ó esquisinhando (sic) a pessoa, e a pessoa igual uma tonta e ainda tratando você bem porque não quer que você vá embora, e você fala que vai embora, a pessoa gruda em você, chora grudada em você pedindo pra não í, desespero quando ela falou que ia embora, única amiga, eu não sou muito de fazer amizade de leva pra casa essas coisa, saí com as pessoas, eu fico da casa trabalho, trabalho pra casa, ela era minha única amiga assim de i no shopping passear, não sei o que, falou que ia embora, aquilo pra mim foi um susto, daí eu nossa, gruda sabe você gruda mesmo na pessoa e pedi que pessoa, eu não violentei ninguém depois ela veio fala aquilo não ela falou pro diretor, ele me contou, não eu não falou em nenhum momento que ela tinha me agredido, não falei isso na escola que ela era violenta que ela tinha minha agredido, tinha me batido falei esses tempos, eu disse o seguinte aqui na escola, que ela tava apaixonada por mim eu entendo

(rs) o diretor ficou doido ela falo falei isto, daí ela disse assim e outra coisa, eu não sei se na hora eu bati o braço em algum lugar, se eu me machuquei eu não sei eu não posso, nem, nem eu afirmei que foi ela, e todo mundo entendeu a história é esse clima aí mais eu vou trabalha lá e fico de cabeça erguida aí todo os dia se sai de casa tenta agora eu estou indo, estou saindo do carro já, tá com um mês que eu to saindo do carro pra í pra, pra sala dos professores.

(pesquisadora) e você tem que encontrar com essa pessoa lá?

(participante) encontro toda vez que eu vou lá encontro, chego lá e encontro, aí eu nem cumprimento

(pesquisadora) você não tentou pedi transferência de escola?

(participante) ele não deixou o diretor (rs), ele, ele falou pra mim Michele eu te conheço à anos ele falou eu não vou deixa você, quando eu falei com ele que ía pedi, ele falou eu não vou deixa você sair, não vou

(pesquisadora) e nem dela ela também?

(participante) não pediu, aí ele pegou e falou eu não vou deixa você saí, porque você é muito querida, querida por quem tá todo mundo fofocando de mim ele falou por mim tem pessoas aqui que te respeitam muito e gostam muito de você, falou umas coisas bonitas lá pra mim, ele falou não, não tira esse negócio da cabeça você não vai saí daqui não (rs) aí ele falou, depois você vai ter que conseguir vinte horas tudo picadinho né?, quando eu passei, eu passei em primeiro lugar em Campo Grande assumi em primeiro lugar a vaga de química e desse, desse último concurso que eu vim pra cá eu passei em décimo quinto eram quarenta e três vagas, eu sempre tive boas classificações ele falou você veio pra cá é a gente gosta muito do seu trabalho, a gente que você aqui você não vai saí daqui, você vai saí daqui pra que, trabalha picadinho que não está mais encontrando vinte horas de química numa escola só né?(sic) tá encontrando assim dez numa

(pesquisadora) aí você ia ter que ficar em várias?

(participante) é daí ele me convenceu por causa disto.

(pesquisadora) eu ia te pergunta se você sofreu algum tipo de violência?

(participante) foi é pra mim foi essa daí, na escola foi uma aluna mas na escola particular, deu um rolo essa história também, ela estava colando, e eu peguei e cheguei e falei que ela estava colando, cheguei nela discretamente e falei assim; guarda essa cola que se não eu vou toma sua prova, aí ela olhou pra mim assim e ficou me olhando daí eu saí quando eu voltei ela estava de novo só que com o celular, aí eu peguei a prova, quando eu peguei a prova ela ficou quieta me olhando aí todo mundo saiu da sala, ela não saiu, aí eu estava arrumando as coisas pra ir embora ela puxou pelo braço levou num cantinho e falou assim; devolve a minha prova agora se não eu vou dar um murro na sua cara, aí eu falei eu não vou devolver a prova de ninguém uma guria bem grandona, assim eu fiquei sumida no cantinho assim, aí ela pegou e deu um murro aqui no meu rosto, ela falou isso é só o começo, aí entrou a amiga dela e a olhando a amiga olhando a porta e ela, que aconteceu uma aluna dessas queridinhas assim viu e entrou na sala e falou que tá acontecendo seis tão fazendo aí elas ela se afastou, ela falou não se mete não, não se mete nisso, ficou nervosa tudo , aí na hora eu saí da sala fui na coordenação e falei que tinha acontecido isto e que eu ia registrar um boletim de ocorrência a coordenadora pegou, escola particular ficou assim apavorada mal cheguei em casa pra almoça o telefone tocou, os pais da menina aí me chamaram na escola de novo daí eu voltei lá, cheguei lá aí levaram um psiquiatra ,uma psicóloga um pai e a mãe da menina, a avó, a diretora da escola e a coordenadora (risos)tudo numa salinha me esperando, aí falaram pra mim que a guria tinha problema que era um laudo lá pra guria que a guria tinha problema não sei quê, que a guria era agressiva com todo mundo com os pais com todo mundo, que era um desvio não sei do quê que ela tinha e tal, falaram, falaram, tudinho fiquei só olhando, aí pediram pra guria pedi desculpa pra mim, aí a guria falou foi mal, falo assim é professora foi mal, aí o pai falou, você pode desculpa né?, eu falei eu não, eu não vou desculpa ninguém não aí (risos)a coordenadora falou ela tá pedindo desculpa eu falei, ela disse foi mal, foi mal foi mesmo, isso não é pedi desculpa daí a guria, daí o pai da guria falou mais é o jeito do jovem tem de pedi desculpa da guria pego ele falou assim pede desculpa então, fazendo umas caras assim né? pede desculpa então, ela tem que se desculpa não sei o que, fazendo cara, daí a guria falou me desculpa eu peguei falei não desculpo, acabou a reunião falei e saí da sala (risos) eu falei não desculpo mais acho aquilo lá eu achei terrível a guria faze aquilo lá por causa de uma prova.

(pesquisadora)então querendo ou não a gestão ficou meio que do lado da menina?

(participante) da menina, apareceram com um negócio lá, nunca vi aquela guria violenta na escola, ela era assim nervosinha mas dizem que a pessoa é doente que tem nossa, nervoso todo

mundo fica nervoso, todo mundo fica é normal na hora da prova ali tensa ali eu que peguei a prova dela, lógico que ela ia ficar nervosa ela agiu errado né?

(pesquisadora) e o que você sentiu Michele ao vivenciar essa situação?

(participante) da menina da aluna? ah na época eu pensei assim, poxa agora a gurizada tá muito cheio de razão dentro da escola mas você tem que tomar o máximo de cuidado com quem fala meu Deus do céu, o máximo tem coisa que você não deve falar tocar em aluno menos ainda e agora que eu aprendi com esse negócio de tocar nas pessoas aí, principalmente com a pessoa tá revoltada, não toque, não toque se a pessoa tá com raiva de você e você toca nela ela pode dizer isto que você agrediu ela, ou não tem gente, eu sei eu estiver muito nervosa e uma pessoa me abraçar, eu me acalmo dependendo do abraço entendeu, se abraçar por ironia, já não me acalma, aí calminha, calminha igual eu vi fazendo com uma mulher, mulher ficou tão brava que meteu a mão na cara do cara (risos) fico falando calminha e olhando pro outro rindo assim, aí ela ficou brava e bateu na cara dele assim por exemplo em outra situação

(pesquisadora) então você se sentiu meio que com medo de reagir de qualquer forma né? não mais fala?

(participante) é, eu fiquei com medo dessa guria, mais depois, depois disso ela, ela ficou do mesmo jeito que ela era antes nunca vi ela bater em ninguém na escola ela agredir ninguém, nunca vi ela fazer nada de errado ela terminou o ensino médio de boa foi minha aluna do primeiro ao terceiro ano, aí os outros professores debochavam que eles falavam assim a Michele com a filha dela eles falavam né? se arrumou uma filha agora eles falavam, aí credo (risos) eles debochavam que falavam assim cuidado Michele essa guria vai te bater hein, mais eu vi também que foi só uma coisa de momento dela nunca tive violência assim na escola não mais eu sei que tem, eu sei que tem muito a gente vê muito e sempre, chegou não sei se você sabe chegou, foi um advogado que falou pra mim, que lá no fórum tem um monte de processos contra professores, e ele falou que é uma quantidade assim assustadora, de por exemplo o professor fala uma coisa o aluno interpreta outra ou o professor realmente falou uma coisa que ofendeu, esses dias eu achei complicado porque uma aluna chegou e ficou debochando, debochando mesmo rindo de mim com as colegas e ria e ria, eu falei eu não posso responder nada eu tenho que ficar quieta, que ela disse que eu era, colocou um nome de um personagem bem esquisitinho que eu conheço, muito feinho, fiquei quieta daí a guria pego e chegou daí ela falou assim, o professora porque você é tão pequena assim e ria com as amigas, sabia que você parece fulano e ria com as amigas, mais porque se tá, eu falei chega aí, ela continuou aí eu quase por exemplo

disse o seguinte, você não pode fazer isso com o professor porque o professor também não pode fazer isso com você né? e a escola tem que trabalha mais isto, tem que trabalha mais isto, porque eu já vi aluno colocando apelido no cabelo da professora, cabelo de boneca velha por exemplo, a professora cabelo de boneca velha entendeu e a professora nem sabia

(pesquisadora)você considera um tipo de violência essas atitudes?

(participantes)isso daí, é estranho falar a palavra violência, eu acho que violência é se causa é uma coisa que se causa dor a outra pessoa é violência

(pesquisadora)seja ela como for?

(participante)se for uma dor física ou não é violência, por isso que eu fui atrás dessa moça, por isso que eu fui atrás dela, porque eu farei BO (boletim de ocorrência) se ela está dizendo que se sentiu ofendida que, eu bati nela qualquer coisa, eu vou atrás dela pra gente conversa e ninguém entendeu porque eu fui atrás, as pessoas acharam que eu fui uma banana né, um monte de gente falou isso pra mim, mais porque você tá indo atrás, eu falei não se ela está ofendida eu preciso sabe como que e a gente precisa conversa eu não quero que ela fica se sentindo pelo resto da vida ofendida, se ela interpreta o meu abraço forte lá quando, que eu abracei ela mais não foi com intenção de machuca e nem forte o suficiente pra machuca uma pessoa, mais se ela interpreta que foi uma ato de violência então a gente vai conversa e a gente precisa sabe é o preciso te a minha o meu direito á voz, e aí se a pessoas fez isto e a outa acha que é violência é violência, se sentiu violentada certa forma, quando a mãe da gente, minha mãe batia na gente por exemplo quando era criança, minha mãe é daquelas que, nossa tinha que anda quieto calado dentro de casa não poderia nem abri, abri os olhos, ela na cabeça dela ela não era violenta, mais hoje por exemplo a minha irmã esses dias fez eu ri tanto que ela falou assim se hoje fosse, é se tivesse é leis hoje naquela época quer dize, a minha mãe ía ser presa, minha mãe tinha perdido a guarda de todos os filhos (risos) que foi a mãe mais violenta que ela conheceu entendeu, porque pra minha irmã isso ficou uma mágoa porque ela era muito arteira, eu quase não apanhei muito de mãe não, mais minha irmã todo o dia, todo o dia, isso marcou ela de um jeito que hoje em dia ela sofre com isso, e aí ela diz isso né (sic), tem essa dor até hoje ela fala, minha mãe era violenta

(pesquisadora) Você acredita que existem influências da violência na prática do professor? por exemplo quando o professor vivência a violência ou vê a violência de alguma forma, igual você

falou que pode ser física, psicológica de diversas formas que causa dor nas pessoa você acha que o profissional quando se sente isso como ele vivência isso, isso atrapalha ou influência de alguma maneira a profissão dele na forma como ele dá aula, na forma como ele prepara a vida dele o conteúdo dele?

(participante) influência ou ele fica uma pessoa muito fragilizada com as coisas, fica assim do jeito que ele, ele tem medo se ele sofreu a violência, ou ele fica na minha opinião, ou ele tem medo dos outros ou ele se ele cometeu, algum tipo de violência ele foi punido em relação a isto ele fica também com medo ou não ou ele pode virar uma pessoa agressiva eu acho que sim a pessoa fica meio, meio, como assim diz meio banana assim, ou fica uma pessoa violenta, dois extremos eu tenho a impressão que nunca fica num meio termo, fica sempre desse jeito, exemplo, esta minha irmã, ela, ela, considera que a minha mãe é, mãe batendo em filho pra ela minha mãe era violenta com ela, ela considera que ela sofreu violência na infância ela fala isto, e hoje ela é uma pessoa agressiva, ela é bem agressiva ela é muito agressiva, se ela tiver por exemplo um problema com a pessoa ela que resolve o problema, ela chega na pessoa ela grita, ela agride a pessoa, ela é bate na pessoa se for o caso, ela não tem medo disso, tem medo assim se ela fizer isso ela vai se presa, não, não tem medo disso, ela tem essas atitudes por exemplo, e eu tenho medo das pessoas eu tenho assim de briga com as pessoas de ficar falando, a pessoa começou a fala muito alto, muito gritando perto de mim eu fico apavorada eu tenho eu morro de medo eu saio até de perto, ela não se pessoa começou fala alto perto dela, ela fala mais alto ainda que a pessoa, ela grita mais alto (risos) que a pessoa ela faz desse jeito, que ela, ela, não sei se ela que se defende não sei e o professor acho que é mesma coisa, professor que sofreu algum tipo de violência ou ele vai ficar aquele professor, é muito, muito, muito calmo, muito ali na dele, muito quieto retraído não sei, ou ele vai se um aquele professor meio agressivo que chega assim, que ,é daquele tipo tá aqui, ofende o aluno, igual eu vi um professor falando na escola eu estava assim sentada e tinha um menininho de seis anos chorando tímido assim na escola, e o professor falava assim pra ele que homem não chora que ele estava parecendo um, um boiolinha, chamava o guri de viadinho, tudo isso pro menininho de seis nos se não tá vendo que se tá chorando, seus coleguinhas tudo rindo de você, porque você é o boiola da turma, não sei o quê, a gurizadinha (sic) tudo rindo, ele falando bem alto o professor, bem assim o menininho pequenininho perto, perto dele e ele tão engrandecido, professor de educação física, além de tudo é educação física, que geralmente já tem, até o físico né, todo parece que estava até maior perto do menininho, e o menininho olhava pra ele abaixava a cabeça e chorava, e ele falava para de chorar, para de chora por exemplo, é violento, eu acho que ele foi extremamente violento com o guri.

(pesquisadora) Para você é existe alguns comportamentos que são mais adequados pra uma boa convivência social, quais são?

(participante) existe, existe o, o melhor comportamento é você conversa com a pessoa, não tem jeito, melhor, o primeiro lugar do ranking, o diálogo, o diálogo não tem jeito e não coloca, quando você coloca que conversa com uma pessoa um assunto você não pode colocar outra no meio há não se que seja um caso bem extremo, um caso assim complicadíssimo aí você pode pedi ajuda de uma outra pessoa, mais acho que a melhor coisa é você conversar, tem um problema tem que se conversado antes de ir pra justiça, fazer escândalo, imprensa, barraco, tem que conversar, tem que chegar e conversar professor e aluno é um relacionamento, tem que conversar, aluno, é professor e direção professor e coordenador tem que conversar, não tem jeito, não tem outro jeito de resolver nada, convivência tem que ter, se não fica cada um de um lado, tem que tá sempre tentando entende você e o próximos os dois, as atitudes pra convive juntos né?, se não, não sai convivência.

(pesquisadora) você acha assim que houve algumas transformações na educação que refletiram isso na prática do professor no ambiente escolar houve transformações que refletiram diretamente, assim transformações de nível maior assim na educação assim?

(participante) teve nos últimos anos teve estatuto tem um monte de leis, tem os alunos eles sabem, que são bastante amparados pela lei tem pessoas que usam de má fé, por exemplo também, tem a escola, a própria escola, parte, parte da coordenação pedagógica, também tem todo o ampara com o aluno, as vezes o professor tá até sozinho, por isso que ele tem que se policiar, tem que toma muito cuidado com que fala, com que faz um gesto, uma palavra um exemplo que ele dá ali na sala na hora da aula tudo.

(pesquisadora) e ele tem tudo algo que protege o professor alguma política?

(participante) não, acho que não tem não, mais tem que protege o aluno, tem um monte de casos aí de professor por exemplo que tomou o celular do aluno na sala, daí o aluno pego e foi briga com isso, pai entrou até na justiça, tem vários casos e mais casos, por isso que o professor tem ser extremamente profissional, também a parte afetiva bonitinha eu trabalho bastante essa parte afetiva, mais a maior parte é profissional mesmo, a afetiva fica assim, porque eu acho que tem que ter né?, se estão chega ali parado explica as coisas, não, de vez em quando tem um momento de socialização com os alunos falava alguma coisa da uma risadinha com eles, demonstrar que gosta deles que se preocupa com a pessoa que tá ali, oi tudo bem? você está bem? você não

veio ontem, tudo bem? oh semana passada inteira você não veio você está bem, por exemplo já uma forma de você demonstra a atenção, por ele nessa prova você saiu muito mal aqui, se não me falou que se estava tão mal assim, tem que refaz esse aqui, tem que corrija isso aqui, vê o que pode ser melhorado né coisas assim, mais eu acho que a lei não ampara professor não, professor é pra da, da sua aula é obedece as regras todas da escola, cumpri o seu dever, aluno violento professor um grito com professor, aluno fez isso não tem nada quem te diga que o aluno não pode fazer tem assim você manda pra coordenação vai conversa chama os pais, em casos extremos o conselho tutelar né, mais são casos extremos, que as vezes as pequenas coisas são as piores, e as pequenas coisas ficam ali, às vezes ficam até dentro da sala de aula, não vai nem pra coordenação esses negócio das alunas rindo de mim por exemplo, me chamando lá de um personagem eu nem vou fala qual que é, não me pergunte debochando de mim, por exemplo eu podia ter feito o maior barraco na escola, se estão me ofendendo nossa não sei quê, e eu teria todo o amparo em cima disto, porque eu diria eu estou ofendida por favor escola, além de se funcionária da escola, funcionária pública da escola não do estado eu ainda estou sofrendo este tipo de bullying, tudo bem uma adolescente eu sou uma adulta mais eu estou ofendida ela me ofendeu por exemplo né? podia ter feito também, aí sim a lei ampararia, mais eu não fiz, não quis fazer não porque acho que era pequeno demais, e eu sei que tem monte de coisas pequenas que ficam dentro da sala de aula, e vão continua ficando pelo jeito

(pesquisadora)Quais foram as consequências da violência que você vivenciou ou presenciou pra sua prática profissional no geral em todas?

(participante) da menina ah eu tenho medo de falar eu fico o tempo todo pensando naquilo que eu vou falar na sala de aula, já vi cada coisa, professor um colega meu, ele tem mania tinha de chama os alunos assim, oi coisa feia, sabe e aí coisa feia, brincando com os alunos nenhum aluno trabalhei com ele muitos anos, nunca vi um aluno se ofende com isto, até que um dia ele chamou um aluno assim; oi coisa feia entendeu e aí quando ele falava isso todo mundo ria, os outros alunos todos, ele chamava todo mundo de coisa feia e o aluno se ofendeu e falou para o pai que foi na escola e falou que o filho dele tinha sofrido bullying o professor tinha chamado o filho dele de coisa feia, você não pode chama aluno de coisa feia por exemplo, parece que é tão simples, quando eu estudei a professora tinha uma professora que fez um uma coroinha assim que tinha assim duas orelhas grandes que era o chapéuzinho de burro, então ela fazia a prova, prova oral í quando você não sabia responder, você ficava com chapéuzinho, aí ela chamava outro aluno lá na frente, aí ela perguntava na frente da sala toda o aluno não acerto aí você pegava aquele chapéuzinho e passava pro e depois ela mandava aqueles alunos que usaram

o chapéuzinho sentarem de um lado só da sala, ela fazia isso eu achava isso horrível, morria de medo de usa o chapéuzinho de burro mais um, por exemplo hoje em dia você não pode fazer isso, os eles interpretam tudo errado eu disse parem de macaquice, macaquice é travessura né mais aí um aluno disse o seguinte que eu é estava chamando ele de macaco porque ele era negro, mais no grupo dele que estavam, estavam lá eles estavam sentados na cadeira, outros estavam em pé escutando música tinha uma menina dançando bem na hora da aula, e eu pedi pra eles ficarem quietos, daí eu peguei e falei oh gente, fali ainda brincando assim né, para de macaquice que sem graça é isso e aí esse aluno falou que eu estava, aí todo mundo os outros todos sentaram mais ele não, ele foi lá na frente e falou pra mim, você me chamou de macaco sabia que eu posso te processa, mais eu levei um susto quando ele disse isto, eu falei processa vamos agora eu peguei minhas coisa e falei vamos desce agora e a gente resolve agora lá no primeiro DP aqui perto, a gente vai lá e já, aí ele não quis í e a outra, duas meninas se beijando na sala, duas alunas se beijando, e eu disse gente não é permitido namoro na sala e virei pro quadro a menina veio e falou assim, uma delas veio chegou perto de mim na frente da sala aí eu virei e falei pra ela que que foi ela disse assim você é homofóbica (risos) por exemplo eu, olhei pra ela assim, como assim e olhei dando risada né?, eu peguei e falei assim homofóbica porque? ela pegou e falou porque, só porque eu estou beijando a minha namorada você a gente não pode, falei não aqui dentro da sala de aula dentro da escola não pode, mais se vocês querem se beija vocês se beijem lá fora, é falou porque agride você,(risos) ha não falei mais nada eu, simplesmente saí da sala chamei a coordenação e pedi pra encaminha as duas pra coordenação eu falei só um pouquinho saí, coisas assim por exemplo né?, então tudo que você fala se tem que pensa muito bem, eu disse oque pra ela que não é permitido namoro na sala, qualquer coisa pode ser usado contra, então eu estou desse jeito morrendo de medo, se te que toma cuidado com que fala, se você não tá bem, você não pode ficar mostrando muito pra ele que você não tá bem, se você tá de mau humor muito raro tá de, está de mau humor, eles até, que esses dias eu falei para eles que eu estava de mau humor que eu ia passar cinco exercícios de uma vez né, daí eles falam, imagina quando ela estiver de, de bom humor, aí vai passar uns vinte, (risos), aí eu peguei e falei assim, é não tem jeito de você escapar, tem que policiar o a que fala, que faz na escola.

V – FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(pesquisadora) e o que é uma escola ideal?

(participante) não tem, na num vamos supor, na química tem o gás ideal e tem o faz real, o gás ideal, é o padrão maravilhoso, perfeito comportamento do gás o gás real, é um gás que se

aproxima do ideal, mas as vezes ele fica meio longe, a gente diz parece que ele se aproxima, escola ideal deixa eu ver, não existe, nunca vai existir, por que a escola, não vai ter padrão, quando tem padrão que se aproxima do ideal, escola é um lugar que não tem padrão, não tem padrão de professor, não tem padrão de funcionário, não tem padrão de... de nada, tem assim... padrão, quadro o espaço e as carteiras, que é o padrão que muita gente cai matando por que acha que tinha que ser em círculo que tinha não sei, mas se colocar em círculo vai dar na mesma de um rearranjo nas carteiras, se tirar o quadro negro e colocar o quadro branco vai dar na mesma, se tirar giz e colocar canetão dá na mesma, ah não estou dando aula de giz nem canetão, estou estudando aula no datashow, dá na mesma, sem vai então, vai só mudando a carinha, mas o resto não tem tanto, aluno não tem padrão, são pessoas totalmente diferentes na minha opinião, eles têm atitudes diferentes, eles tem comportamentos diferentes, eles pensam, tem as unanimidades mas eles pensam diferentes, então não tem um, o que pode chegar perto do ideal é o seguinte, quando a escola chega, impõe regras rígidas muito rígidas pra todos professores e alunos e você tem que seguir aquilo à risca o aluno tem que usar aquele uniforme, ele tem que sentar daquela maneira, ele tem que copiar o caderno os cadernos devem ser daquela forma o conteúdo né todo registrado os livros, eles não podem conversar eles não podem...ninguém aí sim teria um padrão, e aproximar de um, um certo ideal né óh ta (sic) perfeito, do aula com a sala silenciosa os alunos não falam nada... eu não posso chegar um minuto atrasada, não posso sair mais cedo, eles tem todo material didático deles ali na mão, tão aí seria um padrão mas não existe, existe assim um que chegue até perto mas o padrão nesse caso seria mais tradicional, do ensino tradicional.

(pesquisadora) o que você considera importante para a valorização do professor?

(partipante) pra valorização?... vixe tem um monte de coisa

(pesquisadora) pode falar então (risos)

(participante) o mais importante né...

(pesquisadora) pode ser tudo que acha, que é importante para a valorização dele.

(participante) o salário acho que tá em primeiro lugar que é, o professor virou deboche, todas essas piadinhas que vão falar de salário colocam o professor no meio, todo mundo debocha de professor, e professor se debocha também, ah vê salário hum... ele poder estudar, ter mais tempo pra estudar, estou louca pra fazer doutorado e até agora não consegui, que eu tenho mestrado e até agora não consegui fazer o doutorado por que não dá, tem que fazer um curso de inglês tem que... e eu conheço vários colegas que queriam fazer mestrado ou fazem numa dificuldade

sufoco com tempo pra, pra achar tempo pra fazer...tá faltando isso, pra ele poder se preparar melhor, e também acho que as escolas, professor tem vez que fica com a auto estima muito baixa, é muita pressão muito trabalho muita coisa, e as vezes a auto estima vai lá embaixo mesmo, e as escolas deveriam trabalhar mais nisto, pra ele se sentir melhor, sentir mais seguro mais confiante no que ele está fazendo, não ficar sempre com medinho de, das coisas né, sempre assim achando que é uma profissão de uma forma geral tá bastante insegura porque fecha escola, fecha sala de aula tem um monte de contratado por exemplo, escola particular as vezes não dá garantia nenhuma que você vai ficar o ano que vem, no próximo mês, então não tem muita... ele sofre muito em relação a isto, é difícil você ter um trabalho assim autônomo, por exemplo o médico tem o consultório dele várias profissões você tem o seu consultório e também pode ter um, um emprego público né, professor ou ele tá está num emprego público ou não, fora do emprego público ele perde totalmente a estabilidade, tão são essas coisas que eu acho, principalmente essa última eu acho, pior que o salário essa última, essa instabilidade... porque todo começo de ano é um perrengue, você não acha aula, você fica procurando aula de escola em escola, e, procura numa procura na outra, acha uma escola que é quilômetros de distância da sua casa, se está trabalhando de repente perdeu a vaga, acha uma escola particular que exige um monte paga pouco, por exemplo e aí vai, uma algumas exigem dedicação exclusiva que já tem isso agora em campo grande de dedicação exclusiva, escola que exige...paga muito bem mas exige isso daí, exige a dedicação exclusiva mas não diz até quando que vai te manter lá por exemplo, se fica assim sempre, e a única certeza que ele tem é quando ele é concursado, daí relaxa um pouco relaxa no sentido de... você não fica tão tenso mais com medo de perder a... nossa horrível, já perdi tanta aula fiquei pulando de uma escola pra outra, por que não achava não ia pra outra ia pra outra, estabilidade e ganha pouco, esse ganhar pouco com essa instabilidade que a pessoa fica bem presa né, aí desanima pra continuar, que mais?

(pesquisadora) Fale sobre algumas estratégias de prevenção e redução da violência.

(participante) na escola?

(pesquisadora) Sim

(participante) reduzir a violência na escola, acho que o, o primeiro é a questão da afetividade não, só afetividade, mas essa questão da afetividade eu acho que ajuda bastante, fazer o aluno entender o colega, quer ver, o aluno surdo, aluno deficiente auditivo o aparelho incomoda ruído incomoda né quando você está com o aparelho, mas eles, muitos alunos não sabem disso, ele tem um coleguinha que é surdo na sala e não sabe, ele não sabe por exemplo querer ir naquela sala ele pode até saber mas ele não tem essa sensibilidade assim de, do próximo que ele arrastar

uma carteira vai incomodar mesmo quem não é surdo as vezes uma pessoa extremamente sensível a ruído, ele falar muito alto e dar muita risada e ficar o tempo todo atrapalha quem precisa as vezes de um pouquinho de silêncio para se concentrar, ah eu estudo com o rádio ligado, mas tem gente que não é assim né a poluição sonora atrapalha, desconcentra, eu não podia sentar no fundo, nunca pude sentar no fundo da sala risos), e no meio, eu sempre tive que sentar na frente por que se eu sentasse no fundo ou no meio eu não conseguia prestar atenção na aula ficava olhando pra todo mundo o tempo todo é a professora me pegava e me levava lá pra frente, não tinha jeito nunca consegui nem na pré-escola, tentei, até na faculdade, quando eu fiz mestrado eu sentava na frente, tinha que sentar bem na frente, por que si, qualquer movimento na sala já me atrapalhava mas nem todo mundo senta na frente e nem todo mundo vai, eu nunca disse para os meus professores que eu não podia sentar no fundo, quando eu sentava já sentava na frente mas quando não tinha lugar na frente e tinha que sentar no fundo eles percebiam, eles falavam assim poxa ela muda totalmente quando ela senta no meio da sala eu não conversava mas eu ficava olhando eu queria saber tudo que estava acontecendo prestava atenção em nada, e tem aluno assim na sala, e eles conversam eles dão risada eles mexem no celular, eles chamam o colega que está prestando atenção, eles ti tinha que dar um jeito da escola trabalhar isto pra reduzir né e a conversar mais com o aluno a escola conversa muito com professor mas eles conversam pouco as escolas conversam pouco com os alunos eles dão muito ralo nos professores se tem que ser assim que num sei o que, mas aí conversar esse tipo de coisa com os alunos eles não conversam, eles escutam o que o aluno tem a dizer mal do professor, todo mundo escuta o aluno que ele tem a dizer pra falar do professor mas ninguém escuta por exemplo ninguém chega nele pra falar você tem que entender que seu colega lindo essas coisas tudo vai pedir na Cenec viu que lá era a Cenec trabalhava muito com esse social também de um aluno ter que entender o outro viver num ambiente fechado com quarenta coleguinhas lá não tinha tudo isso né mas aqui tem... com quarenta coleguinhas e você saber que ele é sensível ele pode chorar, ele pode seu a sua voz pode ser muito alta pra ele ou não tem coisas que vão atrapalhar a concentração dele, vamos ficar quietos que a professora vai explicar mas eu vou ficar quieto não por que a professora vai explicar, eu tenho que ficar quieto por que ela é a professora ela manda em mim, não é isso mas eu vou ficar quieto por que tem gente aqui do meu lado aqui tem gente na frente tem gente atrás tem gente na sala toda nós estamos numa salinha fechada, eu falo isso pra eles, vocês estão numa salinha fechada com esse monte de gente que não dá nem pra ficar andando pra lá e pra cá eu viro e mexe eu falo assim aqui dentro tá muito quente então você tem que ter uma postura mas mesmo assim não tem resolvido muita coisa não (risos).

(pesquisadora) e por último, comente a relação entre saúde e violência nas escolas...

(participante) saúde e violência?

(pesquisadora) tem alguma relação?

(participante) tem... muita relação a pessoa que sofre um tipo de violência... o bullying na escola atrapalha pra caramba principalmente a parte é psicológica da pessoa, tanto deles quanto do professor, todo mundo fica atrapalhado tem uma relação muito grande não tem jeito e causa doenças mesmo causam doenças e a pessoa fica cada vez pior vai ficando se num se a pessoa não tiver um acompanhamento adequado ela vai ficando cada vez pior ela vai desanimando tanto um quanto o outro qualquer pessoa até diretor já sofreu bullying na escola ele também alguém dizer alguma coisa assim ou fizer alguma coisa vai o simples fato de você sair de uma sala eu acredito se eu fizer isso com a coordenadora por exemplo ela falar comigo eu sair bater a porta de, sabe quando é aquelas pessoas que eu não brigo com você eu não xingo você eu não falo alto com você mas na hora de eu sair, eu pego a porta de dou aquela batida (páh)!! (risos) eu tenho certeza, isso daí a pessoa se sente mal e ela no outro dia pra ela ir trabalhar lá ela já fica ruim e o aluno é a mesma coisa, professor chega sempre falando arrogante, ah veio um estagiário ele veio aqui e os alunos ...alguns falaram que ele era arrogante e não gostaram dele, eles criticam o tempo todo os professores eles examinam tudo no professor, até aparência física, eu estou bagunçada hoje mas eu não costumo vim bagunçada da aula não porque quando eu vou pra sala de aula eu venho arrumadinha, por conta disso por que eles olham tudo eles criticam o tempo todo e se você faz uma crítica faz um negócio faz um comentário ou se você faz pra ele qualquer coisa a pessoa vai começando a ficar mal fica até desanimada pra trabalhar fica doente sim tem um monte de professor de atestado aí de sala de aula né não consegue lidar com os alunos readapta, faz um monte de coisa por que não consegue lidar com aquela coisa toda com diretor da escola não consegue entender coordenação não consegue lidar com os outros professores não consegue lidar com ninguém com ninguém com ninguém viver ali sofrendo tudo faz sofrer, não consegue se libertar disso e acaba ficando doente e as vezes são coisinhas tão pequenas mas isso eu acho que é de cada um também né, mas que é chato é, a pessoa bater a porta assim, você fala um negócio pra pessoa, a pessoa sai e bate, detona com seu trabalho todo, é uma reação violenta, a violência as vezes está em gestos tão pequenos, mas que machucam tanto e a gente não percebe, aí que se tem que fazer, buscar melhorar né buscar resolver aquilo, se não resolve vira doença, vira doença mesmo dói até o corpo, ano passado eu trabalhava com o corpo todo doído, não conseguia nem andar assim, estava andando assim na escola eu não consegui... eu não conseguia eu sentia que eu não conseguia abri os braços por

exemplo, extremamente constrangida, extremamente constrangida, e mesmo assim tentando falar com as pessoas entendeu?... várias pessoas viraram o nem falavam mais comigo nem bom dia nem boa tarde nem boa noite, piadinha também recebi piadinha por aqueles bem humorados né, coisa assim você tem que levantar a cabeça e ir trabalhar, encarando esse tipo de, sabendo que as pessoas estão comentando ou falando, pensando uma coisa que na verdade você não fez, se tivesse feito eu acho que seria até melhor, cá entre nós todo mundo falou você devia ter feito, pelo menos tinha um motivo.

5. PROFESSOR OTÁVIO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora) Sua idade?

(participante) Estou com 34.

(pesquisadora) É... Sua renda familiar é um salário, dois ou três ou acima de quatro?

(participante) De dois, três, a quarto na verdade né, ou acima de três

(pesquisadora) Acima de três, de quatro?

(participante) É, não sei qual é a quantidade.

(pesquisadora) São quantas pessoas

(participante) Você coloca quatro

(pesquisadora) Quatro?

(participante) uhum

(pesquisadora) Qual a sua situação profissional atual? Você possui vínculo empregatício?

(participante) Sim, é na privada e na pública né, então no estado por exemplo na pública eu sou convocado e as privadas né que eu tenho.

(pesquisadora) Você trabalha em quantas escolas?

(participante) Quatro escolas

(pesquisadora) Certo, todas públicas?

(participante) Não, é são duas particulares e duas públicas

(pesquisadora) Entendi, qual que é a sua formação?

(participante) Eu sou professor de História, licenciatura de história

(pesquisadora) Tem alguma especialização?

(participante) Não

(pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) 7 anos

(pesquisadora) Seu estado civil?

(participante) Casado

(pesquisadora) Tempo de Magistério?

(participante) Há uns 6 anos, acho é o tempo que já comecei uns 6 anos

(pesquisadora) Carga Horária de trabalho?

(participante) Bom, bastante.

(pesquisadora) É semanais

(participante) Eu posso dizer para você que eu tenho mais de 40 horas, ou seja, de manhã e a tarde é.

(pesquisadora) Certo, quanto tempo trabalha nesta escola?

(participante) Aqui 3 anos

(pesquisadora) E série que atua?

(participante) Primeiros anos, segundos, todos os anos. Primeiro, segundo e terceiro.

(pesquisadora) Na outra escola você é professor de ensino fundamental?

(participante) é só na particular, é filosofia; é fundamental do 6º ao 9º ano.

(pesquisadora) Aham, turma?

(participante) De qual escolar você fala?

(pesquisadora) Daqui?

(participante) Daqui, é os primeiros, todos os primeiros, 1ºA, 1ºB e C, 2ºA, 2ºB e C e 3ºA e B.

(pesquisadora) O turno que você trabalha?

(participante) Aqui como é integral, de manhã e a tarde

(pesquisadora) Sim, e as disciplinas que você leciona, história aqui?

(participante) Não, Aqui você já tem uma outra extensão de filosofia e sociologia com essa aula de história.

(pesquisadora) Certo, nas outras escolas também?

(participante) Não, são meio, meio, nas outras escolas metade delas são de histórias e a outra minoria são de filosofia e o resto, aqui nessa escola são de filosofia.

II – HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) Entendi, certo. E... Me fala um pouquinho sobre a sua constituição familiar?

(participante) Ótima, brincadeira. É eu acho como a maioria das pessoas é liderado só por uma mãe, ausência do pai, então eu tive uma família com uma formação matriarcal do que patriarcal, somos quatro filhos e nem todos tiveram oportunidade de estudar, portanto talvez pode ser explicado por essa ausência ai, dessa formação familiar digamos assim, e... então somos numerosos até então diria boa mas com muitas exceções longe de alguns privilégios que alguns hoje tem.

(pesquisadora) Você mora hoje com a sua esposa?

(participante) É isso, eu sou casado moro com a minha esposa, tenho um filho de 11 meses, é então o que hoje eu posso talvez oferecer para ele é talvez eu em casa não tive, a gente vai aprendendo um pouquinho.

(P) Entendi e ela trabalha?

(participante) Ela também é professora.

(pesquisadora) Com a mesma carga horária?

(participante) É, não com a mesma, mas é a gente quase não tem esse encontro

(pesquisadora) Entendi, certo, hoje sua rotina familiar como que é?

(participante) Hoje eu procuro estar assim muito presente apesar das cargas que nós temos, então eu procuro participar um pouco mas não é fácil porque professor em si nós no caso temos alguns horários que são extremamente difíceis né, você tem duas aulas aqui outra você só tem de manhã aí você tenta lidar com isso, portanto eu procuro estar um pouco mais presente ne, ou seja tenha outros problemas tem vantagens e desvantagens com isso.

(pesquisadora) Entendi, você de manhã você sai de casa cedo e volta mais tarde?

(participante) Isso, de manhã geralmente a manhã toda eu estou na rua manhã toda algumas manhãs eu entro mais tarde as vezes eu to saindo um pouco mais cedo é então no geral a manhã mais ocupada, a tarde já é um pouco mais folgado, mas eu estou um pouco mais ocupado também.

(pesquisadora) Você tem alguma atividade fora do trabalho, por exemplo de lazer?

(participante) É então está aí um problema seríssimo para o professor a gente tenta né, por exemplo antigamente eu tinha outras atividades como jogar bola, caminhar um pouquinho. E hoje até pela questão de família, fica mais fechado e também outros compromissos com as outras escolas você tem um tempinho que você fica e tenta se organizar então vamos dizer assim.

(pesquisadora) E... Me fala um pouquinho sobre o seu cotidiano, sobre o seu dia-a-dia? Quando você sai da sua casa, o que você faz?

(participante) Eu já sai assim correndo né, impressionante você sai correndo a gente tenta se organizar da melhor maneira possível, praticamente você acaba terceirizando algumas coisas como algumas coisas na sua casa, tem uma pessoa para limpar arrumar uma pessoa para cuidar do seu filho outra pessoa para gerenciar suas coisas particulares, assim é o esforço que você faz para ficar mais tempo na rua tá pensando então você vem correndo, então você fica andando o tempo inteiro para lá e para cá e... super corrido, mas acaba dando certo, então eu saio eu deixo, eu acabo deixando minha esposa na escola, de lá eu pulo para minha escola eu saio de um já pego ela ou então ela vai e assim por diante, super corrido não é tão fácil

(pesquisadora) Certo, e como tá sua saúde hoje?

(participante) Olha pode ser dizer que isso eu não me preocupo é assim estou super bem quase não tenho problemas de saúde, muitas vezes a gripe e etc. e tal eu quase não tenho problema isso me ajuda bastante.

(pesquisadora) Faz uso de medicamento de uso contínuo?

(participante) Não, não, é difícil essa parte pelo menos eu to bem assim eu quase não preciso, as vezes preciso trabalhar um pouquinho mais para ficar um pouco no alerta, mas é... não tenho nenhum problema.

III – ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora) Que bom, quais os fatores que motivaram você para sua escolha profissional?

(participante) É bom, na verdade influencia na minha condição por exemplo quando jovem na adolescência por exemplo, eu não poderia sonhar mais do que poderia naquele momento, se você me perguntasse o que eu desejava antes é... eu tinha exatamente um desejo específico, é o meu primeiro vestibular que eu lembro eu fiz para educação física, eu fiz não porque eu queria educação física eu fiz porque todo mundo que foi fazer educação física foi fazer, aí eu achei que poderia fazer também, mas eu já comecei gostando da única coisa que eu tinha acesso que era a escola, que o único lugar que eu poderia ser feliz é dentro da escola, então eu me identifiquei é claro que eu tive professores para isso é então alguns professores influenciaram na hora da fala, do jeito de falar, então eu fiquei seduzido por essas questões.

(pesquisadora) Que bom, certo é me fala um pouquinho sobre a sua carreira no magistério? Como que foi desde quando você iniciou até agora?

(participante) É eu diria assim, hoje é... eu comecei... eu costumo dizer que tem alguns caminhos um: tem que ser extremamente dedicado, eu diria mais vontade de ser do que necessariamente se dedicar propriamente a aquele item propriamente, vontade, você mesmo sabendo que é super difícil entrar e ter um espaço né? você tem que ter paciência e esperar o momento, o segundo ponto acho que além de tudo isso, você tem que ser bom no que você faz você tem que mostrar que você vai ter ganho essa oportunidade que você vai fazer diferença e o terceiro que eu acho que as pessoas esquecem tem que ter uma pitadinha de sorte também tá na hora certa, no momento certo, isso funciona super bem, então um ótimo professor não é o que deixa você fazer tudo, um ótimo professor é aquele que você aprende com ele na linguagem dele, dos alunos também é claro eu acho que hoje é isso, nem todos os colegas que se formaram comigo estão na aula por talvez não entender essa linguagem. E alguns uns 28 que se formou comigo apenas 5 dá aula ou 6 talvez então nem todo mundo conseguiu absorver essa questão, então você tem que ser extremamente corajoso e ser bom e ter sorte.

(pesquisadora) O que você acha que levou eles a desistir?

(participante) Eu acho que eles fizeram escolhas erradas, eu acho se empolgaram, eu acho que eles tomaram decisões precipitadas como por exemplo é apenas achar que já é algumas coisa ser universitário e ser universitário é uma coisa ser pós universitário é uma outra história é fácil entrar difícil de sair, então as pessoas acham que sendo universitário muda muito a sua vida, então eles não entendem isso, então é um processo então você entra é o 3º bimestre, 4º bimestre tudo difícil quando está finalizando está quase arrebitado e quando você vai morrer você consegue eliminar, tem gente que não chega a essa fase, então muitos percebem que não era aquilo; quando finalmente percebem que superaram tudo isso, percebem que não querem ser professor porque ele passou por todo esse processo e aí ele fala assim e faz o estágio e no estágio ele desanima, porque no estágio ele pega uma sala onde ele não tem cadeira para ele e não tem mesa para ele e ele tem que chegar dar conta de pessoas que não receberam orientações que ele acha que poderia, aí então eu acho que tudo isso é experiência também de vida para fazer superar isso eu acho que isso é um dos motivos que eles desistem; o estágio é o primeiro momento porque ele olha para aquela sala aí fala olha aí vai lá pode começar então ele trava então uma coisa é sentar na cadeirinha da universidade e outra coisa é você sair e buscar o que você deseja, então eu acho que aí eles travam então é o probleminha aí.

(pesquisadora) Você sente que houve mudanças de quando se formou iniciou sua carreira no magistério até agora?

(participante) Mudança, honestamente é eu creio assim, mudança, mudança, mudança não há assim falando de formação de professor, da escola ano que vem vai ser diferente, a cada dia que passa, por exemplo, os pais consideram que a escola é uma extensão da família, que olha no professor que o professor que é o segundo pai por exemplo então é impossível isso, então essa mentalidade não muda né, tem escola essa escola é uma escola integral alguns pais só matriculam né e deixam aqui aí chega em casa está cansado e vai dormir, então ele quase não participa, então dos alunos da minha época até agora eu creio que a mudança é mínima, a formação dos professores é muito ruim porém se você conseguisse consolidar é bom, é bom porque? Você escolhe com quem você quer trabalhar e sempre tem um trabalho se não é aqui outra escola está precisando então é mais flexível, mas é a parte boa que eu considero que outras profissões, por exemplo, mas até chegar lá esses são os problemas.

(pesquisadora) Entendi, é me fala sobre as suas relações assim sociais como é a sua interação tanto com a direção, com gestores, com os professores, com os alunos? Como que é?

(participante) Ah, eu considero muito boa, isto também é uma característica de cada um também né eu sou um professor, a minha disciplina é para isso, então eu converso bastante, eu gosto de participar bastante é fácil eu sou extremamente flexível como que eu acho que é um meio de fácil adaptação é então eu acho que é um item que todos os profissionais deveriam ter e então eu sei ter uma boa relação, com a direção com a parte da coordenação como colegas né? (sic), então sem nenhum problema com os alunos também, talvez com os alunos pelo simples fato que eu não estou tão longe do período deles, então o restinho da minha adolescência é o início da vida de alguns deles você consegue falar a mesma língua é bem bacana eu entendo o jeito deles, eu já sei o que eles querem falar, mas a relação aqui também é muito boa.

(pesquisadora) Você que já participou de diversas escolas vamos dizer assim há uma diferença essas relações?

(participante) É... lamentavelmente sim a começar pela direção porque o diretor sendo participativo a escola tem um resultado diferenciado, então tem lugares que os professores nem se falam direito, e entre eles mesmo há uma grande distância, vamos dizer assim, então a gente divide problemas, a gente troca ideias, sugestões né, parece que um quer ser melhor que o outro, então no próprio grupo digamos assim, mas isso de uma escola para a outra né existe lamentavelmente como qualquer outra empresa acredito porém não deveria porque aqui é um lugar que aqui poderíamos ter que somar é existe.

(pesquisadora) E isso prejudica?

(participante) Sem sombra de dúvida, por exemplo, você pega um diretor que não colabora, que você não sabe o que ele pensa, a chance de ele não fazer nada, de você não se dedicar naquela escola é enorme, você se dedica quando o seu líder é um exemplo, quando ele não é você desiste você faz o que você quiser.

(pesquisadora) entendi, e a alunos fazem a diferença?

(participante) Existe apesar de eu ter a experiência bem mais na privada do que na pública a diferença talvez exista no sentido assim é... eu não sei se é econômico honestamente, mas nos hábitos, nos hábitos são onde aparecem um pouco mais, por exemplo na particular é claro que os pais participam um pouco mais é por ser particular do que há um demanda maior não só pelo fato de estar pagando pela ideia de que é o melhor para o filho dele, então você liga para os seus pais o tempo inteiro né para saber como está a situação, a escola. Os pais na pública não é essa questão, então você deixa ele meio que aberto vem com o costume pronto com hábitos, por

exemplo, a maioria dos alunos aqui talvez o primeiro adulto aqui é o professor que diz para ele não é o primeiro cara que fala não para ele as vezes é o único profissional e professor, portanto você tem o choque de realidade na escola pública muitas vezes, então cada um já vem com uma mentalidade solta, então talvez essa seja uma grande diferença, mas existem dentre esses aí tem alunos que são excelentes, por exemplo, mas a excelência está ligada a família por exemplo você pega uma reunião dos pais vem alunos, vem pais de alunos que os alunos já são bons e dos aqueles que já se acham que são bons que precisam e não vêm e quando vêm vem no 4º bimestre e quer saber por quê vai reprovar ou de recuperação é isso.

(pesquisadora) Certo, e na escola como que é seu cotidiano? Como que é seu dia na escola?

(participante) É bom, é difícil de dizer, fazendo análise no geralzão (sic), na verdade a gente tem um momento muito rápido na escola né, você vem dá a sua aula dependendo já vai embora né, então nessa escola é uma escola pioneira inclusive nesta escola você tem que reservar um dia que é sexta-feira que é esse dia que está aqui que é para você vir aqui, aqui tem um planejamento diferenciado até porque é uma escola integral é um projeto novo é quase não tem escola desse porte no estado e aqui eu fico mais tempo eu troco mais ideias com os meus colegas né, as outras escolas são mais passageiras né você vai lá faz o essencial e vai embora aí dependendo da sua situação você tem reunião dos pais e entre outros eventos, aqui é onde eu fico mais tempo por característica da escola por uma escola integral digamos assim então nosso tempo aqui é rápido é para quem como eu dou aula em quatro escolas tem que sair daqui.

(pesquisadora) Entendi, é o que significa satisfação profissional para você?

(Prof.4) É então acho que satisfação profissional é você gostar do que você faz de antes mais nada é se você me perguntar se eu tenho eu diria eu to satisfeito porque era o que eu queria né, mas eu sou professor não pensando só no dinheiro pensando que eu dou aula e que aquilo faz eu crescer primeiro e depois eu repasso tudo isso para eles, a satisfação está ligada a isso, eu consegui passar o que está para eles e eles conseguirem enxergar isso né que parece que só eu to vendo aí eles começam a enxergar aquilo para mim isto é ótimo isso tem coisas que você fala que eles já sabem, mas quando você começa a discutir ficam de boca aberta ou talvez é mesmo? Né então essa satisfação, a parte salarial não vou ser hipócrita é claro que é muito importante, se não fosse importante eu não ia dar aula em quatro escolas por exemplo, portanto, quanto mais aula mais dinheiro você ganha, mas existe uma satisfação eu gosto muito é através disso com o resultado que eu tenho com um deles no meu caso eu posso dizer que é muito tranquilo eu não teria condição não gostaria de mudar eu gosto.

III- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora) O que é violência para você?

(participante) A violência eu acho que é hoje é o reflexo de é a falta até de uma organização familiar porque a gente fala de violência na rua, mas a gente esquece que a violência começa em casa, portanto, eu creio que a violência hoje é o mal do século né, violência só o fato de talvez xingar alguém no facebook é uma violência, mas a violência está ligada a falta de educação está ligada a falta de educação familiar e o nosso problema familiar é um problema sério, portanto, eu faço a ligação da violência né como um caso sério é uma tendência né porque você utiliza variadas formas de violência e são várias formas de violências, mas no meu contexto escolar docente é um só motivo em casa, então começa ali, então não dando conta normalmente ela tem de a dominar o exterior que é o prejudicial; para mim violência é um assunto seríssimo e atinge os dois gêneros lamentavelmente.

(pesquisadora) E como se manifesta a violência na escola?

(participante) Bom eu costumo dizer isso para os meus alunos inclusive até para eles se identificarem a manifestação ocorre de variadas formas é porque você tem variadas cabeças porque eles pensam de uma forma diferente, mas assim eu costumo dizer que dentro de casa há um grande problema um deles, por exemplo não tendo acesso a muitas coisas em casa né, demais em casa quando eles saem na rua ele vai encontrar um não e poucos estão acostumados a um não na vida né, um não quando você uma crítica tem gente que não gosta, porque fala que esse seu short não está bacana, esse seu tênis é engraçado, que você fala desse jeito, você nunca tinha ouvido isso antes e quando finalmente ouviu você não recebe bem e você torna isso reage, essa reação é pela violência um dos motivos é você não preparar esse jovem em casa, então dependendo a direção que você faz eu vejo assim que a manifestação é variadas, variados no sentido de cada um ter um estilo, o estilo incomoda né um exemplo claro aí por exemplo eu tenho alunas que gosta de funk, mas elas sofrem preconceitos pelo fato de ouvir funk, então é de alto escalão o sentido palavrão por ela gostar disso, então ali tem o motivo suficiente para gerar uma violência no futuro, então é um dos fatores que eu considero assim seríssimo é de casa para a escola da opções dele é o motivo deles de violência.

(pesquisadora) É como lidar com as diferenças.

(participante) Exatamente, eu costumo dizer assim que os pais eles perguntam falam como a gente poderia ajudar o filho dele a ter um resultado diferente digamos assim a, mas essa é uma inversão porque na verdade não sou eu que tem que ajudar é ele que tem que ajudar o filho a ser, a se adaptar a essa realidade aqui, então já não traz o filho dele pronto, então isso é um dos motivos que tem crianças aqui que não fala nada em sala de aula, isso gera *bullying* por exemplo depois tem crianças por exemplo chega atrasado na escola no início não dá nada, mas depois vem alguém tirando o sarro dele, então tem crianças que os pais nunca ligam para nada um simples corte de cabelo por exemplo não liga que o guri precisa cortar o cabelo tal alguém já chama atenção, então quietinho acaba sendo mais perigoso que a reação dele ninguém sabe e aí vem uns sérios problemas por aí que vire mexe eu vou falar.

(pesquisadora) Você já viveu algum tipo de violência?

(participante) olha, então é engraçado quando eu estudava é a gente fala de violência é a violência da minha época era mais explícita parece que a gente sabia do que exatamente estávamos brigando, por exemplo, então já chegava e te empurrava você falou isso então pelo menos você fica sabendo do que você apanhou porque você vai entrar na briga porque você vai bater em alguém né, então você já sabe disso é... na minha época de aluno né, eu tive um caso inclusive a muito tempo atrás de empurra, empurra e nisso quando vê os dois estavam no chão rolando e tal né, ficava nisso hoje em dia você não consegue brigar assim se você fizer isso três, quatro te espera lá fora não é para te dar um soco é para te dar um tiro por exemplo, o negócio fico mais pessoal é então não que a minha época fosse tão pouco não é isso, mas é que hoje está extremamente avançado, então é bem diferente.

(pesquisadora) Na sua carreira como professor você já viu dessa situação?

(participante) Eu já vi várias, na verdade dependendo da situação eu quase não tive espaço para isso eu já vi casos o início que começa você vê que muitas vezes para violência começa de coisas banais sabe fofoca ou então um mal entendido ou então por causa de futebol ou então por causa de namorado, namorada você vê que é uma coisa simples, mas que acabou num problema sério ali fora né, então agora com o auge da tecnologia o processo é maior então todo mundo fica sabendo da sua vida muito mais rápido, então isso acelera a violência sem sobra de dúvida né, então o que demoraria dois, três dias para alguém saber de alguma coisa, agora é instantâneo, portanto, por isso que eu digo a chance da violência hoje ser mais frequente é...

(pesquisadora) E você já se sentiu em algum momento violentado?

(participante) É assim, é... honestamente eu não tive isso é apesar de ter muitos colegas que já sofreram por situações assim desagradáveis como aluno que xingou você, aluno que te empurrou né, aluno que fala mal de você mesmo, então nesses casos já estive próximos a minha realidade, mas fazer eu não ter sofrido nesse caso não quer dizer que eu sou livre disso exatamente é que eu tive um certo espaço que foi mais propício facilitou assim toda a minha aula, mas pequenos distúrbios sempre ocorrem né, teve alunos, por exemplo no fundamental né pequinininho que já me mandou tomar naquele lugar por exemplo, é um início de uma violência ele faz isso nessa idade, nessa série fatalmente no futuro ele pode cometer outras coisas piores, então de maior gravidade eu não tive graças a Deus, mas é uma coisa que eu não posso prometer, daqui a cinco anos, dez anos né, porque as coisas são muito difíceis de sobreviver com o auge da violência hoje.

(pesquisadora) E se acontecesse uma situação de violência, como você reagiria, você consegue antecipar como você reagiria?

(participante) É, talvez você está falando da minha reação né?

(pesquisadora) uhum

(participante) Honestamente eu ia me defender, porque a minha defesa não significa necessariamente que eu vou deixar ele bater na minha cara, por exemplo, eu vou me defender é um direito meu é então assim ainda mais sabendo que eu faria de tudo dentro de uma sala de aula para evitar um problema como esse, lamentavelmente isso é até questão de gênero, você pega isso é difícil para uma professora né, como ela vai se defender é fácil aqui para o professor falar um pouco mais grosso com ele né ele interpretar isso até o caminho que você faz para resolver esse assunto, mas no meu caso eu iria tentar resolver esse assunto sem sombra de dúvida é eu não sei como seria essa violência né, mas eu iria tentar me defender porque antes de mais nada ai foge do controle daquilo de aluno e professor ai bateu fica aqui, ai a chance de punir alguém nesse país é lamentável é, mas aí.

(pesquisadora) Você falou dessa questão de gênero, você sente que por exemplo é... como os alunos te vê e vê o professor como interprete, isso interfere de agir, de tratar

(participante) Sem sobra de dúvida, sem sobra de dúvida eu não tenho dúvida que o tratamento é outro é por exemplo entrou uma professora 'X' vai lá falar um assunto X e no momento de questionamento vai questionar ela, porque a sociedade é extremamente machista a começar pelas próprias mulheres você pega um exemplo claro aqui você tem dois filhos por exemplo e

uma filha um casal digamos assim mas você não fala nada quando o seu filho fica com dez muito pelo contrário você acha que é bom porque ele é macho de verdade, mas a sua filha tem que ficar do seu lado porque ela é mocinha e ela não pode isso, então portanto a própria ideia de machismo em si em questão de gênero começa em casa e pela mulher não é só pelo homem, portanto é uma coisa absurda, então tem gente que ensinam o guri a ser predador, pegador digamos assim é e tem que ensinar boas maneiras para a mocinha, então são coisas que já é diferenciado né, então assim as mulheres professoras digamos assim elas sofrem muito mais violência creio no meu ponto de vista pelo fato do sexo frágil, do sistema ainda não ajuda ela em nada

(pesquisadora) Como se fosse a figura masculina intimida os alunos que são sérios?

(participante) Eu acho que intimida, eu acho que intimida sim porque é... primeiro porque a gente tem a sensação que ele é mais velho e por ser mais velho ele tem algo a ensinar porque a sociedade apesar de ser sociedade brasileira em si mesmo é extremamente patriarcal né, então a gente reza em nome do pai primeiro em nome da mãe e por aí você tira é então você observa que a gente usa certas regras em nome dos homens né, então tudo isso facilita pra que elas possam sofrer mais tenho colegas que sofrem muitos, não tem controle de sala porque não consegue se impor claro que não são todos tem outras professoras que já pegaram o sistema lá é meio bruta, mas a chance de ela sofrer uma retaliação é maior digamos assim apesar de ela ser extremamente enérgica, portanto essa imagem que eu tenho hoje eu acho que pro homem é mais fácil o problema é não tem muito professor o que esta tendo muito professora então em alguns aspectos você é terrível

(pesquisadora) Entendi, é me fala um pouquinho sobre a influência sobre a violência escolar na prática cotidiana, ela influencia, de que maneira ela pode influenciar na prática do professor?

(participante) A tá, é... então, ela influencia, por exemplo, eles não obedecendo regras por exemplo na minha aula eu disse que não, não, não vou liberar o fato de você como eu disse bem no início né, como ele não esta acostumado a regras a primeira pessoa que diz não para ele é o professor, portanto a tendência que aqui seja propício para um certo desentendimento né, então ele pode só te aturar isso é óbvio qualquer lugar eu não sou um eu reconheço que você não conhece agradar a todos, mas é necessário isso né, então eles trazem de fora que eles podem tudo que ele vai entrar na sala, que ele vai arrepiar, que ele vai sentar encima da carteira, ficar em pé; enfim, você dá dois, três gritos pronto vai embora né, eu acho que eu tenho isso sempre

isso existe né, mas como é que a gente sabe tentando falar a língua deles até que você fala alguma coisa que você capturou ele e é a linguagem dos jovens e hoje, por exemplo aqui a gente está falando, mas não tem um livro de uma obra assim brilhante que fale sobre o brasileiro né, a maioria desses trabalhos universitários, por exemplo, que eu faço grande crítica eles fazem por exemplo trabalhos que de alguns profissionais que nunca sabem o que que é em sala de aula por exemplo né, então não fizeram um trabalho sobre jovens o que eles pensam, ainda mais agora com essa questão da tecnologia, então assim o professor que conseguiu visualizar melhor isso é um ótimo professor ele é bem visto até mesmo daquele malandrinho lá no fundo a gente abraça, professor todo mundo tem medo dele, mas ele te abraça que ele reconheceu alguma coisa em você é já aconteceu isso comigo, quando eu entro em sala engraçado que quem me abraça é meninas são eles, talvez é porque você fala a língua deles você conseguiu sei lá chamar a atenção e... nesse sentido assim você consegue ser um ponto de identificação te espera lá na porta é assim mesmo sabendo que é danado, é danado, mas ele quer te ouvir, porque as vezes apesar de saber que ele tem um histórico local, mas você liga para ele você olha para ele e isso para ele é ótimo, portanto é um meio de você lidar com esses problemas externos

(pesquisadora) Pra você quais comportamentos são adequados para uma boa convivência?

(participante) Bom, é... eu acho que a participação da família, falando em escola, aluno, professor em todo eu acho que o segredo da família, a família acha que o sucesso do filho é só matricular o filho na escola e beleza todo mundo vai ser feliz, contente e sossegada, que a escola faça o resto não na verdade por exemplo a maioria dos pais hoje é... usa a escola como meio de se livrar do filho né, então vou matricular nessa escola integral aqui né, você fica o tempo inteiro chega lá em cada você esta cansado mesmo eu já fiquei livre de você um tempão essa é a sensação é impossível a chance dessa mãe e desse pai ter problemas é enorme, é enorme porque não sabe não pergunta como é que foi o dia, não pergunta como é que foi aquela aula e o que o seu professor falou e você não existe esse questionamento vamos dar uma olhada nesse material por exemplo né, eu costumo dizer que a parte da família é o mais importante convivência social é em casa educação primária é de lá para cá importante isso.

(pesquisadora) O que você acha, por exemplo, é... atitudes assim que as pessoas tanto os professores outros colegas de trabalho contra os alunos o que que eles podem ter agir de maneira que estimulem em agir uma boa maneira de trabalho ao bom para se trabalhar, algo prazeroso assim, como eles podem ajudar, quais atitudes?

(participante) Eles, ou seja, todos nós na verdade aqui. Eu acho assim em sala de aula tentar entender que alunos que existe alunos e alunos e não achar que o melhor aluno dele é igual a ele que o melhor aluno não se parece com ele ta, então o professor tem um problema sério que fala assim que: Fulana você é uma ótima aluna, sabe por quê? Porque você pensa igual a mim, quer dizer essa é a sensação do professor é um mortal vendo igual a mim eu vou dar prioridade pra você, eu falo com você, é então tem professor que passa o ano inteiro e não sabe o nome dos alunos é ta certo quando você dá aula em vários lugares realmente um e outro têm umas dificuldades pelo menos a característica.

(pesquisadora) Isto que você falou é muito importante acaba criando uma preferência com o aluno e deixando os outros?

(participante) Exato, o motivo na vida que a gente se manifesta é porque ninguém liga para a gente e quando você chega na escola e percebe que só a Maria lá na frente é lembrado e você José que está aqui no fundo ninguém fala nada ainda mais, quanto mais não fala de você, mais meios de chamar a atenção você vai fazer, portanto isso é o básico, portanto isso tem que ser trabalhado posso dizer para você que nem todos os professores que dão aula são professores de fato alguns estão aqui só para pegar o dinheiro é dão uma aula meia boca e pronto acabo, então ele não quer saber dos outros ele quer saber do próximo tempo ou do próximo pagamento sei lá, então acho que o erro mortal é isso não há compromisso dele com os alunos esses profissionais né, mas tem profissionais excelentes aqui qualidades assim fora de série dedicação enfim né, tem um resultado bacana, mas tem uns que eu tenho certeza não faz esse item que é básico ele entra ele dá aula para ele mesmo, então ele vira as costas e escreve, depois senta e corrige, então quando explica, explica assim que o resto que você corra e quem fala as vezes é o melhor aluno, então ele é ótimo para fazer porque ele é o único que entendeu o que você falou, então você excluiu todo mundo lá do fundo.

E do aluno em si você que ele pode ter que é imprescindível para uma boa convivência é bom como eu já disse no começo o melhor aluno que tiver uma boa convivência hoje é porque os pais são extremamente presentes, então como ele poderia buscar isso? Ele na verdade é o mais tagarela, ele é o que ta mais disposto esse é o reflexo, mas esse ai não foi a escola que ensino ele, esse ai ele trouxe da casa dele né, no final do 1º bimestre entrega as notas o pai dele está lá do lado dele, então faz questão de participar, então ele tem uma convivência muito melhor né, então ele tem mais segurança, então ele entende que o professor é único para ele é os pais dele, o professor completo fala bem dos professores para os pais essas coisas todas é então, como eu

não diria como, eu diria que isso já vem antes depois da situação feita é os pais tentarem resgatar o filho né, hoje tem filho que bebe, tem filho que tem vida sexual melhor do que é casado, consumo drogas, acesso de coisas indevidas aí os pais nem sabe, por exemplo né.

(pesquisadora) E quais as transformações que você viu que ocorreram na educação de modo geral e que refletiram no ambiente de trabalho?

(participante) É então falando talvez em estrutura eu diria é claro que as escolas sofreram algumas mudanças né, elas por exemplo essa escola tem ar condicionado isso era algo impensável em uma escola pública, por exemplo, então você acaba investindo nessa parte algumas escolas na parte tecnológica tiveram algumas mudanças estruturais acho que facilitou então me refiro especificamente nessa escola, mas a outra parte eu diria profissional propriamente do professor em si não houve muita mudança porque mesmo não tendo grandes estruturas em algumas outras escolas, mas ele não mudou nada a aula dele mesmo como há dez anos atrás é então ele quer um aluno diferente, mas a aula dele nunca foi diferente, ele é o mesmo que deu para você e tá dando agora também.

(pesquisadora) Didática?

(participante) Não muda também, mas aí é questão de compromisso né, comprometimento para ele esta bom é você viver na vida de conforto né, não mais do que isso esta achando que aquilo já é o suficiente. Algumas escolas tem uma ideia bacana, por exemplo essa escola a gente até que tem num lugar bacana, você dorme aqui se você tem horário a tarde, você tem uma certa regalia você tem algumas coisas a mais, outros profissionais em si não mudam mesmo, quando você faz previsão a palestras, traz algumas coisas de diferente para mudar até para entender melhor o aluno alguns não consegue captar isso ainda.

(pesquisadora) E... Certo, você acredita assim que no caso você não vivenciou a violência em si? Mais você acredita que essa violência vivida não só por outros profissionais também, ela influencia para o exercício da profissão como ele vai exercer a profissão no futuro, você acredita que se já presenciou, já vivenciou isso pode de alguma forma pode influenciar na maneira de como ela vai agir com os alunos, da maneira como ela vai agir dentro da escola, ela se sentir dentro da escola

(participante) Em si não, isso. É... assim, vai influenciar e já está influenciando um dos fatores por exemplo é a desistência de ser continuar a ser professor, então as vezes o profissional de grande valor, mas um pequeno fato de violência em sala de aula faz repensar sua carreira de

educação então desiste então tem traumas profundos, depressão, medo de entrar de novo numa escola é terrível o resultado eu creio que penso eu violência assim levou um tapa na cara e no mês seguinte resolveu que não mais queria ser professor que vai seguir uma outra coisa, que se continuar ele não responde por ele, então influencia sim eu diria que não na escola, influencia no país porque hoje nós temos um déficit absurdo de professor, então ninguém quer ser professor né, não só pela questão salarial, mas também pela questão da violência é o limite que não tem esses jovens o resultado eu acho que é enorme fala assim eu vou mudar oh, eu vou mudar agora minha postura de professor, não sei se necessariamente isso é mudar, mas eu costume dizer que um vidro quebrado jamais retornará ao seu anterior né, ao sua imagem, a sua ideia, a sua matéria anterior, portanto a maioria deles acaba ficando receoso e muitos desistem de ser professor, influencia bastante, você comentou agora a relação entre eles, claro que você fica um pouco mais com a guarda mais atenta porque você prefere ser mais bravo, mais protegido, então você não vai abrir assim, você quase não sorri, você é só o suficiente então ele não quer abrir muito a vida mesmo esse é o processo imediato, é quando ele se sente acuado, vou tratar vocês como aluno; aluno – aluno, professor – professor né, então isso acaba sendo blindado para não ter problemas sem contar as falácias então o professor é isso, o professor é aquilo, professora é isso, professora, cumprido se simplesmente isso ou no mais tardar desistir da profissão.

V- FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(pesquisadora) Certo, para você o que é uma escola ideal?

(participante) É... então é, uma escola ideal seria onde os pais desse prioridade para a educação. Uma escola ideal é onde pelo menos você aprende que a sua família é importante; uma escola ideal é onde você aprende o nível do seu país por exemplo na integra né, é onde um lugar gostoso de conviver trocas de experiências, somas de conhecimento né, profissionais capacitados né, participação amicíssimas dos pais eu falo da escola ideal, mas é preciso da família ideal também não posso nem falar dessa escola ideal sem essa família, então eu acho que é uma soma e a participação do estado, a participação da família para o sucesso da instituição que é a escola, portanto tem escolas prontas para fazer sucesso só não tem é famílias prontas e nem a preferência para que isso possa ser realizado, portanto o ideal seria isso é nesse sentido uma escola extremamente bacana, gostoso de conviver você tem prazer de chegar é professores extremamente preparados, capacitados não digo simpáticos não pode ser o tempo inteiro isso, mas eu diria que você tenha uma boa relação com os professores né, eu acho que isso seria o ideal né, que você passaria a crescer a escola teria que fazer você crescer e hoje há uma dificuldade enorme nesse sentido então, mas ainda assim tem o seu resultado.

(pesquisadora) É... O que você considera importante para a valorização profissional do professor?

(participante) Eu acho que é como eu disse, claro questão salarial sim, claro que questão salarial é importante, mas é o reconhecimento do professor isso sim tem que existir eu acho que o salário em si qualquer pessoa vai desejar é reconhecer o papel do professor, o professor é o grande formador, ele é o primeiro cara que alimenta o seu filho né, ele é o primeiro a dizer não ao seu filho, então ele chega em casa sabendo que tem regras da vida, regra em casa e regra fora de casa, portanto uma coisa que seria desejável é reconhecer a importância desse profissional, aqui no nosso país o jogador de futebol é mais importante, então ainda mais quando faz três gols no domingo do fantástico né então ele é mais anunciado do que o professor.

(participante) Tem gente que fala assim o professor bateu no aluno, mas você tem que analisar o contexto né, que aluno é esse, que fatos ocorrerão medidas extremamente sensacionalistas né, esse tipo de sensação é ótimo para vender jornal né, então aí o que prejudica mais a nossa imagem, então eu creio que não há um reconhecimento, por exemplo eu costumo dizer para os meus alunos que professor é brincadeira né, você vai no shopping, por exemplo né você

encontra o aluno e ele fala assim para você professor você aqui, como se a gente não tivesse um meio, uma vida social vamos dizer assim, a vida tem que ser só ali, mas o médico ele toma uma caipirinha lá na Afonso Pena por exemplo ninguém reconhece ninguém fala nada, até bonito, é um médico que bacana eu acho que é essa diferença né, o médico tomando todas saindo bêbado de lá ninguém fala nada né, vai um professor beber né, aí todo mundo lembra quem é o professor, mas não lembra que formou você né, eu acho que é essa imagem o reconhecimento do profissional eu acho que isso é bacana

(pesquisadora) Me fala estratégias de prevenção e redução da violência, o que pode ser feito?

(participante) É bom em sala de aula no caso em casa também eu acho que quando a escola cria alguns eventos bacanas né, traz pessoas de fora pra comentar a realidade do país, da cidade, uma orientação externa trazer profissionais, trazer por exemplo um comandante da polícia militar, trazer por exemplo o comandante dos bombeiros, trazer por exemplo o delegado trazer por exemplo aqui pra gente um... alguém público né para que possa ouvir deles certas coisas e... a partir daí discutir as situações esse é um meio que a escola poderia fazer abrir mais é... ou então nós enquanto escolas sai daqui, frequentar lugares enquanto a assembleia legislativa, é... ouvir certos parlamentares, frequentar a câmara dos vereadores né, só que para isso eu não tenho nem ônibus para entrar lá veja só como é difícil então a escola não tem recurso para tal e quando tal é extremamente escasso então eles tinham que colocar um pouquinho de acesso de melhoria né então a gente tem que trabalhar com que a gente tem né então o mal é mais rápido do que o bem neste caso né então é lamentável né eu acho que seria uma saída, o professor trabalhar algumas coisas em sala de aula né, etc. A gente trabalhar a característica de cada um é então esse é meio bacana de se trabalhar, mas existe exemplos muitos bons de escolas que dão resultados.

(pesquisadora) Existe uma relação entre saúde e violência? na escola por exemplo como a saúde pode ser tratada em relação a violência como que é essa relação entre violência e saúde?

(participante) Bom na verdade; é eu não entendi essa saúde em que sentido.

(pesquisadora) É no sentido assim: a violência em si, ela vai gerar alguma...

(participante) Danos?

(pesquisadora) pode ser danos vai ter alguma influência sobre a saúde?

(participante) É bom olhando no contexto mais amplo eu acredito que sim, porque olhando aqui a gente observa que a violência entre eles pode adoecer eu diria na verdade todos nós entramos super bem, mas depois você pede transferência porque você está super mal, então a maioria de alunos, por exemplo, tem depressão, são doentes, tem professor que ta(sic) doente né, e os pais também já estão doentes por problemas que já vem vindo em casa é digamos assim, então o que acontece, a violência é gerada, enfim é gerada uma doença então eu creio que enfim só amplia o problema é então tem uns pais fala sim olha meu filho tem um problema X e tal vocês tenha um cuidado esta difícil ter um cuidado com a saúde do seu filho por exemplo ou que no futuro possa sofrer um outro problema né então analisando saúde nesse sentido eu acho assim que a cada dia que se amplia a violência né mais difícil seria segurar essas questões né principalmente a saúde do professor diga – se passagem ele vai gritar mais, ele vai se estressar mais, ele vai ficando depressivo resultados estão ai, em campo grande por exemplo fecha-se livrarias e abra-se drogarias porque a gente está mais doente do que sadio para interpretar o mundo de hoje então eu acho que já é o suficiente para ver que não é só aqui na escola o resultado, o efeito, o mal estar digamos assim.

6. PROFESSORA LORENA

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora) Sua idade?

(participante) 23 anos

(pesquisadora) Sua renda familiar?

(participante) Acima de 4 salários

(pesquisadora) Sua situação profissional atual? Você é contratada na escola?

(participante) Contratada

(pesquisadora) Tem um período? Contrato ou não?

(participante) A cada 06 meses.

(pesquisadora) Aham(sic)... Na outra escola também ou não?

(participante) Não, na outra escola não.

(pesquisadora) Lá é como o seu vínculo?

(participante) Carteira de trabalho, lá eu não poderia te explicar como é que é o tipo

(pesquisadora) é tipo CLT?

(participante) É.

(pesquisadora) Sua formação?

(participante) Formada em letras.

(pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) 02 (dois) anos .

(pesquisadora) Seu estado civil?

(participante) Casado.

(pesquisadora) Tem filhos?

(participante) Não

(pesquisadora) E o seu tempo de magistério? Que você atua dando aula

(participante) 03 (três) anos, que atuo dando aula três anos.

(pesquisadora) Há quanto tempo você está na escola Amélia?

(participante) Um ano.

(pesquisadora) E lá no Instituto Batista?

(participante) Dois anos.

(pesquisadora) E... Qual sua carga horária de trabalho?

(participante) 33 horas

(pesquisadora) Semanais?

(pesquisadora) Isso nas duas escolas?

(participante) Juntando as duas

(pesquisadora) Aqui são quantas horas?

(participante) Pera ai, 18

(pesquisadora) 18 horas, é... Quanto tempo você trabalha nessa escola?

(Prof.3) Um ano.

(pesquisadora) Ano e série que você atua?

(participante) 1º e 2º ano do ensino médio e nas oficinas.

(pesquisadora) O turno?

(participante) Matutino, vespertino

(pesquisadora) Aqui?

(participante) Aqui

(pesquisadora) E lá?

(participante) Também.

(pesquisadora) Só que em dias...

(participante) Alternados.

(pesquisadora) Aqui geralmente é quais dias?

(participante) Terça e quinta e sexta a tarde; e segunda e quarta na outra escola.

(pesquisadora) Certo... A disciplina que leciona?

(participante) Língua Portuguesa aqui?

(pesquisadora) Uhum. E lá?

(participante) Literatura, espanhol, língua portuguesa e artes.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) Certo, me fala um pouquinho sobre sua constituição familiar? Com quem você mora? Como é a sua família?

(participante) Então, eu moro com o meu marido, isso já vem cinco anos já que estamos casados, ele é policial militar. A gente mora aqui perto mesmo da escola, mais alguma coisa, ele tem 26 anos.

(pesquisadora) Você pensa em ter filhos?

(participante) Penso, só que como ele começou a fazer a faculdade agora, então a gente está esperando ele terminar de fazer a faculdade dele para depois gente ter filhos.

(pesquisadora) Entendi, é... me fale sobre seu cotidiano? Do seu dia-a-dia?

(participante) Do dia-a-dia?

(pesquisadora) sim.

(participante) Geralmente segunda, terça, quarta e quinta; trabalho todos esses dias de manhã das 7:00h às 11:35h aqui que seria na terça e na quinta, e na segunda e na quarta até 12:10 que é na outra escola e a tarde trabalho terça – feira até as 14:40h, na quarta trabalho até as 16:30h e na quinta trabalho até as 16:30h também e sexta trabalho a tarde até umas 17:00h. Aí eu tenho

sexta de manhã livre, segunda de tarde livre, nos meus horários livres geralmente eu descanso, ou estou fazendo alguma coisa na minha casa; aí também eu faço italiano segunda e quarta né que eu faço da gente não para de estudar alguma coisa comecei fazer italiano, aí esse ano é meu último ano, aí quando eu tenho mais tempo livre eu leio, eu tenho meta de ler 03 livros por semana esse ano já estou pegando o meu terceiro agora hoje, aí quero ver se eu consigo até o final do ano ler os 200 dos 20 livros que eu propôs né; aí eu parei de ver TV, parei de ficar um pouco na internet, aí então eu fico assim; os horários do meu serviço e os horários das aulas ou estou limpando casa, ou estou lendo, ou então estou estudando, fazendo atividades, ou estou fazendo provas. Geralmente o horário que começo a fazer as coisas é das questões da escola da atividade de prova é das 23:00h às 2:00h da manhã, geralmente eu nunca durmo antes disso sempre durmo nesse horário. Aí nos meus finais de semana procuro descansar, não fazer nada é sempre no domingo de tardezinha eu já tenho que começar a voltar a rotina começar a estudando.

(pesquisadora) Você tem hora de lazer assim?

(participante) Eu me proponho sempre no sábado de manhã sempre sair para o meu lazer, vou andar com o meu cachorro, vou andar de patins; e no sábado à tarde vou para a casa da minha família, vou no cinema, gosto muito de ver filme, então pra mim lazer, ver filmes e leitura eu peguei o hábito de ler uma, duas horas por dia, então para mim é como se fosse lazer, já estou descansando.

(pesquisadora) Entendi. E, por que você optou em trabalhar em duas escolas? O que te motiva?

(participante) Antes eu trabalhava em três escolas no ano passado, aí eu comecei a ficar com stress muito alto comecei a ter distúrbio de sono e várias outras coisas que vai acarretando como de saúde mesmo além dos distúrbios né, aí eu fiquei só em duas escolas: primeira questões financeiras a gente trabalhava apenas em uma escola acaba não compensando, acaba tendo mais tempo em casa tudo bem, eu não consigo ficar em casa. Se eu tivesse fazendo mestrado ou uma outra faculdade aí sim reduzia uma escola para poder compensar.

(pesquisadora) Você pensa em fazer uma pós graduação?

(participante) Eu já penso em fazer um mestrado, mas pós graduação não.

(pesquisadora) Uma especialização não?

(participante) É que a maioria das vezes das que eu vi que me interessaria quando olhei para a grade era a mesma coisa que já tinha visto na faculdade, então para ver as mesmas aulas, as mesmas coisas eu não pretendo fazer isso eu até agora não vi nada de novo como eu sou casada eu não penso em fazer algo fora do estado, entendeu? Me prende aqui ainda, então é o que me sobrou.

(pesquisadora) Entendi, e como está sua saúde hoje?

(participante) Hoje eu estou bem, como assim eu ando a gente trata bem, que nem no ano passado dava aula enquanto dormia, eu levantava começava dar aula, eu gritava com meus alunos de madrugada, eu comecei a ter muitas dores de cabeça, dores musculares, adquiri uma alergia que não sou alérgica, mas comecei a adquirir a alergia tudo por conta do stress que eu dava aula em três escolas, dava aula aqui, na batista e no flemming é uma escola grande e lá exigia muita cobrança, muita cobrança, então era todos os dias eu não dormia que nem eu falo que eu durmo por volta das 2:00h da manhã, mas até onde eu aguento; eu dormia 4:00, 5:00h da manhã quando eu trabalhava em três escolas para dar conta das três escolas que são alunos diferentes, coordenações diferentes, materiais diferentes, climas diferentes, tudo diferente então pra eu dar conta eu fazia isso; assim como minha saúde foi por fim, aguentei só um bimestre.

(pesquisadora) Você sente que essa rotina de três escolas atrapalhou sua saúde?

(participante) Me atrapalhou minha saúde, principalmente minha saúde em casa mesmo, minha família mesmo acabou ficando aqui, então lutei só para ter duas escolas mesmo nunca pegar mais que isso de carga horária mesmo. Acho que ano passado com toda essa minha carga horária daqui lá eu tinha mais doze, mais quatorze mais ou menos, então $33+14 = 47$ por semana, fora os planejamentos e demais coisas, então pesou muito.

(pesquisadora) Atualmente junto com essa escola e com a que está lecionando a outra batista sua renda fica quanto?

(participante) Deixo pensar..... Que eu não sei quanto foi o aumento aqui, acho que foi em torno de R\$ 200, R\$ 700, R\$ 3.000,00.

(pesquisadora) E antes era mais?

(participante) Antes tirando os aumentos dava a mesma coisa que porque na outra escola eu trabalhava só no ensino fundamental a diferença de ensino fundamental para ensino médio, dá uma diferença de R\$ 10,00 por hora aula. Como agora eu peguei só ensino médio acabou sendo a mesma coisa que eu ganhava no ano passado.

(pesquisadora) Você faz uso de algum medicamento de uso contínuo?

(participante) Não

(pesquisadora) Chegou, por exemplo, naquele ano que te deu essas reações na sua saúde você chegou a usar algum remédio?

(participante) Pra stress, pra relaxamento, pra dormir mesmo realmente desligar não só os de alergia mesmo e dores musculares que acabei acarretando mesmo, mas só que eu fui no psicológico, psiquiatra eu não cheguei a ter acompanhamento; eu buscava para ir fazer um lazer, ir para um cinema, então me fechava e dormia o dia inteiro pra não ter que ir sai do serviço.

III – ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora) Entendi. E... E assim quais fatores motivou você para escolher essa profissão?

(participante) Sinceramente não tinha fator nenhum é igual eu falei para você, no começo eu queria fazer psicologia, mas como já estava fazendo cursinho eu já estudava três períodos num semestre no primeiro semestre eu estudava três períodos de manhã na escola, a tarde e a noite cursinho fora a madrugada que ainda estudava para a escola; então eu já adquiri um nível alto de stress devido tanto de coisas de esforço que já tinha feito, ai no meio do ano quando vi que só tinha pra letras, direito, administração, ai vinha física, química, acho que odonto(sic), e mais outros cursos assim então selecionei por um acaso de letras, direito eu não fazer porque pensei bom eu já tinha namorado na época eu acho que vou casar se eu for casar eu não posso fazer direito ele já é policial, então na mesma área talvez implicaria/ acarretaria problemas futuramente e eu como advogado ia entrar na área criminalista; ai se quer uma família você tem que acaba escolhendo o que você quer; como escolhi ter uma família, então eu já quis tirar esse tipo de funções que me exigiria e me consumiria não só a mim e a minha família também, então eu preferi me afastar ai como sempre gostei muito de ler sempre tive facilidade para leitura quis fazer letras pela literatura ai como eu acabei gostando do curso continuei.

(pesquisadora) Entendi, e o que que você acha hoje de lecionar?

(participante) Eu gosto que nem estava falando para os meus amigos, é uma fábrica de sonhos e poder transformar a vida de muitas pessoas isso é fantástico, eu gosto disso que nem eu sempre falo..., é todo mundo fala ah ele vai ser professor paga pouco, tem vários problemas, mas toda profissão tem seus problemas, toda profissão tem seus riscos tem que ser determinado pelo que você quer na vida, quando comecei a perceber a mudança que eu tinha que eu passava para alguns alunos as vezes eu tinha 200 alunos por ano, as vezes só 5, 6 que pude fazer a diferença, então isso era o retorno muito grande para mim então decidi ficar apesar do stress, do cansaço, da dedicação do professor tem que se dedicar; resolvi como eu sou católica a gente vê mais para o lado cristão, religioso; tenta justificar essa opção apesar dos pesares.

(pesquisadora) Me fala um pouquinho, na verdade você introduziu um pouco sobre isso falar um pouquinho sobre a carreira do magistério o que você espera dessa carreira, o que você tem visto, o que que você tem sentido, como você vê?

(participante) Assim eu vejo que a gente caminha a curtos passos né (sic) a gente está engatinhando para o processo da educação ou seja um dia poder ser chamado de modelo nosso país acho difícil até porque a partir do momento a gente dar acesso à educação para todos igual certas coisas deixarão de acontecer porque você só consegue manipular os ignorantes né, você não consegue manipular aqueles que sabem. Então estava até discutindo as grandes manifestações as grandes guerras ou revoltas que se acontecerão em todo o nosso país por fora sempre começaram com intelectuais, eles começaram a se indignar, eles começaram a se expor a querer mudanças não porque o povo quer o lado da situação de ignorância sabia, mais porque eles já sabiam começaram a refletirem, então a partir do momento que no nosso atual país que nós vivemos de compulsão e tudo mais não é a associação não querem veem, a partir do momento que você muda a educação você dá cria oportunidades e abre várias portas para mudanças então acho difícil isso acontecer ainda mais que a gente tem muito pouco tempo de vida.

(pesquisadora) E no caso da sua atividade, do seu exercício profissional essas mudanças que ainda não ocorreram.

(participante) Na verdade nem tanto assim, o que me atrapalha na verdade é que muitos passam e ficam um tempo curto. Quando eu dava aula na escola que para eles se eles conseguissem trabalhar no frigorífico já tava bom demais não almejava fazer uma faculdade, não almejava querer nada essa ambição na vida deles que me incomoda; eles vê que o tempo tá passando e

deixa passar e não acorda isso que me frustra as vezes, eu falei para os meus colegas uma vez o que me, eu fiquei chateada mesmo quando comecei dar aula quando você começa a entender as teorias até o início o meu convívio influencia o gênero, a raça tudo vai influenciar, então se ele vive naquele mundinho nada atinge, não deixa nada interferir ele nunca vai mudar; então eu nunca vou tirar a condição de subalterno dele; então isso é complicado quando dava aula em escola de periferia era muito complicado isso porque para eles aqui não tava bom, mas era porque o meio deles era aquilo diferente das dos alunos aqui; por isso que a gente percebe que a região interfere muito; eu falei para meus alunos esses dias que me deixa triste é isso. Você percebe que essas teorias que vê lá quando vê naturalismo, realismo lá em 18... ainda permeiam hoje isso é triste a gente não evoluiu.

(pesquisadora) E... Me fala um pouquinho sobre suas relações sociais na escola em caso com a direção, com os outros professores e os outros alunos né, me fala como que funciona essa relação, como você se sente?

(participante) Então a princípio quando comecei foi é estranho, porque quando eu comecei se viu eu sou nova, aí você entra as pessoas elas tem um preconceito, não é nem um preconceito, é um preconceito mesmo que você não vai ser capaz, que você não vai conseguir, que você não vai conseguir ter domínio de sala; que os alunos vão querer passa por cima de você, vão te assediar e várias outras coisas né. Aí muitos professores quando comecei a trabalhar nem conversavam comigo era bem aquela coisa de panelinha, a gente brinca que o mal da nossa profissão que a gente é muito desunido é um querendo passar por cima do outro e você percebe que uma pessoa tem outras ideias tem um método de ensino diferente você tenta afundá-lo o máximo para vê se ela para entrar no sistema junto então você percebe que no começo é um cortar de asas. Isso foi tenso hein, eu fiquei doente no começo, no primeiro conselho de classe eu terminei o conselho já fui para o hospital foi bem direto assim meu organismo entrou em colapso eu tive que ir para o hospital porque eu não consegui perceber algumas coisas do sistema educacional porque esse sistema que nós temos que passa independente do que ele aprendeu aí coloca analisando ele é traficante nem conhecia meus alunos, então como que eu vou passar, como eu vou dar uma aula eu nunca vi eu to dando alibi que ele tá cometendo um crime; eu estou dando um alibi que ele está presente ele não está é muito sério isso acontece.

(pesquisadora) Isso para você é uma forma de violência?

(participante) É, violência contra os meus ideais, contra mim mesmo; eu fiquei mal por conta disso, contra os meus princípios: de verdade, de justiça e tudo mais, isso no começo que é uma

coisa imposta pela coordenação e pela direção me afetou bastante, isso foi na primeira escola que eu trabalhei, mas aqui é mais tranquilo, aqui a gente entra num consenso aqui os alunos são diferentes; por isso é novamente a questão do meio no qual eles estão; mais que nem assim com a direção da escola hoje já tenho o diálogo muito melhor do que tinha quando eu entrei, entendeu, já acho que eles já me veem como uma profissional, já veem que eu sou capaz, desde quando eu comecei e que no caso eles impuseram as coisas e eu não podia nem opinar, agora não aqui já é mais tranquilo já consigo lidar mais com a direção e coordenação bem mais tranquila, aqui a gente tem uma abertura bem maior.

(pesquisadora) Isso é importante?

(participante) Isso é importante. Que nem eu comentei aqui, eu percebo que aqui eles são muito organizados, isso faz o diferencial nessa escola que eles são muito organizados, organização é tudo numa escola, é tudo quando o diretor sabe o papel dele, a coordenação sabe o papel dele, eles conseguem administrar o quadro de funcionários deles e se eles sabem fazer isso tudo o resto vai.

(pesquisadora) E na escola anterior que trabalhou?

(participante) Não, o diretor parecia um aluno junto conversava como se fosse de igual para igual esta certo que você pode se comunicar com o aluno e tudo mais, mais ele tem que entender certas hierarquias certos limites, entendeu? Ai na outra escola qualquer coisa o aluno ia batendo no professor, não ou o diretor, diretor não ia tomar uma ação, eu tive um problema na escola em que eu fui atrás da direção não tinha ninguém, eu fui atrás da coordenação não tinha ninguém; eu dispensei os alunos, eu não tinha mais condições de ficar naquela escola e não tinha ninguém para tomar uma atitude, entendeu? Aqui não, aqui eles são em quatro na coordenação nesse estabelecimento, então todo o momento tem alguém aqui você não fica desamparado; se acontecer alguma coisa uma discussão alguma coisa com aluno que sempre acontece, adolescente ele te testa até o último. Aqui não, aqui tem o amparo, e aqui o bom é que é assim o professor sempre tem razão, a gente sempre tem razão; independente do que aconteça a gente tem razão, então esse é o respaldo isso é uma segurança eu acho assim; quanto ao aluno eu lembro que ano passado eu sofri bastante quanto a isso questões de aluno porque para mim foi difícil diferenciar profissional do pessoal, tinha alunos para mim que já era como se fosse meu amigo, não é ele só está interessado na nota dele não é amigo ele vai fazer bajulação dele a todo momento realmente, eles vão fazer de todas as formas no começo para mim diferenciar essa questão de bajulação amizade e o aluno em si foi difícil porque é muito

aluno, aí um que e adequa mais ou menos aos seu parâmetros te convence ao social mesmo ai cria uma certa afinidade ai você acredita que aquilo vai perdurar isso não é real, isso é só questão de interesse.

(pesquisadora) E a sua relação em caso na outra escola com os alunos e nessa escola com os alunos, como é e como que era essa relação?

(participante) Como que era e como é, hoje são bem mais tranquilos assim eles ainda assustam quando entro assim os que não me conhecem acham que eu sou aluna e tudo mais, mas eles me respeitam, eles acham que eu dou muita tarefa, eu grito demais com eles e tudo mais, mas eu sou assim, eles acham eu acho que o aluno de uma escola estadual para uma escola particular são bem diferentes não sei se é o poder aquisitivo, mas a maioria dos alunos daqui também tem o poder aquisitivo alto o pai que optou de colocar numa escola pública não foi uma necessidade a maioria dos alunos tem um poder aquisitivo não foi uma necessidade, foi uma escolha é bem diferente quanto essas duas relações; já o da particular ele me vê, não só como todas as pessoas como um empregado dele essa é a diferença, você não sou o professor ou o educador, sou o empregado no qual ele paga o salário e isso é bem nítido no particular e eles não.

(pesquisadora) E na escola de periferia que você trabalhou era pública?

(participante) Pública

(pesquisadora) Pública. E lá como que era?

(participante) Em questão dos alunos?

(pesquisadora) Aham

(participante) Quanto mais assim afastados mais carentes eles são mais cuidado você tem que tomar porque tem que hora que o professor se torna espelho para muitos assim isso é complicado ainda mais eu quando entrei já comecei numa escola de periferia tinha um aluno que estudou comigo no ensino médio eu dava aula para ele assim, ele falou não é que ele reprovou ele desistiu, eu falei nossa eu me formei e você está aqui estudando junto era muito estranho isso ele não evoluiu eu ficava triste por isso sabe; meu marido fala que eu envolvo muito com a vida dos meus alunos assim, eu realmente fico triste com algumas coisas com as algumas situações que eles passam, mas é assim eu não consigo, mas a primeira escola os alunos eu via que era muito carentes, eles queriam conversar, eles queriam atenção; muitos eram já provedor da família deles eles que sustentavam porque o pai estava preso ou a mãe era drogada

ou quem cuidava dele era viciado, então cabia a eles a responsabilidade dos outros irmãos eu tinha uma aluna que ela tinha assim seis, sete irmãos e ela estava grávida, então eles são muito carentes eles são muito eles tem muita necessidade de atenção a escola não é mais o caminho para ele mudar de vida, para ele evoluir, é o lugar onde ele tem tranquilidade talvez uma certa proteção e alguém vê, entendeu? Ali não é uma ponte para o futuro melhor uma ponte para o stress dele acabar isso na periferia aqui já é diferente aqui os alunos eles veem a escola como a oportunidade de eles entrarem na universidade, aqui por mais que eles sofram ficar integral aqui eles sabem que vão se acostumar aqui porque lá na frente será muito pior e eles querem enfrentar esse muito pior eles querem estar preparados para isso alguns também não, tem muita gente que fala começa sala cheia e chega no final do ano tem metade que nem todo mundo está disposto a ficar o estudo é algo difícil, é algo trabalhoso é algo que tem ter disciplina e nem todo mundo o certo era isso.

(pesquisadora) Você sente a evasão na escola integral é maior?

(participante) Acho que não tanto porque a maioria dos alunos que entram aqui já sabem que vão ficar integral já é uma escolha da família diferente das outras que não, assim eles ficam mas vão desistindo por pequenas coisas, entendeu? Eles vão vendo a questão da dificuldade vão desistindo não que ele soubesse desde o começo que ia ser difícil e sim porque ele sabe tem que cumprir aquilo se não vai ganhar bolsa família, não vai ganhar assistencialismo do governo. Aqui não ele já sabe que tem que ficar, aqui a gente tem metas para cumprir, o diretor e a coordenação acompanha os alunos eles conhecem os alunos, nas outras escolas não. Quem que é aquele fulano? Ai aquele ali esfaquearam aquele aluno ali esse eu conheço, ah porque deram um tiro nele esse eu conheço, entendeu? Os conhece pelas más ações, não pelas boas diferente daqui até os que tem maior destaque ele ganham diplominha, eles tem vários incentivos de bom destaque, então há uma diferença.

(pesquisadora) Entendi, certo e me fala um pouquinho professora sobre o seu cotidiano na escola?

(participante) Aqui?

(pesquisadora) É

(participante) Cotidiano em questões de horário? Como que é tudo?

(pesquisadora) Como que é sua vida na escola?

(participante) Aqui eu venho aqui terça e quinta praticamente sempre chego atrasada incrível, não é que eu chego atrasada porque eu quero é porque eu acordo e fico enrolando eu moro perto é cinco minutos e um semáforo que esteja fechado, eu saio cinco minutos antes de bater o sino eu já me atraso por conta disso, mas assim eu tenho uma relação muito boa tanto com a coordenação como com a direção com os outros professores e os alunos também a gente tem mais contato. Eu quero ver semana que vem quando começar a ficar integral realmente como vou reagir.

(pesquisadora) Você vai passar a ficar de que horário a que horário?

(participante) Que nem terça eu vou ficar das 7:10h às 9:35h, aí depois eu volto da 13:00 às 14:40h, aí na quinta das 7:35h às 11:35h, da 13:00h às 16:35h. Aí geralmente quando eu fico integral eu já fazia isso ano passado eu almoçava aqui almoçava no restaurante que tem aqui pertinho aí eu vinha dormi aqui, que aqui a gente o bom é isso que a gente tem até o local para descansar, então já ficava por aqui mesmo pra até ir em casa voltar esse desgaste, questão do trânsito morro de medo de bater o carro que bati o carro três vezes ano passado em questões de correria de ir pro serviço voltar para outro, então o tempo que eu posso “economizar” ficar num lugar só já me evita o stress já me evita várias outras coisas eu fico aqui mesmo, mas que nem eu gosto assim eu tenho motivação de vir trabalhar aqui, eu falo que ano passado na escola que eu trabalhava nossa eu já ia me arrastando para a outra escola, eu sei que ainda fazia de tudo para chegar no segundo tempo e ainda a não ter que entrar para dar aula na outra escola, é que eu dava aula no fundamental na outra escola e a criança é mais complicada do que o adolescente muito mais complicada, agora eu estou com o ensino médio é mais tranquilo, eu tenho animo para trabalhar no começo né eu não sei até o final; a dona já implica tantas outras coisas então, a princípio eu ainda estou motivada, estou bem por enquanto né.

III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora) E o que pra você é violência?

(participante) Nossa, tem vários campos de violência né, acho que a partir do momento que há uma falta de respeito e uma agressão verbal assim já é uma violência porque de uma agressão verbal traça uma agressão física dependendo da situação é um pulo, a violência em questão da verbal e psicológica todas as vezes talvez eu me sinta agredida ou diminuída por algum aluno ou outra pessoa ou direção ou por outra pessoa. A física é mais fácil da gente ver, talvez a gente

não que seja fácil, mas é porque todos percebem, mas a psicológica que está enraizado em cada um que é mais difícil de ver que é mais cumulativo acontece todos os dias, você pode até tentar se blindar contra isso, mas infelizmente a gente se tratando com pessoas e pessoas em estado de crescimento, de desenvolvimento ainda nos quais eles ainda por mais que eles tenham idade de diferenciação de certo e errado há coisas que eles fazem que são cruéis adolescente muito próprio, a criança é mais cruel ainda, mas eu acho a questão de violência verbal também eu acho que agride bem mais do que a física, a física você passa você sofre por um trauma, mais você tem um assistencialismo maior do que a verbal. Teve uma vez que eu tive uma discussão com um aluno que foi só porque eu queria apagar o quadro, na verdade eu queria apagar o quadro, aí ela falou que estava copiando eu deixei e saiu ela começou a brigar comigo discutir comigo aí eu tirei ela de sala começou me a agredir verbalmente eu tirei ela sala ela não saiu, aí eu chamei ela para fora acabou saindo e outra ela não saiu bateu a porta eu tive que ir atrás que aquilo foi uma agressão muito grande que saiu daqui eu quase bate o meu carro; eu cheguei em casa eu fiquei dormi 5, 6 horas seguidas e dormi depois direto no outro dia fiquei mal durante duas, três semanas, entendeu? Foi assim eu tive problemas com aquela sala, depois eu não conseguia entrar depois eu fiquei com um certo receio qualquer coisa falar, qualquer ação, mas é porque o adolescente é muito instável né, tem dia que ele tá bem, tem dia que ele tá mal; como ele tá te vendo todo dia ele vai agredir quem está mais perto dele.

(pesquisadora) Mas quanto tempo isso?

(participante) Ah, vai fazer meio ano quase foi finalzinho do ano passado.

(pesquisadora) Entendi, e... o que significa para você a violência escolar?

(participante) Eu acho que a gente ainda não tem medidas contra elas, por exemplo o bullying muito falado hoje em dia que é uma violência tá a gente adverte quando que vai ter uma outra pessoa que vai fazer a mesma coisa toda vez vai ter outra pessoa, então a questão de conversar ou uma medida sócio educativa não está resolvendo, não se está fazendo nada para esse tipo de violência que nem, por exemplo os professores a gente não tem o acompanhamento psicológico; o nosso exame admissional é uma coisa que você vai lá o médico aí tudo bem? Qual foi a sua última menstruação? Você toma anticoncepcional? Você tem alguma dor muscular? Ah, então está apto! Ele não conversou comigo, ele não sabe se eu estou bem psicologicamente, se eu tenho algum outro problema, dentro do meu interior, no meu inconsciente, ele não fez nenhuma pergunta, ele não tem o diagnóstico para avaliar isso, só dessa forma já falo que estou apta para entrar dentro de uma sala de aula, será? É muito vago isso, a gente não tem o acompanhamento

psicológico na escola deveria ter; as escolas que possuem acompanhamento psicológico se tem algum acompanhamento é para o aluno, professor jamais. Então quando o professor chega no nível de estresse alto ele já está quase entrando de licença, ele já é readaptado; ele já não tá melhorando a situação dele, só está amenizando não está curando de nada, só está amenizando para ele poder aposentar e também não vai melhorar quando aposentar porque até lá a situação já está pior, então a gente não tem nada a gente temos nós mesmos a gente que vá, que vá ao psicológico, que vá criar algo que nos desestresse, nos acalme; uma coisa que eu fiz muito ano passado foi ficar ouvindo música clássica, aí meu marido isso é chato se acalma, isso relaxa, você não tem noção de que isso faz diferença. Quando você sai da sala e tem um monte de gente falando, você tem que ficar chamando a atenção não pode sentar nem parar você não pode perder a atenção; você não sabe a diferença que isso faz isso para mim fez diferença, aí eu ganhei patins, eu vou andar de patins, aí eu ganhei um cachorro eu vou andar com o cachorro; procuro me desestressar de todas as formas possíveis, aí eu já não pego muita aula e nem pego ensino fundamental justamente porque eu sei que não vou agüentar até final do ano consigo no começo, mas no final a minha situação de saúde já bem debilitada mesmo.

(pesquisadora) É, você já me falou que teve um tipo de violência e a seria a próxima pergunta né, você já tinha sofrido algum tipo de violência, que medidas você tomou?

(participante) Mais eu tive uma outra também que eu até sai da escola na verdade que o aluno me ameaçou que se eu não passasse o amigo dele ele supôs que eu saberia que poderia acontecer comigo numa escola aí eu fiquei assim, aí eu fui conversar com a direção, fui conversar com a coordenação eles olharam assim: aí a nossa escola já é muito visada pela polícia, você não pode prestar uma queixa contra ele, eles não fizeram nada.

(pesquisadora) E o que ele fez assim?

(participante) Assim eu tava na sala dos professores assim ele entrou fechou a porta só tava eu na sala aí ele falou que eu deveria assinar, falou como? Ele me intimou pelo olhar dele, que eu deveria passar o amigo dele porque se não poderia acontecer algumas coisas comigo ele me abraçou, entendeu? Ele falou de uma forma tão tranqüila esse guri é psicopata porque entrar em sala de aula eu nunca ia imaginar que aquele menino ia ter uma conversa daquelas comigo, ele é uma pessoa super tranqüila, super tranqüila, mas ele estava sentado no mesmo lugar, no mesmo olhar cético dele, então tranqüilo, tem alguns alunos que você sabe que é traficante, aluno que tem uma gangue aluno que briga em rua é diferente; esses que se mostram é muito mais fácil de lidar do que aqueles que você não espera to ali foi difícil também aí eu só não

voltei para a escola no outro ano, ai quando foi só no final do ano eu não voltei; alertei os professores para eles tomarem cuidado também eles ficaram olhando esse aluno, esse mesmo tomarem cuidado com ele, ai eles não fizeram nada,

(pesquisadora) É em escola pública?

(participante) Pública.

(pesquisadora) Esse aluno era de ensino fundamental?

(participante) De ensino médio a noite, ai teve uma outra vez na escola assim que entrei que o aluno foi um assedio na verdade assim não foi uma coisa... Foi uma coisa que ele utilizou para mim constranger em sala de aula já em sala de aula assim, eu tava dando aula ele começou a chegar perto de mim eu comecei a me afastar ele chegava perto de mim e não parava de chegar perto de mim e aquilo me incomodando aquele olhar, aquela situação, ao ai no dia que eu fui na coordenação ninguém, fui na direção não tinha ninguém ai eu tive que dispensar os alunos que eu estava no estado de constrangimento tão grande que não conseguia e nem conseguia mais olhar para a cara do guri não tinha ação; tinha pedido para sair, já tinha tirado ele de sala, já tinha brigado com ele, já tinha chamado atenção e não mudou a postura dele e nenhuma das situações; o que eu fiz foi ameaçar ele na polícia, cheguei lá na direção, ai ele... eu conversei com um policial militar e tinha uns amigos dele fazia policia comunitária que tem nas escolas essas mais violentas e um deles estava lá e eu cheguei a conversar com meu marido né, nossa ele fico indignado ele já queria que eu fosse na delegacia da mulher pedisse uma medida protetiva um monte de coisas né ai eu cheguei a coordenação; outro dia eu tive que contar pra coordenação para eles saberem o que aconteceu o que eles pensem dos alunos não tinha ninguém na escola para ver isso né, ai eu falei com eles e tudo mais, ai eles chamaram o aluno e eu olhei para a coordenação e como eu percebi que para eles tanto faz eu realmente ameacei ele; eu falei para ele já era de maior de idade olha você sabe eu posso ir na delegacia pedir protetiva contra você, você poderá ficar 200m de distância comigo e mesmo assim você ainda continuar você sabe que meu marido é um policial militar tem vários amigos dele aqui presentes essa região aqui eu conheço, meu marido trabalha nessa região e eu não estou sozinha e ele não professora me desculpa eu não estava fazendo nada, mas o discurso dele mudou porque estava a coordenação do lado, mas perante os alunos e o que que ele queria era me ridicularizar, me constranger, não sei porque se ele tivesse falado eu saberia, mas não por isso que eu falo é muito mais preocupante os alunos que não falam te constrange pelo olhar por alguma ação do que aqueles que falam, que se exaltam e tudo mais sabe que a raiva passa os nervos se acalmam,

mas aquele que consegue controlar a sua raiva interior é muito mais perigoso, aí desses que eu tenho medo com certeza. E uma vez ano passado na escola.

(pesquisadora) Foi mais depois desse episódio?

(participante) Não depois, foi no finalzinho quase das férias aí depois entrou numa menina que assumiu o concurso lá. É sempre assim comigo eu continuo até onde dá eu não sou de desistir esse é o meu problema eu sou bem determinada se dependendo da situação se eu não mandada embora alguma coisa eu vou relevar eu vou curar isso em mim eu vou dar algum jeito, mas eu não vou desistir porque tudo que eu começo termino independente da situação, independente como eu vou chegar ou não, então eu sou sempre assim; se eu não tivesse trocado se eu não tivesse vindo para outro concurso continuado tranquilo lá fingido que nada tivesse acontecido, mas porque eu aprendi porque eu consigo controlar isso em mim; mas teve uma escola ano passado também que a menina a gente estava tranquila ela começou falar algumas coisas, começou a falar mal de outras pessoas pedi para parar e tudo mais ela olhou para minha cara; bom professora se sabe que se você falar, comentar alguma coisa do que eu falei eu vou me estapear nessa sala, vou falar que você me agrediu e todo mundo vai acreditar em mim porque o filho de quem eu sou, você não é nada ela me ameaçou! Tranquila, ela tem 14 anos, 14 anos; aí eu fiquei olhando para a cara dela, ah não tinha ação, não tinha o que fazer, estava numa escola de renome, tinha filho de prefeito, de vereadores, de deputados, de desembargadores, de juízes; a maioria dos alunos eram assim, então eles olhavam e eu fiquei assim, boba vai se estapiar (sic) e... todo mundo ficou olhando do tipo, ela tá falando a verdade gente, você bateu nela na sala; então acabou desmoronou tudo, aí eu olhei assim, realmente por isso não é fácil de escolas muito grandes, quanto mais poder aquisitivo eles tem mais carente ele é, porque os pais só dá dinheiro para ele não dá mais nada além do que isso, ele vai te ameaçar vai te usar da forma que ele quiser.

(pesquisadora) Você sente uma certa autoridade da parte deles assim?

(participante) É uma imposição mesmo precoce, porque eles não tem nem idade para isso, mas infelizmente é a nossa sociedade de hoje em dia, então prefiro ficar nas escolas públicas que são mais tranquilas, bem mais tranqüilas.

(pesquisadora) Entendi, É... O que você sentiu quando você viu a violência ou quando já vivenciou a violência? Que sensação? O que você sentiu?

(participante) Eu acho que é insegurança né, parece que você se desestabiliza, na época três situações eu fiquei assim sem ação, entrei como se fosse em choque sem ação nenhuma, aí eu fiquei bem todas as coisas que acontecem comigo de sofrimento e tudo mais eu pego tudo pra mim aí eu me conformo, mas eu tenho um certo problema que na verdade, não é que é um problema, uma forma no qual meu cérebro criou pra se afastar dos grandes traumas dos quais eu já passei que eu esqueço tanto que eu não lembro o nome dos alunos, só lembro a cara, eu não sei te falar quem foi, só sei te falar a situação; ligar a pessoa falar que eu vou ver ela, vou lembrar, vou sofrer, eu não, não vai acontecer eu bloqueei isso já em mim, isso é bom para um lado e ruim para outro. A partir do momento que você não se reavalia, não sofre ou não tenta mudar a situação pelo qual já passou, apenas esquece joga dentro do seu inconsciente, isso talvez quando for voltar talvez seja grave.

Mês que vem eu sei falar as situações, mas as pessoas não sei; mês que vem é a questão de segurança e impotência que como se fosse nada, não pudesse fazer nada, você tivesse a mercê de qualquer outra coisa e nada vai te proteger de nada, essa é a sensação.

(pesquisadora) Me fala um pouquinho sobre a relação dessas influências escolar na prática cotidiana?

(participante) Eu busquei das escolas que eu podia afastar passei por isso, eu sai das escolas e tentei manter o mesmo método de ensino só que conforme vai mudando de escola você acaba de adequando a eles, então quanto mais eu puder conversar com o aluno, explicar as coisas, ter uma forma mais didática e levá-los um pouco para minha vida e pensar que sou amiga deles é a forma como eu acho. E hoje eu consigo separar se ele é meu amigo ou não, eles nunca vão ser eu já deixei isso bem claro, sempre deixo isso bem claro para eles, que não é uma questão, aí eu não quero, não é uma questão pessoal, é uma questão profissional, eu preciso separar isso pra poder trabalhar pra poder continuar para que isso não me agrida pessoalmente, que eu já sofri com isso, já fiquei mal; é dor de cabeça alta, insônia, stress, não ter paciência de ficar com a minha família; no ano passado eu chegava numa situação que se eu chagava numa situação de um lugar que eu tivesse saído já acaba meu dia. Sabe você ter que ficar se escondendo, porque tem tanto aluno ele vai estar em qualquer lugar, aluno é gente pior que mato que cresce em qualquer lugar, aonde você for tem um e não interessa ele vai gritar no meio da rua a onde você está, oi ta tudo bem; isso já acabava com o meu dia se eu encontrasse um aluno por quê? Porque já retomava toda a questão de stress de ligar pro meu trabalho através de tudo, então, que nem eu falo para eles eu gosto de vocês, eu quero mudar a vida de vocês eu quero fazer

parte da vida de vocês da solução de vocês, mas aqui dentro eu sou sua professora e você é meu aluno não há outro tipo de relação, então eles tranquilo e ainda eu consigo separar também e tem alunos que terminam ou saem da escola vão para a faculdade, ou de uma escola para outra, dependendo do grau de influência que ele teve acabo aceitando ele como amigo como já tive como alguns alunos já, mas não que os leve em casa convivência com o meu marido, com a minha família, é simples que eu os considero mais que os outros alunos, me importo com as suas evoluções.

(pesquisadora) É... Para você Lorena, quais comportamentos são adequados para uma boa convivência?

(participante) O respeito, principalmente o respeito; assim o aluno. Quando ele entende que o único papel dele é como o aluno, não como celebridade.

(participante) eles (alunos) entram achando que são celebridade; você entra ele está de costa conversando, mexendo no celular dele, achando que a vida dele é muito importante, importante mais que qualquer outra coisa, isso estraga que a partir do momento que ele consegue entender o papel dele e ele passa a entender isso tranqüilo, mas o papel dele é estudar, mas que nem todos estão preparados para isso e o estudo é algo individualista, algo egoísta, algo não para todos, infelizmente mas é verdade, mas eu tento levá-los a isso, mas eu sei que muitos nunca chegarão.

(pesquisadora) Se acredita que o respeito é o comportamento primordial?

(participante) Primordial, porque talvez jamais ele vá fazer medicina, alguma área da licenciatura, jamais ele aspire algo para a vida dele, a partir do momento que ele me respeita como pessoa, como profissional eu já consigo trabalhar, mas a partir do momento que ele olha assim ai esse daqui não leva nada para minha vida, ai esse daqui não acrescenta nada para minha vida, a partir do momento que ele se fecha para qualquer tipo de conhecimento que eu possa passar ele ponha uma barreira e quebra com tudo aquilo que eu poderia estar fazendo por ele.

(pesquisadora)E... Que transformações você acha que ocorreram na educação e que influenciam no ambiente escolar? Essas transformações que geram impacto na escola.

(participante) Transformações, você fala aqui ou como nível de educação?

(pesquisadora) Nível de educação nacional de política pública, o que você acha... que transformação que ocorreu, que gerou impacto na sala de aula vamos dizer, na escola.

(participante) Das que eu vi, das que eu acompanhei que eu vejo que tem sucesso são as escolas que são integrais é o único resultado é ele ficar o dia inteiro, mas sabe por que a escola vai ser a creche dele? Não, é porque aqui ele tem várias oportunidades, ele tem assim como aqui banda, violão, ginástica, ensino de línguas e muito mais, então uma coisa que o pai não poderia pagar tem aqui que nem todos os alunos são criados para estudar, são criados para a vida a toa para terem assistencialismo do governo, essa questão de manter o bolsa família até ter outro filho, daí vai tendo, vai tendo, tendo filho isso não cria evolução nenhuma isso não tem acompanhamento nenhum essa questão de assistencialista necessário é, porém deveria ter regras que o faça evoluir, faça querer trabalhar realmente, faça querer evoluir ter outros sonhos sonhar, acho que o pior de tudo que as pessoas não tem mais sonhos, eles não aspiram mais nada, elas estão tão acostumadas com sistema com a vida delas que tá tudo bem, não tá tudo bem, não tá e nunca vai estar bem que a nossa, que como ser humano a gente está em crescente evolução, então o nosso cérebro pede isso sempre pede; então essas formas que nos param são muito erradas a questão do assistencialismo acho totalmente errado, o sistema penitenciário carcerário não ajuda ninguém, eu acho que isso acaba afetando com certeza a família, dá auxílio reclusão isso não ajuda em nada a criança e ela vai se taxada como filho de ex presidiário ou do presidiário ela sofre por isso e não tem nenhum acompanhamento psicológico a respeito dessas crianças, dessas escolas ou então dos menores infratores que tem os projetos do governo; tá tem um projeto aí que você junta a maioria dos alunos que tem são menores infratores e que deveria pelo menos estar no 1º ano do ensino médio e tá na 4ª série, junta todo mundo bonitinho maravilhoso numa sala de aula pra tentar se merece esse aluno o projeto começou agora, mais não tem isso e não terá talvez comece tem que começar alguma coisa talvez seja bom isso mas ele não tem uma estrutura boa para isso para dizer que vai afetar ou que vai contribuir para isso vai ajudar em algo vai muda-lo vai mudar a visão dele perante a sociedade ele mudara algo não vai sabe quando você começa entender as questões fatalísticas do mundo é muito triste, é muito triste.

(pesquisadora) E... Houve alguma consequência dessa violência que você viveu ou presenciou para o exercício da sua profissão?

(participante) Não, porque assim o que eu percebi que aconteceu comigo antes eu queria trocar de profissão e tudo mais, mas a cada nova situação eu percebo que eu preciso estar em sala de aula eu acho que os grandes profissionais não estão em sala de aula os que acabam ficando infelizmente o que estão acomodados com o sistema que eles não querem; como não estou acomodado com o sistema e sempre quis algo melhor para mim eu quis ficar nessa situação

porque eu quero mudar o meu aluno não que eu quero mudar o sistema, o sistema vai demorar anos talvez eu não esteja viva para ver o sistema mudar que vai muitos anos para isso, mas eu consigo transformar um aluno, um aluno que eu transforme por ano vai fazer muita diferença, faz muita diferença porque eu continuo na escola que nem eu falei aqui é uma fábrica de sonhos porque muitos vão parar aqui, talvez sempre venha a professora que brigava com ele e talvez lembre disso talvez faça a diferença algum dia na vida dele como teve alunos que tiraram sarros da minha vida, então eu quero ser esse fator determinante da evolução ou não de alguém só por isso é mais uma questão, não é nem mais uma questão profissional é uma questão pessoal que eu levo pro meu serviço.

III – FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(pesquisadora) E para você o que é uma escola ideal?

(participante) É integral

(pesquisadora) Integral?

(participante) Sim, nossa, quando entrei nessa escola fiquei maravilhada, isso aqui é um sonho se eu pudesse estudar numa escola integral nossa eu tinha feito tantas outras coisas, tantas outras coisas mesmo, mas a escola integral é o melhor porque ela abrange todos os conhecimentos e o deixa escolher conhecer o que ele quer. A falta de referencia quanto a profissões que nem a gente sabe os que o básico sabem direito, engenheiro, arquiteto, advogado, médico faz e as demais profissões só de engenharia a gente tem 41 agencias no pais, a gente só conhece cinco, cadê as outras 36, entendeu? É muito pouco a escola te ajuda a conhecer essas áreas e os outros campos que existem, porque eles tem oficinas tanto práticas como teóricas, as teóricas são voltadas mais para o lado científico, isso faz com que se abra o leque de conhecimento dele, por isso talvez ele não saberia se ele ficasse numa escola com o tempo limitado que no outro período iria ficar jogando video game é o que manda é obrigado a escolher a querer realmente saber se ele quer aquilo ou não porque as vezes a pessoa eu quero ser advogado ele não gosta de língua portuguesa ele não gosta de ler como que ele vai ser , ai eu vou fazer odonto, medicina porque eu não gosto de língua portuguesa a sua conclusão de curso vai ser uma monografia você vai escrever meu camaradinha tudo que você vai passar, você tem que por uma letra legível você vai ter que saber escrever corretamente se não você passa média errada, se não você vai estudar latim, então por não conhecer isso eles entram em certos cursos por desconhecimento é a evasão hoje em dia na universidade também é muito alta. Eu estava olhando esse ano a portabilidade de diploma para entrar eu nunca vi isso, por exemplo, 30 vagas para entrar em

zootecnia, 20 vagas para entrar em licenciatura, acho que tinha psicologia, administração para portador de diploma, antes era 2 ou 3 cursos que tinha, tinha mais de 100 cursos com vagas assim então você vê que a evasão é muito grande porque ele desconhece aquilo que ele faz e hoje para você ter uma garantia do Enem não entra em qualquer universidade, será que ele está preparado para entrar numa universidade que é que eu falo para os meus alunos, hoje em dia é fácil entrar numa faculdade se você vai sair é outra coisa, se você vai ser um bom profissional é outra coisa porque como a ascensão nem que seja da burguesia, mas os subalternos mesmo nas universidades forem muito altas, eles não estarem preparados para isso para não ter um índice muito alto de reprovação eles tem que abaixar também isso é muito sério porque futuramente quem serão os professores, os médicos, os grandes profissionais que permeiam o mercado isso é sério tudo mundo acha lindo maravilhoso entrar pelo Enem e qualquer aluno entrar de escola pública, não por ele sendo de escola pública, mas ele estudou? Se educou? Se disciplinou para entrar numa faculdade ou depois ele vai viver lá que eu vi também vai pagar pessoas para fazer o trabalho dele, vai pagar para fazer a monografia dele e vai ver na situação de comercio um meio acadêmico ou ele vai se suicidar igual outros fazem isso não aguentam a pressão a forma que os professores tratam são muito duras né, eu falo para os meus alunos, esse é o amorzinho que a gente tem por vocês tem na faculdade ele não quer nem saber para os alunos não quer nem saber da sua vida não adianta você reclamar desse professor para a coordenação ele é tão renomeado hoje em dia e o tanto de concurso que tem para universidade pública que ninguém quer dar aula também em universidade pública que tá cansado, cansado do quê? Dos alunos que estão adentrando nas universidades é triste para um lado é bom para um lado a gente está dando oportunidades só que nisso a gente está afastando muitas pessoas também, muito difícil.

(pesquisadora) qual característica que você vê que é fundamental para ela ser uma boa escola?

(participante) É que ela ensina-os a ter disciplina, porque ele sabe que se ele não pegar o intervalo que ele tem que estudar das meia hora ele não vai dar conta da 21 disciplinas que ele tem por semana e na faculdade a gente pega 10, 11 e quase morre; no ensino regular tem 13,14; agora 21 disciplinas aos quais ele vai reprovar é muita coisa, é muita cobrança ta certo que algumas disciplinas são bem parecidas de português, acompanhamento pedagógico de produção, literatura, ai atrás ele tem jornal, ai ele tem leitura e produção, ai a gente falo 7 disciplinas das 21.

(participante) Porque envolve a dedicação, se ele conseguir as sete disciplinas das unidades tudo bem é bom que ele consegue levar os campos de uma mesma disciplina, mas se ele escolher

também, ele pode ir para a química, tem 4 aulas de química, mas ele tem oficina de química, tem laboratório que vai leva-lo a ver a química de uma outra forma, então abri muito mais oportunidades e ele vê vários campos da ciência, não se limita apenas aos clássicos ou as mais fáceis ele vai buscar algo que está além de nosso estado

(pesquisadora)Entendi, e o que você considera importante para a valorização profissional?

(participante) Eu acho que a gente tinha que ser mais capacitados, a gente tinha que ter um acompanhamento psicológico, a gente tinha que ter capacitações que falassem realmente o que precisamos, o que a gente tem, muita capacitação para uma pessoa que está lidando com pessoas; nunca entrou em sala de aula, não tem vivência nenhuma como ele esta falando de avaliação se ele não dá aula que incoerência é essa muito grande, a gente chegou as umas capacitações que é ficar lendo, lendo o professor já é um leitor, ele já lê em casa, ele já lê a LBV ele fez faculdade ela não mudou até hoje porque numa capacitação ainda tem que ler isso; então a gente percebe que as capacitações são perda de tempo e eu acho que a gente tinha que ter um melhor preparo, eu acho que a parte de licenciatura tinha que ser cinco anos, não quatro e outras universidades que são três e com certeza o salário tinha que ser supervalorizado porque os melhores profissionais só ficam se for por amor e não por dinheiro porque não compensa que nem eu falo para você para eu conseguir dar aula com a qualidade que eu quero eu tive que dar só 33hora aula (h/a) intercalando as aulas horas; R\$3.000,00 é muito pouco porque tem final de semana que eu fico final de semana preparando prova, eu gasto dinheiro já comprei um notebook, vou comprar um data show para poder dar aula melhor eu tenho um investimento que eu não tenho retorno, então a gente tem que uma capacitação melhor, um acompanhamento psicológico, um abono salarial por quê? O que está acontecendo na educação hoje, a maioria só vem para a sala de aula porque não passou no concurso melhor ou porque não teve uma faculdade mais fácil por dizer para ele fazer porque a licenciatura você faz por EAD agora me explica como você vai conseguir aprender estar em sala de aula ter um domínio de sala através de um computador lendo?

Se o médico não tem, não existe EAD não tem como fazer um diagnóstico pelo computador porque que o professor que vai ensinar um médico ele que vai ser responsável de ter médicos de inspirar a ser médicos esses tipos de profissões tem que ser obrigados a fazer uma capacitação profissional, muitas vezes é o que sobra, as presenciais é igual eu já te falei é aquelas que você já curso se você quer fazer alguma diferente vai fazer EAD, se você quer fazer uma melhor ainda você vai para Maringá ou vai para outra cidade que são umas das melhores ainda, ou a que sobra ou vai indo das outras vai ter que ter um gasto de gasolina, gasto de

passagem, gasto em congresso, infelizmente tudo vai voltar para o mesmo problema também: dinheiro, por quê? Esse professor não tem um acompanhamento psicológico ele vai ter que gastar com terapia depois, ele vai ter que gastar porque o stress dele vai ter que curar de alguma forma ou então ele vai ser um professor readaptado e um professor readaptado sai muito mais caro pro estado, então, hoje em dia está tendo uma reavaliação para os professores readaptados do estado, mas ele ocupa uma vaga de uma pessoa concursada como se ele tivesse em sala de aula não está e por isso não contrata mais ninguém não se abre mais vagas ele gasta muito mais porque sabem pagar ele e tem que pagar o contratado e se fosse separado corretamente, eu acho que se a gente tivesse após se formar uma prova de pré-eficiência como se fosse OAB mesmo a gente daria a maioria dos profissionais aptos na sala de aula porque muitos também recorrem a licenciatura porque quem que tem três férias ao ano? Quem que tem vários feriados que emenda tudo? Ninguém

Quem pode mandar um substituto no seu lugar? Só nós

O médico pode conseguir um outro profissional no lugar dele, mas até ele fazer isso a gente não tem um monte?

Muitas escolas já tem até seu próprio substituto, entendeu?

As vezes o médico se ele fica doente dependendo do paciente, da situação é só com ele que conheceu todo o histórico dele e tem que ser só com ele mesmo que o conhece e o professor não, ele não precisa conhecer o aluno dele, ele precisa conhecer o conteúdo, ter um domínio de sala de aula que se for pensar realmente é fácil estar em sala de aula então está aos seus pés, ser um bom professor não é fácil isso exige mais.

(Pesquisadora) me fala algumas estratégias de prevenção e redução de violência na escola?

(participante) Eu sempre falo que sou faixa preta em karatê eu fiz sete anos em karatê eu explico um pouco isso para eles, eu sempre falo para o meu marido que é militar sempre para mostrar que eu tenho um certo amparo aqui a gente tem um respaldo da escola realmente, mas das demais das quais eu já trabalhei teria que me expor realmente me mostrar que eu dependendo da situação reagiria, entendeu? Hoje eu acho que reagiria dependendo da situação, antes não porque eu fiquei pensando toda vez que você entra num lugar novo você pensa como toda aquela situação pode implicar depois desse relacionamento como é mais fácil o professor ser culpado do que o aluno se a gente chegar num tribunal o menor sempre tem razão, infelizmente, então eu sempre tomo essa postura e eu tomo muito cuidado não passar muito da minha vida para eles não conhecerem muito e assim tomo a postura que assim eu não bebo se assim todo

final de semana ir em festa enchesse a cara ah porque ele é legal vivo eu se encontrar numa festa dessa é complicada eu já acabo num perfil de sala de aula no qual eu me propus em sala de aula porque você não é visto no qual está se vestindo é visto com o professor daquele aluno estava bêbado naquela situação complicado estava dirigindo embriagado ou que estava de short ou que nem penso ou que estava ou que podemos dizer estimulando os alunos a querer, até isso é capaz de falar a culpa é sua, como eu não bebo para mim é mais fácil evitar isso e como meu marido é policial militar também ele já evita na vida dele também frequentar esses locais também, já evita no trabalho dele também porque ele não quer ter que tomar uma atitude e eu que não quero encontrar meus alunos e ser vista porque o professor é muito cobrado por mais tem professores que saem e tudo e leva isso numa boa eu não conseguiria levar isso numa boa para mim estaria entrando na minha intimidade como estou tentando separar profissional do pessoal já estaria quebrando alguma coisa.

(pesquisadora) Existe alguma ação da escola das políticas públicas podem fazer pra reduzir a violência assim que tem algo maior que possa ser feito?

(participante) Nossa, é muito complicado isso, porque isso em todo local está sujeito o negocio da escola seja maior porque uma quantidade maior de pessoas, uma quantidade maior de pessoas que não sabem a consequência de suas ações na sociedade são muito imaturos, por isso o maior problemas são nas escolas, mas seria aula de cidadania que acontece filosofia, sociologia mas talvez com os padrões curriculares não sei os conteúdos que vêm que tratem sobre leis e deveres realmente do aluno eles precisavam ser conscientizados de seu papel na sociedade o duro que o aluno vira um ser humano quando ele começa a fazer uma contribuição de mercado vamos assim dizer de trabalho só a partir daí que ele é visto fora isto ele não é visto, então ele precisava ser conscientizado, ele precisava ser responsabilizado pelas suas ações e acompanhamento toda escola tinha que ter nossa linha, de acompanhamento psicológico, de coordenador não tem que ter esse papel, acaba sendo o papel da coordenação o trabalho psicológico do aluno acho que a gente não é formado para isso a gente tem que trabalhar com isso, acho que a gente tinha que ter acompanhamento psicológico com os alunos e não somente de casos especiais de deficiências mentais e tudo mais, mas todos os alunos teria que ter um local ao qual eles pudessem ter um acompanhamento sabe poder falar, se abrir isso evitaria muito stress porque as vezes o aluno só se comporta dessa forma pela situação dele dentro de casa por não ter onde falar ou como acabar com tudo isso ele vai reagir aonde? No local aonde ele fica mais tempo, aonde ele fica mais tempo? Já que os pais dele não fica em casa porque tem que trabalhar muito é na escola onde tem mais pessoas no qual ele pode interagir; só se a

gente tivesse um acompanhamento psicológico maior, se os alunos soubessem a conscientização dos deveres e obrigações; direitos e deveres seria bem melhor.

(pesquisadora) Comenta sobre a saúde de violência na escola?

(participante) A saúde com a violência, você fala...

(pesquisadora) Existe uma relação na saúde e as questões da violência?

(participante) Se a gente for levar por lado psicológico novamente e for lembrar que o ambiente no qual ele vive for um local de violência em que ele vê constantemente para ele é normal ser violento a gente pode falar da questão de saúde também por conta do meio porque se ela tá sofrendo agressões psicológicas todo dia tá sendo agredida não fisicamente, mas psicologicamente sim isso vai acarretar no qual ele vivencia mais na escola, então a saúde e a violência estão ligadas não tem como você falar que uma pessoa está sofrendo que fique calma, que ela fique tranquila prestar atenção no que fala sendo que dentro da mente dela está tudo embaralhada você não sabe se ela sofreu violência. Eu tinha uma aluna que ela tinha sérios problemas de assim prestar atenção, eu via que ela tinha 12 anos parecia que ela já tinha relações sexuais que ela se envolvia já tinha vários namorados, criança de 12 anos, eu fui conversar com a coordenação eu vi que a guria era violentada pelo pai e ninguém tomou atitude nenhuma, isso é muito perigoso para ser denunciado isso, é complicado o nome da escola; tá mais isso é reflete o desempenho dela dentro da escola ela age assim como ela passa em casa é resultado então tá, infelizmente o aluno só é pelo que ele é na casa dele, se ele viver num ambiente hostil, vai ser hostil, se ele vive em que ele tem que ser responsável tem que tomar o pai é preso, a mãe é traficante e os outros irmãos são menores, ele tem que tomar a frente de tudo, em que ele também tá sofrendo por violência constantemente ele também tá sendo privado é criança tão tirando o direito dele, então está totalmente ligado.

7. PROFESSOR PABLO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora) Sua idade?

(participante) 51 anos

(pesquisadora) Renda familiar?

(participante) Acima de 4 salários.

(pesquisadora) Sua situação profissional atual?

(participante) Concursado

(pesquisadora) Sua formação?

(participante) Educação Física

(pesquisadora) Tempo de formação desde a graduação?

(participante) tempo de formação de mestrado? Ixi (sic) perdi a conta, 35 anos.

(pesquisadora) Estado civil?

(participante) Casado

(pesquisadora) Tempo de magistério?

(participante) 35 anos

(pesquisadora) Carga horária?

(participante) Dedicção exclusiva, 40 h.

(pesquisadora) Aqui o seu trabalho é de manhã, de tarde ou a noite ou período integral?

(participante) Aqui é integral, é assim eu dou aula lá na escola quinta e sexta e trabalho aqui nos outros dias nos outros horários

II – HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) professor gostaria que você falasse um pouquinho sobre a sua história de vida , sobre a sua constituição familiar como que é o senhor mora com quem?

(participante) Tá(sic) você quer que eu venha lá de trás e faça um contexto ou você quer saber da parte atual?

(pesquisadora) O senhor que sabe.

(participante) Tá.(sic)

(pesquisadora) O que o senhor achar melhor.

(participante) É assim. Eu sou filho de militar e ai sempre estudei em escola pública eu meu ensino todo sempre foi em escola pública quando eu fui fazer o ensino superior, eu tinha muita dúvida do que eu ia fazer, ai acabei fazendo direito ai cursei direito. Quando foi no final do primeiro ano de direito eu fiz vestibular para educação física eu fiz as duas faculdades ao mesmo tempo, no fim da faculdade de educação física no último ano comecei a trabalhar e desde de lá eu trabalho em 1985, eu trabalho com educação física foi o que eu sempre quis e direito acabei nem me formando e ai acabei trabalhando em torno de 35 anos de formado e todos esses anos trabalhando nessa área de educação física e... nesse processo todo trabalhei com escola, com clube, com esporte ai chegou numa etapa da minha vida que eu resolvi parar de ser professor ai eu comecei a tentar fazer outras coisas e descobri que eu só sabia fazer educação física é a coisa que eu mais gostava de fazer era dar aula. Daí eu voltei a estudar fiz especialização em 2003, em 2005 entrei no mestrado na federal e ai eu sai das escolas que eu fazia mais especificamente para fazer concurso e ao mesmo tempo eu comecei a trabalhar em universidade daí comecei a dar aula em ensino superior, trabalhei na Universidade Federal durante dois anos, fiquei dois anos fora, e depois mais dois anos dentro como substituto e ao mesmo tempo trabalhava na Uniderp e o Inesp.

(pesquisadora) Certo. Nesse período o senhor já estava casado?

(participante) Ah sim, em termos de vida sim; eu me casei eu tinha eu sai da faculdade com uns 26 anos eu me casei, fiquei casado pouco tempo e ai tive um filho, ai depois fiquei um tempo separado e voltei a casar uns 6 anos depois, ai casei fiquei mais 9 anos casado + 11 anos casado eu tenho um outro filho desse segundo casamento e agora eu estou casado a menos de 1 ano

nesse processo todo. E voltando lá trás quando eu fiz a faculdade eu morava com minha mãe e depois eu acabei a faculdade com meus pais e depois acabei a faculdade passei a morar sozinho.

(pesquisadora) Certo, entendi. E atualmente você mora com sua esposa e seus dois filhos.

(participante) Não, só mora eu e minha esposa. Meu filho hoje, que é assim meu filho do meu primeiro casamento ele sempre morou comigo porque como eu me separei muito logo assim ele nasceu, na verdade quando ele nasceu eu já estava separado e aí ele sempre morou comigo só que atualmente ele faz faculdade, então ele mora no Paraná faz faculdade lá quando ele vem para Campo Grande ele fica comigo porque ele mora comigo, mas na minha casa hoje só é eu e minha atual mulher, meu outro filho mora com a mãe dele em Campo Grande.

(pesquisadora) Entendi. E seu cotidiano como que é?

(participante) Minha rotina é assim eu meus três últimos anos são anos diferentes da minha vida porque eu como nunca tive vínculo público eu trabalhava muito, área da educação física a gente trabalha muito, então trabalhava muito de manhã, a tarde e a noite, muito principalmente à noite.

(pesquisadora) Em diversos locais diferentes?

(participante) Em diversos locais diferentes, em diversos locais, eu trabalhei antes de eu entrar nesta instituição, no concurso que vai fazer 3 anos, eu trabalhei como personal trainer durante 12 anos, então como personal trainer eu trabalhava muito de manhã e a noite e fora isso eu dava aula na faculdade e trabalhava com esporte também então meu horário era muito maluco né, esses últimos 3 anos que eu consegui equilibrar meu horário e trabalhar somente de manhã e à tarde; eventualmente eu trabalho a noite, quinta-feira eu dou aula, dou treinamento no Instituto Federal a noite, mas fora isso meu horário de trabalho hoje é de 7h30min à 11h30min, 13h30min à 17h30min; então essa é minha rotina e... agora a noite eu tenho mais tranquilidade para eu parar um pouco mais e ficar um pouco mais com meu filho, enfim organizar a minha vida, mas normalmente ela foi muito corrida.

(pesquisadora) Entendi, hoje você sente que deu uma melhoria?

(participante) Ah, nesses últimos 3 anos eu consigo respirar a noite durante muitos anos eu vivi muitos problemas, não problemas mas assim meus filhos me cobravam muito assim, tudo que era festa eu não ia, porque eu saia do meu serviço era 20h, 21h, 22h da noite e eu começava muito cedo, então pessoal a gente começava a atender 6h da manhã, então saia da minha casa

5h15min, 5h30min, então as vezes eu não via os meus filhos a gente passava um tempo o horário que estava ali era o horário que ele estava na escola; esses últimos 3 anos também não eu tenho uma vida normal.

(pesquisadora) Que bom e sua saúde como está?

(participante) É boa, é boa assim...por eu ter uma vida muito agitada, por eu ter antes de eu trabalhar com professor de educação física eu fui atleta e ai eu tenho algumas coisas desse excesso de uso que a gente chama de *overuse* e assim e ai são as dores articulares da profissão, da profissão de educação física de dar aula de ser muito intenso de ficar em pé não que dê aula você faça exercício, mas é , você fica em pé se movimenta e por eu ser atleta, mas a minha saúde de modo geral é bem boa.

(pesquisadora) você faz uso de algum medicamento de uso contínuo?

(participante) Não, não uso contínuo não.

III – ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora) bem aos aspectos profissionais o que te motivou na escolha da sua profissão?

(participante) É... a escolha primeira, foi assim como eu fiz faculdade de direito quando eu estava no primeiro ano de direito eu comecei a conviver com pessoas que estava na faculdade de educação física, era uma coisa que eu tinha uma aproximação porque eu era atleta então eu imaginava naquele momento que ser atleta e professor de educação física é sinônimo, ai eu entrei na faculdade e descobri que educação física não têm nada a ver com esporte, é enquanto professor. A questão da licenciatura ensinar não tem nada ver com esporte, a educação física e aí eu comecei a me ver como professor e hoje eu não consigo ver outra coisa a não ser professor digamos assim é, esses dias teve uma dinâmica que as pessoas pediam para que você fizesse colocasse uma característica sua, uma característica minha é que eu sou professor por opção gosto muito do que eu faço.

(pesquisadora) Sempre foi assim?

(participante) Sempre foi assim, sempre foi assim é como eu sou muito intenso e ao mesmo tempo muito rápido então, por exemplo eu tive muitas atividades muito se eu relacionar para você oh: eu ensinei cego a andar com bengala durante 7 anos, eu trabalhei com deficientes físicos durante 3 anos, eu mexi com voleibol de auto nível aqui em Campo Grande que era na

Copagaz durante 6 anos, eu ensinei eu trabalhei com voleibol de madames, mulheres casadas, ricas que queriam jogar não tinham o que fazer elas queriam jogar voleibol, eu trabalhei em seis casas diferentes, as pessoas eram tão ricas que elas tinham quadras dentro da casa, então eles reuniam essas pessoas eu trabalhei lá, eu trabalhei como personal trainer durante 12 anos, eu trabalhei com esporte de rendimento, com médico trabalho até hoje eu trabalho com esporte de rendimento com ministério público até hoje, então tudo é muito intenso de tudo o que eu faço, é... então eu sempre fui assim só que dificilmente eu fico muito tempo em uma coisa eu dei aula em escola pública municipal, eu dei aula em escola pública estadual, eu trabalhei na secretaria da educação no órgão central na sede então tudo é muito intenso e sempre foi assim.

(pesquisadora) Dinâmico?

(participante) Dinâmico o tempo inteiro.

(pesquisadora) Legal e me fala um pouquinho sobre a sua carreira como professor?

(participante) É eu acabei a minha faculdade eu estava no último ano da faculdade surgiu um concurso que é um concurso estadual daqui de 1984 talvez pode ser um pouquinho mais para frente um pouquinho mais para trás. Eu estava saindo da faculdade eu fiz esse concurso, esse concurso eu fiquei em 7º lugar, aí houve a parte de títulos, acadêmico tem pouco título digamos assim tendo o 8º lugar eu caí para 27º, 30º lugar, só que por um erro de documentação eu perdi a minha vaga e nesse momento eu fui mandado para Anastácio que era a vaga que sobrou, aí eu fui para Anastácio e aí quando eu fui para lá eu ainda fazia faculdade então eu não podia assumir a vaga lá então eu fui e uma pessoa assumiu uma vaga pra mim e eu voltei para Campo Grande e eu fui convidado para ir para o Instituto Federal, desculpe para o Instituto Sul Matogrossense para cegos, e aí eu comecei a trabalhar com cegos e aí esse concurso a minha lotação que estava em Anastácio eu trouxe para Campo Grande e aí minha formação foi acontecendo foi por acertos e erros digamos assim eu fui fazendo foi dando certo, o que eu fui fazendo não dava certo eu retomava e por eu ser por essa questão muito intenso quando eu comecei a trabalhar no instituto ISMAS - Instituto Matogrossense para cegos eu jogava futsal ainda então eu tinha um contato muito grande e as pessoas foram me oferecendo você não quer trabalhar assim única coisa que eu não queria trabalhar era com futsal né? eu jogava mas não queria trabalhar e aí as coisas foram aparecendo então eu fui construindo a minha vida de professor, de licenciatura no processo entendeu? Então trabalhar com cego para mim foi muito legal aprender, a conhecer pessoas pra eu entender das minhas limitações pra eu entender do meu potencial pra eu poder acreditar nas pessoas paralelamente a isso abriu um concurso do

município ai eu fiz eu fui aprovado ai eu fui dar aula ai trabalhei lá no Bernardo Franco Bais, depois do Bernardo Franco Bais eu fui para uma escola pública municipal lá no Santo Amaro chama João Evangelista, então no Bais eu trabalhava com uma população um pouco diferente né era uma população de classe média alta, isso era ano de 86, 87. Quando eu fui lá para o Santo Amaro que é no João Evangelista que é uma escola de uma classe financeira um pouco mais baixa, então assim eu fui aprendendo a conviver com essas pessoas no processo e por eu ser muito intenso eu acho que isso era muito bom para mim e bom para os meus alunos né e assim é as minhas relações, as relações que eu criei em termo assim nos meus trabalhos em termos políticos né eu fiz parte do quando eu comecei a fazer parte entender um pouco da política, o partido comunista brasileiro ele era ainda um partido ilegal, então a minha entrada foi exatamente nesse sentido e ai isso me deu uma cancha muito legal na cabeça de ser mais democrática eu entender da opinião diferente dos outros por eu ter vivido ter trabalhado com cegos me ajudo a entender a diversidade entender que quando você tem um grupo os grupos são distintos as pessoas tem opiniões diferentes tem forma de enxergar diferente historicamente eu me considero uma pessoa muito aberta a tudo isso, isso me ajudou bastante então a minha formação pedagógica foi feita nesse caminho.

(pesquisadora) Tem todo um processo.

(participante) Todo um processo, todo um processo eu acho que eu fui um cara muito sortudo, muito feliz que as coisas foram acontecendo exatamente no seu momento ai você pergunta assim teve coisa ruim? Lógico que teve um monte de coisa ruim, mas as coisas foram acontecendo e acho que eu consegui contextualizá-las, entendeu? Quando eu tava num momento muito legal da minha vida chegou em Campo grande montaram aqui em Campo Grande de uma equipe de voleibol de auto-rendimento, a TV Morena através do Fabio Zahran montou uma equipe trouxe toda uma equipe de fora um treinador de fora tal nessa época eu trabalhava com voleibol no rádio clube e lá era assim uma quadra descoberta era um trabalho que eu comecei com meus alunos de escola pública eu conversei com o presidente do clube o presidente oh, tá lá se você quiser usar eu te arrumou bola e rede eu comecei um trabalho, esse trabalho começou a dar fruto eu comecei a ter resultado quando a copagaz chegou em Campo Grande eu recebi um telefonema ai a pessoa falou oh eu sou da TV Morena to montando uma equipe eu queria que você trabalhasse comigo eu falei como você me conhece? Eu ouvi falar de voleibol quando fala de voleibol fala de você e ai digamos que da noite para o dia eu passei de uma estrutura de voleibol amadora para uma estrutura para mim super profissional em termos financeiros e em termos de trabalho tu sabe essas coisas foram acontecendo elas foram subindo

da mesma forma que subia ela caia, eu continuava dando aula na escola pública e trabalhava com a melhor equipe do estado de Mato Grosso do Sul, mas era tão importante para mim o voleibol quanto aquela escola então essas coisas foram.

(pesquisadora) Acrescentando?

(participante) Isso, foi construindo assim o contexto eu acho que eu consegui dar o padrão de contexto para tudo isso.

(pesquisadora) Que bom, e... Professor me fala um pouquinho sobre as suas relações na escola em relação a direção, aos alunos como que é a sua relação com os outros profissionais?

(participante) Ta, é.. Ela tem fases: primeira fase foi quando eu assumi o município foi a minha primeira escola Bernardo Franco Bais eu fui para uma escola que tinha uma diretora extremamente ditadora né, ela definia o que cada um fazia, o horário que fazia, como fazia e eu entrei não era uma vaga pura e eu entrei para substituir um professor e esse professor era um professor que tinha uma relação muito boa com ela porque tudo que ela falava ele fazia e eu tinha a minha concepção e era diferente da concepção dela e ela segurava o Bernardo Franco Bais e ela tem suas qualidades que são várias de segurar a disciplina do jeito que ela era eu sempre fui muito democrático que eu ouvi meus alunos se você entrar na minha aula a primeira coisa que eu peço que os meus alunos não me chamem de professor né, porque eu falo que a relação é muito próxima parecida daqui a pouco tempo eles vão se formar e assim por diante e eles vão e eu acho melhor eles me chamar de Pablo e isso para a diretora me incomodava muito; meus alunos conversavam comigo eles iam lá me chamar a gente ia lá fazer uma atividade não vamos fazer assim, vamos fazer assim aí eles opinavam e eu opinava e assim por diante isso incomodava ela e eu tinha pouca paciência e aí a gente começou a conflitar e aí aconteceu alguns problemas como por exemplo dia 26 de agosto ela queria que eu montasse uma turma para desfilar eu disse para ela que eu não era militar que eu não treinaria ninguém para desfilar que não era minha função que eu era professor de educação física e aí ela falou que eu tinha que fazer isso e aí eu me organizei de forma que os alunos foram mas eu e aí no dia 26 de agosto eu não fui como eu sabia que ela ia eu tive realmente um problema de saúde como eu sabia que ela ia pegar no meu pé eu justifiquei a minha falta só que aí eu vi que ela armo tudo 26 de agosto, você tinha 7 de setembro que tinha desfile aí eu chamei meus alunos eu to com um problema muito sério a diretora quer que a gente faça uma turma pra desfilar de educação física eu acho isso uma coisa muito nada a vê e aí eles falam assim professor como o senhor anda de bicicleta e o senhor também vamos montar um grupo de bicicleta vamos desfilar

de bicicleta a gente monta a coreografia a gente faz assim oito aquilo que a gente faz no handebol com bola a gente faz com bicicleta ai pronto fechou ai a gente montou um grupo de bicicleta ai ela veio e falou assim você vai desfilar dia 7 de setembro ai eu vou uma não sei como fala uma ala é sua seus alunos desfilarem vou estar pronto, você vai ensaiar? Já estamos ensaiando, já estamos acabando o ensaio e ai a gente desfile de bicicleta foi muito legal e ai o que eu estou querendo dizer com isso ela gostou, mas ela não aceitou, gostou mais tipo assim eu não queria que você fizesse isso, então eu fui aprendendo a lidar com as pessoas eu sou uma pessoa que tem uma facilidade muito grande de comunicação mais eu tenho pouca paciência então eu discuto uma ou duas vezes, o terceiro já não tem mais paciência para ficar explicando né, então eu fui construindo isso então a minha formação a pergunta mais especificamente.

(pesquisadora) Ela gostou? Como é as minhas relações? Isso

(participante) Como é as minhas relações, lógico que elas foram melhorando com o tempo a gente vai amadurecendo eu só acho que a gente não pode perder a referência de amadurecer, mas que a gente não pode perder que é aquela coisa que é da sua essência, entendeu? Hoje as minhas relações são mais fáceis, mas que eu posso adiantar que eu nunca levo desaforo pra casa assim se um diretor questionar minha postura em aula vou discutir com ele até o fim para eu mostrar para ele que é assim como aconteceu com essa, com outros, mas eu fui melhorando essa relação assim.

(pesquisadora) Existe professor muita essa questão de alguns professores de perderem a possibilidade de autonomia da aula, da sua didática de ensino assim?

(participante) Você está falando dos professores de modo geral ou meu?

(pesquisadora) De modo geral.

(participante) O que eu acredito é assim, o que eu vou entrar mais especificamente no que você está falando que é violência, é... violência para mim ela é pressuposto de uma relação de poder, por exemplo se você precisa manter o seu poder através de alguma coisa que imponha o outro se sente menor então ele precisa mostrar o poder dele fazer uma analogia vai ficar mais fácil é meus filhos é meu filho desde muito pequeno ele dizia assim eu quero ir até tal local eu digo assim você não pode ele fala assim para mim porque eu não posso? Ai eu digo assim para ele você não pode porque eu não tenho dinheiro para você ir ele fala assim eu não vou precisar de dinheiro, ai eu digo assim eu não tenho tempo para te levar, ai ele fala eu vou de carona, ai eu falo assim, mas que horas você vai voltar? Tal horário. Esse horário é muito tarde, ele fala assim eu posso voltar mais cedo, enfim nós vamos negociando ele vai discutindo comigo e eu vou

discutindo com ele, por que que ele discute comigo? Porque eu sempre ouvi ele e por quê que ele discute comigo? E porque eu não vou ouvir porque eu vou me impor por aquilo que é real e não pela minha força eu não vou dizer nunca para o meu filho e nem para os meus alunos assim faz isso porque eu quero porque toda vez que eu tomo essa decisão o outro que vai se sentir menor ele vai precisar lá na frente descontar em mim, isso é uma relação de poder então eu acho que a violência está muito relacionado a imposição de poder assim que eu vejo Bernardo Franco Bais que eu te dei o exemplo de uma diretora radical ditadora a gente tinha alguns problemas pontuais, por exemplo os alunos invadiam a escola. Por exemplo, os alunos quebravam a escola que tinha um murro ela era extremamente fechada na aula de educação física que fica lá no fundo da quadra no fundo da escola nunca foi invadido, o aluno vinha no murro e falava oh, se dá volta porque a nossa relação não era uma relação diferente, era uma relação de mesmo nível, por exemplo o aluno ia lá e falava assim professor eu não estou aguentando o que está acontecendo com a diretora para eu intermediar esse diálogo, então eu acho que a violência tem muito a ver com essa relação de poder as pessoas oprimidas precisam de alguma forma extravasar eu acho que as relações de poder, aí você me pergunta as pessoas vão perder o poder elas vão perder a partir do momento que elas tentarem se impor, se elas não tentarem se impor não vai haver contradição de poder, então por exemplo o aluno me chamar de professor não me dá nenhuma autoridade maior do que o aluno me chamar de Pablo, agora o aluno discutir no mesmo nível comigo dá a mim e a ele o mesmo nível de poder, inclusive de eu falar para ele que ele está errado inclusive de ele falar para mim que eu estou errado e eu ter que admitir isso eu acho que o grande problema da escola que a escola não admite, ela é dona da verdade entendeu? A diretora quando é ditatorial, ela é dona da verdade quando ela impõe, por exemplo na minha sala hoje vou falar atualmente eu trabalho com ensino médio as pessoas falam assim o ensino médio é muito difícil, eu entro na minha sala hoje tá um aoê (sic), a gente brinca e eu brinco vou fazer chamada nunca chamou num grito então eu faço assim: si si si (som) só isso que eu faço aí os alunos eles param aí eu faço chamada aí faço brincadeira desequilibra começa uma bagunça, falo moçada para deixa eu falar aí para aí a gente tem essa relação momento nenhum por exemplo falo para eles assim: posso mandar cala a boca? Aí eles falam assim professor cala boca não pode, depende né oh, aí eu sorri e falo assim... cala boca para eu falar aí eles riem e param de falar aí as vezes eu brinco subo o meu tom de voz bastante e dou um berro na sala, aí eu falo tá vendo como vocês tem medo, aí eles param durante um segundo e começam a rir depois porque que eu tô falando isso porque eu acho que essa coisa da imposição você consegue ter é disciplina não, e sim medo, por exemplo meus filhos não têm medo de mim, mas se eu dizer para o meu filho você não vai fazer isso não faz entendeu? Não

vai fazer por que? Porque eu vou justificar para ele e ele não faz, então eu acho que as pessoas perdem sim o domínio quando elas precisam se impor pela força e essas a gente ouve a meus alunos me respeitam não sei o que é respeito e o que é medo, medo leva a indisciplina medo não.

(pesquisadora) Professor e o que significa satisfação profissional?

(participante) Satisfação profissional é assim logo no começo eu acreditava que as pessoas iam me elogiar sabe quando você dá aula faz alguma coisa aí você espera que ele elogie com o tempo eu descobri que ser professor é você nunca esperar esse elogio, mas eventualmente você recebe isso alguém que te encontra lá na frente e fala assim lembra uma vez vou dar um exemplo pontual, quando eu trabalhei com voleibol eu tive uma equipe que começou comigo eu tinha uma escolinha particular que chama escolinha do pelezinho de voleibol e aí eu tinha uma equipe um grupo de meninas e aí e essa equipe virou uma equipe muito boa a gente foi campeão durante 5 anos seguidos e aí eu falava muito para elas assim gente esse voleibol aqui ele não vale quase nada ele é legal a gente brinca tudo toda a tarde a gente passa aqui, a gente treina, mas daqui a cinco, dez, doze anos nós vamos nos encontrar na rua e vai ser muito legal e vocês vão falar assim: você lembra daquela vez? Aquilo foi muito legal e hoje essas pessoas eu a encontro na rua, no facebook nas redes sociais de modo geral e elas falam exatamente isso Pablo eu tenho uma filha de dois anos eu tenho 3 filhos eu tenho dois filhos eu falo exatamente o que você falou há quinze anos atrás o que fico daquele tempo o voleibol passou, mas a amizade eu aprendi a respeitar, então o retorno da gente é esse o que dá satisfação na gente é isso por exemplo nesta instituição os alunos entram pra se tornar engenheiros pra se tornar médicos porque é o ensino médio de qualidade eu falo que é a melhor escola que eu trabalhei até hoje a melhor escola de Campo Grande é longe, longe de qualquer uma outra inclusive das particulares comparado aos bionatus, ao nota 10, colégio militar e assim por diante diferentes características, mas é melhor do que todas essas e aí um aluno chegou oriente o meu TCC ele é do curso de mecânica lógico que eu oriento ele falo professor que eu quero ser professor de educação física, entendeu? Que eu vi vocês aí é a coisa que eu mais quero na vida, então essas são as coisas que vão fazendo você gostar do que você faz, ele é um menino assim um aluno muito bom que todos os professores botavam fé até porque ser engenheiro é mais importante que ser professor de educação física que para mim é um grande absurdo, mas aqui a gente ouve isso daqui todo dia e aí sabe são essas coisinhas que vão fazendo a gente ter tesão de continuar é você encontrar o aluno que você formou que trabalhou na faculdade com você, você encontra ele sabe tudo aquilo

que você falou hoje estou aplicando então é isso muitas vezes eu nunca ter esse retorno é nunca esperar é meio complicado.

(pesquisadora) E como é seu cotidiano aqui na escola?

(participante) É assim eu tenho dois cotidianos diferentes eu vou te falar o meu cotidiano anterior né porque fazem 3 meses que eu trabalho na reitoria, então eu trabalho na pró-reitoria de ensino eu trabalho com cursos, mas antes de disso eu estava só na escola, então a minha rotina na escola é assim eu tinha, eu dava aproximadamente instituto federal tem uma condição de trabalho muito boa porque o número de aulas que você dá metade você tem direito a preparação, você tem direito a um percentual de projetos de extensão está de projetos de atividades AMAPAT, você tem direito de orientar trabalhos de iniciação científica que eu também fazia lá, então eu trabalhava 40 horas no Instituto, eu tinha aproximadamente 14h/a, eu tinha 7 de preparação, eu tinha dois grupos de iniciação científica um que estudava evasão escolar no Instituto Federal e o outro que fazia uma pesquisa específica que era mais na área de pro que estava desenvolvendo uma hortese de bambu para pessoas com deficiência física e fora isso nas minhas aulas eu trabalho no 1º semestre do Instituto Federal é semestral ta, então desde o 1º semestre a gente trabalha iniciação científica – iniciação científica na área da educação física, então é assim os alunos levantam situações na área de saúde, qualidade de vida, esporte, lazer da comunidade deles que eles gostariam de auxiliar então obesidade doloso então eles criam um projeto de atuação, então eu quero trabalhar com os idosos que são do centro de convivência do meu bairro então eu quero ver como ta a qualidade de vida então a gente trabalha a iniciação científica encima disso e ai eu passava o dia inteiro trabalhando com isso trabalhava com esporte então a de ter um horário para treinamento eu dava treinamento de voleibol masculino e feminino, futsal masculino e feminino, tênis de mesa masculino e feminino e atletismo masculino e feminino, então eu trabalhava normalmente mais de 40 horas com esporte é assim você tem a hora de treinamento, mas normalmente os estudantes dizem assim vamos continuar? Então sábado, vamos treinar sábado em tal lugar? A gente ia, vivia muito escola assim hoje não, hoje to na reitoria minha vida ta um pouco mais corrida, mas com menos atividades fora do meu horário, mais burocrática, mais corrida, mais chata

IV – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora) Quem é dinâmico né então professor agora assim você já entrou um pouquinho na questão da violência né, eu queria saber pro senhor o que é violência no geral? O que significa, o que vem na sua cabeça quando fala violência?

(participante) É me olha, olha para mim, eu acho que violência tem uma relação muito direta com olhar é se a gente pensar do aluno; vou falar da escola que é minha vivência se eu pensar o aluno violento é um aluno de alguma forma está dizendo assim: olha pra mim, dificilmente o aluno violento eu vou fazer uma caricatura da escola, a caricatura que eu faço da escola é assim você pega uma sala de aula divide ela em três grupos quem senta lá na frente são aqueles alunos que tão que já está desenhado o futuro deles é uma caricatura ta, ta desenhado o futuro deles e o professor no mestrado não, o professor eu na sala de aula nós todos nós quer que o aluno entre 7, sai as 9:30 para o intervalo fique 10 minutos lá fora volte fique até 11:30 sem ri, sem olhar, sem se mexer, sem ligar celular, sem olhar para o lado como uma coisa chata que as vezes não tem interesse para ele alguém ensinando inglês para ele quando ele entra no computador faz download sabe inglês sabe um monte de coisa, o cara ensinando para ele matemática com conceitos que ele aprendeu lá no século anterior e que hoje não faz parte da vida desse estudante, enfim, a não existe uma motivação; violência tem uma relação muito grande com quem quer ser visto, quer aparecer precisa aparecer de alguma forma nem que seja na coluna social vou dar um exemplo muito claro que eu falo muito é estranho mas é assim a gente tem ouvido, lido eu nunca vivi em nenhuma escola minha os alunos entram na escola e vão até a caixa d'água e caga na caixa d'água porque que eu uso essa palavra cagar? Literalmente o que eles estão fazendo com a gente eles estão cagando na sociedade cagando para a escola porque assim a escola não representa nada para eles, então eles precisam chamar a atenção ele vai chamar a atenção se eles tiverem nota boa o diretor da escola vai falar oh esse aluno é ótimo, aquele do meio ninguém nem vai olhar muito para ele, mas também não vai ignorá-lo, o fundo vai ignorar então esses são os estudantes estão relacionados a violência para mim a violência é isso se eu tirar da escola vai ser quase a mesma coisa, mas vão ser as comunidades que não são olhadas vão ser as pessoas que não tem um projeto, uma perspectiva de sucesso que que eles vão fazer eles precisam de alguma forma chamar atenção para mim é isso.

(pesquisadora) Entendi, você já sofreu algum tipo de violência?

(participantes) Se eu sofri eu não considere violência para mim não foi violência, por exemplo um aluno me desrespeitar, tá se um aluno subir o tom de voz comigo ou me chamar de uma palavra que eu não goste qualquer uma assim que ele ache que isso é um xingamento eu não

vou achar que isso é uma violência vou tentar descobrir porque isso aconteceu, tá eu vou conversar com ele, então se eu sofri eu não me lembro; violência física nunca jamais violência verbal eu não entendi como violência você está dizendo para mim ou você errou, você fez isso, vou tentar explicar para ele o que eu fiz posso ter errado ou não né por exemplo dá um chute eu dou uma nota baixa pro um aluno ele me xinga, ou ele me fala alguma coisa eu vou discutir com ele, mas você me deu uma nota vai dizer em algum momento como assim eu te dei a nota talvez eu vá discutir com ele por que ele tirou aquela nota se ele vai aceitar ou não, não sei, mas eu não considero isso uma violência eu nunca sofri.

(pesquisadora) Certo, uhum é só de assim a violência tem assim influências na prática cotidiana do professor aquele professor que sofre algum tipo de violência na hora de ela exercer a profissão ela sente impacto daquela situação na sua prática escolar?

(participante) Acho que sim, ah eu acho que sim, acho bastante, bastante, mas eu acho continuo achando que essa relação da violência ela é muito mais sua do que do outro, ela muito mais o espelho do que necessariamente a prática do outro em relação a você porque você vai pegar os casos de violência lógico que eu vou falar do que eu mais gosto que é educação física o aluno mais violento, o aluno mais criticado, o aluno que todos os professores comentam na sala de aula eventualmente ele é seu melhor aluno na educação física, sabe por quê que lá na educação física nós somos capazes, primeiro a gente tá em pé igual eles, segundo a gente se veste muito parecido terceiro a gente fala no mesmo nível; quando o professor fala com o aluno tem uma relação de superioridade muito clara eu falando com o aluno sentado já dá um ar de superioridade na quadra nós estamos no mesmo patamar se eu considerar ensino médio considerando que eu não sou muito alto e o aluno é da minha altura, então ele fala comigo no mesmo nível, ele sendo tratado no mesmo nível ele te respeita esse aluno que a escola considera violento mal aluno que não vai a aula que não sei o quê na educação física a gente vai para uma reunião e fala poxa esse cara é o melhor aluno meu e aí as pessoas não entendem isso então assim eu acho que essa questão está relacionado com a prática das pessoas mas sofre tem uma influência muito grande porque o cara perde o status só, entendeu? É a hora que perde eu ouço muito os professores falarem assim antigamente o professor era muito respeitado eu me lembro na minha escola eu era do Maria Constância professor chegava encostava na parede e mandava calar a boca mas eu não sei se isso era medo a gente não chegava e falava o professor como que o senhor tá (sic)? Hoje ele fala para você, então esse professor que perdeu esse poder, esse domínio, aquele degrau que tem lá na frente da sala ele não conseguiu se ajustar o mundo mudou, a sociedade mudou, você pega hoje um professor eu não estou falando que o professor

está errado eu só estou dizendo que o mundo mudou e nós não mudamos faz mais de 100 anos que a escola é igual se mudou tudo, se mudou tudo hoje, se tem celular né, hoje o celular faz tudo nesses últimos cinco, seis anos.

(pesquisadora) Tem alunos que até consulta ali na hora.

(participante) Consulta na hora tem um monte de coisa que mudou, um monte de coisa o mundo mudou e o professor não mudou a escola não mudou nós não mudamos, então essa instituição chata esse local chato ele precisava ter mudado, então eu acho que é isso.

(pesquisadora) Então é como se fosse uma reação ao que está acontecendo.

(participante) Olha pra mim, olha pra mim.

(pesquisadora) Certo, o que o senhor sentiu em caso quando o senhor soube de casos de violência o que o senhor sentiu ao ver isso, ao presenciar, ao ver?

(participante) Assim todas as situações que eu vi, eu vi presencialmente eu sempre notei uma defesa do estudante em termo de violência eu nunca vi nada muito agressivo eu nunca vi alguém apanhar, a gente lê eu nunca vi nada assim todas as vezes que eu vi algum tipo de agressão estava relacionada a isso é fazendo uma analogia você pressiona um cachorro você vai encostando vai chegar um momento que vai ter que vir para cima de você ele vai ter que ou tentar morder ou latir mais alto e assim por diante todos os casos de violência que eu vi até de hoje estavam assim você vai acuando, acuando, acuando, acuando o aluno e tem um momento que ele vai explodir agora eu nunca vi ninguém gratuitamente dá uma porrada em alguém, entendeu? A gente vê, entendeu? Eu acho que é muito mais defesa do agredido, do oprimido do que necessariamente o cara dizer assim bom hoje eu vou bater no professor eu acho.

(pesquisadora) você pode elencar alguns comportamentos que você acha adequado para boa convivência?

(participante) Ah eu sou assim; eu sou um democrata de natureza eu preciso ouvir as pessoas sair, por exemplo, se eu tenho um aluno começo a minha aula primeira semana de aula eu faço uma apresentação de todos os alunos, faço uma dinâmica que eles se apresentam por nome guardando os nomes é difícil eu não saber o nome do meu aluno a partir da 3ª semana de aula é muito difícil se eu não sei o nome se eu não lembro o nome eu sempre lembro de alguma

coisa que relacione que ele saiba que eu estou falando dele mesmo que eu não fale do nome então eu dou vozes a pessoas muito, muito eu ouço muito as pessoas por exemplo se o aluno está muito retraído eu consigo um jeito de chegar até ele para ver o que está acontecendo se eu tenho aluno que em algum momento está muito expansivo as pessoas estão incomodadas com ele, entendeu? A minha solução para qualquer situação é dar voz a todos e respeitar a todos de uma forma igual.

(pesquisadora) Permitir o dialogo né?

(participante) Ouvir as pessoas, eu acho que a gente tem um problema muito sério na sociedade como um todo é de ouvir as pessoas a gente não ouve é assim por esse mundo maluco que a gente vive vou dar exemplo de trânsito as pessoas que estão no trânsito assim você vê o cara por exemplo parar para uma pessoa atravessar no outro momento um carro vai ultrapassar e ela não deixa ultrapassar então é assim tipo assim eu preciso extravasar nessa sociedade veloz que ta e ai o nosso aluno ele precisa ser ouvido e ai você tem, tem que dar conta do meu conteúdo tem que dar conta de um monte de coisa, ai você esquece de ouvir as pessoas então a minha estratégia básica é ouvir as pessoas todos principalmente aqueles que historicamente estão fora do processo e ai o que que eu falo? Eu falo da diversidade, eu falo daquele tímido, eu falo do negro, eu falo daquele que tem característica homossexuais sendo ou não, eu falo das pessoas que pertencem a essa diversidade ta tirando a turma da frente na caricatura que eu fiz, tirando os lideres, os que tem boas notas, você precisa fazer todo mundo falar, ouvir todo mundo.

(pesquisadora) Certo, entendi. Professor teve transformações na educação é que refletiram nas relações no ambiente escolar?

(participante) É assim a democratização do acesso ao ensino na década de 1980, mais ou menos 80, 80 e pouco houve o que o governo chamou de democratização do acesso ao ensino da educação básica o que que aconteceu com a escola? A escola aumentou o quantitativo de alunos, aumentando o quantitativo, aumentou a variação de alunos a diversidade que esteve lá se você perguntar para qualquer professor anterior a década de 80 ai eu falo disso do que eu estudei e um pouco do que eu vivi como estudante como professor. Anterior a década de 80, a escola era homogênea entre aspas, mas ela era muito mais homogênea, por quê? Dificilmente na escola você veria uma pessoa com deficiência, dificilmente você veria na escola é... uma pessoa obesa se tinha uma obesidade um pouco maior, quando democratizou o acesso ao ensino, a profissão de professor ela caiu de nível porque aumentou a quantidade de alunos de sala de aula e o salário do professor não aumentou nessa proporção, então a formação do professor ficou um

pouco para trás aumentou a quantidade de alunos, aumentou a diversidade na escola você tem um hoje chegando na década de 2000, 2010 quando você tem um professor que não tem uma formação tão consistente porque aí a partir da década de 1990, 1991 a democratização de acesso ao ensino superior então você tem vários cursos saindo aí com isso as escolas privadas resolveram montar cursos de licenciatura quando você tem uma quantidade muito grande você corre o risco como a gente corre hoje de cair a qualidade da formação, então você tem o segundo momento da democratização onde a formação do professor não é mais tão consistente então você tem a democratização de acesso ao ensino aonde se aumentou a quantidade e a diversidade inversamente proporcional diminuiu o salário do professor diminuiu a qualidade do professor, desculpe falar qualidade parece que o professor é culpado eu não quero que isso fique no meu discurso eu to dizendo que tudo isso ajudou que esse professor tivesse uma formação menos consistente, então somando todas essas coisas você tem nesse final uma falta de motivação do professor aliado a mudança da sociedade os alunos que estão chegando a sociedade ter uma mudança radical e essa escola continua ter regras pré-históricas lá de trás né a escola tem a mesma sistemática ela bate o sinal os alunos entra na sala o professor não consegue sair do espaço escolar não existe ambiente pior que sala de aula ainda mais para você ficar 4 a 5 horas então essas transformações vieram para desencadear isso eu acho que isso tem de a piorar entendeu? Por que? Se a gente não revolucionar a escola a cultura escolar a gente está fardado ao insucesso

(pesquisadora) Sim, permanece a cultura e acompanha

(participante) Permanece, as pessoas acham que são poderosas aí volta a primeira fala que eu fiz relações de poder professor continua achando que ele é dono da verdade só que hoje ele trabalha com uma sociedade que não acha que ele não tem importância eu preciso fazer essa pessoa querer fazer isso, entendeu? Eu tenho que dá uma razão para ela não é só dizer assim, tem que aprender porque tem que aprender né então.

V – FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(pesquisadora) Verdade, é... o que é uma escola ideal?

(participante) Uma escola ideal... Não, não existe uma escola ideal existe a melhor escola do mundo que é esta né (sic), mas a escola ideal né, por ela ser ideal ela nunca vai existir.

(pesquisadora) O que faz ela ser ideal?

(participante) O que poderia ela ser ideal? O que poderia ela se aproximar do ideal? Ela ter é muito difícil de pensar é uma instituição que não se modificou, mas eu acho que ela tem que rever o espaço, ela tem que rever o tempo, ela tem que rever a sua matriz curricular, não dá mais daí eu não vou usar matriz eu vou usar uma coisa que a gente usava muito antes que é grade, ela tem uma grade curricular ela é literalmente uma grade, o que que é uma grade? É um local fechado; então o aluno hoje não opta ele faz o aluno hoje por exemplo eu dei um exemplo que dá para a gente repetir assim inglês pra que um aluno vai aprender o verbo to be do 1º ano até o 9º ano sem nunca ter aprendido, não sabe nem o que é to be enquanto ao mesmo tempo ele abre o celular dele ele baixa aplicativo em inglês ele abaixa jogos em inglês ele joga e entende o que está jogando então já penso se ele tem um inglês que é um inglês como eu posso chamar inglês técnico, inglês instrumental, inglês instrumental pra quê? Instrumental porque ele quer eu gosto de desenho então vamos fazer um instrumental então eu gosto de tecnologia, então vamos baixar jogos então vamos fazer inglês nessa perspectiva então essa escola ideal ela teria que mudar tudo, tudo a gente teria que explodir essa escola e reconstruir uma nova escola, essa escola tinha que ser aberta ela tinha que ser opcional o que é opcional? O aluno vai quando ele quer, não ele faz o que ele quer, como eu não sei eu não sei como vai ser isso não dá para viver nessa escola quando eu falo que esta instituição é a melhor escola porque a gente tem os laboratórios, o aluno entra numa sala, assiste duas aulas de português ele vai para o laboratório de mecânica, ele sai do laboratório de mecânica ele vai para o inglês e depois do inglês ele vai para uma aula de literatura que o professor faz lá na quadra depois ele vai para a aula de filosofia onde o professor está discutindo ética com ele, ele vai para a aula de sociologia onde o professor sai vai lá, ele vai para uma aula de geografia onde a professora leva ele para um outro laboratório; então existe uma dinâmica então esses alunos nossos são um pouco mais dinâmicos nosso nível de evasão é um pouco alto mesmo assim, por quê? Porque existe muitas coisas nossas que estão carregadas nesse passado, entendeu? Porque uma escola ideal é muito difícil a gente pensar eu acho que os alunos tinham que ter voz eu acho que as relações de poder tinham que modificar o aluno tinha que ter direito de opinar o aluno não opina nem como é o uniforme dele eles obrigam o aluno ir na aula com aquele uniforme, entendeu? Tem umas series de coisas que tem que rever a escola que eu trabalho hoje para mim é a mais próxima do ideal, mas ainda está muito longe dessa escola que eu estou dizendo como ideal tem algumas experiências como escola da ponte em Portugal ela tem uma perspectiva bacana ne que o aluno opta é que eu tenho a minha ex-entia da ela foi morar na Alemanha, na Alemanha o aluno escolhe, as disciplinas que ele vai fazer o professor entra ele levanta uma temática e aí os alunos começam a discutir e aí as discussões vão acontecendo e aí elas, nos primeiros meses que ela

não sabia muito o alemão ela falou que ela ficava perdida na aula porque a aula não era o professor que ministrava era uma discussão um professor agora voltou da Finlândia, ele falou que lá se trabalhava com resoluções de problemas levanta-se problemas os alunos vão estudar vão pesquisar volta e faz seminário ai discuti aquela temática ai então é assim a faculdade de medicina da Uniderp tem uma proposta desse tipo aonde levanta um caso, vem lá atrás um caso e ai resolve-se problemas pessoas estudam-se problemas e voltam para resolver aquele caso então são essas experiências que eu acho que a gente tem que ir fazendo né mas eu acho que tem que rever tempo, espaço da escola rapidamente a matriz curricular rapidamente isso é imprescindível.

(pesquisadora) Ok, e... o que você considera importante para a valorização profissional?

(participante) Pagar bem, isso é imprescindível, e a coisa mais importante o professor ser bem remunerado, e a outra questão é a formação dele e ai tem um discurso muito bandido que se faz toda vez que você pergunta alguma coisa pra gestão federal, estadual, municipal de escola o discurso é assim, a nós vamos aumentar o número de capacitação para professores nesse discurso sabe o que está escrito? Que a culpa é do professor que se eu vou capacitar o professor está dizendo que eu sou incapaz na verdade o problema é muito maior o problema é da escola como um todo, quando eu falo escola eu falo de cultura escolar escola para mim não é só o concreto armado, escola para mim é a legislação, a gestão, a gestão interna da escola, os servidores, os discentes, os docentes, os pais e o em torno da escola, por exemplo, hoje na escola se você for em qualquer outra escola se a escola tiver menos de 3 metros de muro ela é uma escola que não é normal, as escolas hoje tem muros de 3, 5 metros; por quê? Porque essa instituição ela não tem sentido de pertencimento, entendeu? A comunidade não pertence a escola e a escola não pertence a comunidade o aluno não pertence quando eu falei aquela hora de caga na caixa d'água é exatamente isso eu não me pertenço, desculpe eu não pertenço a essa escola o aluno sabe onde eles mais destroem na escola hoje? Na sala de tecnologia e a sala de tecnologia é a sala que ele mais gosta, por que ele destrói? Porque ele fala isso não me pertence. As experiências que a gente tem em Campo Grande de escolas vivas que abertas no final de semana ou que, por exemplo, São Paulo vem fazendo – Jardim Ângela é um bairro extremamente violento em São Paulo, quando eles começaram abrir a escola nos finais de semana o índice de violência diminuiu bastante, por quê? Porque a escola passou a pertencer a comunidade e a comunidade passou a pertencer a comunidade, hoje não a escola é um bicho grilo dentro de uma comunidade entendeu?

(pesquisadora) Verdade, o senhor tem alguma estratégia de prevenção e redução da violência na escola?

(participante) É o dialogo.

(pesquisadora) Dialogo.

(participante) Eu não sei o que é violência entendeu assim eu desconheço e você fala assim poxa o que você já viveu tudo isso que te contei, tudo isso que te contei eu trabalhei lá no João Evangelista ta tudo bem são duas décadas anteriores eu trabalhava sábado os alunos ia lá na minha casa eu dava aula 7h30, 7h15 eles estavam lá ai falava para o porteiro o professor Pablo já desceu? Ai quando dava 7h30 se eu não tivesse descido ele ligava ou tem um monte de aluno seu aqui os alunos iam na minha casa os alunos me encontram eu andava de bicicleta eles estavam comigo meu carro eu sempre parei em qualquer lugar eles nunca destruíram meu carro eu vi carro de professor ser riscado o meu não nunca aconteceu isso entendeu? É dialogo quando você faz eu só vou me cuidar como é a palavra que você usou prevenção, eu só me previno daquilo que eu acho que existe eu não acho que existam porque eu não preciso me prevenir, é entendeu eu vou me prevenir porque eu vou entrar nessa sala com medo já porque eu estou me prevenindo não eu não tenho prevenção eu tenho dialogo eu converso

(pesquisadora) Estratégia de prevenção. Enquanto professor, por exemplo no modo geral vamos dizer assim é... nos noticiários, na conversa com o colega professor quando houve desses casos de violência você acredita assim por exemplo que uma estratégia que eles possam ter é ter um diálogo ouvir mais.

(participante) Dialogo você diz sentido de pertencimento.

(pesquisadora) Sentido de pertencer.

(participante) É eu acho que assim para mim é muito difícil talvez o que vai ser bem antagônico na maioria das pessoas que você vai conversar que essas pessoas já viveram de alguma forma violência por uma série de razões eu nunca tive numa escola que a violência teve assim presente sabe? por exemplo os alunos chegaram lá e falavam assim ou esse tênis aqui eu roubei o aluno me falava, mas como assim, ah professor eu tenho uma turma, ah cara isso é perigoso não professor porque se eu não fizer isso não sou aceito no meu grupo lá no bairro onde eu moro, se eu não sou aceito no grupo sou inimigo levo pau, então eu preciso fazer... bicho toma cuidado tal agora eu vou dizer para o menino não faz isso eu vou falar para a polícia, entendeu então é muito complicado então eu nunca vivi assim essa violência dos professores ficarem tão

preocupados eu acho que a solução é você abrir a escola é a direção da escola trazer essas pessoas para conversar é gente ouvir é ter o poder de falar agora eu fazer isso eu corro um risco eu acho que poucas pessoas estão suscetíveis a isso quando você se abre as pessoas vão criticar você pra você receber criticar é preciso ter coragem porque se você não ta aberto a isso, não abre também não adianta você abrir pela metade então você vai falar assim vamos lá gente que que vocês querem que melhorem? Ai o aluno fala assim o professor sua aula é uma bosta, quem é você para falar isso? Então a partir desse momento eu invertei o processo, entendeu? Uma escola democrática você tem que ter pessoas democráticas uma escola aberta você tem que ter professores abertos então eu acho que é isso não consigo ver nada não consigo ver nada mágico acho que a violência não chegou no nosso nível de forma mágica ela foi subindo ela foi progredindo ne e assim como se você quiser diminuir isso ela vai ter que regredindo, regredindo como? Com essa relação com sentido de pertencimento com ouvidor de outras pessoas.

(pesquisadora) Professor comente a relação entre saúde e violência na escola?

(participante) O eu acho que quando você fala de classes mais baixas se as pessoas tem pouco acesso as políticas públicas e a saúde que você quer falar é a saúde relacionada a política publica todas as políticas públicas para a população de baixa renda ela tem que ser desenvolvida se você não tem essas coisas mínimas vai voltar lá atrás essas pessoas vão passar a ser ouvidas se você não tem asfalto no seu bairro, se você não tem uma escola de qualidade, se você não tem um CEINF para deixar os seus filhos de qualidade, CEINF creche, se você não tem acesso a saúde, se você não tem um transporte de qualidade essas pessoas são marginais, o que é marginal? Aquele que fica a margem que não está dentro do processo se eles são marginais de alguma forma eles vão começar a causar, causar para as pessoas olharem para eles, então a relação de saúde, violência, saúde, saúde não é falta de doença né saúde é falta de tudo é falta de esgoto, é falta de moradia, é falta de transporte, é falta de escola, é falta de tudo isso, lógico que isso vai estar relacionado a violência porque as pessoas vão dizer assim e ai olha para minha cara, entendeu? Ai vai acontecer isso, existe todo voltar a questão atual essas pessoas precisam sobreviver eles tem algumas coisas hoje que fazem dinheiro muito rapidamente droga, roubo e ai as pessoas vão começar a pegar esse cara que não tem acesso a essas políticas básica de saúde vai dizer para ele assim o não vai para escola não eu consigo melhorar sua vida se você for no avião para mim vender droga o se você um menino que rouba o tênis ele tem alguma coisa ali então uma forma dele sobreviver então uma relação de falta não fala que é saúde não falta de políticas públicas é muito grande a gente vive por exemplo é incrível que nós estamos vivendo no momento que é muito perigoso porque as pessoas que estavam escondidas no seu anonimato

hoje elas são revolucionários atrás de um computador então eles estão a população pede para diminuir a maioria penal como se isso solucionasse os problemas as pessoas estão dizendo que aumentar o armamento do cidadão comum vai melhorar a violência as pessoas estão dizendo que a gente ouve assim a pena de morte do cara isso não é resolver problema isso é esconder o problema e a gente está no momento que as pessoas assim se você sair na rua se tiver uma pessoa batendo no outro celular o outro vai parar o carro do outro lado e bate no cara aí você pergunta que que o cara fez? Não sei, mas ele falou que, entendeu? Nós estamos assim, a violência ela tá tendendo a aumentar essa violência está tendendo e esse cara você me pergunta se a saúde está relacionado a violência? Cada vez mais ele vai ficar marginal, marginal não no sentido de ladrão, marginal no sentido de estar a margem e cada vez mais ele vai ter que se mostrar. Antigamente a gente falava assim que a favela vai descer então é mais ou menos essa ideia hoje eles estão querendo vir aqui e dar a cara.

8. PROFESSOR SAMUEL

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora) sua idade?

(participante) a idade, nasci em mil novecentos e trinta e seis, desculpa, nasci em mil novecentos e setenta e nove, quantos anos eu tenho eu não sei, eu tenho quinze né? (risos)

(pesquisadora) setenta e nove?

(participante) é, trinta e seis anos,

(pesquisadora) é, a sua renda familiar, no caso é, quantas pessoas moram?

(participante) sou só eu, é eu moro sozinho

(pesquisadora) é assim, é de um salário dois a três ou acima de quatro?

(participante) acima de quatro

(pesquisadora) e, sua situação profissional atual, você possui vínculo empregatício, com contrato

(participante) sim, dedicação exclusiva, professor efetivo

(pesquisadora) ta certo, concursado né?

(participante) é concursado, professor efetivo concursado

(pesquisadora) O senhor trabalha em mais alguma escola?

(participante) não, aqui só aqui nesta instituição, é dedicação exclusiva tá

(pesquisadora) e sua formação?

(participante) eu sou formado em ciências sociais pela UNESP, Universidade Estadual Paulista, lá eu me graduei, fiz a licenciatura e o mestrado, lá no campo de Marília.

(pesquisadora) aí fez o mestrado lá, e veio pra cá!

(participante) não, eu andei por outros lugares já lecionando, Minas Gerais, interior de São Paulo, tá

(pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) tempo de formação? fazem oito anos que eu me formei, que eu terminei o mestrado.

(pesquisadora) e a faculdade?

(participante) é...uns seis, por que o mestrado foram dois anos

(pesquisadora) seis anos

(participante) seis anos, tá

(pesquisadora) Estado civil?

(participante) solteiro

(pesquisadora) tempo de magistério?

(participante) de magistério, oito anos

(pesquisadora) já começou dar aula logo no início?

(participante) isso eu terminei, eu já eu com... eu estava concluindo o meu mestrado eu já consegui ir pra sala de aula né, estava, tinha acabado de entregar o texto já tinha né, é foi assim de eu tive muita sorte nesse sentido né.

(pesquisadora) e carga horária de trabalho?

(participante) quarenta horas semanais

(pesquisadora) a quanto tempo trabalha nessa escola?

(participante) a cinco anos, fevereiro agora fez cinco anos

(pesquisadora) a, as séries que atua, anos ?

(participante) todas as séries do ensino médio, primeiro, segundo e terceiro anos.

(pesquisadora) é, e turno?

(participante) nesse semestre matutino e vespertino, porque dependendo da abertura de turmas a gente pode também lecionar, não só no noturno como inclusive aos sábados pela manhã, isso

ja estava tudo especificado no edital que né que regia o concurso que a gente prestou né o trabalho, três turnos semanais além do sábado pela manhã

(pesquisadora) e a disciplina que leciona?

(participante) sociologia, sou professor de sociologia.

II- HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) certo, então professor me fala um pouquinho sobre a sua constituição familiar é como que é sobre a sua família assim é ela, eles moram no caso em São Paulo ?

(participante) isso, eles moram, meus pais moram no interior de São Paulo, meu pai e minha mãe e eu tenho mais um irmão que é professor de geografia em São Paulo, somos em quatro.

(pesquisadora) resolveram seguir a carreira docente?

(participante) é... (risos) isso

(pesquisadora) e aí você os visita frequentemente ou não?

(participante) é ... sempre quando a gente pega um feriado um pouco mais tranquilo né por exemplo esse semestre está bem bom de feriado pra gente que é professor, mas tem semestre que é bem magrinho né não tem como a gente viajar... a gente só fica com os pais em janeiro e depois no recesso mesmo em julho né? mas é isso essa é minha rotina né mas esse semestre por exemplo tá bem tranquilo visitando meus pais e tal.

(pesquisadora) e seu cotidiano, seu dia a dia como que é?

(participante) então, eu venho na escola de segunda a sexta né? cumpro minha carga horária, essa é minha rotina aqui no trabalho.

(pesquisadora) depois daqui aí tem alguma outra atividade assim?

(participante) sim eu gosto de fazer esporte pedalar, caminhar, bastante lazer mesmo, procuro sempre tentar equilibrar isso na minha vida né essa é a nossa (risos) é o nosso maior desafio tentar equilibrar as atividades né? qualquer extremo talvez seja perigoso no momento né? sobretudo pra gente que é professor né a gente fica muito preocupado né por que a gente acaba absorvendo muitas coisas que acontecem no nosso ambiente de trabalho, não tem como a gente ficar neutro com relação a isso, qualquer teoria que fale isso está infelizmente, está enganada

né por que não tem como (risos) somos seres humanos não tem essa questão da gente deixar inteiramente nossos problemas em casa realmente não existe isso né isso não tem razão de ser, talvez na prática discursiva enfoque isso mais no nosso dia-a-dia. Isso não tem como, sobretudo na nossa profissão docente que a gente fica exposto... nós ficamos expostos a muitas situações né, extremas né inclusive uma delas é o foco da sua pesquisa, a gente fica muito vulnerável a essas situações, é necessário, eu acho que é uma busca né a gente fica sempre oscilando né entre conquistá-lo e perdê-lo, conquistá-lo e perdê-lo né eu acho que isso é diário né não tem como a gente fazer grandes projetos pra essa questão do equilíbrio né é sempre um dia após o outro né de repente um dia você tá bem no outro dia você tá mal tá derrubado ou então ao contrário não tem como num ter, mas o importante eu acho que é essa busca né, a gente é muito exposto a essas situações isso é muito preocupante né para o professor.

(pesquisadora) verdade

(participante) né?

(pesquisadora) e como está sua saúde ?

(participante) eu tô (sic) bem por que eu me cuido viu, mais por exemplo no ambiente de trabalho eu vejo muitos colegas que tão adoecendo isso que é preocupante esse é o nosso termômetro né?

(pesquisadora) e esse adoecimento é em relação ao trabalho?

(participante) é eu acho que potencializa né a gente talvez não possa dizer que seja o único fator, o único exclusivo que seja responsável pelo adoecimento do colega mas que tem um peso importantíssimo mas isso não tenho dúvida, outras coisas vão se somando como tudo na vida, feliz daquele que consegue isolar o problema mas é muito difícil né hoje a gente trabalha com essa questão muito mais, é cumulativa né as coisas vem se acumulando nas nossas vidas, então você isolar determinado aspecto fica quase impossível né, talvez seja muito mais um alto engano que a gente, não meu problema reside aqui isso, e desarticular ele de outras situações é muito difícil né, por que a gente está totalmente costurado dentro das relações sociais né, a gente não vive numa gaveta né eu estou aqui na escola, estou na gaveta, em casa estou numa outra gaveta a gente não funciona por compartimentos né? a gente tá tudo(sic) articulado entre si né? e talvez essa nossa dificuldade de pensar esse sentido mais global dificulta a gente não só entender nossos problemas mas como encará-los né a gente tem essa dificuldade de pensar

ele de uma forma um pouco mais abrangente né pensar nessa costura um pouco maior, a gente acha que as coisas são muito pequenininhas mas não são né.

(pesquisadora) o senhor faz uso de algum medicamento de uso contínuo?

(participante) Não, não faço não.

III- ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora) é... o que te motivou professor, a escolher a profissão docente?

(participante) nossa é como eu havia te dito, eu sou um cara muito sortudo, eu vim pra sala de aula, me dei muito bem assim sabe, hoje desse pouco tempo que eu estou em sala de aula né, não chega ser nenhuma década eu vejo meus colegas de trabalho que por exemplo... tem professores que tem vinte anos de sala de aula, se você me perguntar, professor Samuel, você se imagina aposentando como professor? eu falo, me, entendeu? eu acho que hoje eu me dou, eu me sinto muito bem e sou muito feliz por ter escolhido a profissão que me faz né que me concilia, eu acho que dois aspectos fundamentais da vida do ser humano, que é a questão material da nossa sobrevivência que todos nós precisamos e que a gente não pode abrir mão disso daí eu não dou meu salário, não faço doação, eu vivo daquilo que eu trabalho, dos meus provimentos e ao mesmo tempo você fazer alguma coisa que você goste né eu acho que isso que (risos) é o nosso desafio né faz a gente vê pessoas que priorizam uma coisa ou outra e de repente com o tempo talvez não tenha sido uma escolha tão acertada né de repente a pessoa prioriza só a questão material ou então só a questão mesmo de uma satisfação de um prazer né e as vezes acaba ficando nesses polos opostos e as vezes a coisa não flui e eu falo claramente que na minha profissão oi hoje eu consigo ver e me auto perceber nesse equilíbrio né, entendeu? questão da minha existência da minha sobrevivência com a questão do bem estar.

(pesquisadora) na época da faculdade você já se imaginava assim, querendo ser professor ou...não?

(participante) né então na verdade essa história começa no ensino médio né que eu sou formado já no ensino médio já eu já fui... eu tenho formação já do magistério né, então com dezessete anos eu já tinha o diplominha lá de ensino infantil, isso fui algumas vezes pra sala de aula no ensino infantil, só que eu não fui pra faculdade, aí o ensino infantil acabou sendo um, meio que realmente só uma passagem entende, mas aí depois eu sempre tive comigo essa questão de me formar e ir pra sala de aula pra ver o que que ia acontecer, né por que a gente nunca sabe né as

vezes a gente... a vida toma né como eu estava lhe dizendo a vida toma caminho inacreditáveis isso aí a gente não tem como prever com tanta segurança né aí eu fui pra sala de aula onde realmente, puxa vida eu estou me sentindo bem eu acho que né por enquanto vamos segurar, mas se você me perguntar Samuel, o senhor se interessou por alguma outra profissão? não tem se você pedir pra citar uma eu teria dificuldade... Samuel cita uma segunda profissão que você gostaria de ter, eu hesitaria... teria que pensar mesmo né não tem, por que eu justamente nunca havia pensado né, ser professor não faz conciliar essas dimensões da vida humana.

(pesquisadora) e sobre suas relações sociais assim na escola é no caso com os alunos com gestão com outros professores como que é essas relações pra você?

(participante) esse é um tema muito importante e eu acho que muito delicado das nossas vidas né a gente é...as vezes eu fico me pensando me pegando quer dizer, quando a gente se relaciona com estudante né as vezes eu fico imaginando será que é tão importante a gente separar o profissional do pessoal, inúmeras vezes eu já me peguei fazendo esse questionamento né, talvez não só a partir do meu ponto de vista mas a partir do ponto de vista dos estudantes, porque tem muitos estudantes que vem pra uma escola e a única forma por exemplo de ele se socializar, de conversar com as pessoas, de conversar com professor. Fora dali ele é praticamente uma pessoa assim do ponto de vista do ponto de vista das relações sociais ele é muito isolado e às vezes não é raro que isso aconteça que seja até muito carente nesse sentido não estou falando de carência material não é isso é carência de relações afetivas, que são significativas que é o que importa na nossa vida né, não que questão de quantidade né de quantos amigos eu tenho, isso não tem importância nenhuma né mas é o que isso traz pra mim de importante né em termos de aprendizado em termos de mudança de comportamento de postura é isso que eu sempre procuro insistir com eles né aí me parece que tem horas que eu misturo tudo isso essa parte do profissional com o pessoal, as vezes eu acho que não está mesmo separado não, entendeu, por que se a gente está partindo por suposto que a gente está lidando com pessoas né eu acho muito difícil a gente fazer esse recorte radical né, onde que tá meu profissional onde que tá meu pessoal e pra lhe fala.. verdade assim hoje eu nem me preocupo tanto com isso né por que a gente sempre procura eu sempre procuro falar que o que o estudante não tem assim todos nós somos seres humanos né, nós temos carências dificuldades limitações né isso é importante que ele perceba, eu acho muito complicado quando a gente coloca né uma professora as vezes, um patamar inatingível eu acho isso complicado do ponto de vista das relações por outro lado eu vejo colegas que também cultivam isso daí então deve ter alguma coisa positiva né se você ver que tem colegas né que cultivam né esse distanciamento se isso é tendência se tem realizado é

por que realmente pra eles isso é significativo, pra mim não é eu não conseguiria ver esse distanciamento tão radical com o estudante então por isso é que eu acho que hoje assim se fosse pra (sic) eu resumir por exemplo sobretudo as relações que eu tenho hoje com os meus estudantes, são relações sadias entende, converso de muita coisa com eles não só de conteúdo não é só de...

(pesquisadora) então esse vínculo é importante até pra transmissão do conteúdo

(participante) mas isso eu acho que reflete diretamente não tem um a gente está falando de estudante de ensino médio né, faculdade, ensino superior é outra pegada, o estudante do ensino superior ele tem uma outra lógica de pensamento ele pensa com outros botões ele tem outras motivações ensino médio não entendeu embora e dá a , a diferença de idade né de um estudante do ensino médio para um estudante de faculdade seja pequena mais isso é muito significativo o estudante quando ele vai , ele ingressa no ensino superior ele acaba desenvolvendo uma outra lógica de pensamento relação com professor sentido de nota tudo isso é transfigurado no ensino superior né a própria presença dos pais né, aqui no ensino médio a presença do pai tem que ser muito mais próxima e no ensino superior ele já vai conseguir uma certa liberdade um certo distanciamento e acho que ele vai se auto percebendo melhor no ensino superior e as vezes no ensino médio ele faz muita coisa por que o pai quer por que a mãe que por que o pai e a mãe tão encima dele mesmo e que isso tem a sua importância né até se a gente pegar em termos numéricos eu acho que até em termos de pesquisa você vai ter tido alguma coisa nesse sentido mas a medida que quanto os pais estão mais próximos do do estudante esse estudante é a possibilidade de ter sucesso né com perdão da palavra ela é muito maior né as pesquisas bem mostram isso quanto mais articulado tá o professor a minha gestão minha família quanto... a gente tá mais pertinho a gente consegue ter uma dimensão muito melhor dos problemas que esse estudante pode vir a ter né, estudante que tá muito isolado, muito a deriva inclusive isso pode até ajudar muita coisa de entender essa questão da violência isso né na nossa escola né? (sic) então nesses três atores eles estão muito (sic) isso eles estão diluídos né parece que cada um tá no seu na sua torre né e esse estudante ele tá a deriva né ele tá a deriva dentro da sociedades, isso talvez possa nos ajudar o porque que né, o seu tema o seu objeto se faça né tão presente nas nossas escolas né? vai ser parada bem complicada é o que a gente sempre insiste pra eles né os nossos pais né tem que acompanhar o moleque tem que estar perto do garoto tem que tá perto da garota entendeu?, tem que abrir o caderno ver qui como é que fez na escola hoje pegar a prova dele entendeu, podem parecer coisas simples mas isso não computo geral faz uma diferença incrível isso entendeu pode se torn...pare... parecer uma ação meio mecânica você

pegar o caderno lá do seu filho né que você fez hoje, mas isso daí num ponto geral está fazendo uma diferença muito! muito! muito grande né

(pesquisadora) é, professor com que é o seu cotidiano na escola ? você chega na escola.

(participante) é..., super tranquilo assim né, quando a gente não tá em sala de aula a gente tá estudando com o estudante fazendo algum tipo de atendimento tirando alguma dúvida com eles em relação ao conteúdo ou então preparando as nossas aulas, mas assim o meu cotidiano assim, do ponto de vista do volume de trabalho especificamente aqui pra mim é bem corrido carga de trabalho hoje, nesta escola tem dezessete turmas né i somando isso daí temos de quinhentos estudantes né

(pesquisadora)são muitos de sociologia?

(participante) isso, então ficou com todas as turmas de sociologia né? até dá para entender assim um pouco daquela sua pergunta inicial né a questão da saúde deve ser assim pra mim é muito importante ter esse cuidado mesmo né porque a gente já não é assim, é muita coisa assim sabe é aí nesse cotidiano institucional não de... a gente percebe o drama que muitos estudantes trazem pra escola né e as coisas que acontecem em sala de aula elas não são gratuitas nesse sentido se a gente tivesse sensibilidade pra pensar nisso daí né as coisas não acontecem gratuitamente nunca e as vezes é fácil pra gente né no nosso ponto de vista enquanto professor culpabilizar o estudante muito fácil né mas se a gente não entende aquela aquele histórico né aquela bagagem que ele traz né, mas pelo menos nesse sentido aqui a gente tem uma equipe muito competente aqui na escola as meninas da NUGED ali tem uma competência incrível assim consegue dar pra gente esse respaldo necessário tá ai por exemplo uns dos diferenciais desta escola, talvez para outras escolas públicas né esse respaldo né vamos pensar numa situação prática se eu tiver algum problema com um estudante tá em sala de aula qualquer tipo de problema sério e conversar com as meninas entendeu você é bem acolhido elas já vão entrar em contato com os pais, então isso alivia o professor exato você sabe que você pode vai, você pode até desabafar com elas entendeu olha aconteceu isso em sala de aula o garoto me xingou me agrediu ele não sei o que não sei o que você pode ir lá conversa com ela numa boa, e elas estão super preparadas para estar lidando com esse tipo de situação mais extremada né, a Cinthia né que estava ali acompanhando aqui até a entrevista né?(sic)...é pessoas muito competentes nesse sentido né eu acho que talvez se se as escolas né pudessem ter uma estrutura como essa seria o ideal né quanto é que os pais vem pra cá eles meio que se é eles saltam aos olhos deles esse tipo de estrutura

nossa vocês tem psicólogos na escola é assim aqui permanentemente assistente social permanentemente com a gente, não vem aqui fazer visita mas com certeza é todo um diferencial na escola né agora por exemplo eu trabalhei em escola que acontecia alguma situação você não tinha com quem ninguém conversar o diretor não permanecia na escola, nunca ia né, coordenador eu sei lá tinha ido ao médico. O professor não pode trabalhar tão a deriva assim em sala de aula por que a gente tá né a gente fica realmente vulnerável a essas situações mais inesperadas possíveis né então se a gente não tiver esse respaldo realmente fica muito perigoso né acho que talvez é por isso que a gente se sinta mais à vontade aqui né por que a gente tem esse amparo né e é importante que você saiba né por que se a gente pensar em termos de sucesso numa escola a gente não pode dissociar esses aspectos de jeito nenhum o aluno exato, tudo é um contexto não é? é um contexto é o físico é o ambiente limpo né são pessoas gentis educadas é isso que é um ambiente é uma coisa muito complexa né não adiante você ter um ambiente físico lindo belo maravilhoso se as pessoas são extremamente frias né por outro lado você, não adianta ter pessoas muito acolhedoras se a gente não consegue manter minimamente um ambiente sadio limpo aceado, não tem como eu estou junto o estudante vê isso daí entendeu é o que a gente sempre fala pra ele né menina a gente tem que ser escola ela não tem que refletir necessariamente assim a sociedade né não é por que só a sociedade é tão violenta lá fora que minha escola precisa ser violenta a gente tem que ser justamente o oposto disso daí por isso que escola é o lugar da gente se transformar a gente não tem como ficar reproduzindo o que tá aqui no que tá lá fora quer dizer por que se assim não fosse a gente precisaria de escola, não né se fosse pra gente ficar fazendo aquilo, o que acontece lá fora pra vir aqui então não precisamos mais de escola a escola é necessária fundamental em toda e qualquer situação né de uma sociedade né letrada por justamente por essa razão ela é uma coisa diferente da sociedade e ela não reflete necessariamente o que acontece né eu penso eu tento pensar muito isso pro meu estudante ela é diferente ela é um espaço diferente se você passou por uma escola e você não mudou nada qualitativamente então alguma coisa tá errada ou com você ou com a escola... você não pode ficar três anos numa escola e você sair pen, pensando exatamente da mesma forma que você ingressou você não pode então alguma coisa tá errada nessa, nesse miolo aí entendeu.? então por isso que eu penso logo muito nesse sentido né importância da gente pra articular essas diferentes atores dentro do ambiente institucional né.

(pesquisadora) e o que significa satisfação profissional?

(participante) satisfação profissional, eu acho que é a retomada daqueles dois aspectos que eu havia lhe dito né essa questão né de você tá bem num lugar né, é você saber que você trabalha

você por exemplo você vai receber seu salário no final do mês isso te dá uma segurança né não tem como a gente acha um né? tem como você saber que né não trabalhei no final do mês certinho não tive nenhuma falta então lá no final do mês eu vou receber aquilo que é que tá dentro do meu contrato né e... essa coisa que eu acho, muito importante essa questão das relações humanas eu acho que se a gente consegue desenvolver num ambiente institucional isso daí a gente deu um grande passo pra esse negócio aí né.. perdão da palavra mas não vejo pra essa questão do sucesso né seja gente conseguiu fortalecer essas relações institucionais eu acho que a gente tá caminhando bem cara está caminhando bem. se a gente pensar por exemplo eu havia lhe dito ali né ali fora se a gente pensar por exemplo na questão estrutural se a gente compara nossa questão estrutural com aquilo que tá no projeto é uma coisa que destoa grandemente mas a gente tem uma coisa incrível aqui que são os professores cara, nosso, nosso corpo discente aqui os pais eles realmente assim, que até eles olham o cara nossa eu não imaginava que escola pública tinha professor assim entendeu? então muitos pais se encantam nesse sentido assim então sempre quando tem formatura os pais eles agradecem a gente então se vê que a gente tem esse tem esse diferencial aqui na instituição, com toda essa dificuldade estrutural que a gente vem passando e beira cinco anos os avanços qualitativos nesse sentido tem sido muito bons, estamos engatinhando nessa situação política por outro lado essa carência tenha desenvolvido na gente essa isso outras habilidades coletivas mais humanas, entendeu de acolher o nosso estudante sabe a gente é muito bom nesse sentido aqui na instituição, sabia? né a gente que eu falo enquanto equipe né, coordenação direção mas de uma preocupação do caramba meu se você vier aqui perguntar do seu filho, pode ficar tranquilo que você vai ser acolhido, você vai ser respondido você vai ter uma resposta quer queira ou não você saber a resposta mas você vai ter alguma coisa assim que se aproxime né da realidade do seu filho eu acho que isso que é importante né esse respaldo pelo responsável né? Não eu quero aí conversar com professor de sociologia, a coordenadora, não beleza eu vou olhar aqui qual o horário que ele está aqui na escola, a senhora pode vir aqui que ele vai estar aqui pra te atender, um respaldo é importante pros pais.

IV – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora) o que é violência pra você?

(participante) é se, esse tema , esse tema da violência, é uma coisa muito preocupante né por que ele aparece em todas as esferas da sociedade né?(sic) até chego a falar, eu falo isso né quando cabe aí pros (sic) nossos estudantes, é uma cidade se é possível falar isso é uma das

idades mais violentas do mundo mas aqui é um ambiente mais violento do que a nossa família historicamente pensando é o local de excelência da violência cara de violência contra a mulher, de violência contra a criança, só que a gente mascara isso daí por que é muito difícil a gente terminar com esses tipos de relações né?(sic) a gente não externalizar isso né então esse ambiente de intimidade ele é muito propício pra que as pessoas guardem isso então essas manifestações violentas elas tendem a se reproduzir né nesses ambientes que eu acho que são privilegiados nesse sentido por que eles são protegidos pela intimidade né na família intimidade protege né e aí a violência vai se perpetuando... então isso daí né é uma pratica né, a violência é uma prática social né eu não consigo pensar diferente talvez até pela minha própria formação né pra pratica social profundamente enraizada no assunto entendeu cara, e a família é o local privilegiado onde ela se reproduz né prefiro ver dessa forma pra mim isso daí é uma coisa muito, muito muito , muito forte assim né nas nossas relações família é uma coisa violentíssima

(pesquisadora) E a violência escolar?

(participante) aqui na escola é assim, nesse pouco tempo que eu leciono eu tive graças né aos orixás ai, vivi situações bem esporádicas de violência, mas é uma coisa que deixa a gente realmente muito né meu, a gente passa por uma situação dessa é uma coisa que a gente fica pensando mesmo que a gente pode fazer pra, pra entender melhor né pra contornar esse tipo de situação né, mas eu acredito que se essa violência que a gente vive né, nas nossas escolas elas também... não... elas também não são gratuitas entendeu é se ela acontece na escola é por que ela acontece também em outros locais né aí você tem outros elementos que também eu acho que talvez possam ajudar a gente entender por que que não também se faz presente no nosso meio hoje, talvez aquele estudante a gente estava falando que está muito a deriva né sem muita proximidade da família né dos professores então né, nesse sentido, mas assim eu pessoalmente eu tive poucas situações assim né de violência assim, comigo nenhuma, comigo pessoalmente assim nenhuma mas já vi colegas e a gente lecionando aqui na sala ao lado a gente ouve aquela gritaria e a gente vai ver o que é alguém está agredindo o professor né, é são coisas muito terríveis de se ver assim realmente derrubam a gente a gente fica realmente desorientado né e por um outro lado você tem as vezes uma estrutura institucional que não permite que a gente talvez encare de frente esse problema como aconteceu nessa escola né?(sic) cvmvkn2

(pesquisadora)e ela fez?

(participante) não, ele, ela desestimulou né o professor, a coordenadora desestimulou a professora a fazer o boletim de ocorrência aí acabou que ela nem fez que foi empurrado sala de

aula e ele caiu né caiu bateu assim e aí a gente chegou e tal e terminou, mas eu acho muito complicado isso daí se você não faz nenhum tipo de ação, se ficar elas por elas, a gente pode tá reproduzindo o pior efeito que era é você estimular né e assim como é em outras situações né a gente pensa por exemplo em termos de né se a coisa que tá nos nossos noticiários aí né a questão da corrupção, um dos elementos privilégios por que que ela se perpetua tanto é essa questão da impunidade ela tá intimamente associada com isso né isso não depende de classe social de camada social de nível de letramento né isso não depende disso daí mas se se você realmente tem uma cultura de impunidade você estimula todo tipo de prática isso é muito complicado né e a talvez a nossa violência escolar esteja às vezes tão presente por conta disso a gente não consegue né encarar de frente a gente tem medo né e que medo.

(pesquisadora) por que você acha que surge esse medo?

(participante) Esse medo surge entre a gente eu acho que até por uma questão de ordem de integridade física entende a gente vive situações realmente complicadas pros estudantes nesses casos mais extremados eles ameaçam, e você se sente com medo. Você aprende a não duvidar né hoje vê esse mundo né tão maluco né (sic) tão violento que a gente realmente fala não então eu não vou duvidar do que ele tá falando né a gente cria essa cultura realmente de ficar sempre na defensiva a gente não consegue encarar a gente tem medo mesmo né essas práticas nem por isso que as vezes eles vem pra sala de aula e no caso do estudante eu acho que tem um elemento que também é fundamental pra gente entender do por que se faz presente no ambiente institucional pra muitos deles tem essa questão da auto afirmação né, isso tá associado a questão da auto afirmação isso passa pela aceitação dentro de certos grupos sociais né você transpor aquilo que é o limite né? é você encarar o professor de repente já o professor não é pouco você vai encarar o coordenador né daqui a pouco o coordenador já não é o suficiente você vai encarar o diretor da escola entendeu né? assim você passa por esse (ver tempo 36:17.6) se é possíveis esses níveis de aprovação e social isso está muito ligado isso tá muito ligado isso daí né eu me lembro que eu passei por uma coisa né que eu me ocorreu aqui que me faz pensar muito nisso daí né, numa escola que eu lecionei é sempre que acontecia algum tipo de problema com o professor né imediatamente você tinha um grupo de estudante falando não eu não quero conversar com o senhor professor, chama o diretor pra ele vir conversar comigo então ele já estava num grau de desafio que pra gente ali o professor o coordenador não tinha mais o que falar pra mim (risos) já falou tudo que tinha de falar já fez todo tipo de desafio né entendeu ele queria o diretor tão me chama lá não ele que é o chefe da escola? então chama ele pra vir conversar comigo então você sente esse desafio na fala do estudante e aí você entende que isso

não é gratuito de repente tá passando por um processo ali de aceitação do grupo então ele fica testando esses limites institucionais né.

(pesquisadora) você entendeu essa fala como uma forma de violência?

(participante) sem dúvida eu me senti violentado em ter ouvido aquilo e eu fiquei muito preocupado cara, muito preocupado, esse estudando ele tinha essa...ele tinha uma mania de a gente chegava ele colocava as cadeiras no fundo ele ficava deitado né pra provocar e até alguém ir falar alguma coisa, aí ele vinha com essa fala meio pré-fabricada assim né aí criava todo aquele espetáculo na sala né aquela coisa toda de divisibilidade é o que a gente, eu havia falado pra vocês naquele, num outro momento...de repente fora da escola ele num tem ninguém pra dar atenção pra ele então ele precisa eleger um ambiente pra que as pessoas deem atenção pra ele olha aqui o grupo escola nem é legal a escola tá todo mundo aí todo mundo vai me dar atenção, e isso hoje se torna mais complicado ainda por conta do acesso relativamente fácil, a nossa tecnologia, você acaba estimulando ainda mais esse tipo de interesse neles isso pra mim tá uma coisa muito presente, que ele sabe que tudo aquilo que ele fizer instantaneamente já vai estar nas redes sociais as pessoas vão estar curtindo, isso e ele procura isso daí muitos procuram isso daí, essa visibilidade que está relacionada a essa questão da aceitação então isso daí fica muito mais excitante para o estudante mas no fundo realmente acho que pra muitos deles mas aí claro caberia uma investigação muito mais pormenorizada mas pra muitos de... pra muitos estudantes eu acredito que realmente essa carência de laços sociais ajuda a explicar muito esse tipo de postura no estudante, aquele estudante que fica encarando demais assim sabe tem estudante que o olho dele está mui... né ele quer chamar sua atenção e as vezes chama da pior forma possível te agredindo né da pior forma possível.

(pesquisadora) é, bem a outra pergunta eu acho que você já respondeu, se você já tinha sofrido algum tipo de violência.

(participante) não, eu particularmente não, mas eu já presenciei no meu ambiente né institucional.

(pesquisadora) Existe uma influência entre a violência escolar e a prática do professor, cotidiano, você acha que, por exemplo, o professor que ele vê ou vivencia práticas poderá ter alguma interferência no exercício da profissão dele isso vai influenciar de certa forma a atividade dele?

(participante) nossa essa pergunta é difícil de responder, eu acho que pode sim eu acho que pode né eu acho que como eu havia te dito assim ali no outro momento eu acho que se a gente está perto de pessoas por exemplo que praticam o bem se a gente tá como eu havia te dito a questão do ambiente um ambiente limpo asseado a gente tem de algum momento a incorporar as vezes até inconscientemente essas práticas e as vezes com a violência é a mesma coisa se a gente fica muito exposto a essas relações cotidianas de violência de violência simbólica sobretudo né eu acho que a nossa prática ela pode refletir sim em ações e posturas violentas no nosso estudante e talvez sem que a gente se aperceba sobre aquilo né eu acho que o ambiente ajuda muito a explicar isso daí né que como a gente é exposto a essas situações muito delicadas, normalmente é difícil a gente a todo momento manter um auto controle né manter o tom de voz manter um gestual (risos) considerável próprio pra minha personalidade acho difícil a gente ter esse né essa linha.

(pesquisadora) ou até desestimular as vezes o professor a ir pra sala de aula...

(participante) sim com certeza isso daí dá um alerta sem dúvida eu estava pensando realmente nessa questão de que a gente volta pra sala de aula a gente volta violento cara entende a gente volta violento, e eu acho que é isso e muitas vezes sem que a gente se perceba disso daí né por isso que talvez é importe essa questão de uma estrutura extra sala de aula né quando a gente é o suporte né as vezes a gente não está se auto percebendo mais o importante é isso não professor aquilo lá que o senhor falou é que o sei o que e tal e você começa a se auto perceber né talvez isso seja importante nesse sentido né em você refletir né um pouco mais sobre essas questões né mas é mas é bem complicado mas eu acredito assim...que a gente de algum modo a gente pode trazer entendeu eu acredito muito nisso daí como as boas práticas a gente pode interiorizar sem que a gente se aperceba essas práticas também eu acho que a gente pode de algum modo trazer pra uma sala de aula né coisas que inicialmente a gente não imaginava mas que também podem se fazer presentes sim eu acredito, pode sim

(pesquisadora) é tem algum comportamento que você considera adequado pra boa convivência social

(participante) nossa que pergunta (risos), olha eu acho, eu acho que não, por que eu sou muito questionado com respeito ao meu comportamento né enquanto professor etc. Não só pelos estudantes né mas as vezes até quando conhece as pessoas né e eu acho que nesse ponto realmente eu vou ficar né só ando de bicicleta né não tenho um automóvel eu fico falando pra eles as vezes sabe ele de falar cara isso aí se não pode ser igual a mim se você for igual a mim

a gente vai implodir essa sociedade do consumo né eles acham mas é bem verdade nesse sentido pelo menos nesse ponto eu me sinto bem eu estou daquilo que se pode considerar um comportamento mais próximo do socialmente aceito as vezes até os meus colegas de trabalho pergunta ah professor Samuel quando que o senhor vai ter o seu carro né, falo cara não sei quando é que eu vou ter o meu carro né essas coisas assim então eu acho que você tipificar um comportamento né não sei. mas eu acho que a gente pode trazer coisas que são a gente pode considerar coisas básicas ne talvez respeito, cordialidade né eu acho que isso daí cabe em qualquer lugar não sei eu não conheço outras culturas assim mas eu acho que essas coisas elas eu acho que elas muito mais aproximam as pessoas do que as distanciam né respeito cordialidade um bom dia um boa tarde um boa noite eu acho que isso daí são coisas que muito mais aproximam as pessoas do que possam distanciar acho que então pensando nesse sentido a gente tem que cultivar essas coisas né a gente chegar numa sala de aula também e não falar um bom dia pro estudante eles imediatamente já a professor o senhor ta mal hoje aí né, e por que as vezes a gente acaba interiorizando essas práticas né e que acabam sendo socialmente é sendo consideradas sadias né se você não fizer isso realmente né é exatamente isso daí exato esse é o nosso cartão né muitas pessoas é em muitas situações é isso a primeira impressão é a que fica né a gente vai levar uma vida toda pra desconstruir essa primeira impressão né é a que fica mesmo então se a gente conseguir talvez se aproximar né.

(pesquisadora) Fale sobre as transformações que ocorreram na sociedade e que você entende que teve impacto direto na sala de aula e na prática do professor, na transformação, assim até no nível educacional mesmo, e isso refletiu no ambiente escolar na posição do professor em sala de aula ou em alguma prática dele.

(participante) olha inicialmente eu pensava nessa questão das novas tecnologias mas eu estou vendo assim estou percebendo que com o tempo isso está longe de ser uma solução pros nossos problemas educacionais né? mas aí inicialmente quando esse debate das novas tecnologias começam a se ventilar na sociedade muitas pessoas achavam que seria né a panasséia do ensino né vou trazer internet pra sala de aula, o estudante vai ter o mundo na frente dele, não, seria salvador inclusive né, não mas inicialmente né? as pessoas ficaram nossa mas minha aula vai ser muito mais dinâmica, aquela coisa toda, mas o tempo tem mostrado que realmente isso é um grande engano né (sic) por que? Porque dentro desse processo a gente não pode nunca ter excedido a figura do professor né o professor eu acho que ainda é uma pessoa pra viabilizar tudo isso né, traduzindo não adianta você é colocar na mão do seu estudante um computador

por que não adianta isso se você não tiver alguém pra mediar aquilo aquele computador não vai salvar a tua aula né, fico até pensando, até pensando em termos mais práticos assim né você precisa cativar o seu estudante a gente está falando do ensino médio né você tem que cativar o moleque cara senão não adianta, você pode botar o que você quiser na mão dele ele nem vai e perceber depois ver é uma coisa que não me acertou por mais que venha todo esse aparato tecnológico, power point tal, vídeo no youtube, curta metragem não sei o que vídeo clipe tem uma pessoa chamada professor se ele não costurar tudo isso vira um mar vira um bolo, cara se você não tiver o professor pra novas tecnologias po (sic) legal, bacana só que realmente está muito longe de resolver nossos problemas cara, e eu digo esses problemas assim é de interesse do estudante, estudante que vem pra uma sala de aula totalmente desinteressado então essa tecnologia realmente num né inicialmente pode ter causado esse frenesi total em nós professores mas eu acho que não, né aí talvez uma coisa que eu acho que tenha surtido um pouco mais de efeitos práticos na nossa, na nossa vivencia escolar talvez seja a questão das leis, eu observo muito isso, tem muitos estudantes que se interessam por essas coisas em conhecer suas leis essas coisas de seus direitos dever, tem muitos estudantes que se interessam por isso tá por exemplo se a gente tivesse uma matéria ligada ao direito nas escolas a gente, talvez até pudesse ajudar por exemplo na construção da cidadania dessa coisa toda assim tal, mas seria só uma possibilidade que eu penso mas por exemplo essa questão das leis eu acho que ela se refletiu de uma forma bem significativa no nosso cotidiano.

(pesquisadora) de uma maneira talvez positiva ou negativa?

(participante) eu acho que talvez positiva, até pra gente conhecer um pouco mais da nossa prática e, e até do nosso estudante assim sabe eu acho que essa questão das leis é, infelizmente a gente é tão afastado das leis né a gente acha que as leis nunca tem nada a ver com a gente mas não é, a lei é o meu dia a dia eu preciso vivê-la né não é uma coisa que tá fora de mim ela não tá fora de mim né se eu for partir do pressuposto que eu ajudei a elaborá-la enquanto construção coletiva ela não pode tá alheia a mim então essa dificuldade que a gente tem a gente acha que a lei é uma coisa que tá noutra né tá você precisa ir lá buscar ela não é assim né, é uma prática social que infelizmente a gente não dá um significado pra ela né se interessa minimamente por exemplo quando a gente é lesado em alguma coisa não sei o que né? nesse sentido mas eu acho que as leis elas tiveram um efeito importante dentro do, dentro do processo educacional, a importância de uma visibilidade por exemplo nos nossos documentos educacionais isso é importante a gente estudar isso daí, por que isso ajuda a nortear a nossa pratica, a gente precisa conhecer esses documentos institucionais quer queira quer não a gente tem que ler em grupo

sentar e discutir, entendeu, as vezes é muito difícil fazer isso com os professores né mas é um momento ímpar assim até da nossa formação né, olha que tá falando isso, olha que que é um regimento, olha que que é um regimento disciplinar, regimento disciplinar docente, regimento disciplinar discente, a gente precisa, a gente não pode é ignorar esses documentos eu acho que pelo menos nesse sentido eu acho que tem muitas escolas que conseguem dar uma visibilidade legal pra esses, isso pra essas ferramentas né legais né é que são importantes.

V – FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(pesquisadora) e, existe uma escola ideal? o que é uma escola ideal pra você?

(participante) (risos) ah, escola ideal, oh, escola ideal eu queria conhecer eu só conheci o fundador dela né que é o José Pacheco não sei se você já ouviu falar da escola da ponte né tive uma palestra com ele, eu acho que se existir uma escola ideal, é a dele né até eu conhecê-la né, depois ela deixa de ser (risos), tudo o que a gente não conhece a gente idealiza um pouco essa é a nossa tendência né, ah não aquela escola, aquele professor, aquela professora né aí depois a gente conhece, ih não é nada disso que eu pensei nisso né.

(pesquisadora) vê as falhas né (risos)

(participante) é isso e que não são poucas né, mas acho que não né, acho que não tem, nem algo que se aproxime do ideal, mas é legal que a gente busca isso daí por que a gente caminha por essas coisas. Eu acho que, as boas práticas né inicialmente elas se mostravam irrealizáveis né, é não colocou aquele ali mas será, que é possível a gente fazer isso na escola? né durante cinco minutos, mas no décimo ano já aconteceu, e me salvei isso algo que no momento é difícil né, e boa parte das boas práticas elas se movem por isso né no momento elas são altamente inviáveis né inacessíveis, infundáveis né mas se você tiver pessoas lutando por aquilo né, é isso que move o mundo eu acho né são esses projetos, a princípio as vezes até malucos né não é verdade tem muita coisa maluca né que estava aí no início mas que realmente, e deu certo né então eu acho que a gente tem que se mover por essas coisas... que são irrealizáveis nessas escolas ideais, pra que a gente se aprimore, eu acho que é um bom caminho né? Isso pra gente ir caminhando cara, lactando ir aprimorando né eu acho que esse é o desafio, né é, é sempre um caminho né, a escola ideal ela é sempre um caminho a se buscar, a encontrar a gente nunca vai, mas só o fato da gente caminhar eu acho que realmente é o, que é o qualitativo né, vai ter que se esforçar pra

chegar até lá, eu acho que esse é o grande né... é o grande propósito por que quando a gente se acomoda realmente muita coisa se perde né.

(pesquisadora) e o que você considera importante para a valorização do profissional ?

(participante) Valorização profissional? como eu disse pra você eu trabalho a cinco anos na rede federal né por exemplo até se a gente é comparar a questão dá, da valorização profissional até em ter , até em termos de salários por exemplo de um professor de educação básica, no ensino que eu dou para outras esferas, a gente tem uma diferença muito significativa, né muito difícil também a gente pensar que é tudo isso daí né, quer dizer, que se justifica essa diferenciação se a gente tá partindo de um pressuposto que a gente tá numa coisa, não se é comum são os professores da educação básica esse é o nosso projeto comum devem ser os professores da educação pública né então assim se você cria essas diferenciações assim eu acho bem complicado até a gente pensar numa falta comum né de valorização, mas esse aspecto econômico é bem delicado né, eu trabalhei no estado de São Paulo né o estado de São Paulo ele num trata professor né?(sic) não sei se você está acompanhando está passando por um processo também de movimento grevista, em boa parte do estado de São Paulo, né e aí a gente vem com discursos governamentais né, São Paulo né estado um mero mais rico da união mas realmente por exemplo não reflete no tratamento do professor, e por que disso daí? né, infelizmente né, sempre quando se pensa em política essa coisa de ajuste econômico quem sofre primeiro é a educação, educação saúde e segurança pública, que é o que a gente sempre fala pros estudantes seriam idealmente os três setores da sociedade que nunca teriam que fazer greve, exatamente por a saúde a segurança e os professores, deveriam ser os profissionais mais bem acolhidos, seja em termos de salário em termos de infra-estrutura em termos de capacitação entende, eu vejo muitos professores e umas professoras do estado de São Paulo totalmente estacionados, não estudam por que realmente não era nem um pouco interessante o professor fazer um mestrado, o professor fazer um doutorado, por que não ia ver um retorno, por exemplo, que ele fosse além do conhecimento esse além de você ter um sei lá alguma coisa complicada nesse sentido né além disso daí você não parece não vai ser recompensado nos seus estudos, então você cria um profissional extremamente acomodado, entendeu ele está naquela aula dele ali igualzinha há muito tempo né e a gente entende por que realmente não é uma coisa que reside única e exclusivamente, você tem toda uma estrutura que ajuda esse professor a se acomodar não estou dizendo que ela explica inteiramente mas também acredito na nossa capacidade a nossa disposição né não é só por que tudo tá um caos, eu também tenho que ser um caos não é

verdade? nem não é assim que as coisas funcionam não é a gente, não pode pensar então é estimula a resposta não é assim nós não somos né presos a isso, não a gente tem alguma coisa diferente de criatividade, de disposição, eu estou dizendo que a nossa estrutura por exemplo ela pode ajudar muito o professor a se acomodar, então se você não passar por isso daí, você cria realmente profissionais na sala de aula extremamente acomodados, mas aqui é diferente nesta escola quantos por exemplo colegas nossos, estão fazendo saindo, fazendo doutorado olha que legal, essas oportunidades isso ia ser incrível entendeu você oferecer a possibilidade pro seu professor não você quer fazer um mestrado? então beleza vem aqui que eu vou assinar então o seu afastamento sem nenhum tipo de prejuízo você vai continuar estudando entendeu, você não vai precisar ficar em sala de aula por mim não, você vai lá faz sua pesquisa vai se ausentar seis meses, tudo certinho, você ter esse respaldo legal né aquela importância dos documentos que a gente estava falando né é muito importante por isso né , e aqui a gente está tentando fortalecer isso daqui embora exista mas ainda tá longe como a gente falou de ser o ideal a gente tá lutando pra isso, né pra conseguir que o professor se afaste integralmente de uma sala de aula pra ir fazer o seu doutorado, pra ir fazer o seu mestrado, pra ir fazer o seu pós doutorado, hoje tem professores que são pós doutores aqui, então a gente tá lutando por isso daí óh, direção precisa assinar aqui que não tenho condições de continuar fazendo mestrado e estando em sala de aula, eu vou e pronto se eu continuar nessa pegada, não tem condições então aí você estimula o professor mas isso você não tem no meio das pessoas que trabalham junto contigo no ambiente que você se acomode, você não vai abrir mão eu ali não vou abrir mão do estado, do município, da federação por que eu sou concursado claro isso foi uma conquista mas por outro lado você acomoda o profissional, ele não deixa aquilo por que realmente é uma garantia, foi fruto de uma conquista dele, ele jogar isso pro alto né sabendo com tanto cenário de tanta instabilidade que a gente vive isso daí não é...a gente tem que pensar muitas vezes pra tudo isso daí, mas por outro lado você acomodou esse cara né esse cara tá...isso ele tá a dez anos não fez mais um curso nunca mais participou de um evento, nunca mais conversou com ninguém, de outras instituições entendeu, profissional realmente naquilo que eu falo profissional raso, ele faz aquilo que é o mínimo em sala de aula, está fazendo o mínimo do mínimo, cuida da chamadinha , cuida do diário dele passa as notas, esse é o mínimo do mínimo mas ele não consegue ir além né, eu não sei como é que aqui no MS mas, no estado de São Paulo essa dificuldade de você estimular o professor a continuar estudando, a buscar alguma coisa que depois vai se refletir diretamente em sala de aula a gente tem muita dificuldade até dessa valorização que acaba desanimando, afastar o professor hoje sem motivo prejudica...claro que pra ele faça um estudo,

né pra que ele faça o melhor, e acho que isso daí que é o desafio, e como eu te disse a gente está caminhando aqui na escola nesse sentido pra ver se a gente consegue conquistar isso daí.

(pesquisadora) Estamos terminando, você poderia elencar algumas estratégias de prevenção ou redução da violência estratégia assim práticas que você pode ter pra pensar nessa redução ou prevenção da violência.

(participante) Certo, Certo, eu acho que talvez é eu voltaria até aquela fala que eu disse no início, mas eu acho que talvez não, em que ajuda, ajudaria muito assim não só a gente entender o problema da violência que se faz presente mas como talvez a gente prevenir e quem sabe talvez erradicar se é que é possível falar isso, é realmente aproximar aqueles três atores que tão não universo descolado né, é o professor junto com a coordenação, a equipe, o grupo familiar, com o estudante, eu acho que quanto mais pertinho mais assim sintonia tivermos em nos três a gente é entende o outro e a gente se percebe melhor, é um, é um processo dialético assim dia dialético de mão dupla, você como percebe muito, você se percebe melhor, agora quando você não acha o pai o responsável, ou então quando o pai não acha o diretor não acha o professor eu acho que realmente está muito complicado da gente entender, da gente se entender na verdade, a gente tá dialogando né no eco né, fala o negócio volta né, não é dissolvida não é digerida né se a gente separa tudo isso muito radicalmente eu acho que né eu acho que se a gente conseguir quanto mais aproximar isso daí que eu acho que é um baita desafio a gente pode conseguir ótimos resultados nesse negócio chamado ensino.

9. PROFESSOR VINÍCIUS

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

(pesquisadora) Sua idade?

(participante) 32 anos

(pesquisadora) Renda familiar?

(participante) Acima de 4 salários

(pesquisadora) Situação profissional?

(participante) Concursado

(pesquisadora) Formação?

(participante) Biologia

(pesquisadora) Tempo de formação?

(participante) 9 anos

(pesquisadora) Estado civil?

(participante) Casado

(pesquisadora) Quanto tempo trabalha nesta escola?

(participante) 3 anos

(pesquisadora) Ano/série que atua?

(participante) 1º e 2º ano

(pesquisadora) Turno?

(participante) Matutino e vespertino

II – HISTÓRIA DE VIDA E COTIDIANO

(pesquisadora) Professor me fala um pouquinho sobre a sua constituição familiar, você mora com quem?

(participante) Atualmente mora eu, minha esposa e meu filho e minha esposa está grávida do nosso segundo filho; nós três e o quarto a caminho que moramos na casa.

(pesquisadora) Uhum, certo e o seu cotidiano e o seu dia-a-dia, como que é?

(participante) É ultimamente tem ficado um pouco mais corrido porque eu tenho dado aula aqui, to(sic) tentando escrever um projeto para um possível doutorado que vai acontecer e além disso como eu tenho participado de cursos sobre técnicas diferenciadas de ensino, eu tenho sido convidado para falar sobre formação de professores por aí então eu to(sic) indo para Ponta Porã aguardo a 16, eu vou para a Aquidauana para um evento da UFMS para falar sobre formação de professores, então tenho viajado bastante essas coisas assim não tem muita rotina.

(pesquisadora) Entendi, e como tá sua saúde hoje?

(participante) Eu sou doente crônico eu tenho lupos, eu descobri isso em 2012 eu tive uma trombose, um trombo neubolismo pulmonar parada respiratória tal, aí eu descobri que eu tenho uma doença crônica. Eu me trato dessa doença crônica, eu tomo remédio constantemente, mas essa doença tá bem controlada atualmente, então se eu tivesse que apontar algum problema de saúde é mais questão de obesidade mesmo preciso emagrecer para deixar o meu corpo mais saudável mesmo.

(pesquisadora) Faz uso de medicamento?

(participante) De vários, de vários; eu uso prednisona que é um corticóide; uso as *artiopinas* tem um expressor para reduzir por causa dos lupos, eu uso o *Iodoquinol* que é um remédio pra quem tem doenças somatológicas; uso *marevan* por causa da trombose porque é um anticoagulante então coisa assim, mas eu faço uso contínuo todo dia.

III – ASPECTOS PROFISSIONAIS

(pesquisadora) Entendi, e... aos aspectos profissionais o que motivou você ao escolher a sua profissão?

(participante) Eu acho que eu sempre fui professor, mesmo quando eu estava lá na escola ainda sempre tinha aquela coisa de ensinar para os colegas essas coisas assim, mas eu nunca fiz uma escolha consciente para eu me tornar professor e eu estou me tornando professor conscientemente recentemente quando eu comecei a fazer esses cursos para aprofundar porque até o mestrado mesmo já tendo dado aula eu tinha intenção mesmo não de ser professor de ensino básico que é o que eu sou hoje, minha intenção era de ir para uma universidade mais visando o desenvolvimento de pesquisa e tendo que dar aula, mas atualmente é assim esse ano 2014 eu posso falar que foi o ano que eu assumi a profissão professor até então eu tinha virado professor por acaso.

(pesquisadora) Uhum, entendi; me fala um pouquinho sobre a sua carreira no magistério?

(participante) antes de terminar a graduação, a minha graduação foi licenciatura e bacharelado junto; eu terminei a licenciatura um pouco antes de terminar a minha monografia para eu defender o bacharelado, antes de terminar a graduação já estava trabalhando como professor eu dei aula para ensino fundamental 5º a 8º série na época, em um colégio particular e um colégio estadual e aí eu decidi que eu queria fazer mestrado isso estava lá em Curitiba, eu fiz faculdade na Universidade Federal do Paraná, aí eu decidi fazer o mestrado, aí eu fiz o mestrado aqui no Mato Grosso do Sul em ecologia na UFMS me dediquei exclusivamente ao mestrado enquanto estava terminando o mestrado me chamaram para ser professor de uma Universidade particular em Rondônia, aí eu fui para Rondônia morei por 3 anos no Paraná lá eu dei aula para ensino superior nas disciplinas de fisiologia, embriologia para formar biólogo e lá eu fui professor substituto no Instituto Federal de Rondônia por 3 meses foi a primeira, primeiro contato com o ensino médio técnico que eu tive, foi essa disciplina esse tempo que eu dei aula no Instituto Federal de Rondônia lá eu passei no concurso do Instituto Federal de Mato Grosso, fui para Pontes de Lacerda onde eu dei aula no curso técnico e lá depois de alguns meses dando aula, eu tive esse problema de saúde, aí eu fiquei 9 meses de licença afastado das minhas atividades laborais, por causa desse problema que eu quase morri de parada respiratória tudo e nesse período minha esposa passou no concurso para Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para ser técnica administrativo e ela já estava trabalhando aí eu pedi a transferência pra cá e fui

na justiça tal e a transferência veio eu vim para a escola 3 e desde então 2013 eu estou dando aula nos cursos técnicos.

(pesquisadora) Entendi, e como é seu cotidiano na escola?

(participante) Meu cotidiano é meio agitado, mas porque eu procuro agitação né, eu to sempre participando das comissões que a gente tem, a gente acabou de passar por uma eleição como reitor, eu fiz parte da comissão eleitoral, isso é uma participação voluntária, procuro sempre participar das reuniões trato gestões de como mudar porque ainda a gente não tem uma cara do curso definida e a gente está copiando ensino médio, ensino superior; isso não está sendo muito saudável a gente tem tido muito evasão dos nossos alunos, então eu tenho, eu sempre procuro estar dentro dessas discussões, trabalhando nessas discussões, além disso desenvolvendo ciência participando de eventos de feiras que manda projetos, tentando entrar no doutorado essas coisas assim e a sala de aula que é o arroz com feijão tem que entrar, tem que participar.

(pesquisadora) Em sala você cumpre quantas horas?

(Prof.8) 10 horas dessas 40

(pesquisadora) Entendi, isso é mais as pesquisas?

(participante) Isso, pesquisa e extensão

(pesquisadora)entendi. O que significa satisfação profissional pra você?

(participante) Eu acho que tem coisas que a gente não tem como muito definir, eu acho que satisfação é uma coisa que a gente não tem um ponto para definir não tem definição, mas eu me sinto satisfeito profissionalmente falando mas nossa instituição tem um monte de problemas que precisa ser resolvido, mas de forma geral para você estar satisfeito com a profissão você tem que ter uma possibilidade de crescimento a sua instituição tem que dar chance de você se qualificar, de você poder se desenvolver pessoalmente e você tem que conseguir desenvolver as suas atividades sem sofrimento pessoal né que eu vejo muitos colegas muitas vezes porque uma turma estava difícil de dar aula tem uma crise nervosa por causa disso e tal isso é uma coisa que eu não tenho, eu não tenho problema com isso, então isso não gera insatisfação por causa disso, eu acho que tem muito mais a ver com a essa atitude pessoal né de ter um ambiente.

IV – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(pesquisadora) Entendi, e violência para você o que é no geral?

(participante) Acho que qualquer coisa que cause desconforto ao outro né sempre que eu posso deixar desconfortável estou praticando uma violência contra você seja tirando sarro de alguma característica sua sei lá seu cabelo é enrolado, você não tem pelo no sovaco né se isso te causa desconforto é um tipo de violência até uma agressão física que aí já é uma situação mais grave.

(pesquisadora) E a violência escolar?

(participante) Eu não vejo tanto afastamento das outras violências da violência escolar né, quando um aluno bate no outro é uma violência, mas se ele batesse na escola, batesse na rua era o mesmo tipo de violência, a diferença é que a escola faz...é uma parte muito grande da vida da pessoa, se a pessoa sente excluída dentro da escola é uma violência mais grave do que do que derrepente sei lá; nas duas horas que ele tá na rua alguém bater a carteira dele é um evento pontual né, na escola essa violência pode se prolongar e muitas vezes a vida inteira da pessoa ela sofrer a violência todas as horas do dia quando ela está na escola, nossa escola tem um agravante aí muitos alunos ficam aqui o dia inteiro que além de fazer as disciplinas normais, ele tem uma dependência que ele vem fazer a tarde, ele desenvolve algum projeto de pesquisa com algum professor ele vem aqui a tarde ele sofre algum tipo de violência aqui dentro vai ser o dia inteiro né isso é uma coisa que se repete, então o mais agravante da violência escolar é isso.

(pesquisadora) Entendi, você já sofreu algum tipo de violência?

(participante) Assim né, eu já fui assaltado algumas vezes na rua, duas vezes na verdade; uma das vezes inclusive me bateram com latinha de spray, esses negócios de adolescente ainda então a gente vire e até uma pessoa entenda mal por um motivo que você não sabe qual que é. Na escola quando era menor sempre tive problema com obesidade e sempre fui muito alto, e isso era motivo para chacota, tiração(sic) de sarro, etc... Então passei por isso também na escola.

(pesquisadora) Certo, e como professor?

(participante) Como professor. Diretamente a mim não, mas aconteceu uma vez eu tava eu dava aula no estado do Paraná no colégio estadual e um aluno ficou nervoso com alguma coisa e começou a chutar a parede assim e aí eu tive que chamar a atenção dele e aí eu chamei os pais dele pra sala de aula, pra diretoria, conversei com ele e aí no fim esse aluno acabou virando um assistente meu na sala de aula e depois desse evento eu não tive mais nenhum problema com isso, outro dia aqui eu estava tentando dar aula numa sala e os alunos estavam muito

bagunceiros tal, ai eu pedi: pessoal da licença tal ai o aluno falou: passa; tipo numa atitude desafiadora; mas daí chamei a atenção dele, depois veio me pedir desculpa não teve nenhum ato de violência que me deixasse desconfortável, chateado, aquelas coisas que a gente está tentando falar mas não é consideravelmente violento.

(pesquisadora) Entendi, certo. Existe uma influência escolar na pratica do professor, se acha que existe?

(participante) Ah, a gente teve, um exemplo que a gente teve um caso aqui de uma professora pediu alguns seminários para os alunos na verdade eles tinham que fazer um texto como se fosse uma propaganda e um aluno nessa propaganda escreveu agressões voltadas a uma determinada pessoa, que é uma menina que tem com identificação com movimento feminista aqui na escola e por exemplo e ela não tem o hábito de se depilar, então isso chama a atenção dos outros alunos e ai ele fez toda uma frase, uma coisa tirando sarro dessa menina, isso faz com que o clima da escola, porque esse menino foi chamado aos psicólogos e assistentes sociais para que desse explicação, foi chamado para fazer um trabalho sobre feminismo porque ele estava com algumas ideias erradas a respeito do movimento, isso traz um desconforto geral na escola né, então a gente tem por exemplo casais de lésbicas aqui, são homossexuais que pelo menos no momento estão com a homossexualidade aflorada, não sei se na vida elas vão ser homossexuais ou não; ai a gente tem professores se sentem incomodados com isso, isso gera uma discussão entre os professores lá, sempre a gente defendendo falando que é normal que o casal heterossexual se beijando no pátio e a menina que é homossexual tem o mesmo direito não muda nada, mas tem pessoas que não conseguem se conformar com isso. Esse tipo de coisas acontecem aqui e podem ser considerados uma violência, além disso se formos pensar administrativamente, a nossa gestão tem uma tendência de confundir, delegar com abandonar, então por exemplo você vai organizar a semana do meio ambiente, beleza? Beleza, então agora tudo que você for fazer, tudo que for sobre a semana do meio ambiente, se vira é culpa sua, você que vai dar um jeito eu não vou te ajudar em nada, faz tudo sozinho né? então isso também é um tipo de violência você fica como o alvo de dando tudo de errado, você sabe que você que tentando um monte de coisa, você não consegue porque você não tem apoio da gestão, você não tem uma vontade institucional de desenvolver aquilo, então é uma situação que deixa a gente desconfortável.

(pesquisadora) Entendi, existe algum comportamento que você considera adequado para uma boa convivência?

(participante) É o comportamento e respeito de considerar a opinião de todo mundo importante de ouvir todas as opiniões e de discutir no âmbito da opinião e não com ofensas pessoais né? então se tem um assunto polêmico ele vai virar discussão cada um tem a sua opinião a respeito daquele assunto, mas não é porque eu discordo da sua opinião que você é menos do que eu ou mais do que eu é só naquele campo ou naquela opinião que a gente discorda eu acho que a minha opinião naquele campo, então esse respeito de não confundir a opinião da pessoa...

(pesquisadora) É... E... você acredita que algumas transformações que ocorreram na educação influenciaram diretamente na prática do professor em sala de aula?

(participante) Algumas o quê? Desculpe

(pesquisadora) Algumas transformações no âmbito da educação mesmo elas tiveram um pacto, influenciaram nas atividades dos docentes?

(participante) Que transformações, daria para você explicar o que seriam as transformações?

(pesquisadora) Da tecnologia, de algumas inserções, de algumas modificações até por questão de formação de professores mesmo; houveram mudanças no âmbito da diretrizes que impactaram?

(participante) A gente tá passando desde do governo Lula por uma transformação muito grande que é a ampliação e criação de rede de tecnologia técnica e graças a essa transformação que eu tenho emprego hoje, e estou aqui no instituto né, isso é uma transformação gigantesca, então você tem alunos que estavam no ensino fundamental, no ensino médio do estado em escolas muitas vezes precárias com professores que não são da área dando aula de áreas diferentes e aí você traz eles para uma escola aí onde aqui você não tem nenhum professor que seja só graduado, todo mundo que dá aula aqui é mestre pelo menos né, então são professores com uma formação maior que passaram por uma concorrência maior para ser professor, para serem professores daqui; então você vê a diferença entre um aluno daqui e um colégio estadual, por exemplo é fácil isso quando a gente vê o enem aí onde temos uma média maior do que a média das escolas particulares, então é uma transformação na educação, agora questão de tecnologia e mudança de formação de professores isso é uma coisa de longo prazo vai demorar para a gente sentir o impacto isso na forma de dar aula de fato, por exemplo eu não vejo mais sentido a gente ter de

disciplina, o aluno vem para sala de aula para ter aula só de matemática, só de biologia, só de física, só dessa matéria isso não faz mais tão sentido o que faz mais sentido hoje é você ter time de professor e a gente ter aulas multi e interdisciplinares visando a resolução do problema né você tem um projeto e nesse projeto ter conceitos de biologia, ter conceitos de física, ter conceitos de matemática com a intenção de resolver aquele problema ou de desenvolver aquele projeto.

(participante) É, então a gente ainda tá naquele modelo ultrapassado da disciplina, professor; uma hora com o professor, duas horas com o professor; essa mudança que é o sério da educação não aconteceu ainda.

V – FORMAS DE ENFRENTAMENTO

(pesquisadora) Entendi, e o que é para você uma escola ideal?

(participante) Uma escola ideal é o que usa as tecnologias de fato não só para ser, por exemplo, não adianta o cara falar eu sou tecnológico; agora minhas palestras não são mais aqui na sala, gravo elas e ponho no youtube, tá dando palestra do mesmo jeito não mudou a forma de dar aula você, só mudou o meio por onde a informação chega para o aluno né, de fato, tecnologias que possam ser usadas como interatividade desenvolvimento para o conhecimento, integração entre as disciplinas com projetos que envolvam conceitos de várias disciplinas continuo com os professores para o desenvolvimento do projeto com os envolvidos com os alunos apresentando o trabalho para a comunidade, chamando a comunidade para dentro da escola, chamando a escola para a comunidade, isso é o ideal.

(pesquisadora) E... O que você considera importante para a valorização profissional?

(participante) Oportunidade de qualificação, liberdade para que eu faça os meus horários, então o seu, é... para esse tipo de sala de aula que eu falei antes de desenvolvimento de projetos, evolução eu preciso de network, eu preciso de uma rede de contatos eu não desenvolvo essa rede de contatos se eu fico dentro da escola trancado cumprindo o meu horário, então eu tenho que ter oportunidade de ir para a rua, oportunidade de ir em empresas, oportunidade de achar problemas na comunidade para que eu possa tentar resolver dentro da academia, dentro da escola e levar essa resolução ou derrepente o esboço de uma solução pra sociedade, então essa liberdade de atuação é extremamente importante, não ter horário, não ter que bater ponto, você ter os horários das aulas da interação com o aluno que é o alvo do seu trabalho que é para ele

você está trabalhando todo o resto é você está se desenvolvendo para que você seja um melhor professor, oportunidade, qualificação e liberdade.

(pesquisadora) E... me fala algumas estratégias de redução e prevenção da violência na escola que considera importante?

(participante) É difícil quando a gente não tem violência presente assim a gente não fica pensando muito nela, mas educação é o que reduz a violência; educação e oportunidade, eu não acho que uma pessoa por exemplo, se transforme em traficante ou queira bater em alguém porque ela tem opção de não bater ou ter uma outra profissão que dê o mesmo retorno sem que seja fora da lei, então eu acho que você tem que fazer, campanhas de educação, de conscientização e aí tira palestra, porque palestra já viu que não é eficiente para esse tipo de conscientização, não adianta colocar o aluno sentado para ficar ouvindo lá na frente porque não vai causar uma conscientização nele né são campanhas bem feitas da educação, da conscientização e oportunidade, oportunidade de estágio, de emprego, ter auxílio permanência para que a pessoa consiga desenvolver o curso bem, ter uma política redução de evasão né essas coisas assim, bem estar né. Quando eu estava na Finlândia eu sei que a gente tem problema de vandalismo essas coisas assim, eu visitei algumas escolas lá e alguma escola em particular que nós fomos recebido por um grupo de alunos que era tipo um grêmio estudantil, eles que mostraram a escola para a gente, tudo é muito bonito, tudo é novo, tudo é reformado, aí eu perguntei para uma aluna: vocês tem casa de vandalismo aqui na escola?

De quebrar coisas, ela ficou olhando bem estranho para mim, ela não entendeu a minha pergunta, ela falou não, mas por quê?

No Brasil a gente tem problemas com isso. Por que você acha que aqui vocês não têm esse problema? Aqui é tudo tão novo, tão bonito que eu não tenho vontade de quebrar alguma coisa que é mais ou menos aquele ponto da janela quebrada né? que o pesquisador deixou dois carros parados no bairros de classes diferentes e os carros eles conservados limpavam, tiraram folhas que caíram conservavam e ficavam lá um tempão e ninguém mexeu nesses carros, aí um dia ele foi quebrou uma janela em cada carro, a partir do momento que ele quebrou aquela janela esse carro passou a ser vandalizado né, então quando você tem a coisa bonita, conservada, organizada; a tendência que ela não seja estragada, a partir do momento que ela vai está quebrada, não vai fazer diferença se eu quebrar aquela janela que a sala está toda pichada não tem os móveis tão faltando pedaço de que esse ambiente também é importante.

(pesquisadora) Comente sobre a relação saúde e violência na escola?

(participante) Saúde e violência?

(participante) É quando a gente vê que alguém está passando por algum tipo de stress né, stress a saúde fica em risco e reduz a qualidade, então a gente passa a ter várias pessoas pedindo licença né, ficando afastado do trabalho para tratamento de saúde isso a gente tem bastante aqui, mas é uma relação mais da gestão para com os servidores, não vem dos alunos, não vem violência dos alunos é mais um assédio moral mesmo pela que a gestão faz com os servidores e aí a gente tem uma alta taxa de afastamento por causa disso.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semi-estruturada



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Roteiro Semi-estruturado:

Mestranda: Viviana Cristina Parizotto Rezende

I- Dados de identificação

- a) Idade
- b) Renda familiar
- c) Categoria profissional.
- d) Situação profissional. (Vínculo empregatício)
- e) Formação
- f) Tempo de formação.
- g) Estado civil
- h) Tempo de magistério

II- História de vida e cotidiano

- a) Família
- b) Me fale sobre seu cotidiano, dia-a-dia.
- c) Condições de saúde.
- d) Uso ou não de algum medicamento de uso contínuo.

III - Aspectos profissionais

- a) Motivações para escolha profissional.
- b) Carreira no magistério
- c) Relações sociais na escola com a gestão, demais profissionais e com os alunos.
- d) Cotidiano escolar
- e) Satisfação profissional.
- f) Políticas educacionais

IV – Representações Sociais da violência no contexto escolar

- a) Concepção de violência social.
- b) Concepção de violência escolar.
- c) Sentimentos ao vivenciar ou ver a violência escolar.
- d) Influências da violência escolar na prática cotidiana.
- e) Comportamentos adequados para a convivência social.
- f) Transformações que ocorreram na educação e nas relações no ambiente escolar.

V – Formas de enfrentamento

- a) Consequências da violência vivida e/ou presenciada.
- b) Valorização profissional do professor (a).
- c) Concepções sobre a escola ideal.
- d) Estratégias de prevenção/redução da violência na escola.
- e) Relação entre saúde e violência.

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar em uma pesquisa. O (a) senhor (a) precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que tiver. Este estudo está sendo conduzido por Viviana Cristina Parizotto Rezende, pesquisadora da UFMS, Campus de Campo Grande, do Mestrado em Psicologia.

A finalidade deste estudo é analisar as formas de conhecimento sobre a violência escolar elaborada pelos docentes da rede pública de ensino. Poderão participar deste estudo professores e professoras.

O (a) senhor (a) será entrevistado (a) sobre a sua história de vida, sua compreensão sobre a violência escolar e suas vivências na instituição de ensino. A entrevista será realizada em um local que assegure a sua privacidade e livre de interferências externas.

A entrevista será gravada e o que o senhor (a) disser será registrado para posterior estudo. O material coletado (gravado e transcrito) ficará guardado em local seguro sob a responsabilidade da pesquisadora durante 5 anos e após este período será descartado. Outros professores e professoras da instituição também farão parte do estudo.

Assinatura do voluntário

Telefone: _____

Assinatura do pesquisador

Campo Grande, MS, _____, de _____ de _____.

O (a) senhor (a) não terá qualquer prejuízo se participar do estudo. Se o (a) senhor (a) experimentar constrangimentos ao responder algumas perguntas, pode interromper ou não responder a pergunta.

Se o senhor (a) concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei, somente o pesquisador, membros da equipe do estudo ou Comitê de Ética terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo. O (a) senhor (a) será informado (a) do surgimento de informações significativas sobre o assunto da pesquisa. Será informado (a) periodicamente de qualquer nova informação que possa modificar a sua vontade em continuar participando do estudo.

Para perguntas ou problemas referentes ao estudo ligue para Viviana Cristina Parizotto Rezende, por meio do telefone: (67) 9295-2988. Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (67) 3345-7187.

Sua participação no estudo é voluntária. Você pode escolher não fazer parte do estudo, ou pode desistir a qualquer momento. O (a) senhor (a) não será proibido (a) de participar de novos estudos. O senhor (a) receberá uma via assinada deste termo de consentimento.

Eu _____, declaro que li e entendi este formulário de consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário a tomar parte neste estudo.

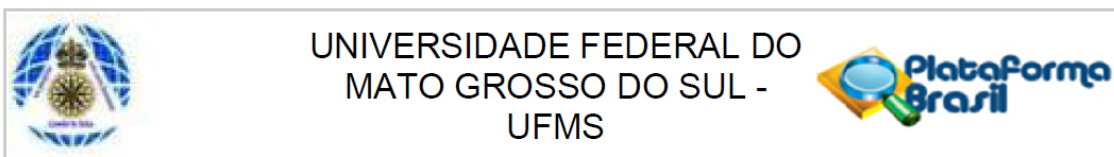
Assinatura do voluntário

Telefone: _____

Assinatura do pesquisador

Campo Grande, MS, _____, de _____ de _____.

ANEXO A - Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Representações Sociais da violência escolar e suas implicações na constituição da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola.

Pesquisador: VIVIANA CRISTINA PARIZOTTO REZENDE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32643614.9.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 981.529

Data da Relatoria: 11/03/2015

Apresentação do Projeto:

Pesquisadora Viviana Cristina Parizotto Rezende. Pesquisa qualitativa que visa compreender a construção de conhecimento do sujeito mediante uma realidade plurideterminada, interativa, histórica, ou seja, a constituição do docente e suas concepções sobre o fenômeno da violência escolar, que vão delinear suas falas, ações e atitudes frente a violência na escola. Os participantes da pesquisa serão professores e professoras pertencentes a 03 (três) escolas da rede pública de ensino, situadas no município de Campo Grande/MS, vítimas ou não de violência escolar. Serão realizadas entrevistas com aproximadamente 5 participantes em cada escola, escolhidos de modo aleatório, considerando os critérios mínimos de: tempo de atuação na carreira, atuação em mais de uma atividade profissional e/ou mais de um turno de trabalho. As entrevistas serão gravadas e terão um roteiro estruturado contendo itens, como dados de identificação, história de vida e cotidiano, prática profissional e o contexto da violência, concepção sobre a violência e práticas e ações de prevenção e intervenção pensadas e realizadas portanto, revelar suas representações sociais. Para análise das informações será aplicada a técnica de Análise de Conteúdo.

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187

Fax: (67)3345-7187

E-mail: bioetica@propp.ufms.br



Continuação do Parecer: 981.529

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as representações sociais de professores e professoras acerca da violência e as implicações dessas em suas práticas cotidianas no contexto da escola, considerando os sentidos e significados atribuídos.

Objetivo Secundário:

1) Identificar o perfil sócio-econômico-cultural dos professores e professoras participantes da pesquisa; 2) Identificar as representações sociais de violência elaborado pelo corpo docente, em duas escolas da rede pública do município; 3) Compreender o processo de produção da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola; 4) Identificar as ações de prevenção e enfrentamento da violência utilizados pelos docentes, em instituições educacionais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos estão na exposição dos docentes quanto ao pensamento sobre a abordagem do tema, que serão minimizados pelo anonimato. Algumas perguntas na entrevista podem causar constrangimento, nesse caso, o participante poderá ter a liberdade de responder ou não ao questionamento. Os benefícios esperados estão em conhecer as dificuldades no exercício profissional, buscando uma proposta formativa centrada na reflexão sobre a realidade social em que vivem; conhecer os processos cognitivos elaborados pelos docentes, possibilita compreender sua posição em relação à violência, pois vão delinear seu modo de agir, sua comunicação e suas atitudes diante desta realidade; subsidiar o desenvolvimento de ações e implementação de políticas públicas integradas para a prevenção e suporte aos professores e professoras no enfrentamento da violência na instituição de ensino; subsidiar o desenvolvimento de políticas de enfrentamento à violência escolar; fortalecer as iniciativas de estudos e pesquisas na área das relações educativas, no município de Campo Grande.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de relevância pública, boa revisão bibliográfica, estruturada para a proposta do estudo,

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Encontra-se adequado

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Encontra-se adequado

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br

ANEXO B - Ofícios de autorização das instituições

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



OF nº 12/2014 – PPPSI/CCHS/UFMS

Campo Grande, 11 de junho de 2014.

Ao Senhor Professor Paulo Antônio Castaldeli
Diretor da Escola Estadual Amélio de Carvalho Bais
Assunto: Solicitação para desenvolver pesquisa científica

Senhor Diretor:

Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para consultá-lo sobre a possibilidade de permitir o acesso à Escola Estadual Amélio de Carvalho Bais, da qual a senhor é responsável para a realização de uma etapa empírica de pesquisa científica a ser desenvolvida por uma aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Curso de Mestrado. Referida escola foi escolhida em razão da necessidade de compreender o fenômeno da violência em uma perspectiva mais ampla e suas relações com a escola, assim como a localização da sua instituição e a forma como ela está organizada se mostra importante para tal.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações sociais de professores e professoras acerca da violência e as implicações dessas em suas práticas cotidianas no contexto da escola, considerando os sentidos e significados atribuídos.

Serão investigadas as formas de conhecimento sobre a violência escolar elaboradas e partilhadas pelo corpo docente das escolas da rede pública estadual, para em seguida, compreender as implicações destas no processo de produção da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola, bem como identificar as ações de prevenção e enfrentamento da violência utilizados pelos docentes nas instituições educacionais.

Buscou-se como fundamentação teórica o suporte da teoria Histórico-Cultural para a compreensão da constituição social do sujeito, bem como a Teoria das representações sociais para a análise dos elementos que medeiam a interação comunicativa e por sua função elementar de orientação de condutas que regem as práticas sociais.

O estudo proposto é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, que visa a compreender a constituição da subjetividade do sujeito e sua construção de conhecimento mediante uma realidade plurideterminada, interativa e histórica, ou seja, a constituição do

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado
Cidade Universitária, s/n * Caixa Postal 549 Fone: 067xx 3345-3587
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
<http://www.ufms.br> e-mail: secmestpsic.cchs@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Ofício nº 11/2014 – PPPSI/CCHS/UFMS

Campo Grande, 11 de junho de 2014.

A Senhora Professora Silvia Luísa Borges Daniel da Cunha
Diretora da Escola Municipal Luís Antônio de Sá Carvalho
Assunto: Solicitação para desenvolver pesquisa científica

Senhora Diretora:

Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para consultá-la sobre a possibilidade de permitir o acesso à Escola Municipal Luís Antônio de Sá Carvalho, da qual a senhora é responsável para a realização de uma etapa empírica de pesquisa científica a ser desenvolvida por uma aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Curso de Mestrado. Referida escola foi escolhida em razão da necessidade de compreender o fenômeno da violência em uma perspectiva mais ampla e suas relações com a escola, assim como a localização da sua instituição e a forma como ela está organizada se mostra importante para tal.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações sociais de professores e professoras acerca da violência e as implicações dessas em suas práticas cotidianas no contexto da escola, considerando os sentidos e significados atribuídos.

Serão investigadas as formas de conhecimento sobre a violência escolar elaboradas e partilhadas pelo corpo docente das escolas da rede pública municipal, para em seguida, compreender as implicações destas no processo de produção da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola, bem como identificar as ações de prevenção e enfrentamento da violência utilizados pelos docentes nas instituições educacionais.

Buscou-se como fundamentação teórica o suporte da teoria Histórico-Cultural para a compreensão da constituição social do sujeito, bem como a Teoria das representações sociais para a análise dos elementos que medeiam a interação comunicativa e por sua função elementar de orientação de condutas que regem as práticas sociais.

O estudo proposto é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, que visa a compreender a constituição da subjetividade do sujeito e sua construção de conhecimento mediante uma realidade plurideterminada, interativa e histórica, ou seja, a constituição do

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado
Cidade Universitária, s/n * Caixa Postal 549 Fone: 067xx 3345-3587
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
<http://www.ufms.br> e-mail: semeestreic@cchs@ufms.br

ANEXO C - Termo de anuência das instituições



ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
ESCOLA ESTADUAL AMÉLIO DE CARVALHO BAÍS
Av. Florestal, S/N - Campo Grande - MS fone: 3314-7054

OFICIO

Nº 12/20114

Da: Direção Colegiada da Escola Estadual Amélio de Carvalho Baís-196

Campo Grande, 11 de Junho de 2014.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-
CEP/UFMS

Autorização para realização de pesquisa

Eu, Paulo Antônio Castaldeli diretor da Escola Estadual Amélio de Carvalho Baís, venho por meio desta informar a V. Sa. que autorizo o(a) pesquisador(a) Viviana Cristina Parizotto Rezende aluno(a) do curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS, a realizar/desenvolver a pesquisa intitulada “ **Representações Sociais da violência escolar e suas implicações na constituição da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola**, sob orientação do Prof.(a). Dr. (a). Zaira de Andrade Lopes.

Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como *instituição co-participante* do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Paulo A. Castaldeli
Paulo Antônio Castaldeli
Diretor

RES. "P" SED nº 1412/08 de 01/07/2008

E. E. Amélio de Carvalho Baís
Decreto Criação: 1097.17/06/81
Ens. Médio de Período Integral. Res./SED, 2242 de 01/04/09.
Av. Florestal s/nº, Bairro Cooptrabalho - Fone: 3314-7054.
CEP: 79.115-020-MS - eacba@sed.ms.gov.br



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIS ANTONIO DE SÁ CARVALHO
Telefone – 3314-3996
Rua Goiás, 1352 – Vila Célia – Cep 79002-320.



Campo Grande, 11 de Junho de 2014.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CEP/UFMS

Autorização para realização de pesquisa

Eu, Silvia Luísa Borges Daniel da Cunha diretora da Escola Municipal Luís Antônio de Sá Carvalho, venho por meio desta informar a V. Sa. que autorizo o(a) pesquisador(a) Viviana Cristina Parizotto Rezende aluno(a) do curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, a realizar/desenvolver a pesquisa intitulada “ **Representações Sociais da violência escolar e suas implicações na constituição da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola**, sob orientação do Prof.(a). Dr. (a). Zaira de Andrade Lopes.

Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como *instituição co-participante* do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

“Assinatura e carimbo do responsável institucional”

Silvia Luísa Borges Daniel da Cunha
Diretora
Dec. “PE” n.º 2.173 de 26/11/2012



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande



Ofício nº 112/2014–DIRGE-CG

Campo Grande, 18 de junho de 2014.

A Senhora
Inara Barbosa Leão
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Curso de Mestrado

Assunto: **Autorização para realização de pesquisa**

Senhora Coordenadora:

1. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), por meio desta informa a V. Sa. que autorizo(a) a pesquisador(a) Viviana Cristina Parizotto Rezende aluno(a) do curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul–UFMS, a realizar/desenvolver a pesquisa intitulada " **Representações Sociais da violência escolar e suas implicações na constituição da subjetividade de professores e professoras no cotidiano da escola**, sob orientação do Prof.(a). Dr. (a). Zaira de Andrade Lopes, neste câmpus.

2. Colocamo-nos à disposição para informações através do telefone 3363-4482.

Atenciosamente,


Joelson Maschio

Diretor-geral do Câmpus Campo Grande